S. FREUD

PSYCHOPATHOLOGIA DA VIDA QUOTIDIANA

EDITORA GUANABARA

PSYCHOPATHOLOGIA

DA

VIDA QUOTIDIANA

SIGMUND FREUD

PSYCHOPATHOLOGIA DA VIDA QUOTIDIANA

TRADUCÇÃO DE
ELIAS DAVIDOVICH
MEDICO PELA FACULDADE DE MEDICINA
DA UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

EDITORA GUANABARA
WAISSMAN KOOGAN, LTDA.
RUA DOS OURIVES 95 - RIO

I

ESQUECIMENTO DE NOMES PROPRIOS

Em 1898, publiquei na *"Revista de Psychiatria e Neurologia"*, um pequeno trabalho, intitulado: "Em torno do mecanismo psychico do esquecimento". Quero reproduzi-lo aqui, utilizando-o como ponto de partida para mais amplas investigações. Submettendo á analyse psychologica um exemplo observado por mim mesmo, examinava nesse ensaio o frequente caso de esquecimento temporario de um nome proprio, chegando á conclusão de que esses casos de falha de uma funcção psychica — da memoria — nem raros nem importantes na pratica, admittiam uma explicação que ia além do valor usualmente attribuido a taes phenomenos.

Se não estou muito enganado, um psychologo a quem se perguntasse por que com tanta frequencia não conseguimos recordar um nome proprio que, comtudo, estamos certos de conhecer, contentar-se-ia com responder que esses nomes são mais susceptiveis de esquecimento que qualquer outro conteúdo da memoria. Em seguida exporia motivos plausiveis para justificar essa preferencia do olvido, sem todavia suspeitar de uma determinação mais ampla do facto.

Pessoalmente, tenho tido opportunidade de observar, em minuciosas investigações sobre o phenomeno do esquecimento temporario dos nomes, certas particularidades que, senão em todos, em muitos casos, se manifestam com suffi-

ciente clareza. Em taes casos, succede que o individuo não só *se esquece,* mas tambem, além disso, *recorda erroneamente.* A' consciencia do sujeito que se esforça por lembrar-se do nome esquecido acodem outros — *nomes substitutivos* — immediatamente rejeitados como falsos, continuando entretanto a apresentar-se á memoria com grande tenacidade. O processo que nos deveria levar á reproducção do nome visado *deslocou-se,* por assim dizer, conduzindo-nos a um substitutivo erroneo. Minha opinião é que esse deslocamento não se encontra á mercê de um mero capricho psychico, mas, ao contrario, segue determinadas trajectorias regulares e perfeitamente calculaveis. Para me exprimir de outro modo, presumo que os nomes substitutivos estão em patente connexão com o procurado. Espero, se conseguir demonstrar a existencia dessa connexão, deixar esclarecido o processo e origem do esquecimento de nomes.

No exemplo que em 1898 escolhi para submette-lo á analyse, o nome que debalde tentara recordar era o do artista que, na cathedral de *Orvieto,* pintou os grandiosos frescos representando "o ultimo periodo da vida do homem". Em vez do nome que procurava — *Signorelli* — acudiram-me á memoria os de dois outros pintores — *Botticelli* e *Boltraffio* — que logo repelli como errados. Quando o verdadeiro nome me foi communicado por uma testemunha de meu esquecimento, reconheci-o immediatamente, sem a menor hesitação. Investigando por que influencias e tramites associativos se deslocara por tal forma a reproducção — de *Signorelli* a *Botticelli* e *Boltraffio* — cheguei aos seguintes resultados:

a) A razão do esquecimento do nome *Signorelli* não deve ser procurada numa particularidade intrinseca nem tãopouco no caracter psychologico especial do contexto em que se achava incluido. O nome esquecido era-me tão familiar como um dos substitutivos — *Botticelli* — e muito mais que o outro — *Boltraffio* —, de cujo possuidor só poderia dar uma indicação: a de que pertencia á escola de Milão. A serie de idéas em que intervinha o nome *Signorelli* no momento do lapso de memoria, parece-me absolutamente innocente e

incapaz de esclarecer o phenomeno dado. Foi no correr de uma viagem de carro, de Ragusa (Dalmacia) a uma estação da Herzegowina. Ia commigo um desconhecido; travei conversação com elle e, quando viemos a falar de uma viagem que fizera através da Italia, perguntei-lhe se estivera em Orvieto e se vira os famosos frescos de * * *.

b) O esquecimento do nome se esclarece ao pensarmos no thema de palestra immediatamente anterior áquelle em que o phenomeno intercorrera, e explica-se como *uma perturbação do novo thema pelo precedente.* Pouco antes de eu perguntar a meu companheiro de viagem se estivera em Orvieto, haviamos falado sobre os costumes dos turcos residentes na *Bosnia* e na *Herzegowina.* Contei-lhe ter ouvido a um collega, que clinicava naquelles logares, tendo muitos clientes turcos, que estes costumavam mostrar-se cheios de confiança no medico e de resignação ante o destino. Quando lhes annunciamos que a morte de um de seus parentes é inevitavel e todo auxilio é inutil, respondem: — "*Senhor* (*Herr*), que podemos fazer? Sabemos que se fosse possivel salva-lo, o senhor o teria salvo!" Nestas phrases estão contidos os seguintes nomes: *Bosnia, Herzegowina* e *Senhor* (*Herr*), que se podem incluir numa serie de associações entre *Signorelli, Botticelli* e *Boltraffio.*

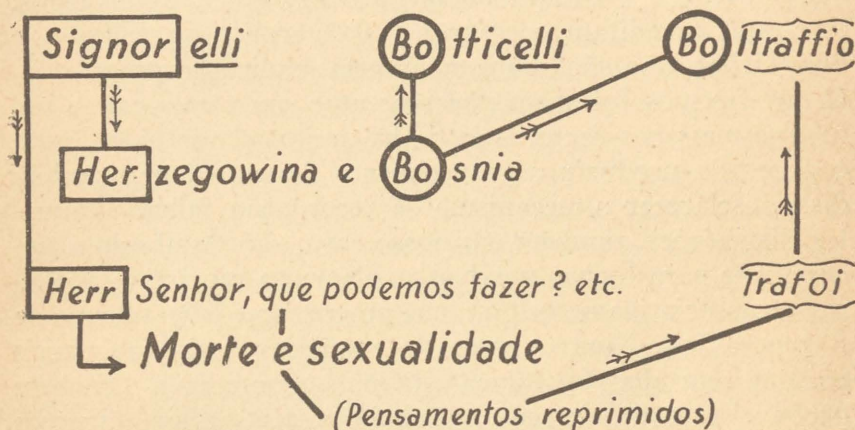
c) A serie de idéas sobre os costumes dos turcos residentes na Bosnia, etc., adquiriu a faculdade de perturbar uma idéa immediatamente posterior, pelo facto de eu haver desviado della minha attenção antes de te-la esgotado. Recordo effectivamente que, antes de mudar de thema, quiz narrar uma segunda anecdota, que repousava em minha memoria ao lado da já referida. Os turcos de que falavamos estimam o prazer sexual acima de todas as coisas. Quando soffrem um transtorno nesta esphera, cáem num desespero que contrasta singularmente com o seu fatalismo em face da morte. Um dos pacientes que meu collega visitava disse-lhe um dia: "Sabes muito bem, *senhor* (*Herr*), que quando isso já não é possivel, a vida perde todo o seu valor".

Para não tocar em tão escabroso thema numa palestra

com um desconhecido, reprimi minha intenção de contar este traço caracteristico. Mas não foi só isto o que fiz. Do mesmo passo, desviei minha attenção da continuação daquella serie de pensamentos, que me poderia levar ao thema "morte e sexualidade". Achava-me então sob o effeito de uma noticia que recebera poucas semanas antes, durante uma curta estadia em *Trafoi*. Um paciente, em cujo tratamento muito trabalhara e com grande interesse, suicidara-se por causa de uma incuravel perturbação sexual. Estou certo de que em toda a minha viagem pela Herzegowina, não me acudiu á memoria consciente a reminiscencia desse triste facto, nem de nada que com elle tivesse connexão. Mas a consonancia *Trafoi-Boltraffio* obriga-me a admittir que naquelles momentos, máo grado o desvio voluntario de minha attenção, dita recordação foi posta em actividade no meu cerebro.

d) Já não posso, portanto, considerar o olvido do nome Signorelli como um acontecimento casual: tenho de reconhecer a influencia de um *motivo* neste facto. Existiam razões que me induziram, não só a interromper a communicação de meus pensamentos sobre os costumes dos turcos, etc., como tambem a impedir que se tornassem conscientes em mim outros que, associando-se aos anteriores, me teriam conduzido á noticia recebida em Trafoi. Eu queria, portanto, esquecer alguma coisa, e *reprimira* determinados pensamentos. Está claro que o que desejava esquecer era muito differente do nome do pintor dos frescos de Orvieto. Mas resultou que aquillo que pretendia olvidar estava em connexão associativa com esse nome, de modo que minha volição errou o alvo e *esqueci um contra minha vontade,* emquanto queria *com toda intenção* esquecer o outro. A repugnancia pela recordação referia-se a um objecto e a capacidade de recordar surgiu em relação a outro. O caso seria mais simples se ambas as coisas, repugnancia e incapacidade, se referissem a um só dado. Os nomes substitutivos já não parecem tão injustificados como antes destes esclarecimentos. Como numa especie de transacção, alludem tanto ao que queria esquecer, como ao que pretendia recordar, mostrando

que minha intenção de esquecer alguma coisa não triumphara por completo, nem tãopouco fracassara integralmente.

e) A natureza da associação estabelecida entre o nome procurado e o thema reprimido (morte e sexualidade, etc., em que surgem as palavras Bosnia, Herzegowina e Trafoi), é especialmente singular. O seguinte eschema, que publiquei com o acima referido artigo, resume a associação:

Neste processo associativo, o nome Signorelli ficou dividido em dois fragmentos. Um delles (elli) reappareceu sem a menor modificação num dos nomes substitutivos; o outro entrou — por sua traducção *Signor-Herr* (Senhor) — em numerosas e diversas relações com os nomes contidos no thema reprimido, mas, precisamente por ter sido traduzido, nenhuma ajuda poude prestar no trabalho que me fez chegar á reproducção procurada. Sua substituição realizou-se como se se houvesse executado um deslocamento ao longo da associação dos nomes "Herzegowina e Bosnia", sem levar absolutamente em conta o sentido ou a limitação acustica das syllabas. Assim, pois, os nomes, neste processo, foram manejados de um modo analogo áquelle por que manejamos as imagens graphicas representativas de trechos de uma phrase, com a qual se vae formar um hieroglypho.

A consciencia nada advertiu de todo o processo que, por esses caminhos, introduziu os nomes substitutivos em logar do nome Signorelli. Tãopouco se pode encontrar, *á primeira vista,* uma relação diversa deste reapparecimento das mesmas syllabas, ou melhor, series de letras, entre o thema em que surgiu o nome Signorelli e aquelle que o precedeu e foi reprimido.

Talvez não seja superfluo observar que as condições da reproducção e do esquecimento acceitas pelos psychologos, que estes acreditam encontrar em determinadas relações e disposições, não são contestadas pela explicação precedente. O que fizemos foi apenas accrescentar, em certos casos, um *motivo* mais aos factores já de ha muito reconhecidos como capazes de produzir o esquecimento de um nome, e, além disso, esclarecer o mecanismo da recordação falha. Aquellas disposições, tambem em nosso caso, são de absoluta necessidade para tornar possivel ao elemento reprimido apoderar-se associativamente do nome procurado e leva-lo comsigo á repressão. Noutro nome de condições mais favoraveis para a reproducção, talvez isto não acontecesse. E' bem provavel que um elemento reprimido esteja sempre disposto a manifestar-se em qualquer outro logar; só o conseguirá, entretanto, naquelles em que sua emergencia possa ser favorecida por condições apropriadas. Vezes outras, verifica-se a repressão, sem que a funcção soffra o menor transtorno ou, como poderiamos dizer justificadamente, sem *symptomas.*

O resumo das condicionaes do esquecimento de nomes, acompanhado de recordação erronea, será, pois, o seguinte:

1.º Uma certa disposição para o esquecimento do nome dado. — 2.º Um processo repressivo levado a cabo pouco tempo antes. — 3.º Possibilidade de uma associação *externa* entre o nome que se esquece e o elemento anteriormente reprimido. A' ultima condição não se deve attribuir muita importancia, pois a referida associação externa estabelece-se com grande facilidade, podendo considerar-se existente na maioria dos casos. Outra questão, de mais profundo alcance, é saber se tal associação externa pode ser condição sufficiente para que o elemento reprimido pertur-

be a reproducção do nome procurado, ou se além disso não será necessario haver uma connexão mais intima entre os respectivos themas. Uma observação superficial faria repellir o ultimo postulado e considerar sufficiente a contiguidade de tempo, mesmo sendo os conteúdos totalmente diversos. Mas, se nos aprofundarmos mais, veremos que os elementos unidos por uma associação externa (o reprimido e o novo), possúem frequentemente uma connexão de conteúdo. O exemplo "Signorelli" é uma prova disto.

O valor do que deduzimos deste exemplo varia, naturalmente, conforme o consideramos caso typico ou phenomeno isolado. De minha parte, devo observar que o esquecimento de um nome, acompanhado de recordação erronea, apparece com extrema frequencia de um modo egual ao que nos revelou a nossa analyse. Quasi todas as occasiões em que tive occasião de observar tal phenomeno em mim proprio, pude explica-lo do mesmo modo, isto é, como sendo motivado por uma repressão. Existe ainda outro argumento em favor da natureza typica de nossa analyse. E' o seguinte: a meu ver, não se podem separar, em principio, os casos de esquecimento de nomes com recordação erronea. dos outros em que não apparecem substitutivos. Estes surgem expontaneamente em muitos casos. Naquelles em que isto não se dá, pode-se força-los a emergir por meio de um esforço de attenção, e então deparam, com o elemento reprimido e o nome procurado, as mesmas connexões que se fosse expontaneo o seu apparecimento. A percepção do nome substitutivo pela consciencia parece regulada por dois factores: o esforço de attenção e uma determinante interna, inherente ao material psychico. Esta poderia ser pesquisada na maior ou menor facilidade com que se constitue a necessaria associação externa entre os dois elementos. Grande parte dos esquecimentos de nomes sem recordação erronea une-se, deste modo, aos casos com formação de nomes substitutivos, que são regidos pelo mecanismo descoberto no exemplo "Signorelli". Comtudo, não me atreverei a affirmar redondamente que todos os casos de esquecimento de nomes possam ser incluidos no dito grupo, pois sem duvida existem alguns

que apresentam um processo mais simples. Assim, pois, julgamos agir com prudencia expondo o estado das coisas do seguinte modo: *Ao lado dos simples esquecimentos de nomes proprios, apparecem outros motivados por phenomenos de repressão.*

II

ESQUECIMENTO DE PALAVRAS ESTRANGEIRAS

O lexico usual do idioma que nos é proprio parece estar protegido do esquecimento, dentro dos limites da funcção normal. O mesmo não succede com os vocabulos de uma lingua estrangeira. Nesta, todas as partes da oração estão egualmente predispostas a ser olvidadas. Um primeiro gráo de perturbação funccional já se revela na desegualdade com que dominamos um idioma estrangeiro, de acordo com o nosso estado geral e gráo de fadiga. Manifesta-se este esquecimento numa serie de casos, seguindo o mecanismo que nos foi revelado no exemplo "Signorelli". Para demonstra-lo, vamos expôr uma analyse apenas de um caso de esquecimento de um vocabulo não substantivo em uma citação latina, analyse a que valiosas particularidades emprestam extraordinario interesse. Peço venia para expôr, com toda amplitude e clareza, o referido facto.

No verão passado, reatei, durante minha viagem de férias, relações com um joven de vasta cultura, o qual, conforme pude observar, conhecia algumas de minhas publicações psychologicas. Não sei como viemos a palestrar sobre a situação social do povo a que ambos pertencemos. Meu interlocutor, que mostrava ser um tanto ambicioso, começou a lamentar-se, achando que sua geração estava destinada ao

fracasso, não podendo nem desenvolver seus talentos, nem satisfazer suas necessidades. Ao concluir seu exaltado e apaixonado discurso, quiz fecha-lo com o conhecido verso de Virgilio, em que a infeliz Dido recommenda á posteridade sua vingança contra Enéas: Exoriare... Mas foi-lhe impossivel recordar de modo exacto a citação, motivo por que tentou preencher uma notoria lacuna de sua reminiscencia, mudando de logar as palavras do verso: Exoriar(e) ex nostris ossibus ultor! — Afinal, exclamou aborrecido: — Não se ponha com esse ar ironico, como se estivesse satisfeito com a minha confusão, e ajude-me um instante. Está faltando algo no verso que desejo citar. Pode dizer-mo todo?

Accedi com prazer, dizendo o verso tal qual é:

— Exoriar(e) *aliquis* nostris ex ossibus ultor!

— Que estupidez, esquecer uma palavra assim! O senhor sustenta que nada se esquece sem uma razão determinante. Gostaria de saber por que esqueci agora o pronome indefinido *aliquis*.

Esperando obter uma contribuição para a minha collectanea de observações, acceitei a solicitação:

— Podemos averigua-lo já. Para isto, rogo-lhe que me vá communicando, *sinceramente e abstendo-se de qualquer critica,* tudo o que lhe occorre quando, sem intenção particular, volta sua attenção para a palavra esquecida (1).

— Está bem. A primeira coisa que me vem á mente é uma tolice... Considero a palavra dividida em duas partes: *a* e *liquis*.

— Por que?

— Não sei.

— Que mais lhe occorre?

— A coisa continúa assim: *reliquias* — *liquidação* — *liquido* — *fluido*. Já averiguou alguma coisa?

— Nem sombra. Mas prosiga.

(1) E' este o meio geralmente empregado para attrahir á consciencia as representações que permanecem occultas.

— Penso, continuou rindo divertidamente, em Simão de Trento, cujas reliquias vi ha dois annos numa igreja dessa cidade, e depois na accusação que de novo se faz aos judeus de assassinarem um christão quando chega a Paschoa, para utilizar-lhe o sangue em ceremonias religiosas (2). Recordo depois os escriptos de *Kleinpaul,* em que se consideram estas suppostas victimas dos judeus como reincarnações ou novas edições, por assim dizer, do Redemptor.

— Ha de observar que esses pensamentos não deixam de ter connexão com o thema de que tratavamos, momentos antes de o senhor não poder recordar a palavra latina *aliquis.*

— Com effeito; agora penso num artigo que li ha pouco num jornal italiano. Creio que se intitulava: "O que *Santo Agostinho* diz das mulheres." Que faz com este dado?

— Por emquanto, esperar.

— Agora, apparece algo que decerto não tem connexão alguma com o nosso thema...

— Rogo-lhe prescindir de toda critica e...

— Bem sei, bem sei. Lembro-me de um arrogante ancião que encontrei a semana passada, no correr de minha viagem. Um verdadeiro *original.* Tem o aspecto de uma grande ave de rapina. Se lhe interessa o seu nome, direi que se chama *Benedicto.*

— Até este ponto, temos pelo menos uma serie de santos e padres da Igreja: *S. Simão, Sto. Agostinho, S. Benedicto* e *Origenes.* Além disso, tres desses nomes são nomes proprios, como tambem *Paulo* (*Paul*), que apparece em *Kleinpaul.*

— Depois me vem á mente São Januario e o milagre de seu sangue... Creio que isto já se dá mecanicamente.

— Deixe-se de observações. *S. Januario* e *Sto. Agos-*

(2) N. do T. — Esta accusação surgiu pela primeira vez na França, sob o reinado de Philippe II (1180-1223), motivando a expulsão dos judeus desse país. A partir de então, até os tempos modernos, sempre reapparece a versão de que em tempo de Paschoa desapparecia ou era encontrado assassinado um christão nos bairros judeus. Varias dessas suppostas victimas chegaram a ser canonizadas, entre ellas São Simão de Trento.

tinho têm relação com o calendario. Quer-me recordar em que consiste o milagre do sangue de S. Januario?

— Conhece-o, certamente. Em uma igreja de Napoles se conserva, numa ampoula de cristal, o sangue de S. Januario. Esse sangue se liquefaz todos os annos milagrosamente, em determinado dia de festa. O povo interessa-se muito por esse milagre, agitando-se extraordinariamente quando elle se atraza, como succedeu uma vez durante uma occupação franceza. Nessa occasião, o general que commandava as tropas, ou não sei se estou enganado e foi Garibaldi, chamou áparte os sacerdotes e, mostrando-lhes com gesto significativo os soldados postados deante da igreja, disse que *esperava* que o milagre se realizasse immediatamente. E, com effeito, reali...

— Continúe. Por que se detem?

— E' que neste instante recordo algo que... Mas é uma coisa demasiado intima para communica-la a quem quer que seja... Aliás, não vejo que tenha a menor connexão com o nosso assumpto, nem que haja necessidade de conta-la...

— Procurar a connexão compete a mim. Está claro que não posso força-lo a contar-me o que lhe seja penoso communicar a outra pessoa, mas então não me peça que lhe explique por que esqueceu a palavra *aliquis*.

— Ah! é assim? Dir-lhe-ei, então, que de repente pensei numa senhora, da qual poderia facilmente receber uma noticia summamente desagradavel para ella e para mim.

— Que lhe faltou a menstruação este mês?

— Como poude adivinha-lo?

— Não era difficil. O senhor mesmo me preparou muito bem o caminho. Pense nos *santos do calendario, na liquefação do sangue em dia marcado, na inquietação quando o acontecimento não se produz, na expressiva ameaça de que o milagre tem de realizar-se ou que, senão*... Transformou o milagre de S. Januario num magnifico symbolo do periodo da mulher.

— Mas absolutamente sem me dar conta disto. Crê que

realmente minha intranquilla expectativa tenha sido a causa de não haver conseguido reproduzir a palavrinha *aliquis?*

— Parece-me indubitavel. Recorde a divisão que della fez em *a* e *liquis,* e depois as associações: *Reliquias, liquidação, liquido.* Devo tambem incluir nestas associações a lembrança de Simão de Trento, *sacrificado na primeira infancia?*

— E' melhor não faze-lo. Espero que não tome a serio estes pensamentos, se é que na verdade os tive. Em compensação, confesso-lhe que a senhora em questão é italiana e que visitei Napoles em sua companhia. Mas tudo isso não pode ser mera casualidade?

— Deixo a seu criterio determinar se toda essa serie de associações se pode explicar pela intervenção do acaso. Mas o que lhe advirto é que todos e cada um dos casos semelhantes, que o senhor queira submetter á analyse, sempre o conduzirão ao descobrimento de "casualidades" egualmente estranhas (3).

Estamos muito gratos a nosso companheiro de viagem por ter-nos autorizado a publicar esta pequena analyse, a que damos grande valor, pois nelle podemos utilizar uma fonte de observação que ordinariamente nos é vedada. Na maioria dos casos, vemo-nos obrigados a dar como exemplos dessas perturbações psychologicas da existencia quotidiana que aqui reunimos, observações verificadas em nossa propria pessoa, pois evitamos servir-nos do rico material que nos offerecem os enfermos neuroticos que vêm consultar-nos, para que não nos viessem com a objecção de que os phenomenos expostos eram consequencias e manifestações da neurose. Tem, portanto, um grande valor para os nossos fins uma pessoa que, independente de nós e de nervos sãos, se offerece

(3) Esta analyse foi muito commentada, provocando vivas discussões. Utilizando-a precisamente como base, E. Bleuler tentou fixar de modo mathematico a verosimilhança das interpretações psychanalyticas, e chegou á conclusão de que são mais verosimeis que muitas outras "descobertas" medicas não discutidas. Os receios com que tropeçam são devidos apenas ao seguinte: na investigação scientifica, ainda não se costuma levar em conta as verosimilhanças psychologicas. (Das autistisch — indisziplinierte Denken in der Medizin und seine Uberwindung. Berlin, 1919).

como objecto de tal investigação. A analyse que acabamos de expor tem, aliás, grande importancia, considerada de outro ponto de vista. Esclarece, effectivamente, um caso de esquecimento de uma palavra *sem* recordações substitutivas, confirmando nossa affirmativa anterior de que a emergencia ou a falta de recordações substitutivas erroneas não pode servir de base para estabelecer uma differenciação essencial (4).

O principal valor do exemplo *aliquis* consiste, todavia, em algo que o distingue do caso Signorelli. Neste, a reproducção do nome viu-se perturbada por influencia de uma serie de pensamentos, que começára a desenvolver-se pouco tempo antes e foi repentinamente interrompida, mas cujo conteúdo não estava em connexão com o novo thema em que se achava incluido o nome Signorelli. Entre o thema repri-

---

(4) Uma observação mais subtil reduz de muito a antithese que, no concernente ás recordações substitutivas, existe entre a analyse do caso **Signorelli** e a do caso **aliquis**. Com effeito, tambem neste ultimo o esquecimento apparece acompanhado de uma formação de substitutivos. Quando mais tarde perguntei a meu companheiro se, em seus esforços para recordar a palavra esquecida, não lhe occorrera alguma outra em substituição della, communicou-me que, primeiro, sentira a tentação de introduzir no verso a palavra **ab** e dizer **nostris ab ossibus** (talvez fosse este **ab** o fragmento destacado de **a-liquis**) e que, depois, a palavra **exoriare** lhe acudira ao pensamento repetida e obstinadamente. Sceptico ás minhas theorias, accrescentou que isto decerto se devia ao facto de ser essa a palavra com que começava o verso. Quando depois lhe roguei que considerasse attentamente as associações que se seguiram a **exoriare**, disse-me que a primeira era **exorcismo**. Podemos, por conseguinte, suppôr que a accentuação intensiva de **exoriare** tinha na reproducção o valor de uma tal formação de substitutivos. Esta se teria continuado pelos nomes de **santos**, depois de passar sobre a associação **exorcismo**. De qualquer modo, a estas subtilezas não se deve conceder um valor extraordinario. Mas agora já nos parece possivel considerar o apparecimento de qualquer especie de recordações substitutivas como um signal constante, se bem que talvez tão sómente caracteristico e revelador do esquecimento tendencioso motivado pela repressão. Esta formação de substitutivos existiria mesmo nos casos em que não se apresentam nomes falsos, manifestando-se então sob a forma de intensificação de um elemento vizinho ou contiguo ao elemento esquecido. No caso **Signorelli**, durante todo o tempo que o nome do pintor permaneceu inaccessivel, tive, ao contrario, uma recordação visual **clarissima**, muito mais intensa do que costumam ser em nós taes recordações, de seu cyclo de frescos e de seu auto-retrato, que apparece ao lado delles. Noutro caso que tambem relatámos em nosso artigo publicado em 1898, de que já fizemos menção, esquecemos, estando numa cidade estrangeira, o nome da rua em que deviamos fazer uma visita sem attractivos. Mas, como por ironia, retivemos clarissimamente o numero da casa, quando, habitualmente, o que com mais difficuldade conservamos é a recordação de numeros e cifras...

mido e o do nome olvidado, existia apenas uma relação de contiguidade transitoria, sufficiente para que ambos os themas pudessem entrar em contacto, por meio de uma associação externa (5). Em compensação, no exemplo "aliquis" não se observa o menor vestigio de um tal thema independente e reprimido, que, tendo occupado o pensamento consciente logo antes do lapso, resoasse depois produzindo uma perturbação. O transtorno da reproducção surge aqui do interior do thema tratado, por causa de uma contradição inconsciente que se ergue ante a idéa expressa na citação latina. Quem falava, após lamentar-se pelo facto de a actual geração de seu povo estar soffrendo, na opinião delle, uma diminuição em seus direitos, prophetizou, imitando Dido, que a geração seguinte levaria a cabo a vingança dos opprimidos. Exprimira, portanto, o desejo de ter descendencia. Mas, no mesmo momento, interpoz-se um pensamento contraditorio: — Desejas, na verdade tão vivamente ter descendencia? Isto não é certo. Qual não seria a tua confusão, se recebesses a noticia de que estavas a caminho de obte-la da pessoa que sabes! Não, não, nada de descendencia, ainda que indispensavel á nossa vingança.

Esta contradição mostra sua influencia tornando possivel, exactamente como no exemplo *Signorelli,* uma associação externa entre um de seus elementos de representação e um elemento de desejo contraditado, conseguindo-o neste caso de um modo altamente violento e por meio de um rodeio associativo, apparentemente artificioso. Uma segunda coincidencia essencial com o exemplo Signorelli resulta do facto de provir a contradição de fontes reprimidas, partindo de pensamentos que provocariam um desvio da attenção. Até aqui, temos tratado da differença externa e intima semelhan-

---

(5) Não nos queremos convencer da falta de connexão dos dois circulos de pensamentos do caso **Signorelli.** Com effeito, um cuidadoso inquerito sobre os pensamentos reprimidos concernentes á morte e á sexualidade, faz-nos chegar a uma idéa que se relaciona bem de perto com o thema dos frescos de Orvieto.

ça dos dois paradigmas do esquecimento de nomes. Aprendemos a conhecer um segundo mecanismo do olvido: a perturbação de um pensamento por uma contradição interna proveniente do reprimido. No correr destas investigações, tornaremos a encontrar repetidas vezes este facto, que nos parece o de mais facil comprehensão.

III

ESQUECIMENTO DE NOMES E SERIES DE PALAVRAS

Experiencias, como a anteriormente relatada, sobre o processo do esquecimento de um trecho de phrase em idioma estrangeiro, excitam a curiosidade de comprovar se o esquecimento de phrases do idioma proprio requer ou não uma explicação essencialmente distincta. Não costuma causar espanto o facto de não podermos reproduzir, a não ser com lacunas e infidelidades, uma formula ou uma poesia aprendidas de memoria tempos atraz. Mas como esse esquecimento não attinge por egual a totalidade do aprendido, parecendo, ao contrario, supprimir trechos isolados, poderia ser interessante investigar analyticamente alguns exemplos dessa reproducção defeituosa.

Um de meus collegas, mais joven que eu, exprimiu, no correr de uma palestra que mantinhamos, a presumpção de que o olvido de poesias escriptas na lingua materna poderia obedecer a motivos analogos aos que produzem o esquecimento de elementos isolados de uma phrase em idioma estrangeiro, e offereceu-se immediatamente como objecto de uma experiencia que esclarecesse sua supposição. Perguntando-lhe eu com que poesia desejava que fizessemos a prova, escolheu "A noiva de Corintho", composição muito de seu agrado, da qual acreditava poder recitar de memoria ao menos al-

gumas estrophes. Logo no inicio da reproducção surgiu uma difficuldade realmente singular. Meu collega indagou:

— E' "de Corintho a Athenas" ou "de Athenas a Corintho?"

Tambem hesitei por um momento, até que, deitando a rir, observei que o titulo da poesia: "A noiva de Corintho", não deixava logar a duvidas sobre o itinerario seguido pelo noivo para chegar junto della. A reproducção da primeira estrophe verificou-se logo sem o menor tropeço, ou, pelo menos, sem que notassemos nenhuma infidelidade. Depois do primeiro verso da segunda estrophe, o recitador deteve-se, parecendo procurar a continuação durante alguns momentos. Mas logo proseguiu dizendo:

> Mas será bem recebido por seus hospedes,
> agora que cada dia traz comsigo alguma coisa nova?
> Ainda é pagão, como todos os seus,
> e elles já são christãos, foram baptizados.

Desde a segunda linha, eu já sentia certa estranheza; ao terminar a quarta, conviemos que o verso soffrera uma deformação. Não nos sendo, todavia, possivel corrigi-lo de memoria, fomos á minha bibliotheca afim de consultar o original de Goethe, descobrindo com surpresa que o texto da segunda linha da estrophe era absolutamente diverso do apresentado pela memoria de meu collega, e fora substituido por algo que, apparentemente, não tinha a menor relação com elle.

O texto verdadeiro é o seguinte:

> Mas será bem recebido por seus hospedes,
> se não comprar muito caro o seu favor?

"Baptizados" (getauft) rima com "compra" (erkauft). Além disso, pareceu-me muito estranho que a *constellação*: pagão, christãos e baptizados houvesse ajudado tão pouco o recitador a reconstituir o texto. Perguntei ao collega:

— Tem alguma idéa de como poude eliminar tão com-

pletamente todo um verso de uma poesia que lhe é perfeitamente familiar? Suspeita de que texto poude tirar a phrase substitutiva?

Elle podia, effectivamente, explicar o que suppunha ser o motivo do esquecimento soffrido e da substituição effectuada. Fazendo um esforço visivel, por ter de falar de coisas pouco agradaveis, disse o seguinte:

— A phrase "agora que cada dia traz comsigo alguma coisa nova" não me é de todo desconhecida. Tive de pronuncia-la ha pouco tempo, referindo-me á minha situação profissional. Sabe que minha clientella ultimamente augmentou muito, o que, como é natural, me alegra. Vamos agora á questão de como esta phrase se poude introduzir em substituição á verdadeira. Tambem aqui creio poder encontrar uma connexão. A phrase "se não comprar muito caro o seu favor", era sem duvida alguma desagradavel para mim, por se poder relacionar com o seguinte facto. Ha algum tempo, pretendi a mão de uma mulher e fui repellido. Agora que minha situação economica melhorou muito, tenciono renovar meu pedido. Não posso dizer mais sobre este assumpto. Isto, porém, já lhe fará comprehender que não me será muito agradavel, se agora me acceitam, pensar que tanto a negativa anterior como o actual consentimento podem ter obedecido a uma especie de calculo.

Achei que esta explicação bastava para esclarecer o succedido, sem que se fizessem mistér mais amplos pormenores. Comtudo, perguntei:

— E que razão o leva a immiscuir sua propria pessoa e assumptos privados no texto de "A noiva de Corintho"? Talvez tambem exista em seu caso aquella differença de crenças religiosas que constitue um dos themas da poesia?

(Quando surge uma nova fé, o amor e a fidelidade são, frequentemente, arrancados como perversa cizania).

Desta vez eu não acertara; mas foi curioso observar como uma de minhas perguntas, dando no alvo, illuminou o espirito de meu collega, de modo a permittir que me respon-

desse com uma explicação que, até então, decerto lhe ficára occulta. Fitando-me com uma expressão atormentada, em que se notava algum despeito, murmurou, como para si mesmo, os seguintes versos que apparecem um pouco mais adeante na poesia goethiana:

Olha-a bem.
Amanhã ella terá encanecido (6).

e, dahi a pouco, disse:

— Ella é um pouco mais velha que eu.

Para não entristece-lo mais, desisti de proseguir a investigação. Aliás, o caso me parecia sufficientemente esclarecido. O mais surprehendente era ver como o esforço feito para encontrar a causa de um innocente lapso da memoria, chegara a ferir questões particulares do paciente da experiencia, tão distantes do conteúdo desta, tão intimas, tão penosas.

C. G. Jung expõe outro caso de esquecimento de varias palavras consecutivas de uma poesia conhecida, que quero copiar aqui tal e qual elle o refere (7).

"Um cavalheiro quer recitar a conhecida poesia: "Um pinheiro se ergue solitario... etc." Ao chegar á linha que começa: "Dormita..." estaca, sem poder continuar. Esqueceu completamente as seguintes palavras: "envolto num alvo manto". O esquecimento de um verso tão popularizado pareceu-me estranho. Por isso, fiz a pessoa com quem o caso se dera communicar-me tudo o que lhe fosse occorrendo, ao prestar attenção ás palavras esquecidas, que lhe recordei. Eis a série obtida: — Ante as palavras "envolto num alvo manto", a primeira coisa em que penso é num sudario;

(6) Tambem estes lindos versos da poesia goethiana foram alterados por meu collega, tanto em seu conteúdo como no objecto a que se applicam. O fantasma da moça de Corintho diz ao noivo: "Dei-te minha cadeia de ouro — e levo um anel de teus cabellos. — **Olha-o** bem — amanhã terás encanecido — e já não tornarás a possuir cabellos negros até que estejas lá em baixo".

(7) C. G. JUNG. Sobre a psychologia da **dementia prœcox**, 1907, pagina 64.

— o lençol branco em que se envolvem os mortos. — (Pausa). — Depois, num de meus amigos; — o irmão delle morreu ha pouco tempo, de repente; — dizem que de uma apoplexia; — *tambem* era muito corpulento; — meu amigo *tambem* o é e varias vezes pensei que lhe podia succeder o mesmo; — tem uma vida muito sedentaria; — quando soube da morte do irmão delle, tive medo de algum dia vir a morrer assim, pois em minha familia temos tendencia á obesidade e meu avô morreu *do mesmo geito,* de uma apoplexia; — tambem me acho demasiado gordo e nestes dias iniciei uma cura de emmagrecimento.

Vemos, pois, — commenta Jung, — que o paciente se identificára, inconscientemente, com o pinheiro envolto num alvo manto".

Agora vamos expôr um exemplo devido a nosso amigo S. Ferenczi, de Budapest. Distingue-se dos anteriores por não se referir a uma phrase tirada da obra de um poeta, e sim pronunciada pelo proprio paciente que, em seguida, não consegue recorda-la. Depara-nos, além disso, o caso não muito commum, em que o esquecimento se põe a serviço de nossa discreção, nos momentos em que esta se vê ameaçada de succumbir a uma caprichosa velleidade. Deste modo, o lapso converte-se numa funcção util, e quando o nosso animo serena, fazemos justiça áquella corrente interna que, anteriormente, só se podia exteriorizar por um lapso, um esquecimento, ou seja uma impotencia psychica.

"Mencionou-se, numa reunião, a phrase: *Tout comprendre, c'est tout pardonner.* Ouvindo-a, obtemperei que a primeira parte bastava, sendo um acto de soberba isto de a gente metter-se a perdoar, missão que se devia deixar a Deus e aos sacerdotes. Um dos presentes achou muito acertada minha observação. Isto me animou a continuar falando e — provavelmente para assegurar-me a lisonjeira opinião do benevolo critico — communiquei-lhe que pouco tempo antes tivera uma idéa ainda mais engenhosa. Quando, porém, quiz começar a referi-la, não consegui recordar uma palavra ao menos. Immediatamente me afastei um pouco da reunião e annotei as idéas de cobertura (Deckeinfaelle). Primeiro

acudiu o nome do amigo e o da rua de Budapest, que foram testemunhas do nascimento da idéa procurada, e depois o nome de outro amigo, Max, a quem na intimidade costumamos chamar de Maxi. Este nome logo me levou á palavra *maxima* e á recordação de que naquella occasião tambem se tratava, como na phrase inicial deste caso, da transformação de uma bem conhecida maxima. Por um estranho processo, em vez de me occorrer então uma sentença qualquer, lembrei-me da seguinte phrase: *"Deus creou o homem á sua imagem"* e de sua transformação: *"O homem creou Deus á sua imagem"*. Immediatamente surgiu a reminiscia procurada, que se referia ao seguinte:

Passeando commigo pela rua de Andrassy, um amigo me disse: *"Nada do que é humano me é alheio"*, ao que lhe respondi, alludindo ás experiencias psychanalyticas: *"Devias continuar a reconhecer que tãopouco do que é animal nada te é alheio"*.

Depois de conseguir, deste modo, assenhorear-me da recordação procurada, foi-me impossivel narra-la na reunião em que me encontrava. Achava-se entre os presentes a joven esposa do amigo cuja attenção eu chamara para a animalidade do inconsciente. Eu sabia que ella estava pouco preparada para o conhecimento de tão pouco lisonjeiras opiniões. O esquecimento soffrido poupou-me uma série de perguntas desagradaveis, que ella não deixaria de me fazer, e talvez, uma discussão esteril. Foi este decerto o motivo de minha amnesia transitoria.

E' muito interessante o facto de se apresentar como idéa de cobertura uma phrase que rebaixa a divindade a ponto de considera-la como uma invenção humana, ao mesmo tempo que, na phrase procurada, se allude ao que de animalesco existe no homem. Ambas as phrases têm, portanto, de commum, uma idéa de *capitis diminutio*, e todo o processo é, sem duvida, a continuação da série de idéas sobre o comprehender e o perdoar, suggeridas pela conversação.

O apparecimento tão rapido do que se procurava neste caso deve-se talvez ao seguinte: logo que se deu o esquecimento, retirei-me momentaneamente do salão, em que se

exercia uma censura effectiva, isolando-me num quarto tranquillo".

Tenho analysado numerosos casos de esquecimento ou reproducção incorrecta de varias palavras de uma phrase, e a conformidade dos resultados destas investigações inclina-me a admittir que o mecanismo de esquecimento descoberto ao analysar os casos "aliquis" e "A noiva de Corintho", é o verdadeiro em quasi todos os casos. Não é facil publicar frequentemente taes exemplos de analyse, dado que, como se terá visto pelos anteriores, conduzem quasi sempre a assumptos intimos do analysado, ás vezes mesmo desagradaveis e penosos para elle, razão por que não accrescentarei nenhum outro aos já expostos. O que todos estes casos têm de commum, sem distincção do material, é que o esquecido ou deformado entra em connexão, por um caminho associativo qualquer, com um conteúdo psychico inconsciente, do qual parte a influencia que se manifesta em fórma de esquecimento.

Voltarei, pois, ao esquecimento de nomes, cuja casuistica e motivos ainda não ficaram completamente esgotados. Como, a esta classe de productos falhos (Fehlleistungen), posso observa-la com bastante frequencia em mim mesmo, não me faltarão exemplos para apresentar aos leitores. As leves enxaquecas de que padeço costumam annunciar-se horas antes de atacar-me, pelo esquecimento de nomes. Quando chegam ao auge, apesar de não serem sufficientemente intensas para me forçarem a abandonar o trabalho, privam-me frequentemente da faculdade de recordar todos os nomes proprios. Casos como este poderiam fazem surgir uma vigorosa objecção a nossos esforços analyticos. Não se deverá talvez deduzir disto que a causa dos esquecimentos, e especialmente esquecimnto de nomes, está numa perturbação circulatoria ou funccional do cerebro, e que, por conseguinte, é excusado o incommodo de procurar explicações psychologicas para taes phenomenos? Minha opinião é absolutamente negativa. Creio que isto equivaleria a confundir o mecanismo de um processo, egual em todos os casos, com as condições variaveis e não inevitavelmente necessarias, que lhe possam favorecer o desenvolvimento. Em vez de discutir

detidamente essa objecção, vou expor uma comparação, com a qual creio que ficará mais claramente annullada.

Supponhamos que commetti a imprudencia de ir passear á noite nos arredores desertos de uma grande cidade, e que, atacado por uns ladrões, me vejo despojado do relogio e do dinheiro que levava. No posto policial mais proximo, faço minha queixa nos seguintes termos: "Em tal ou tal rua, *a solidão e a obscuridade* me roubaram o relogio e o dinheiro". Se bem que com isto não diga uma mentira, correria o risco de ser considerado — a julgar pelo modo de fazer a denuncia — como um doido varrido. A expressão correcta do succedido seria: *favorecidos* pela solidão do logar e *ao abrigo* da obscuridade que reinava, *uns malfeitores desconhecidos* me haviam despojado de meu dinheiro e meu relogio. Pois bem: a questão do esquecimento dos nomes é totalmente identica. Um poder psychico desconhecido, favorecido pela fadiga, pela perturbação circulatoria e pela intoxicação, despoja-me de meu dominio sobre os nomes proprios pertencentes á minha memoria, e esse poder é o mesmo que noutros casos pode produzir egual falha da memoria, estando o individuo no goso de perfeita saúde e completa capacidade mental.

Ao analysar os casos de esquecimento de nomes proprios observados em mim mesmo, constato, quasi regularmente, que o nome retido está em relação com um thema concernente á minha pessoa, podendo, quasi sempre, despertar-me intensas e ás vezes penosas emoções. De acordo com a acertada e recommendavel pratica da Escola de Zuerich (Bleuler, Jung, Riklin) posso exprimir esta opinião do seguinte modo: O nome inhibido roçou em mim um "complexo pessoal". A relação do nome com minha pessoa é inesperada e, na maioria dos casos, facilitada por uma associação superficial (duplo sentido da palavra ou similicadencia), caracterizando-se quasi sempre como uma associação lateral. Alguns exemplos simples bastarão para esclarecer-lhe a natureza.

a) Pediu-me um paciente que lhe recommendasse um sanatorio situado na Riviera. Eu conhecia um perto de Ge-

nova, recordando muito bem o nome do medico allemão que o dirigia. Mas no momento não me foi possivel lembrar-me do logar em que se achava situado, apesar de saber que o conhecia perfeitamente. Não tive mais remedio senão rogar ao cliente que esperasse um momento e recorrer em seguida ás mulheres de minha familia para que me dissessem o nome esquecido. — Como se chama a povoação proxima a Genova, onde o dr. X tem seu pequeno estabelecimento de cura, em que as sras. N. e R. estiveram tanto tempo se tratando? — E' muito natural que tenhas esquecido o nome dessa povoação! me responderam. Chama-se *Nervi*.

Effectivamente, os *nervos* e as questões que lhes concernem já me dão por si bastante que fazer.

b) Outro paciente me falou de uma estação de veraneio proxima, manifestando que, além dos dois hoteis mais conhecidos, existia um terceiro, cujo nome não me podia dizer naquelle momento e ao qual associava determinadas reminiscencias. Discuti a existencia desse terceiro hotel, allegando que passara sete verões na referida localidade, devendo portanto conhece-la melhor do que elle. Excitado por minha contradição, o paciente lembrou-se do nome do estabelecimento. Chama-se "Der Hochwartner". Ouvindo o nome, tive de reconhecer que meu interlocutor estava com a razão e confessar, além disso, que durante muito tempo vivera bem ao lado do referido hotel, cuja existencia agora negava com tanto empenho. Qual a razão de ter esquecido tanto a propria coisa como o seu nome? Acho que é porque o nome Hochwartner tem uma pronuncia muito parecida com a do nome de um de meus collegas viennenses, que se dedica á mesma especialidade que eu. Neste caso, portanto, o que se attingiu em mim foi o "complexo profissional".

c) Noutra occasião, ao comprar um bilhete na estação de Reichenhall, foi-me impossivel recordar o nome, muito familiar para mim, da mais proxima estação importante, pela qual passara numerosas vezes anteriormente. Vi-me obrigado a procura-lo num itinerario. O nome era Rosenheim (casa de rosas). Ao ve-lo, logo descobri a associação que me fizera esquece-lo. Uma hora antes, estivera em

casa de uma irmã que vive perto de Reichenhall. Minha irmã chama-se Rosa, e portanto vinha de *casa de Rosa* (Rosenheim). Esse nome me fôra roubado pelo "complexo familiar".

d) A influencia depredadora do "complexo familiar" pode ser demonstrada por uma numerosa serie de exemplos. Um dia acudiu á minha consulta um joven, irmão mais moço de um de meus clientes, a quem eu vira numerosas vezes, costumando chama-lo pelo nome de baptismo. Querendo depois contar sua visita, foi-me impossivel recordar dito nome. Por mais esforços que fizesse, não consegui reproduzi-lo. Em vista disso, ao sair á rua, fui prestando attenção aos nomes escriptos nas vitrinas das lojas e nas taboletas de annuncios, até reconhecer o nome procurado, quando me surgiu ante os olhos. A analyse demonstrou-me que eu traçara um parallelo entre o visitante e meu irmão, parallelo que culminava na seguinte pergunta reprimida: "Num caso semelhante, ter-se-ia meu irmão portado do mesmo modo, ou faria exactamente o contrario?" A connexão exterior, entre os pensamentos concernentes á familia estranha e á minha, fôra facilitada pelo facto de, numa e noutra, a mãe ter o mesmo nome: Amalia. Depois comprehendi os nomes substitutivos, Daniel e Francisco, que se haviam apresentado sem explicação alguma. Estes, como tambem Amalia, são nomes de personagens de "Os Bandidos" de Schiller, estando todos em connexão com um gracejo do popular typo viennense *Daniel Spitzer*.

e) Noutra occasião, foi-me impossivel achar o nome de um paciente, que pertenceu ao numero de meus amigos da juventude. A analyse só me levou ao nome procurado após um longo rodeio. O cliente manifestara-me o temor de perder a vista. Isto me trouxe á lembrança um rapaz que ficara cego em consequencia de um disparo, adduzindo-se a esta recordação a de um outro joven, que se suicidara com um tiro. Este ultimo individuo tinha o mesmo nome que o referido cliente, apesar de não haver entre ambos parentesco algum. Entretanto, só me foi possivel encontrar o nome procurado depois de reparar que, naquelles dias, abri-

gava o temor de que succedesse uma coisa analoga a estes dois casos a uma pessoa de minha familia.

Assim, pois, através de meu pensamento, circula uma incessante corrente de "auto-referencia" (Eigenbeziehung), da qual geralmente não tenho o menor signal, mas que se manifesta nas occasiões em que esqueço nomes. E' como se existisse algo que me obrigasse a comparar com a minha pessoa tudo o que ouço sobre pessoas alheias, e como se meus complexos pessoaes fossem postos em movimento pela percepção de outros. Isto não pode ser uma qualidade individual minha. Ao contrario, deve constituir uma amostra da maneira por que todos temos de comprehender o que nos é alheio. Tenho motivos para suppôr que, nesta questão, a outros individuos succede o mesmo que a mim.

O melhor exemplo desta classe foi-me contado, como experiencia pessoal sua, por um certo senhor *Lederer*. Durante a sua viagem de nupcias, encontrou em Venesa um cavalheiro a quem conhecia, se bem que muito superficialmente, e teve de apresenta-lo á esposa. Não recordando o nome do individuo, sahiu-se do apuro graças a um murmurio inintelligivel. Mas, ao encontra-lo uma segunda vez, sem poder esquivar-se, chamou-o áparte e pediu-lhe que o tirasse da difficuldade dizendo-lhe seu nome, que sentia muito haver esquecido. A resposta do desconhecido demonstrou que este possuia um superior conhecimento dos homens: — Não me admira absolutamente que não tenha podido reter meu nome. E' o mesmo que o seu: Lederer!

Não podemos reprimir uma impressão ligeiramente desagradavel quando vemos que um estranho usa o nosso nome. Senti claramente esta impressão ao apresentar-se, um dia, em minha consulta, um sr. S. Freud. De qualquer modo, faço constar aqui a affirmação de um de meus criticos, assegurando que, neste ponto, o seu comportamento é opposto ao meu.

f) O effeito da referencia pessoal tambem apparece no seguinte exemplo, communicado por Jung. (8)

---

(8) **Dementia præcox, pg. 52.**

"Um certo sr. Y apaixonou-se, sem ser correspondido, por uma senhorita, que pouco depois se casou com o sr. X. Apesar do sr. Y conhecer o sr. X ha muito tempo, mantendo até relações commerciaes com elle, esquece continuamente seu nome. Quando quer escrever-lhe, tem que pedir a alguem que lho recorde."

O motivo do esquecimento é, neste caso, mais visivel que nos anteriores, situados sob a constellação da referencia pessoal. O esquecimento parece ser aqui consequencia directa da animosidade do sr. Y contra o seu feliz rival. Não quer saber de nada que a elle se refira.

g) A causa do olvido de um nome tambem pode ser alguma coisa mais subtil; pode ser, por assim dizer, um rancor "sublimado" contra o seu portador. A srta. I. v. K. relata o seguinte caso:

"Architectei, para meu uso particular, esta pequena theoria: Os homens que possúem aptidões ou talentos pictoricos não costumam comprehender a musica, e vice-versa. Faz algum tempo, ao falar com uma pessoa sobre esta questão, disse-lhe: — Minha observação tem-se mostrado sempre certa, excepto num caso. — Mas ao querer citar o individuo que constituia esta excepção, não me foi possivel recordar-lhe o nome, não obstante saber que se tratava de um dos meus mais intimos conhecidos. Poucos dias depois, ouvi casualmente o nome esquecido, reconhecendo-o immediatamente como o do destruidor de minha theoria. O rancor que inconscientemente abrigava contra elle, manifestou-se pelo esquecimento de seu nome, que, comtudo, me era extremamente familiar."

h) O seguinte caso, communicado por Ferenczi, e cuja analyse é especialmente instructiva, pela explicação dos pensamentos substitutivos (como Botticelli e Boltraffio em substituição de Signorelli), mostra como, por caminhos um tanto differentes dos seguidos nos casos anteriores, a auto-referencia leva ao esquecimento de um nome.

"Uma senhora, que ouviu falar alguma coisa de psychanalyse, não pode lembrar-se, em dado momento, do nome do psychiatra *Jung*.

Em vez desse nome, apresentam-se os seguintes substitutivos: *Kl.* (*um nome*) — *Wilde* — *Nietzsche* — *Hauptmann.*

Sem lhe dizer o nome que procura, rogo-lhe que me vá relatando as associações livres que se lhe deparam, quando fixa a attenção em cada um dos nomes substitutivos.

Com *Kl,* logo pensa na *senhora de Rl.;* acha-a um tanto pretenciosa e affectada, mas bem conservada para a sua edade. "Não *envelheceu*". Como conceito geral sobre *Wilde* e *Nietzsche,* fala de "*perturbação mental*". Depois, diz ironicamente: "Os senhores, *freudistas,* tanto investigarão as causas das enfermidades mentaes, que hão de acabar tambem *enlouquecendo.*" E depois: "Não posso resistir a *Wilde* nem a *Nietzsche.* Não os comprehendo. Ouvi dizer que ambos eram homosexuaes. *Wilde* sempre se rodeava de *jovens* (*junge Leute*)." Apesar de, no final da phrase, haver pronunciado a palavra procurada (*junge* Leute — *Jung*), não o percebeu, nem isto lhe serviu para recorda-la.

Ao prestar attenção ao nome Hauptmann, associa-lhe as palavras *metade* (Halbe) e *juventude* (Jugend) e então, depois de eu lhe chamar a attenção para a palavra *juventude* (*Jugend*), constata que era *Jung* o nome procurado.

Realmente, esta senhora, que perdeu o esposo aos trinta e nove annos e não tem probabilidades de casar-se outra vez, possúe motivos sufficientes para evitar a lembrança de tudo o que se refere a *juventude* e *velhice.* O interessante do caso é que as associações dos pensamentos substitutivos do nome procurado são puramente de conteúdo, não intercorrendo nenhuma associação por similicadencia."

i) Outra causa distincta e muito subtil apparece no seguinte exemplo de esquecimento de nome, esclarecido e explicado pelo proprio sujeito com quem se deu.

"Ao entrar num exame de philosophia, exame que considerava como algo secundario e á margem de minha verdadeira actividade, fui arguido sobre as doutrinas de Epicuro, sendo-me depois perguntado se sabia quem lhe resuscitára as theorias nos seculos posteriores. Respondi que fôra *Pedro Gassendi,* nome que ouvira citar dois dias antes num café,

como sendo o de um discipulo de Epicuro. Perguntou-me o examinador, um tanto assombrado, de onde é que o sabia. Cheio de audacia, respondi-lhe que, interessado por *Gassendi*, ha muito tempo lhe estudava a obra. Disto tudo me resultou uma nota distincta *cum laude*, mas dahi em diante, infelizmente, soffro uma tenaz propensão a esquecer o nome *Gassendi*, decerto motivado pelos meus remorsos. Creio tambem que antes nem conhecia esse nome."

Para poder avaliar a intensidade da repugnancia que o narrador sente ao recordar este episodio de exame, é preciso saber a que ponto elle estima actualmente seu titulo de doutor.

j) Accrescentarei, aqui, um exemplo de esquecimento de nome de uma cidade, exemplo que não é, talvez, tão simples como os anteriormente expostos, mas que parecerá verosimel e valioso ás pessoas familiarizadas com esta sorte de investigações. Trata-se, neste caso, do nome de uma cidade italiana, que se subtrahiu á recordação em consequencia de sua grande semelhança com um nome proprio feminino, a que se achavam ligadas varias reminiscencias saturadas de affecto, sem duvida não exteriorizadas até o esgotamento. O dr. S. Ferenczi, de Budapest, que observou em si mesmo este caso de esquecimento, tratou-o — muito acertadamente — como uma analyse de um sonho ou de uma idéa neurotica.

"Estando eu de visita em casa de uma familia de minha amizade, a palestra recahiu sobre as cidades do Norte da Italia. Um dos presentes observou que nellas ainda se percebe a influencia austriaca. Citaram-se, em seguida, os nomes de algumas dessas cidades, mas, quando eu quiz dizer tambem o nome de uma dellas, não consegui evoca-lo, se bem que me recordasse de haver passado em tal cidade dois dias muito agradaveis, o que não parece estar muito de acordo com a theoria freudista do esquecimento. No logar do procurado nome da cidade, apresentaram-se as seguintes idéas: *Capua* — *Brescia* — *O leão de Brescia.*

Via esse leão objectivamente deante de mim, sob a forma de uma *estatua de marmore*, mas logo observei que se parecia muito menos com o leão do monumento á liberdade

existente em Brescia (monumento que conheço apenas em photographia), do que com outro leão de marmore que vira no *pantheon erigido no cemiterio de Lucerna, em memoria dos soldados da Guarda-Suissa mortos nas Tulherias,* monumento de que possúo uma reproducção em miniatura. Afinal me acudiu á memoria o nome procurado: *Verona.*

Immediatamente percebi a causa da amnesia. Tratava-se de uma antiga criada da familia em cuja casa me encontrava naquelle momento. Chamava-se essa criada *Veronica,* em hungaro *Verona,* parecendo-me extraordinariamente antipathica por sua physionomia repulsiva, pela voz rouca e desafinada, e pela intoleravel familiaridade a que se suppunha com direito pelo grande numero de annos que trabalhava na casa. Tambem me parecera insupportavel a *tyrannia* com que tratava os filhinhos de seus amos. Descoberta a causa do esquecimento, encontrei immediatamente a significação dos pensamentos substitutivos.

Ao nome *Capua* logo associara *caput mortuum,* pois frequentemente comparara a cabeça de Veronica a uma caveira. A palavra hungara *Kapzsi* (*cobiçoso*) constituira decerto uma determinante do deslocamento. Como é natural, achei tambem aquelles outros caminhos de associação, muito mais directos, que unem *Capua* e *Verona* como conceitos geographicos e palavras italianas do mesmo rythmo.

O mesmo se dá com *Brescia.* Mas tambem aqui vemos occultos caminhos lateraes da associação de idéas.

Minha antipathia por Veronica chegou a ser tão intensa, que a vista da infeliz criada me causava verdadeira repugnancia, parecendo-me impossivel que sua pessoa pudesse inspirar alguma vez sentimentos affectuosos. Beija-la — disse em certa occasião — deve provocar *nauseas* (*Brechreiz*). Comtudo, isto em nada explicava sua relação com os mortos da Guarda Suissa.

Brescia, ao menos na Hungria, costuma unir-se, não com o leão, mas com outra *fera.* O nome mais odiado neste país, como tambem em toda a Italia septentrional, é o do general *Haynau,* a quem se deu o appellido de "*hyena de Brescia*". Partindo, portanto, do odiado *tyranno* Haynau, uma

das vias mentaes nos leva, passando sobre Brescia, á cidade de Verona, e a outra, passando pela idéa do *animal coveiro de voz rouca* (que coadjuva a determinar a emergencia da representação *"monumento funerario"*), á caveira e á desagradavel voz de Veronica, tão atropelada pelo meu inconsciente. Veronica, naquelle tempo, reinava tão tyrannicamente na casa como o general austriaco sobre os libertarios hungaros e italianos.

A *Lucerna* associa-se a idéa de um verão que Veronica passou com os amos á margem do lago dos Quatro Cantões, *nas proximidades dessa cidade.* A Guarda Suissa liga-se á reminiscencia de que sabia tyrannizar não só os meninos da casa, como tambem as pessoas maiores, comprazendo-se no papel de *gardedame.*

Ha um ponto para o qual chamo especialmente a attenção: minha antipathia para com Veronica pertencia conscientemente a coisas passadas e dominadas. Com o tempo, Veronica mudara extraordinariamente e modificara de tal modo suas maneiras, que, ao encontra-la (coisa, aliás, muito rara), já lhe podia falar com sincera amabilidade. Meu inconsciente, entretanto, conservava, como succede geralmente, as impressões, com maior ternacidade. O inconsciente é rancoroso.

As Tulherias constituem uma allusão a uma segunda pessoa, velha senhora franceza, que realmente "guardara" as senhoras da casa, em varias occasiões, e que era por todos tratada com grandes considerações e até, quiçá, um pouco *temida.* Fui, durante algum tempo, seu alumno (éleve) de conversação franceza. Ante a palavra *éleve,* recordo, além disso, que, numa visita ao cunhado da pessoa em cuja casa agora estava, residente na Bohemia septentrional, muito me fez rir o facto de, entre a gente do povo daquella comarca, chamar-se "leões" (Lœwen) aos alumnos (éleves) da Escola florestal ali existente. Esta divertida lembrança deve ter participado no deslocamento de *hyena* a *leão.*

k) O exemplo que dou a seguir (9) demonstra como

(9) Zentralblatt fuer Psychoanalyse, 1-9-1911.

um complexo pessoal, que domina o individuo em determinado momento, pode produzir-lhe então, e em questões afastadas de sua propria natureza, o esquecimento de um nome.

Dois individuos, um velho, o outro joven, estavam conversando sobre suas recordações dos bellos e interessantes dias que tinham passado, durante uma viagem feita seis meses antes através da Sicilia.

— Como se chama o logar, indagou o joven, onde pernoitámos ao emprehender a excursão de Selinunt? Não era *Catalafimi?*

O velho rejeitou o nome:

— Estou certo, disse, que não se chamava assim. Mas tambem esqueci como era o nome, apesar de recordar perfeitamente todos os pormenores de nossa estadia naquelle sitio. A mim, basta-me notar que uma outra pessoa esqueceu um nome, para incorrer em egual esquecimento. Vamos tratar de procurar este. O primeiro que me occorre é *Caltanisetta;* está claro que não é o verdadeiro.

— Não, respondeu o moço. O nome que procuramos começa por *w* ou, pelo menos, ha algum *w* nelle.

— Nenhuma palavra italiana tem *w,* objectou o ancião.

— E' que me enganei. Queria dizer *v,* e não *w.* Por causa de minha lingua materna, confundo-os facilmente.

O velho apresentou novas objecções contra a existencia de um *v* no nome esquecido, e disse, em seguida:

— Creio que já devo ter esquecido muitos nomes sicilianos. Vejamos. Como se chama, por exemplo, aquelle logar situado numa elevação, a que os antigos denominavam *Enna?* Ah, já sei, *Castrogiovanni!*

No mesmo momento em que acabou de pronunciar tal nome, o joven descobriu o que ambos haviam esquecido antes, e exclamou: — *Castelvetrano!* — indicando alegremente ao interlocutor o facto de, effectivamente, existir nelle a letra *v,* conforme affirmara. O velho ainda duvidou um instante, antes de reconhecer o nome. Mas, tendo-o acceito como exacto, tambem poude explicar a razão de te-lo esquecido.

— Seguramente, disse, este esquecimento se deve ao

facto de a parte final do nome, ou seja, *vetrano,* me recordar a palavra *veterano,* pois sei que não me agrada pensar na velhice e reajo com estranha intensidade a qualquer idéa que a ella se refira. Assim, ha pouco tempo, disse, a um de meus melhores amigos, "que já de longa época passara da juventude", como para me vingar delle, por me ter dito um dia, entre multiplos elogios que me fazia, que "eu já não era precisamente joven." A prova de que minha resistencia surgia tão sómente contra a segunda metade do nome *Castelvetrano* é que sua primeira metade surge, se bem que um tanto desfigurada, no nome substitutivo *Caltanisetta.*

— E, por si mesmo, que lhe suggere esse nome substitutivo? perguntou o joven.

— Caltanisetta sempre me pareceu um appellativo carinhoso, applicavel a uma mocinha, lhe confessou o interlocutor.

E, dahi a pouco, accrescentou:

— O nome moderno de *Enna* tambem era um substitutivo. Agora percebo que o nome *Castrogiovanni,* que surgiu com auxilio de um raciocinio, allude tão expressivamente a *giovanne* — joven, como o esquecido, *Castelvetrano,* a velho.

Deste modo, suppoz o ancião ter explicado sufficientemente o esquecimento do nome. O que não se submetteu á investigação foi o motivo de o joven tambem ter soffrido o mesmo esquecimento.

Devemos interessar-nos, não só pelos motivos do esquecimento de nomes, mas tambem pelo mecanismo de seu processo. Em numerosos casos se esquece um nome, não porque por si mesmo faça surgir taes motivos, mas porque, por homophonia, se entrelaça com outro nome, contra o qual as razões do lapso se dirigem. Comprehende-se que um tal enfraquecimento das condições favoreça extraordinariamente o apparecimento do phenomeno. Assim succede nos seguintes exemplos:

I) Ed. Hitschman (Dois casos de esquecimento de nomes. Internat. Zeitsch. fuer Psychoanalyse, I, 1913).

II) O sr. N quiz indicar a uma pessoa a firma da sociedade *Gilhofer* e *Ranschburg,* livreiros. Mas, por mais esforços que fizesse, só conseguiu lembrar-se do segundo nome, *Ranschburg,* apesar de lhe ser muito familiar e conhecida a firma completa. Ligeiramente incommodado por esse esquecimento, concedeu-lhe bastante importancia para despertar um irmão, que já se achava deitado, e perguntar-lhe pelo primeiro componente da firma. Disse-lho o irmão. Ouvindo a palavra *Gilhofer,* N lembrou-se immediatamente de *Gallhof,* nome de um logar onde, meses antes, estivera de passeio com uma attrahente rapariga, passeio este cheio de reminiscencias para elle. Naquelle dia, a moça dera-lhe de presente um objecto em que estavam escriptas as seguintes palavras: "Recordação das ineffaveis horas passadas em *Gallhof.*" Poucos dias antes do esquecimento que aqui relatamos, N avariara consideravelmente, ao que parece sem querer, o referido objecto, ao fechar a mala que o continha; conhecedor do sentido dos actos symptomaticos (Symtomhandlungen), N reconhecia-se, de certo modo, culpado desse facto. Achava-se durante esses dias numa situação espiritual um tanto ambivalente, com relação a essa moça, pois apesar de lhe querer bem, não compartilhava seu desejo de contrahir matrimonio.

m) Dr. Hans Sachs:

"Numa palestra sobre Genova e seus arredores, um joven quiz citar o logar chamado *Pegli,* mas só lhe poude recordar o nome após um periodo de intenso esforço mental. Ao voltar para casa, pensando naquelle aborrecido esquecimento de um nome que lhe era muito familiar, recordou de repente a palavra *Peli,* de som semelhante ao da esquecida. Sabia que *Peli* era o nome de uma ilha dos mares do Sul, cujos habitantes conservaram até os nossos dias alguns estranhos costumes. Pouco tempo antes, lera uma obra de ethnologia que tratava desta questão, pensando mesmo utilizar os dados nella contidos, para a construcção de uma hypothese original. Recordou egualmente que *Peli* era o logar em que se desenvolvia a acção de uma novella de Laurids Bruun, intitulada: "O tempo mais feliz de Van Zanten", no-

vella que lhe agradara e interessara enormemente. Os pensamentos que, quasi sem tregua, o haviam preoccupado durante todo aquelle dia, estavam ligados a uma carta que recebera de uma senhora a quem amava, carta cujo conteúdo lhe fazia temer que ella renunciasse a uma entrevista anteriormente concedida. Depois de passar o dia inteiro de máo humor, sahiu ao anoitecer, com o proposito de não se atormentar por mais tempo com tão penosos pensamentos e procurar distrahir-se agradavelmente. Para isso, foi á reunião em que lhe surgiu o esquecimento do nome *Pegli,* reunião que se compunha de pessoas a quem estimava e cuja companhia lhe era grata. Percebe-se claramente que este proposito de distrahir os pensamentos desagradaveis ficava ameaçado pela palavra *Pegli,* que por homophonia havia de suggerir immediatamente o nome *Peli;* este, tendo adquirido por seu interesse ethnologico, um valor de auto-referencia, encarnava, não só "os tempos mais felizes de Van Zanten", como tambem os do joven, e, portanto, evocaria egualmente os temores e cuidados que este evocara durante todo o dia. E' bem caracteristico o facto de esta simples interpretação do olvido só ter sido alcançada pelo sujeito quando uma segunda carta lhe converteu as duvidas e temores em alegre certeza de uma proxima entrevista com a senhora de seus pensamentos".

Recordando, ante este exemplo, o anteriormente citado, em que foi esquecido o nome do logar italiano *Nervi,* vê-se como o duplo sentido de uma palavra pode ser substituido pela homophonia de duas palavras de significação differente.

n) Ao ser declarada, em 1915, a guerra com a Italia, pude observar como se evadia de repente de minha memoria grande quantidade de nomes de povoações italianas, que habitualmente podia citar sem o menor esforço. Como muitas outras pessoas de nacionalidade germanica, estava acostumado a passar parte das ferias na Italia; não podia, pois, duvidar que um tal esquecimento de nomes italianos fosse a expressão da comprehensivel inimizade contra a Italia, em que se transformava, por força das circumstancias, minha anterior predilecção por esse país. Ao lado desse esqueci-

mento de nomes directamente motivado, tambem se podia observar outro, motivado indirectamente, e que se podia referir á mesma influencia. Durante essa época, notei, com effeito, que tambem estava propenso a esquecer nomes de povoações não italianas e, investigando taes esquecimentos, vi que esses nomes sempre se ligavam, por semelhanças proximas ou remotas de pronuncia, aos nomes de localidades italianas, que meus sentimentos circumstanciaes me impediam de recordar. Foi assim que passei um dia esforçando-me por me lembrar do nome da cidade de *Bisenz,* situada na Moravia, e, quando, afinal, consegui recorda-lo, logo vi que o esquecimento se devia attribuir ao *Palazzo Bisenzi,* de *Orvieto.* Nesse palacio está installado o Hotel Belle Arti, onde me hospedara em todas as vezes que estivera nessa cidade. Como é natural, as recordações preferidas e mais agradaveis foram as mais fortemente prejudicadas pela transformação de meus sentimentos.

O producto falho do esquecimento de nomes pode pôr-se a serviço de differentes intenções, como demonstram os exemplos seguintes:

o) A. J. Storfer: (Zur Psychopathologie des Alltags. Internationale Zeitschrift fuer aerztliche Psychoanalyse, II, 1914).

1. — ESQUECIMENTO DE UM NOME COMO GARANTIA DO ESQUECIMENTO DE UMA INTENÇÃO

"Uma senhora de Basiléa recebeu uma manhã a noticia de que uma sua amiga da juventude, Selma X, de Berlim, acabava de chegar á Basiléa no correr de uma viagem de nupcias, mas que só permaneceria nessa cidade um dia. Por conseguinte, foi visita-la no hotel. Ao se despedirem, combinaram ver-se de novo á tarde, afim de passarem juntas as horas restantes, até a partida da recem-casada berlinense.

Mas a senhora de Basiléa esqueceu completamente a entrevista. Não conheço as determinantes desse esquecimento, mas, na situação em que a senhora se achava (encontro com *uma amiga de juventude, recem-casada*), torna-se pos-

sivel uma multidão de constellações typicas, que podem produzir uma repressão destinada a evitar a repetição do encontro. O interessante, neste caso, é um segundo producto falho que surgiu como garantia inconsciente do primeiro. Na hora em que se devia encontrar com a amiga berlinense, a senhora de Basiléa estava numa reunião, em que se começou a falar do recente matrimonio de uma cantora lyrica, viennense, chamada *Kurz*. A senhora principiou a criticar (!) o *casamento*. Mas, ao querer citar o nome da cantora, viu, com surpresa, que só lhe recordava o sobrenome *Kurz*, coisa que lhe desagradou extremamente, causando-lhe estranheza, pelo facto de ter ouvido frequentemente cantar a referida artista e ter falado com ella, chamando-a pelo *nome* e *sobrenome*, pois é coisa corrente, em se tratando de sobrenome monosyllabico, accrescentar-lhe o prenome. Em seguida, a palestra tomou outro rumo, antes que ninguem sanasse o esquecimento pronunciando o nome da cantora.

Ao anoitecer do mesmo dia, estava a senhora noutra reunião, composta, em parte, pelas mesmas pessoas que integravam a da tarde. Casualmente, a palestra recahiu de novo sobre o casamento da artista viennense. A senhora citou, então, sem a menor difficuldade, o seu nome completo: *Selma* Kurz e, immediatamente, exclamou: "Ora, esta! Esqueci completamente o encontro que tinha marcado esta tarde com a minha amiga *Selma*". Uma olhadella ao relogio demonstrou-lhe que a amiga já devia ter proseguido a sua viagem."

Talvez ainda não estejamos sufficientemente preparados para constatar as importantissimas relações que este interessantissimo exemplo pode encerrar. No que transcreveremos a seguir, menos complicado, não é um nome, e sim uma palavra estrangeira o que se esquece, por um motivo implicito na situação do individuo no momento de não poder recorda-la. Vemos, pois, que se podem considerar estes esquecimentos como um só caso, apesar de se referirem a objectos differentes: nome commum, nome proprio, palavra estrangeira ou serie de palavras.

No exemplo seguinte, um rapaz esquece a palavra in-

glesa correspondente a *ouro* (gold), que é precisamente identica em ambos idiomas, allemão e inglês, e esquece-a com o fim inconsciente de dar aso a uma acção desejada.

p) Hans Sachs:

"Um joven que morava numa pensão, nella conheceu uma moça inglesa, que muito lhe agradou. Conversando com ella em inglês, idioma que maneja bastante bem, no mesmo dia em que lhe fôra apresentado, quiz utilizar no dialogo a palavra inglesa correspondente a *ouro* (gold), e apesar de multiplos esforços, não lhe foi possivel encontra-la. Em compensação, acudiram-lhe á memoria, como palavras substitutivas, a francesa "or", a latina "aurum" e a grega "chrysos", agglomerando-se-lhe na mente com tal força, que lhe custava grande trabalho repelli-las, apesar de saber, com toda segurança, que não tinham a menor analogia de fórma com a palavra procurada. Por fim, só achou um caminho, para fazer-se comprehender: tocar um anel que a joven inglesa usava. Qual não foi, porém, sua vergonha, ao ouvir que a tão procurada traducção da palavra *ouro* (gold, em allemão), era, em inglês, a mesma palavra *gold*. O grande valor de um tal contacto, acarretado pelo esquecimento, não se apoia apenas na recatada satisfação do instincto de apprehensão ou contacto, satisfação que se pode conseguir em muitas outras occasiões, ardentemente aproveitadas pelos namorados, e sim, muito mais, na circumstancia de tornar possivel um esclarecimento das intenções do galanteio. O inconsciente da mulher adivinhará, sobretudo se estiver predisposto em favor de seu interlocutor, o objecto erotico do esquecimento, occulto atraz de um innocente disfarce. E a fórma por que a interessada acolher o contacto e der por valida a sua motivação, pode constituir um indice muito significativo, mesmo que seja inconsciente em ambos, de seu acordo sobre o futuro do namoro recem-iniciado."

q) Darei tambem um exemplo tirado de J. Staerke, que constitue uma interessante observação de um caso de esquecimento e ulterior recordação de um nome proprio, caracterizado pelo facto de nelle se ligar o esquecimento do nome á alteração de varias palavras de uma poesia, como se pas-

sava no exemplo de "A noiva de Corintho", citado no principio deste capitulo. (Este exemplo se acha incluido na edição hollandeza do presente livro, intitulada: "De involoed van ons onbewuste in ons dajelijksche leven". Amsterdam, 1916. — Em allemão, appareceu na revista *Internationale Zeitschrift fuer aerztliche Psychoanalyse*, IV, 1916).

UM CASO DE ESQUECIMENTO DE NOME E RECORDAÇÃO ERRONEA

"Um velho jurisconsulto e philologo, o sr. Z, contava, numa reunião, que, durante o tempo que passára estudando na Allemanha, conhecera um estudante extraordinariamente tolo, de quem podia contar algumas anecdotas divertidas. Do nome delle não se lembrava no momento. Se bem que a principio julgasse recordar que começava por *W*, logo retirou a supposição, considerando-a errada. O que podia affirmar era que o tal estudante depois se tornara commerciante de vinhos (*Weinhaendler*). Em seguida, contou uma das anecdotas a que antes alludira. Ao termina-la exprimiu de novo sua estranheza por não poder recordar o nome do protagonista, accrescentando: "Era tão asno, que ainda me admiro de ter conseguido metter-lhe na cabeça o latim, á força de explicar-lhe e repisar as lições." Momentos depois, recordou que o nome procurado terminava em... *man*. Perguntando-lhe eu se lhe occorria no momento outro nome com a mesma terminação, respondeu-me: — Sim... *Erdmann*. — De quem é esse nome? continuei a interrogar. — Tambem de um estudante daquelle tempo, respondeu Z. — Mas a filha delle, que estava presente, observou que actualmente existia um professor Erdmann a quem conheciam. Depois, no correr da conversação, averiguou-se que esse professor mutilara e abreviara um trabalho de Z, ao publica-lo numa revista por elle dirigida, declarando aliás não estar de acordo com parte das doutrinas sustentadas pelo autor, coisas estas que haviam desagradado bastante a Z. (Além disto, mais tarde me informaram que, alguns annos antes, este tivera a intenção de assumir uma cathedra da mesma disci-

plina actualmente ministrada pelo prof. Erdmann, e que, portanto, tambem por este motivo o nome de *Erdmann* podia ferir em Z uma corda sensivel).

De repente, Z recordou o nome do estudante tolo: *Lindeman!* O facto de ter antes recordado que o nome terminava em *man* fizera o principio *"Linde"* (*tilia*) permanecer reprimido ainda por mais tempo. Persistindo o meu desejo de averiguar todo o mecanismo do olvido, perguntei a Z que lhe trazia á mente a palavra *"Linde"* (*tilia*); respondeu-me que assim, desde logo, nada lhe occorria. Urgido por minha affirmativa de que, ante essa palavra, algo lhe devia occorrer, olhou para cima e, fazendo no ar um gesto amplo, disse: — "Pois, bem... Uma tilia (Linde) é uma bella arvore", sem que nada mais lhe viesse á idéa. Aqui definhou a palestra; cada qual proseguiu a leitura ou a occupação a que estava entregue, até que, momentos após, Z começou a recitar distrahidamente, como ensimesmado, os seguintes versos:

> Se, com os ossos fortes e flexiveis, — elle se mantém em pé na terra (Erde), — tambem não chega — nem sequer a egualar-se á tilia (Linde) — ou á vinha.

Ao ouvir estes versos, tive uma exclamação de triumpho: — "Cá está o Erdmann. Esse *homem* (Mann), que se mantem em pé na *terra* (Erde) e que portanto é o *homem da terra* (*Erdmann*), não pode chegar a comparar-se com a *tilia* (*Linde — Lindeman*) ou com a *vinha* (commerciante de vinhos). Noutras palavras: Aquelle *Lindeman*, estudante estupido, que depois se tornou commerciante de vinhos, era um asno, mas *Erdmann* é um asno muito maior, que nem se pode comparar com *Lindeman.*"

E' muito commum o inconsciente ousar, em seu fôro intimo, taes expressões de zombaria ou despreso. Por conseguinte, pareceu-me ter encontrado a causa fundamental do esquecimento do nome.

Perguntei a Z de que poesia provinham as linhas por elle citadas. Respondeu-me suppôr que eram de uma de Gœthe, começando assim:

— Seja nobre o homem — benefico e bondoso!

proseguindo depois:

... e se se eleva aos céos — converte-se em joguete dos ventos.

No dia seguinte, procurei esta poesia de Goethe e vi que o caso era ainda mais interessante, se bem que tambem mais complicado, do que a principio parecia.

1.º As primeiras linhas citadas rezavam (compare-se com a versão de Z):

— Se com os ossos fortes e cheios de seiva, elle se mantém em pé...

Ossos *flexiveis* eram, effectivamente, uma combinação exquisita. Não insistimos, comtudo, neste ponto.

2.º Os versos seguintes da estrophe são estes (compare-se com a versão de Z):

— na terra estavel e permanente — tambem não chega — nem sequer a egualar-se ao carvalho — ou á vinha.

Assim, pois, em toda a poesia, nem vestigio da *tilia* (*Linde*)! A substituição do carvalho (Eiche) pela *tilia* (*Linde*) só se verificou para tornar possivel o jôgo de palavras.

3.º Chama-se esta poesia "Os limites da humanidade" e contém uma comparação entre a omnipotencia dos deuses e o escasso poder dos homens. A poesia cujo principio é:

— Seja nobre o homem — benefico e bondoso!

é outra differente, que está algumas paginas mais adeante. Intitula-se: "O divino" e contém egualmente pensamentos sobre os deuses e os homens. Por não ter continuado as investigações sobre estes pontos, só posso suppôr que tambem intervieram na genese deste esquecimento diversos pensamentos sobre a vida e a morte, o transitorio e o eterno, a fragilidade da vida e a certeza da morte.

Nalguns destes exemplos, são necessarias todas as subtilezas da technica psychanalitica, para esclarecer o esqueci-

mento. Para aquelles que desejam aprofundar-se mais neste trabalho, indicaremos aqui uma communicação de E. Jones (Londres), publicada no Zentralblatt fuer Psychoanalyse (Anno II, n. 2, 1921), com o titulo: "Analyse de um caso de esquecimento de um nome".

Ferenczi observou que o esquecimento de nomes tambem se pode manifestar como symptoma hysterico, revelando então um mecanismo que muito se afasta daquelle que rege os actos falhados. No exemplo seguinte, pode-se ver em que consiste esta differença:

"Tenho actualmente em tratamento uma cliente, solteira, mas bem entrada em annos, que, apesar de em geral gosar de boa memoria, jamais consegue lembrar-se dos nomes proprios, mesmo os mais communs ou os que lhe são mais familiares. Na analyse se demonstrou que o que ella queria era fazer notar sua ignorancia, por meio deste symptoma. Esse exhibicionismo de ignorancia era, na verdade, uma censura aos paes, que não lhe haviam permittido seguir um curso superior. Sua torturante mania de limpar e esfregar tudo (psychose da dona de casa), tambem procede, em parte, da mesma origem. Com isto, quer exprimir aproximadamente isto: "Fizeram de mim uma criada."

Poderia multiplicar aqui os exemplos de esquecimento de nomes e estender-me bastante em sua discussão, se não quizesse evitar que se esgotassem, neste primeiro thema, todos os pontos de vista que surgirão em outros subsequentes. O que convem, entretanto, é resumir concretamente, nalgumas phrases, os resultados das analyses até aqui expostas.

O mecanismo do esquecimento de nomes, ou melhor, de seu desapparecimento temporario da memoria, consiste na perturbação da reproducção desejada do nome, por uma serie de idéas que nada tem a vêr com elle intrinsecamente e é, no momento, inconsciente. A connexão entre o nome perturbado e o complexo perturbador, ou existe desde o principio, ou se forma, seguindo muitas vezes caminhos apparentemente artificiosos e rebuscados, por meio de associações superficiaes (exteriores).

Entre os complexos perturbadores, distinguem-se, por sua maior efficacia, os pertencentes á auto-referencia (complexos familiares, pessoaes e profissionaes).

Um nome que, por ter varias accepções, pertence a varios circulos de pensamentos (complexos), é frequentemente perturbado em sua relação com um conjunto de idéas, pelo facto de pertencer a outro complexo mais forte.

Entre os motivos desta perturbação, resalta a intenção de evitar que a reminiscencia desperte uma sensação penosa ou desagradavel.

Em geral, podemos distinguir dois casos principaes de esquecimento de nomes: ou o nome suscita uma idéa desagradavel, ou está em contacto com outro capaz de produzir tal effeito. De sorte que os nomes podem ser perturbados em sua reproducção, tanto por causa das qualidades proprias como por suas relações proximas ou remotas de associação.

Um exame rapido destes principios geraes nos permitte comprehender que o esquecimento transitorio de nomes é o mais frequente de nossos actos falhados.

Estamos, todavia, muito longe ainda de ter assignalado todas as particularidades deste phenomeno. Ainda quero fazer constar que o olvido de nomes é altamente contagioso. Num dialogo, bastará que um dos interlocutores allegue ter esquecido tal ou tal nome, para faze-lo desapparecer da memoria do outro. Mas, a pessoa em quem o esquecimento foi induzido encontrará o nome com uma facilidade maior do que essa que o esqueceu expontaneamente. Esse esquecimento *collectivo,* se attentamente considerado, é, na verdade, um phenomeno da psychologia das massas; ainda não o estudaram a fundo, do ponto de vista analytico. Num caso unico, mas sobremaneira interessante, Th. Reick poude dar uma excellente explicação deste curioso phenomeno (10).

"Num pequeno grupo, em que se encontravam duas estudantes de philosophia, falava-se dos numerosos problemas que a origem do Christianismo depara á Historia da Civili-

---

(10) TH. REICK: "Ueber kollektives Vergessen". — Internationale Zeitschrift fuer Psychoanalyse, IV, 1920.

zação e á Scienca das Religiões. Uma das moças que tomavam parte na conversação, recordou ter encontrado numa novella ingleza, que lera recentemente, um attrahente quadro das numerosas correntes religiosas que agitavam aquella época. Accrescentou que na novella se descrevia toda a vida de Christo, desde o nascimento até a morte; mas não se podia lembrar do titulo da obra. (Em compensação, a reminiscencia visual da capa do livro, e até a composição typographica do titulo, se lhe deparavam com uma precisão mais intensa do que o normal.) Tres dos cavalheiros presentes declararam que tambem conheciam a novella, mas, por uma curiosa coincidencia, não puderam egualmente recordar-lhe o titulo".

A joven estudante foi a unica que se submetteu á analyse, destinada a encontrar a explicação do olvido. O titulo do livro era *"Ben Hur"* e o autor Lewis Wallace. As reminiscencias substitutivas foram: *Ecce — homo — homo sum — quo vadis?* A joven comprehendia que esquecera o nome *Ben Hur,* "porque continha uma expressão que nem ella nem nenhuma outra moça jamais usariam, sobretudo em presença de homens jovens" (11). Esta explicação tornou-se mais completa e profunda, graças a uma interessante analyse. Estabelecidas as respectivas relações, tambem a traducção de *homo — homem* adquire um significado duvidoso.

Reick deduz disto que a estudante achava que pronunciar um titulo tão ambiguo deante de rapazes, equivalia até certo ponto a uma confissão de desejos, que condemnava como improprios de sua pessoa e penosos para ella. Em summa: a joven considerava inconscientemente que pronunciar o titulo "Ben Hur" era como uma proposta sexual; assim sendo, seu esquecimento correspondia á defesa que oppunha ás tentações deste genero. Temos razões para admittir que o esquecimento soffrido pelos jovens se achava condicionado por um processo inconsciente analogo. O subconsciente delles deu ao esquecimento da moça o significado

(11) **Hure,** em allemão: prostituta.

verdadeiro e interpretou-o do mesmo modo. O olvido do titulo "Ben Hur", nos homens, representa uma consideração ante a defesa da joven. E' como se esta, com sua repentina debilidade de memoria, lhes tivesse feito um signal claro, que elles, inconscientemente, houvessem entendido muito bem.

Tambem existe um esquecimento continuo de nomes, em que desapparecem da memoria series inteiras delles. Quando, para encontrar um nome esquecido, queremos apoiar-nos noutros com os quaes se acha intimamente ligado, tambem costumam esquivar-se estes ultimos. O esquecimento salta assim de uns nomes a outros, como para demonstrar a existencia de um obstaculo nada facil de dominar.

IV

DE COBERTURA
RECORDAÇOES DE INFANCIA E RECORDAÇOES

Num artigo publicado em 1899, no *Monatschrift fuer Psychiatrie und Neurologie,* pudemos demonstrar o caracter tendencioso de nossas recordações, caracter que se nos revelou mesmo nas que pertenciam a um campo insuspeito. Partimos então deste facto singular: nas remotas recordações infantis de um individuo, em muitos casos parece conservar-se o que é mais indifferente e secundario, de passo que frequentemente, se bem que nem sempre, vemos que da memoria do adulto desappareceram, sem deixar vestigios, as reminiscencias de outras impressões mais importantes, intensas e cheias de affectos, pertencentes a essa época infantil. Sabendo-se que a memoria realiza uma selecção entre as impressões que se lhe deparam, poder-se-ia suppôr que dita selecção se realiza, na infancia, de acordo com principios totalmente distinctos dos que segue na madureza intellectual. Mas uma investigação mais acurada logo nos evidencia a inconsistencia de semelhante hypothese. As recordações infantis indifferentes devem sua existencia a um processo de deslocamento, constituindo, na reproducção, um substitutivo de outras impressões, verdadeiramente importantes, cuja existencia se póde verificar através dellas, por meio da analyse psychica, mas cuja reproducção directa é

estorvada por uma resistencia. Dado que estas recordações infantis indifferentes devem sua conservação, não ao conteúdo proprio, e sim á relação associativa deste com outro conteúdo reprimido, cremos plenamente justificado o nome de *recordações de cobertura* (*Deckerinnerung*) com que os designamos.

No mencionado artigo, não fizemos senão tocar, sem esgota-lo, o estudo das numerosas classes de relações e significados das recordações de cobertura. No exemplo que ali analysavamos detidamente, fizemos resaltar uma peculiaridade da relação *temporal* entre a recordação encobridora e o conteúdo encoberto. No caso analysado, a recordação de cobertura pertencia aos primeiros annos da meninice, de passo que aquelle, quasi inconsciente, por elle representado na memoria, correspondia a uma edade bastante mais avançada do individuo. Esta especie de deslocamento foi por mim denominada: *retroactiva* ou *regressiva*. Talvez se encontre com mais frequencia a relação inversa, sendo uma impressão indifferente posterior a que se fixa na memoria como idéa de cobertura, por causa de sua associação com uma experiencia anterior, contra cuja reproducção directa se ergue uma resistencia. Neste caso, as recordações encobridoras são *progressivas* ou *adeantadas*. Aqui, o mais importante para a memoria está, chronologicamente, *atraz* da recordação de cobertura. Por ultimo, ainda se pode apresentar uma terceira modalidade: a idéa encobridora está ligada á impressão que occulta, não só pelo conteúdo, como tambem pela contiguidade no tempo. Estas serão recordações de cobertura *simultaneas* ou *contiguas*.

A determinação da parte do conteúdo de nossa memoria que pertence á categoria de reminiscencias de cobertura e do papel que estes desempenham nos diversos processos mentaes neuroticos, são problemas de que não cuidei em meu artigo, nem cuidarei agora. Por emquanto, limitar-me-ei a fazer resaltar a analogia entre o esquecimento de nomes, com recordação falsa, e a formação das reminiscencias de cobertura.

A' primeira vista, as differenças entre os dois pheno-

menos parecem muito mais visiveis que suas presumidas analogias. Com effeito, trata-se, num delles, de nomes isolados, e, no outro, de impressões completas, de factos vividos na realidade exterior ou no pensamento. De um lado, existe uma syncope manifesta da funcção mnemonica; de outro, um acto positivo dessa funcção, que nos parece assumir um caracter singular. O esquecimento de nomes não passa de uma perturbação transitoria — pois o nome olvidado foi reproduzido cem vezes, sem erros, anteriormente, e pode tornar a se-lo, pouco tempo depois — ; em compensação, as lembranças encobridoras são algo que possuimos durante muito tempo, sem que soffram a menor perturbação, dado que as recordações infantis indifferentes parecem poder acompanhar-nos, inalteraveis, através de um longo periodo de nossa existencia. Eis por que o problema nos parece inicialmente orientado de modo diverso nos dois casos. Num, o que nos desperta a curosidade scientifica é o esquecimento; no outro, a retenção. Comtudo, aprofundando um pouco a questão, observamos que, apesar das differenças de material psychico e duração, são afinal as coincidencias que dominam em ambos phenomenos. Tanto num como noutro, trata-se de um lapso de memoria: esta não reproduz o que de um modo correcto deveria reproduzir, e sim uma coisa diversa, um substitutivo. No esquecimento de nomes, a memoria não deixa de ministrar-nos determinado elemento, que surge como nome substitutivo. A formação da reminiscencia de cobertura baseia-se no esquecimento de outras impressões mais importantes, e em ambos phenomenos experimentamos uma sensação intellectual que nos indica a intervenção de uma perturbação, sendo este aviso o que se depara sob uma forma differente, conforme se trate de esquecimento de nomes ou de recordação de cobertura. No esquecimento de nomes, *sabemos* que os nomes substitutivos são *falsos,* e nas recordações de cobertura, *admiramo-nos* de ainda rete-las. Demonstrando-se em seguida, pela analyse psychologica, que a formação de substitutivos se realizou em ambos casos do mesmo modo, ou seja mediante um deslocamento ao longo de uma associação superficial, cremos poder

dizer justificadamente que as differenças apresentadas pelos phenomenos, no que se refere a material, duração e ao centro em torno do qual se desenvolvem, são de natureza a fazer-nos redobrar a esperança de termos encontrado um principio importante, applicavel ás duas especies de lapso. Esta lei geral poderia enunciar-se assim: a parada ou o desvio da funcção reproductora indica, mais frequentemente do que se suppõe, a intervenção de um factor *parcial* como um preconceito, de uma *tendencia,* que favorece uma das recordações emquanto se oppõe á outra.

A questão das reminiscencias infantis parece-me tão interessante e de tal importancia, que lhe quero dedicar mais algumas observações, ultrapassando os pontos de vista até agora reinantes.

A que edade remontam as nossas recordações de infancia? Conheço alguns dos trabalhos realizados sobre esta questão, entre elles, os de V. e C. Henri (12) e os de Potwin (13), dos quaes resulta que surgiram grandes differenças individuaes nos pacientes submettidos á investigação, pois emquanto nalguns a primeira recordação corresponde á edade de seis meses, outros não recordam nenhum facto anterior aos seis e ás vezes aos oito annos completos. Mas de que dependem essas differenças e qual o seu significado? Para resolver a questão, não basta reunir o material necessario á investigação; é preciso, além disto, fazer um minucioso estudo do material, e esse estudo requer a coparticipação da pessoa que directamente o apresenta.

A meu ver, encaramos com demasiada indifferença a amnesia infantil, ou seja a perda das recordações correspondentes aos primeiros annos de vida. Deveriamos antes considera-la um problema singular. Esquecemo-nos de quão intenso trabalho intellectual e complicadas emoções é capaz um menino de quatro annos. Não nos admiramos, como deveriamos, ante o facto de a memoria dos annos posterio-

---

(12) Enquête sur les premiers souvenirs de l'enfance (L'année psychologique, III, 1899).
(13) Study of early memories. Psycholog. Review, 1901.

res conservar geralmente tão pouca coisa destes processos psychicos, pois não levamos em conta que existem fortes razões para admittir que essas mesmas actividades infantis esquecidas não desappareceram sem deixar vestigio no desenvolvimento do individuo, exercendo, ao contrario, influencia decisiva em seu futuro caracter. E, comtudo, foram olvidadas, apesar de sua inconteste efficacia. Este facto indica a existencia de condições especialissimas da memoria (referentes á reproducção consciente), que até agora não chegaram ao nosso conhecimento. E' bem possivel que este esquecimento dos factos de nossa meninice nos possa dar a chave da comprehensão daquellas amnesias que, segundo conhecimentos recentes, se acham na base da formação de todos os symptomas neuroticos.

Entre as recordações infantis que conservamos, existem umas que comprehendemos com facilidade e outras que nos parecem estranhas ou inintelligiveis. Não é difficil corrigir, em ambas classes de recordações, alguns erros. Se se submettem a um exame analytico as recordações que uma pessoa conservou da infancia, chega-se facilmente á conclusão de que não existe a menor garantia de sua exactidão. Algumas das imagens constitutivas da recordação apparecerão, decerto, falseadas, incompletas ou deslocadas no tempo e no espaço. Certas affirmações das pessoas submettidas á investigação, como por exemplo a de que suas primeiras reminiscencias infantis correspondem á época em que já tinham completado dois annos, são inacceitaveis. No exame analytico, não se tardam a encontrar os motivos que explicam a deformação e o deslocamento soffridos pelos factos contidos na recordação, mas que tambem demonstram que esses erros da memoria não podem ser attribuidos a uma simples infidelidade. Poderosas forças correspondentes a uma época posterior da vida do individuo influenciaram e modelaram a capacidade evocativa de nossos successos da infancia, e essas forças são provavelmente as mesmas que tornam a comprehensão de nossos annos de meninice tão difficil para nós.

A faculdade de recordar dos adultos opera, conforme

sabemos, com um material psychico muito variado. Uns recordam por meio de imagens opticas, tendo portanto as suas recordações um caracter visual; outros, ao contrario, são quasi incapazes de reproduzir na memoria o mais simples eschema de suas recordações. Seguindo a classificação proposta por Charcot, denominam-se estes ultimos "auditivos" e "motores", em contraposição aos primeiros: "visuaes". Nos sonhos, desapparecem estas differenças, pois todos os nossos sonhos são de preferencia visuaes. Coisa analoga se passa nas recordações infantis, que tambem possúem um caracter plastico e visual, mesmo naquellas pessoas cuja memoria depois não tem este caracter. A memoria visual conserva, pois, o typo da recordação infantil. Minhas recordações infantis são as unicas que tenho de caracter visual e apresentam, além disso, uma grande plasticidade, sómente comparavel á das scenas que se desenvolvem num palco. Nestas scenas da meninice, sejam verdadeiras ou mais tarde demonstradas como falsas, surge regularmente a imagem da propria pessoa infantil, com suas roupas e contornos bem definidos. Esta circumstancia nos surprehende, pois os adultos "visuaes" já não vêem a imagem de sua pessoa na recordação de successos ulteriores (14). Do mesmo modo, é contrario a toda a nossa experiencia acceitar que a attenção do menino esteja fixa em si mesmo, em vez de se voltar exclusivamente para as impressões exteriores. Tudo isto nos obriga, pois, a acreditar que o que se encontra nas chamadas primeiras recordações infantis não é o rastro verdadeiro de acontecimentos reaes, e sim uma ulterior elaboração desses vestigios, a qual deve ter-se effectuado sob a influencia de varias forças psychicas posteriores a taes acontecimentos. Assim sendo, as "recordações infantis" vão adquirindo a significação de "recordações de cobertura" e apresentam uma notavel analogia com as recordações da infancia dos povos, que estes consubstanciam nos mythos e lendas.

---

(14) Baseio esta affirmativa nalgumas informações colhidas por mim mesmo.

Quem houver submettido numerosas pessoas a uma exploração psychica pelo methodo psychanalytico, terá reunido nesse trabalho farta messe de exemplos de recordações encobridoras de toda especie. Mas a publicação de taes exemplos é extraordinariamente difficultada pela já mencionada natureza das relações entre as reminiscencias infantis e a vida posterior do individuo. Para descobrir numa recordação pueril uma "idéa de cobertura", far-se-ia, muitas vezes, necessario relatar, por extenso, a historia da pessoa examinada. Raramente é possivel, como no exemplo que transcrevemos a seguir, isolar de um conjunto, para expô-la, uma delimitada recordação da infancia.

Um homem de vinte e quatro annos conserva na memoria a seguinte imagem de uma scena vivida aos cinco annos. Vê-se sentado numa cadeirinha, no jardim de uma residencia de verão, ao lado de uma tia, que se esforça por faze-lo aprender as letras. A distincção entre o *m* e o *n* constituia para elle uma grande difficuldade. Por isso, pediu á tia que lhe dissesse como podia conhecer quando se tratava de uma ou quando de outra. Observou-lhe a tia que o *m* tinha um pedaço mais que o *n*, um terceiro páozinho. Neste caso, não se achou o menor motivo para duvidar da authenticidade da recordação infantil. Mas o seu significado só foi descoberto mais tarde, quando se demonstrou que elle podia entrar na categoria de representação symbolica de outra curiosidade do menino. Com effeito, assim como a principio desejava saber a differença existente entre o *m* e o *n*, esforçou-se depois para averiguar a que havia entre os meninos e as meninas, e desejaria que fosse a mesma tia, que lhe satisfizera a primeira, a pessoa destinada a responder-lhe á segunda curiosidade. Afinal, acabou descobrindo que a differença era analoga nos dois casos: os meninos tambem possuiam um pedaço mais que as meninas. Foi na época dessa descoberta que em sua memoria despertou a recordação da curiosidade em torno das letras.

Outro exemplo, referente á segunda infancia: Trata-se de um homem de mais de quarenta annos, cuja vida erotica foi muito contrariada. E' o mais edoso de nove irmãos.

Na época em que nasceu a menor de suas irmãs, elle já tinha quinze annos. Entretanto, affirmava depois, convictamente, que não observara na mãe a menor deformação. Ante a minha incredulidade, acabou por lembrar-se de ter visto uma vez, quando tinha onze ou doze annos, a mãe *desfazendo apressadamente os laços* do vestido ante o espelho. A isto accrescentou expontaneamente que a mãe acabara de regressar da rua, onde se vira assaltada por dores inesperadas. O *desapertar dos laços* (*Aufbinden*) do vestido é uma recordação de cobertura, substitutiva de *parir* (*Entbinden*). Tornaremos a encontrar taes "pontes de palavras" noutros casos.

Quero agora mostrar, com um só exemplo, como, graças ao processo analytico, pode adquirir sentido uma recordação infantil que anteriormente não o possuia. Quando, após completar os quarenta e tres annos, comecei a interessar-me pelos restos de reminiscencias que ainda conservava de minha infancia, recordei uma scena que ha muito tempo — parecia-me que desde sempre — me vinha acudindo de vez em quando á consciencia. Era esta a scena, que boas razões me faziam localizar em meu terceiro anno de vida: Via-me, rogando e chorando, deante de um caixão, cuja tampa o meu meio-irmão, vinte annos mais velho que eu, conservava aberta. Estando nós assim, entrava no aposento, apparentemente de volta da rua, minha mãe, esbelta e extraordinariamente bella.

Com taes palavras, resumira a scena que via tão plasticamente em minha recordação, mas com a qual não me era possivel construir coisa alguma. Se meu irmão queria abrir ou fechar a caixa (na primeira versão da scena, tratava-se de um armario), o motivo por que eu chorava e que relação tinha com tudo isto a chegada de minha mãe, eram coisas que me pareciam perfeitamente obscuras. Senti-me, pois, propenso a dar a seguinte explicação á scena: tratar-se-ia de uma pirraça de meu irmão, interrompida pela chegada de mamãe. Esta interpretação erronea de uma scena infantil conservada em nossa memoria é uma coisa muito frequente. Recordamos uma situação, mas não conseguimos averiguar que facto lhe serve de eixo, não sabemos em que elemento se

deve collocar o accento psychico. Um esforço analytico me conduziu a uma inesperada solução interpretativa da imagem evocada. Tendo notado a ausencia de minha mãe, eu suspeitara que ella estava trancada na dita caixa ou armario. Por isso, exigi de meu irmão que o abrisse. Quando elle o fez, convencendo-me de que mamãe não estava ali dentro, puz-me a chorar. E' este o instante retido pela reminiscencia, instante a que se seguiu, tirando-me dos cuidados e da ansiedade, o apparecimento de minha mãe. Mas como occorreu ao menino a idéa de procurar a mãe ausente dentro de uma caixa? Varios sonhos meus datando da mesma época, alludiam obscuramente a uma ama, de quem conservava outras reminiscencias, por exemplo, a de que me obrigava conscienciosamente a entregar-lhe as moedinhas que recebia de presente, pormenor que tambem, por sua vez, poderia servir de "recordação de cobertura" substitutiva de algum facto posterior. Ante estas indicações de meus sonhos, decidi simplificar o trabalho interpretativo, interrogando minha velha mãe sobre essa ama. Entre outras coisas, averiguei que a astuta e deshonesta mulher, durante o tempo que minha mãe levou de cama, por causa de um parto, commettera numerosos furtos domesticos, tendo sido depois entregue á policia por meu irmão. Estas informações me levaram a comprehender a scena infantil, como se ella, de repente, se illuminasse. O repentino desapparecimento da ama não me fôra indifferente. Indaguei seu paradeiro precisamente a meu meio-irmão, porque, segundo todas as probabilidades, percebera que elle havia desempenhado algum papel nesse desapparecimento. Meu irmão, indirectamente e pilheriando, como era seu costume, respondeu-me que a ama estava "encaixotada". Interpretei a resposta como criança que era, e nada mais perguntei, pois na verdade já não restava coisa alguma a averiguar. Mas quando, pouco tempo depois, notei um dia a ausencia de minha mãe, suspeitei que meu perverso irmão lhe dera a mesma sorte que á ama, e obriguei-o a abrir a caixa. Agora comprehendo tambem por que, na versão da scena visual, apparece accen-

tuada a esbelteza de minha mãe, que então me deve ter surgido como nova e restaurada após o perigo. Sou dois annos e meio mais edoso que a minha irmã que nasceu nessa época. Quando fiz tres annos, aquelle meu irmão deixou de viver em nossa casa (15).

---

(15) Aquelles a quem interessa a vida animica desta edade infantil inferirão sem difficuldade a condição mais profunda da exigencia feita ao irmão mais velho. O pequeno, que ainda não fez tres annos, já percebeu, entretanto, que a irmãzinha recem-nascida se formou no seio da mãe. Nada satisfeito com esse augmento da familia, nutre a penosa suspeita de que o seio materno ainda abriga outros meninos. O armario ou caixa são, para elle, symbolos do seio materno. Deseja, pois, lançar um olhar ao interior delle, dirigindo-se, para isso, ao irmão mais velho, para o qual se deslocou, conforme se deprehende de outras circumstancias, a rivalidade com o pae. Contra este irmão se orienta, além da fundada suspeita de ter feito encaixotar a ama, a de ter introduzido, no corpo da mãe, a menina recem-nascida. A desillusão que o menino sente, ao constatar que a caixa está vasia, provém da motivação superficial do desejo pueril de ver o interior da caixa. Em troca, a intensa satisfação experimentada ao comprovar a belleza materna procede evidentemente de camadas psychicas mais profundas.

V

EQUIVOCOS ORAES

O material que usamos correntemente em discursos e palestras na lingua materna parece protegido do esquecimento. Em compensação, succumbe com extraordinaria frequencia a outra perturbação, que conhecemos com o nome de equivocos oraes ou "lapsus linguæ".

Esses "lapsus", observados no homem normal, dão a mesma impressão que as "paraphasias" que surgem em condições pathologicas.

Aqui, por excepção, posso referir-me a uma obra anterior a meus trabalhos na materia. Em 1895, Meringer e C. Mayer publicaram um estudo sobre os "Equivocos na expressão oral e na leitura", cujos pontos de vista muito se afastam dos meus. Um dos autores desse estudo, o que nelle tomou a si a maior responsabilidade, é um philologo, cujo interesse pelas questões linguisticas o levou a investigar as regras que regem taes equivocos, esperando poder deduzir dessas regras a existencia de "um determinado mecanismo psychico, em que estivessem associados e ligados, de modo especial, os sons de uma palavra ou phrase, e tambem as palavras entre si" (pg. 10).

Os autores começam por classificar os exemplos de lapsos que colligiram, de um ponto de vista puramente descriptivo: *intercambios* (p. e. a Milo de Venus, em vez da Venus

de Milo); *antecipações* (p. e. "... senti um peito..., digo um peso no peito"); *ecos* ou *posposições* (p. e. "A casa tem duas salas e quatro quatros" — por "quatro quartos"); *contaminações* (p. e. "Fecha o armave" — por "Fecha o armario e traze-me a chave") e *substituições* (p. e. "O esculptor perdeu o pincel, ... digo o cinzel"), (*) categorias principaes ás quaes se accrescentam algumas menos importantes (ou de menor significação para o que pretendemos). Nesta classificação não se attende aos elementos attingidos pela transposição, deformação, fusão, etc., pondo-se emparelhados, deste ponto de vista, sons isolados da palavra, syllabas ou palavras inteiras da phrase.

Para explicar as diversas classes de lapsos observados, Meringer attribúe aos sons differentes valores psychicos. Quando um influxo nervoso affecta a primeira syllaba de uma palavra ou a primeira palavra de uma phrase, o processo estimulante propaga-se aos sons posteriores ou ás palavras seguintes, e essas innervações simultaneas, invadindo os terrenos que lhes são vizinhos, podem influenciar-se reciprocamente, imprimindo umas ás outras modificações e deformações. A excitação ou estimulo do som de maior intensidade psychica, resoa antecipadamente ou fica como um éco, perturbando desta sorte os processos de innervação menos importantes. Trata-se, portanto, de determinar quaes são os sons mais importantes de uma palavra. Meringer diz que, "se desejamos saber que sons de uma palavra possúem maior intensidade, devemos fazer uma auto-observação no momento em que estejamos procurando uma palavra esquecida, por exemplo, um nome. A parte que primeiro acóde á consciencia é, invariavelmente, a que maior intensidade possuia, antes do esquecimento" (pg. 106). "Assim, pois, os sons mais importantes são o inicial da syllaba radical ou da propria palavra, e a vogal ou as vogaes accentuadas" (pg. 162).

(*) São outros os exemplos do original, está claro que sem significação para o ouvido brasileiro. Preferimos substitui-los por estes, que correspondem perfeitamente á intenção do texto. — N. do T.

Não posso deixar de contradizer estas apreciações. Pertença ou não o som inicial do nome á categoria dos mais importantes elementos da palavra, o que não é certo é que seja o primeiro a acudir á consciencia nos casos de esquecimento. Portanto, a regra exposta é inacceitavel. Fazendo a auto-observação quando procuramos um nome esquecido, advertiremos, com relativa frequencia, a convicção em que estamos de que a palavra procurada começa por determinada letra. Esta convicção tanto pode resultar infundada como verdadeira, e até me atrevo a affirmar que na maioria das vezes é falsa a nossa hypothetica reproducção do som inicial. Assim succede no exemplo exposto do esquecimento do nome *Signorelli.* Nelle se perderam, nos nomes substitutivos, o som inicial e as syllabas principaes. Foi precisamente o par de syllabas menos importantes: *elli,* o que, no nome substitutivo *Botticelli,* primeiro tornou á consciencia. O caso que exponho a seguir mostra-nos quão pouco os nomes substitutivos respeitam o som inicial do nome esquecido: Em certa occasião, foi-me impossivel recordar o nome do pequeno país, cuja principal cidade é *Monte Carlo.* Os nomes que se apresentaram em seu logar foram: *Piemonte, Albania, Montevidéu, Cólico.*

Detraz de Albania, appareceu em seguida outro nome: *Montenegro,* e chamou-me a attenção ver que a syllaba *Mont* (pronunciada *Mon*) surgira em todos os nomes substitutivos, excepto no ultimo. Deste modo, foi-me mais facil achar o nome esquecido: *Monaco,* tomando como ponto de partida o de seu soberano: o principe Alberto. *Cólico* imita aproximadamente a successão das syllabas e o rythmo do nome esquecido.

Se admittirmos que um mecanismo semelhante a este tambem possa intervir nos phenomenos de equivoco de expressão oral, poderemos fazer um juizo mais fundamentado acerca destes ultimos. A perturbação do discurso, que se manifesta em forma de lapso, pode, em principio, ser causada pela influencia de outros componentes do proprio discurso, isto é, por um som antecipado, por um éco ou pelo facto de ter a phrase ou o conjunto um outro sentido diverso da-

quelle em que desejamos emprega-la. A esta classe pertencem os exemplos de Meringer e Mayer anteriormente transcriptos. Mas, em segundo logar, essa perturbação tambem se pode produzir, como no exemplo "Signorelli", por influencias *exteriores* á palavra, phrase ou conjunto, exercidas por elementos que não tencionamos exprimir e de cujo estimulo só nos damos conta pela perturbação produzida.

A simultaneidade do estimulo constitúe a qualidade commum ás duas classes de equivoco oral, e a situação interior ou exterior do elemento perturbador em relação á phrase ou contexto será a qualidade differencial. Esta differença, á primeira vista, não parece tão importante como quando a tomamos em consideração para relaciona-la com determinadas conclusões, deduzidas da symptomatologia dos equivocos oraes. E', comtudo, evidente que só no primeiro caso podemos deduzir de taes phenomenos conclusões favoraveis á existencia de um mecanismo que, ligando entre si sons e palavras, torne possivel a acção perturbadora de uns sobre os outros; é, por assim dizer, a conclusão que deriva do estudo puramente linguistico dos lapsos. No caso de perturbação exercida por influencias exteriores á propria phrase ou ao conteúdo do discurso, tratar-se-ia, antes de tudo, de chegar ao conhecimento dos elementos perturbadores. Antolha-se-nos ahi outra questão: saber se o mecanismo deste genero de perturbação é de molde a revelar-nos as leis presumptivas da formação da linguagem.

Não se pode affirmar que Meringer e Mayer não tenham visto a possibilidade de perturbações do discurso motivadas por "influencias psychicas complexas" ou elementos exteriores á palavra, á phrase ou ao discurso. Com effeito, tinham de observar que a theoria do differente valor psychico dos sons só chegava estrictamente a explicar a perturbação dos sons, antecipações e ecos. Nos casos em que a perturbação das palavras não pode ser reduzida á dos sons, como succede nas substituições e contaminações, procuraram, effectivamente, sem hesitar, a causa dos lapsos *fóra* do discurso, tendo demonstrado este ponto por meio de preciosos exemplos.

Entre elles, citarei os seguintes:

(Pg. 62). "Ru. referia, em certa occasião, determinados factos, que intimamente qualificava de *porcarias* (*Schwein*ereien), mas, não querendo pronunciar esta palavra, disse: — "Descobriram-se então varios factos..." Mas, ao pronunciar a palavra Vor*schein,* que surge nesta phrase, enganou-se e pronunciou Vor*schwein.* Mayer e eu estavamos presentes, e Ru. confessou-nos que a principio pensara dizer *Schwein*ereien. A analogia entre a palavra pronunciada e a pensada explica sufficientemente que esta se introduzisse naquella, revelando-se."

(Pg. 73). "Como nas contaminações, e provavelmente num gráo muito mais elevado, as imagens verbaes "fluctuantes" desempenham importantissimo papel nas substituições. Apesar de se acharem fóra da consciencia, estão, entretanto, bastante perto della para poderem ser attrahidas, por uma analogia com o complexo a que a oração se refere. Produzem então um desvio na serie de palavras do discurso ou cruzam-se com ella. Conforme dissemos mais acima, as imagens verbaes "fluctuantes" são frequentemente elementos retardados de um processo oral recem-terminado (ecos)".

(Pg. 97). "O desvio tambem se pode produzir por analogia, quando uma palavra semelhante áquella em que o lapso se manifesta está no limiar da consciencia e muito perto della, *sem que o individuo tenha a intenção de pronuncia-la.* E' o que se dá nas substituições. Confio em que estas regras por mim expostas serão confirmadas por todo aquelle que se submetter a uma prova pratica. Mas é necessario que, ao realizar tal exame em torno de um engano commettido por outra pessoa, *procuremos chegar a conhecer claramente os pensamentos que a occupavam por occasião do lapso.* Eis um exemplo muito instructivo: O sr. L. disse um dia deante de nós: "Esta mulher me *inspiraria* (*einjagen*) medo", e na palavra "einjagen" trocou o *j* por *l,* pronunciando "ein*l*agen". Estranhei um tal equivoco, pois me parecia incomprehensivel aquella substituição de letras, e eis por que me permitti observar a L. que dissera "einlagen" em vez de "einjagen". Elle respondeu-me immediatamente: —

"Sim, sim... Isto foi decerto porque estava pensando: "não estou *em situação* (Lage)".

Outro exemplo: Em certa occasião, perguntei a R. v. Scheid como ia um seu cavallo, que estava doente. Respondeu-me: "Sim, isto ainda drurará (*drauert*) talvez um mês." O *r* a mais de "drurará" pareceu-me incomprehensivel, visto como o *r* de "durará" (*dauert*) não podia ter actuado nessa fórma. Chamei a attenção de Scheid para o seu lapso, e elle me retrucou que, ao ouvir minha pergunta, pensara: "E' uma historia "*tr*iste" (*tr*aurig)". Assim, pois, Scheid tivera em mente duas respostas á minha pergunta, misturando-as ao pronunciar uma dellas".

E' innegavel que o facto de se tomarem em consideração as imagens verbaes "fluctuantes" que estão proximas do limiar da consciencia, sem que comtudo estejam destinadas a ser pronunciadas, e a recommendação de se procurar averiguar tudo o que o individuo pensou, constitúem algo muito semelhante á nossa concepção psychanalytica. Tambem nós seguimos o mesmo caminho, em busca do material inconsciente, mas, em compensação, percorremos, desde as idéas expontaneas do interrogado até a descoberta do elemento perturbador, um caminho mais longo, através de uma serie completa de associações.

Os exemplos de Meringer tambem demonstram outra coisa muito interessante. Na opinião do proprio autor, é uma analogia qualquer da palavra que tencionamos pronunciar com outra que, ao contrario, não pretendemos dizer, o que permitte a esta ultima emergir, pela constituição de uma deformação, fusão ou formação transaccional (contaminação): *lagen* — *jagen; dauert* — *traurig; Vorschein* — ... *schwein.*

Em minha obra "A interpretação dos sonhos" (16), expuz o papel que desempenha o *processo de condensação* (*Verdichtungsarbeit*) na formação do chamado conteúdo manifesto do sonho, a expensas das idéas latentes do mesmo.

---

(16) **Die Traumdeutung.** Lipsia e Vienna, 1900.

Qualquer semelhança de objectos ou representações verbaes entre dois elementos do material inconsciente serve de pretexto á formação de um terceiro elemento, mixto ou transaccional. Este elemento representa os dois componentes no conteúdo do sonho, e, em consequencia de tal origem, mostra-se frequentemente dominado por determinantes individuaes contraditorias. A formação de substituições e contaminações no lapso é, pois, um inicio daquelle processo de condensação, que representa um papel tão importante na elaboração do sonho.

Num pequeno artigo de vulgarização, publicado na "Neue Freie Presse", em 23 de Agosto de 1900, e intitulado "Como se commette um lapso", iniciou Meringer uma interpretação extremamente pratica de certos casos de intercambio de palavras, especialmente daquelles em que se substitúe uma palavra por outra de sentido opposto. "Ainda se recorda a maneira por que o presidente da Camara de Deputados austriaca declarou *aberta* uma sessão: "Srs. deputados, disse. Tendo-se verificado a presença de tantos deputados, declaro *levantada* a sessão." A hilaridade geral fe-lo perceber o engano e emenda-lo immediatamente. A explicação deste caso é que o presidente *desejava* ver chegado o momento de levantar a sessão, da qual não esperava muita coisa boa. Como succede frequentemente, a idéa accessoria abriu caminho, ao menos parcialmente, e o resultado foi a substituição do "está aberta" pelo "está levantada", isto é, o contrario do que tencionava dizer. Numerosas observações me demonstraram que esta substituição de uma palavra por outra de sentido opposto é muito corrente. Taes palavras de sentido contrario já se acham associadas em nossa consciencia do idioma. Estão collocadas uma ao lado da outra, e é facil evoca-las falsamente."

Nem todos os casos de intercambio de palavras de significação opposta são tão facilmente explicaveis como o exemplo anterior, admittindo-se que o erro commettido seja motivado por uma contradição surgida no fôro intimo do orador, contra a phrase exprimida. A analyse do exemplo *aliquis* nos depara um mecanismo analogo. Nesse exemplo, a con-

tradição interior externou-se pelo esquecimento de uma palavra, e não pela substituição desta por uma de sentido contrario. Mas, para explicar esta differença, observaremos que a palavra aliquis não tem palavra a que se opponha, como "abrir" e "encerrar" ou "levantar" uma sessão. Além disso, a palavra "abrir" é tão usual, que o seu olvido só se pode dar em condições excepcionaes.

Tendo visto, nos ultimos exemplos citados de Meringer e Mayer, que a perturbação do discurso pode surgir tanto por influencia dos sons antecipados ou retardados, ou por influxo derivado das palavras da propria phrase, como por effeito de palavras exteriores á phrase que se tenciona pronunciar, *cujo estimulo não se teria suspeitado se não fosse a emergencia da perturbação,* toca-nos agora averiguar como se pode separar definitivamente essas classes de equivocos oraes, para fazer a distincção entre os exemplos de ambas. Aqui, devemos recordar as asserções de Wundt, que, em sua recente obra sobre as leis que regem o desenvolvimento da linguagem (Voelkerpsychologie, Vol. I, 1.ª parte, pgs. 371 e segs., 1900), tambem trata dos lapsos. Wundt opina que, nestes phenomenos e noutros analogos, nunca faltam certas influencias psychicas. "A estas pertence, antes de tudo, como determinante positiva, a corrente não inhibida das *associações de sons e de palavras,* estimulada pelos phonemas pronunciados. Ao lado desta corrente, surge, como factor negativo, o desapparecimento ou o relaxamento das influencias da vontade que devem inhibir a referida corrente, e da attenção, que aqui tambem actua como funcção da vontade. Esse jogo de associação pode manifestar-se de varias maneiras: pode vir um som enunciado antecipadamente ou reproduzir os sons que precederam; um phonema que estamos habituados a pronunciar pode vir-se intercalar entre outros; ou, emfim, palavras completamente estranhas á phrase, mas apresentando com os sons que queremos pronunciar relações de associação, podem exercer sobre estes uma acção perturbadora. Seja, porém, qual fôr a modalidade que se apresente, só existe differença na direcção e, em todo caso, na

amplitude das associações que se produzem, mas nunca em seu caracter geral. Nalgumas observações, põe-nos verdadeiramente perplexos a determinação da categoria em que se deve classificar uma perturbação, e perguntamos se não seria mais correcto attribui-la á acção simultanea de varios motivos, segundo o principio da complicação das causas." (Pgs. 380 e 381).

Considero absolutamente justificadas e extremamente instructivas estas observações de Wundt. Apenas, quiçá se devesse accentuar mais o facto de que o factor positivo que favorece os lapsos — a corrente não inhibida das associações — e o negativo — relaxamento da attenção inhibitoria — exercem regularmente uma acção synchronica, de sorte que ambos constitúem determinantes differentes do mesmo processo. Com o relaxamento, ou, mais exactamente, pelo relaxamento da attenção inhibitoria, entra em actividade a corrente não inhibida das associações.

Entre os exemplos de lapsos que pessoalmente reuni, só encontro um em que a perturbação do discurso se possa attribuir unicamente ao que Wundt chama "effeito de contacto dos sons". Além disso, quasi sempre descubro uma influencia perturbadora procedente de algo *exterior* áquillo que se tem intenção de exprimir. Este elemento perturbador, ou é um pensamento inconsciente isolado, que se manifesta por meio do equivoco e muitas vezes só pode ser attrahido á consciencia por meio de uma penetrante analyse, ou um motivo psychico geral, que se dirige contra todo o discurso.

Vejamos os exemplos:

1) Vendo o gesto de desagrado de minha filha, ao morder uma maçã acida, quiz, gracejando, dizer-lhe os seguintes versos:

Der Affe gar possierlich ist, (O macaco careteia
Zumal wenn er wom Apfel frisst. (ao comer a maçã.

Mas comecei dizendo: *Der Apfe...* Isto parece ser uma contaminação entre *Affe* e *Apfel* (formação transac-

cional) e tambem pode ser interpretada como uma antecipação da palavra *Apfel,* que deve ser pronunciada um instante após. Comtudo, a verdadeira interpretação é a seguinte: Antes de me enganar, já recitara uma vez os versos, sem incorrer em erro. Quando me enganei foi ao ver-me obrigado a repeti-la por estar minha filha distrahida, não me tendo ouvido a primeira vez. Esta repetição, assim como a minha impaciencia por me desembaraçar da phrase, devem ser incluidas na motivação do erro, que se nos depara como resultante de um processo de condensação.

2) Minha filha disse um dia: "Estou escrevendo á sra. Schresinger..." (ich sch*r*eibe de*r* F*r*au Sch*r*esinger). Ora, o verdadeiro nome era Sch*l*esinger. Este engano é provavelmente devido á tendencia que temos de facilitar ao maximo a articulação, pois, depois de varios *r,* é difficil pronunciar o *l* (*Ich schreibe der Frau*). Além disto, devo accrescentar que este engano de minha filha teve logar poucos minutos após o meu entre "Affe" e "Apfel". Ora, os lapsos oraes são contagiosissimos, á semelhança do esquecimento de nomes, em que Meringer e Mayer observaram este caracter. Não sei como explicar tal contagiosidade psychica.

3) Uma paciente, no inicio da sessão de tratamento, ao querer explicar-me o que sentia: "dobro-me em dois como um *canivete*" (*Taschenmesser*) mudou as consoantes desta palavra, dizendo: *"Tassenmescher"*, equivoco explicavel pela difficuldade de articulação da palavra. Tendo-lhe chamado a attenção para o erro, respondeu promptamente: "Isto me succedeu porque ha pouco o senhor tambem disse *Ernscht* em vez de *Ernst*". Com effeito, ao recebe-la, dissera: "Hoje, a coisa será *seria*" (Ernst) — pois era aquella a ultima sessão de tratamento antes das ferias — e, gracejando, aproveitara o duplo sentido da palavra "Ernst" (serio e Ernesto) para dizer *Ernscht* (diminutivo familiar de Ernesto) em vez de *Ernst* (serio). No correr da sessão, continuou a enganar-se repetidas vezes, fazendo-me por fim observar que não se limitava a imitar-me, mas tinha tambem uma razão particular em seu inconsciente para continuar conside-

rando a palavra *Ernst,* não como o adjectivo "serio", e sim como o nome proprio Ernesto. (17)

4) A mesma paciente, querendo dizer noutra occasião: "Estou tão resfriada, que não posso respirar (*atmen*) pelo nariz (*Nase*)", disse: "durch die *Ase natmen*". Logo percebeu a causa do engano, explicando-a do seguinte modo: "Todos os dias, tomo o bonde na rua *Hasenauer.* Esta manhã, emquanto o estava esperando, occorreu-me a idéa de que se fosse francesa diria *Asenauer,* pois os franceses não aspiram o *h* inicial, como fazemos". Depois disto, falou de varios franceses que conhecera, e, ao cabo de amplos rodeios e divagações, recordou que, aos quatorze annos, representara, na peça "Kurmaerker und Picarde", o papel desta ultima, tendo então de falar o allemão como uma francesa. A coincidencia de ter vindo, por esses dias, hospedar-se na casa em que morava uma pessoa procedente de Paris, despertara nella toda essa serie de recordações. A troca de sons (*Nasc atmen* — *Ase natmen*),é, portanto, consequencia de uma perturbação produzida por um pensamento inconsciente, pertencente a um conteúdo absolutamente alheio ao da phrase pronunciada.

5) Um mecanismo analogo se observa no lapso de outra paciente, cuja faculdade mnemonica desappareceu subitamente em meio á reproducção de uma reminiscencia infantil, que tornava a emergir na memoria, depois de ter ficado esquecida durante muito tempo. O que a memoria se negava a communicar era em que parte do corpo a tocara a mão indiscreta e desavergonhada de certo individuo. Immediatamente depois de ter soffrido este lapso, visitou uma amiga, com a qual esteve falando das respectivas residencias de verão. Quando lhe perguntaram em que logar estava situada a casa que possuia em M., respondeu: nas *nadegas*

(17) Conforme pude constatar mais tarde, achava-se sob a influencia de um pensamento inconsciente sobre a gravidez e o modo de evita-la. Com as palavras "dobrada como um canivete", que exprimiu conscientemente como um lamento, queria descrever a attitude da criança no seio materno. A palavra "Ernst", por mim pronunciada, fizera-a evocar o nome de S. Ernst, conhecido negociante da Kaertnerstrasse, que vende meios preventivos da concepção.

do monte (Berg*lende*), em vez de dizer: no *flanco* (Berg*lehne*).

6) Outra paciente, a quem, finda a sessão de tratamento, perguntei como ia um tio seu, respondeu-me: "Não sei. Agora só o vejo *in flagranti*". No dia seguinte, quando entrou, me disse: "Estou envergonhada de minha tola resposta de hontem. O senhor deve ter pensado que sou uma dessas pessoas ignorantes que sempre erram nas locuções estrangeiras. O que lhe quiz dizer é que agora só via meu tio *en passant*." No momento, ainda não sabiamos de onde a paciente podia ter tirado as palavras estrangeiras erroneamente empregadas; mas na mesma sessão, continuando o thema da anterior, surgiu uma reminiscencia em que o principal papel era representado pelo facto de ter sido surprehendida *in flagranti*. Assim, pois, o engano do dia anterior *antecipára* esta recordação, que então ainda estava inconsciente.

7) Ao submetter á analyse uma outra paciente, exprimi-lhe minha suspeita de que, na época de sua vida de que então tratavamos, ella estivesse envergonhada da familia e tivesse feito ao pae alguma censura sobre uma coisa que até aquelle momento ainda não conheciamos. A paciente não se lembrava de nada disso, e, aliás, disse que minha supposição lhe parecia improvavel. Em seguida, continuou a palestra, fazendo varias observações sobre sua familia. Mas, ao querer dizer: "O que lhes devemos conceder é que não são pessoas vulgares. Todos têm *intelligencia* (*Geist*)", enganou-se e disse: "Todos elles têm avareza (Geiz)". Era esta a censura que a repressão lhe afugentara da memoria. Succede muito frequentemente surgir no lapso precisamente a idéa que se quer reter (compare-se com o caso de Meringer: "Vorschein — Vorschwein"). A differença entre ambos é apenas que, no caso de Meringer, o individuo quer reprimir uma coisa de que tem perfeita consciencia, emquanto meu paciente não sabia o que inhibia, nem sequer se inhibia alguma coisa.

8) Este exemplo de lapso, como o de Meringer, tambem se refere a um caso de inhibição intencional. Durante

uma excursão aos Dolomitas, encontrei duas senhoras em traje de turismo. Acompanhei-as em parte do trajecto, conversando com ellas sobre os prazeres e inconvenientes das excursões a pé. Uma das senhoras concedeu que esse esporte tinha seu lado incommodo. "Na verdade, disse, não é nada agradavel sentir collar-se ao corpo, após um dia inteiro de marcha, a blusa e a camisa empapadas de suor." No meio desta phrase, teve uma pequena hesitação, que venceu immediatamente. Depois, continuou, querendo dizer: "Mas quando a gente chega em *casa* (*Hause*) e pode mudar de roupa..."; mas, em vez da palavra *Hause,* enganou-se e pronunciou: *Hose* (calças).

Acho que não se requer nenhum exame, para explicar este equivoco. A senhora tivera claramente a intenção de enumerar completamente as roupas de baixo, dizendo: "blusa, camisa, calças", e, por uma questão de conveniencia social, retivera o ultimo nome. Mas na phrase de conteúdo independente, que em seguida pronunciou, a palavra inhibida abriu caminho, contra a sua vontade, surgindo como corruptella da palavra *Hause.*

9) "Se quer comprar tapetes, vá á casa de Kauffmann (sobrenome allemão, que tambem significa *commerciante*), na rua Matthaeus (Matheus)", me disse um dia uma senhora. Eu repeti: "A' casa de *Matthaeus*... perdão, de *Kauffmann*". Esse engano de repetir um nome, em vez de outro, parecia simplesmente motivado por uma distracção minha. Com effeito, as palavras da senhora tinham-me distrahido, chamando-me a attenção para coisas mais importantes que os tapetes de que me falava. Na rua *Matthaeus* morava minha esposa quando solteira. A casa tinha mais uma entrada noutra rua, e nesse momento percebi que esquecera o nome desta ultima, sendo-me necessario fazer um rodeio mental, para chegar a recorda-lo. O nome Matthaeus, que me fixara a attenção, era, pois, um substitutivo do nome esquecido da rua, servindo mais para isso que *Kauffmann,* por ser apenas nome proprio, coisa que se não dá com este ultimo, e porque a rua esquecida tambem tinha um nome proprio: *Radetzky.*

10) O caso seguinte tambem se poderia incluir entre os "erros", de que tratarei mais adeante. Exponho-o, entretanto, aqui, porque nelle surge com grande clareza a relação de sons que motiva o equivoco.

Uma paciente me contou um sonho que tivera: Um menino decidira suicidar-se, deixando-se morder por uma serpente. Effectivamente, levava a cabo seu proposito. A paciente viu-o, no sonho, estorcer-se convulsivamente sob o effeito do veneno, etc. Disse-lhe que procurasse a relação que o sonho poderia ter com as suas impressões da vigilia. Immediatamente, recordou que na tarde anterior assistira a uma conferencia de vulgarização sobre os primeiros auxilios que se devem prestar ás pessoas picadas por serpentes venenosas. Ouviu então que, quando são mordidos ao mesmo tempo um adulto e um menino, devemos attender este em primeiro logar. Tambem recordava as prescripções aconselhadas para os tratamentos destes casos, tendo o conferencista insistido na importancia de saber, antes de tudo, que especie de serpente atacara o ferido. Chegando a este ponto, interrompi a paciente, perguntando: "O conferencista não disse que em nosso país ha bem poucas cobras venenosas, e quaes são, entre estas, as mais temiveis?" — "Sim... Falou da cascavel (*Klapperschlange*)". Meu riso fe-la perceber que dissera uma coisa errada, mas não rectificou o nome da serpente, substituindo-o por outro. Limitou-se a retira-lo, dizendo: "E' verdade, a cascavel não existe em nosso país. O conferencista falou das viboras. Não sei como pude referir-me a esse reptil." Suppuz que o apparecimento da cascavel na resposta da paciente obedecera á intervenção dos pensamentos que estavam occultos detraz de seu sonho. O suicidio por mordedura de serpente só pode ser uma allusão á formosa Cleopatra (*Kleopatra*). A ampla analogia dos sons de ambas palavras, as letras communs *Kl... p... r* succedendo-se na mesma ordem e a accentuação da vogal *a* nas duas palavras, são particularidades que logo se notam. A relação favoravel existente entre os nomes *Klapperschlange* e *Kleopatra* motivou na paciente uma inhibição momentanea do cerebro, em consequencia da qual,

apesar de saber tão bem como eu que a cascavel não pertence á fauna de nosso país, não achou absolutamente estranha a sua affirmativa de que o conferencista expuzera ao publico viennense o tratamento das mordeduras desse reptil. Em compensação, não lhe queremos censurar o haver admittido com a mesma facilidade a sua existencia no Egypto, pois estamos habituados a confundir num só amontoado tudo o que é exotico, e eu proprio tive de meditar um momento, antes de confirmar minha convicção de que a cascavel só existe no Novo Mundo.

Com a continuação da analyse, foram surgindo diversas confirmações de minha hypothese. Na tarde anterior ao sonho narrado, a paciente prestara pela primeira vez attenção ao grupo esculptorico de Strasser, representando Antonio, que não fica longe de sua casa. Este fora, por conseguinte, o segundo motivo do sonho (sendo o primeiro a conferencia sobre as mordeduras das serpentes). Numa phase ulterior do mesmo, vira-se embalando uma criança, scena a que depois associou a figura da *Margarida* de Goethe. Outras idéas expontaneas, que lhe surgiram na analyse referiam-se a "Arria e Messalina". O apparecimento de tantos nomes de obras theatraes, nos pensamentos que o sonho evocava, faz suspeitar que a paciente outróra teve uma secreta inclinação para a carreira de actriz. O principio do sonho: "Um menino decidira suicidar-se, deixando-se morder por uma serpente", pode-se interpretar deste modo: "A paciente, na infancia, pensara em tornar-se uma actriz famosa." Do nome *Messalina,* emfim, parte o fio de idéas que conduz ao conteúdo essencial do sonho. Certos factos recentes despertaram em minha paciente a preoccupação de que seu unico irmão viesse a fazer um máo casamento (*mésalliance*), com uma mulher de raça differente, não *ariana* (compare-se com *Arria*).

11) Agora, um exemplo inteiramente anodyno, em que não conseguimos esclarecer totalmente os motivos do lapso. Nelle transparece nitidamente o mecanismo interior.

Um allemão que viajava na Italia precisou comprar uma correia, para fechar a mala, cuja fechadura se estraga-

ra. No diccionario, encontrou a palavra italiana *coreggia*, correspondente á allemã *Riemen*. "Não me será difficil recordar esta palavra, disse comsigo. Bastar-me-á pensar no pintor *Correggio*". Em seguida, foi a uma loja e pediu uma *ribera*.

Vê-se que o viajante não conseguira substituir na memoria a palavra allemã pela italiana equivalente, mas que seu esforço nesse sentido não fôra totalmente vão. Sabia que tinha de se apoiar no nome de um pintor; agindo de tal sorte, tropeçou, não com aquelle cujo som se assemelhava ao da palavra italiana, e sim com outro de som aproximado ao da palavra allemã *Riemen*. Este exemplo tanto se pode collocar entre os esquecimentos de nomes, como aqui, entre os lapsos.

Quando collecciónava casos de equivocos oraes, para a primeira edição deste livro, não tendo quem me auxiliasse na tarefa, submettia, com o fito de arranjar material sufficiente, á analyse todos os casos que me era dado observar, mesmo os de escassa importancia. Mas, de então para cá, varias pessoas se têm dedicado ao divertido labor de colleccionar e analysar lapsos, permittindo-me fazer uma selecção dos casos e exemplos mais significativos, dentre o material accumulado.

12) Um rapaz diz á irmã: "Cortei relações com D. Já nem sequer a cumprimento." A irmã responde: "Era uma bella *ligação*". Queria dizer: uma bella amizade — *Sipp*schaft, mas em seu lapso pronunciou *Lipp*schaft, em vez de Liebschaft — ligação. E, ao falar involuntariamente de ligação, alludia ao mesmo tempo ao namoro que o irmão tivera ha tempos com uma moça da familia D. e aos rumores que ultimamente corriam acerca desta moça, a qual se teria compromettido gravemente, entregando-se a um amor (*Liebschaft*) prohibido.

13) Um rapaz aborda uma moça na rua, com estas palavras: "Se me permitte, senhorita, desejaria acompanha-la (*begleiten*)". Mas, em vez deste verbo *begleiten*, formou um novo (*begleitdigen*) composto do primeiro e de *be-*

leidigen (offender). Vê-se claramente que pensava no prazer de *acompanha-la*, mas temia *offende-la* com o pedido. O facto desses dois sentimentos oppostos terem encontrado sua expressão numa palavra só — no lapso — indica que as verdadeiras intenções do joven não eram precisamente as mais puras, já que elle mesmo tinha a impressão de que poderiam offender a moça. Pregou-lhe, todavia, uma peça o seu inconsciente, denunciando-lhe os verdadeiros propositos, com o que, naturalmente, só poderia obter da moça uma resposta: "Por quem me toma? Como pode offender-me (*beleidigen*) deste modo!" (Communicado por O. Rank).

14) Transcrevo a seguir varios exemplos de um artigo de W. Stekel, intitulado "Confissões inconscientes", publicado no "Berliner Tageblatt", de 4 de Janeiro de 1904.

"O caso seguinte revelou-me uma parte desagradavel de meus pensamentos inconscientes. Antes de expo-lo, quero frisar que em minha profissão de medico, nunca penso, como é justo, nos lucros que meus pacientes me possam proporcionar, e sim apenas em seu proprio interesse. Comtudo, uma vez me succedeu o seguinte: Estava em casa de um enfermo, já convalescente de uma grave doença. Durante o periodo mais assustador, ambos, medico e doente, tinhamos passado dias e noites muito penosos. Iniciada a convalescença, sentia-me muito contente de ve-lo em vias de franca melhoria, e foi assim que lhe falei dos prazeres de uma estadia em Abbazia, que havia de completar-lhe a cura "se, como eu esperava, NÃO lhe fosse possivel abandonar desde logo o leito." — Sem duvida, este *"não"* surgira de um motivo egoista de meu inconsciente: o de poder continuar visitando um cliente rico, desejo completamente estranho á minha consciencia e que, se nella houvesse despontado, logo repelliria com indignação."

15) Outro exemplo de W. Stekel: Minha esposa quer contratar uma professora de francês, para aulas á tarde. Depois de concordar comnosco acerca das condições, ella pede que lhe devolvamos os attestados que nos entregou; justifica o pedido, dizendo: "Je cherche encore pour les après midis, pardon, pour les avant-midis." Via-se claramente a

intenção de procurar outra casa em que talvez fosse admittida em melhores condições, intenção que levou a cabo."

16) "A pedido de seu marido, tive um dia de reprehender energicamente uma senhora, emquanto elle escutava detraz de uma porta, para observar o effeito da reprimenda. Esta causou, realmente, uma grande impressão á senhora. Ao despedir-me della, fi-lo com estas palavras: "Beijo-lhe a mão, cavalheiro." Deante disso, se a interessada fosse conhecedora destas questões, poderia descobrir que a despedida se dirigia na verdade áquelle que me encarregara de censura-la."

17) Conta o dr. Stekel que, tendo uma vez em tratamento dois pacientes vindos de Trieste, sempre lhes confundia os nomes. Ao cumprimenta-los, dizia: "Bom-dia, sr. Peloni", ao que se chamava Askoli, e "Bom-dia, sr. Askoli", ao que se chamava Peloni. A principio, inclinou-se a não attribuir nenhum motivo profundo a este engano, explicando-o simplesmente por varias coincidencias existentes entre as duas pessoas. Mais tarde, porém, foi-lhe facil convencer-se de que tão continuo lapso obedecia ao vaidoso desejo de fazer saber, daquelle modo, aos dois clientes italianos, que nenhum delles era o unico habitante de Trieste que viajára até Vienna, para vir á sua consulta.

18) Conta o mesmo dr. Stekel que numa tormentosa assembléa geral, querendo dizer: "*Passemos* (wir *schreiten*) agora ao quarto ponto da ordem do dia", disse: "*Combatamos* (wir *streiten*), etc.

19) Um professor, ao tomar posse de uma cathedra, querendo dizer: "Não sou a autoridade chamada (Ich bin nicht *geeignet*) a fazer o elogio de meu estimado predecessor", disse: "Não estou *disposto* (Ich bin nicht geneigt)".

20) O dr. Stekel disse a uma senhora, a quem suppunha atacada da doença de Basedow: "*Sie sind um einen* KROPF (bocio) maior que sua irmã", quando lhe queria dizer: "*Sie sind um einen* KOPF (cabeça)", ou seja: "A senhora é mais alta que sua irmã uma cabeça".

21) Ainda do dr. Stekel: "Alguem fala da amizade existente entre dois individuos, e quer pôr em destaque o

facto de um delles ser judeu. Diz, então: "Viviam juntos como Castor e *Pollak* (em vez de *Pollux*). Pollak é um patronymico judeu bastante frequente. O autor da phrase não quiz fazer trocadilho; só percebeu o lapso, quando para elle teve a attenção chamada por seu auditor.

22) A's vezes, o lapso descobre uma caracteristica de quem o commette. Uma senhora joven, que era no lar o chefe supremo, contava-me um dia que o seu esposo fôra consultar um medico sobre o regime alimentar mais conveniente para a sua saúde, tendo-lhe respondido o clinico que não precisava seguir nenhum regime especial. "Assim, pois, proseguiu a senhora, elle poderá comer e beber tudo o que EU quizer."

Os dois exemplos seguintes, publicados por Th. Reik, no "Internationale Zeitschrift fuer Psychoanalyse", III, 1915, procedem de situações em que os lapsos se produzem com grande facilidade, pois nellas se inhibe muito mais do que se exprime.

23) Um cavalheiro falava a uma joven senhora, cujo esposo fallecera pouco tempo antes. Depois de dar-lhe os pesames, accrescentou: "Achará consolo em consagrar-se (*widmen*) agora completamente a seus filhos." Mas, abrigando um pensamento reprimido, referente a outro consolo que existia para sua interlocutora, joven e formosa viuva (*Witwe*), que não tardaria a gosar novas alegrias sexuaes, confundiu os sons das palavras *widmen* (consagrar-se) e *Witwe* (viuva), dizendo *widwen* em sua phrase de consolo.

24) O mesmo cavalheiro, conversando uma noite numa reunião, com a mesma joven viuva, sobre os grandes preparativos que então se faziam em Berlim para celebrar as festas da Paschoa, perguntou á interlocutora: "Viu hoje a exposição da casa Wertheim? Está muito bem *decotada*". Não podendo exprimir em voz alta sua admiração ante o *decote* da formosa senhora, o pensamento retido insinuara-se, aproveitando a semelhança das palavras *decotada* e *decorada*, e transformando a decoração da vitrina de uma loja num decote. A palavra exposição tambem foi empregada na phrase com um inconsciente duplo sentido.

Identico motivo transparece numa observação de Hans Sachs, minuciosamente explicada e analysada por elle mesmo.

25) Falando-me de um amigo commum, uma senhora contou-me que, da ultima vez que o vira, observára que, como sempre, vestia com a maxima elegancia. Chamáram-lhe sobretudo a attenção os lindos sapatos (*Halbs*chuhe) que calçava. Perguntei-lhe onde o encontrára. "Bateu á porta de minha casa. Vendo, através da persiana, quem era, não lhe abri nem dei signaes de vida, pois não queria que soubesse de meu regresso á cidade". Ouvindo isto, pensei: "Provavelmente me occulta que não abriu porque não estava sózinha em casa, e tambem porque sua indumentaria no momento não era a mais adequada para receber visitas". Assim pensando, perguntei-lhe com certa ironia: "De modo que, através da persiana, poude ver os chinellos (*Haus*chuhe), digo, os sapatos (*Halbs*chuhe) de nosso amigo?" Na palavra chinellos (*Haus*chuhe), surgira o pensamento inhibido de que a senhora se achava em traje de casa (*Haus*kleid). Por outro lado, a particula *Halb* (meio) de *Halb*schuhe (sapatos), tendia a desapparecer, por constituir o principal elemento da phrase que, se não fosse reprimida, exprimiria meu pensamento, ou seja: "A senhora só me está dizendo *meia* verdade, pois me occculta que nesse momento estava *meio* vestida". Além disso, o lapso foi favorecido pelo facto de termos falado pouco antes sobre a vida matrimonial de meu amigo e sua "felicidade domestica" (*haeus*lichen Glueck), o que contribuira para fixar a conversa em sua pessoa. Emfim, devo confessar que talvez tambem interviesse no equivoco a minha inveja, obrigando a andar de chinellos na rua o elegante cavalheiro. Havia pouco tempo que eu comprara uns sapatos que, de nenhum ponto de vista, poderiam ser classificados de "bellos".

Tempos de guerra, como os actuaes, fazem surgir uma grande quantidade de equivocos facilmente explicaveis e comprehensiveis.

26) "Em que batalhão serve seu filho?" perguntam

a uma senhora. "No 42.º de assassinos (*Moerdern*)", responde, querendo dizer "morteiros (*Moertern*)".

27) O tenente Henrik Haiman escreve do campo de batalha: "Tendo em mão um livro interessantissimo, vi-me forçado a abandonar a leitura, para substituir um instante o encarregado do telephone de campanha. Ao verificar a linha de uma bateria, respondi dizendo: "Controle exacto. Silencio", em vez das palavras regulamentares: "Controle exacto. Fechar". — O engano explica-se pelo aborrecimento que tive ao ter de largar a leitura. (18).

28) Um sargento recommenda aos soldados que dêm ás familias os endereços exactos, afim de não se extraviarem os pacotes (Gepaeckstuecke) que lhes fossem enviados. Mas, pensando nos desejados mantimentos, diz *Gespeckstuecke*, misturando com a palavra "pacote" a palavra "toucinho" (*Speck*).

29) O exemplo que damos a seguir, de extraordinaria belleza e muito importante por sua significação triste, foi-me communicado pelo dr. L. Czeszer, que o observou quando estava na Suissa, durante a guerra, analysando-o sem deixar a menor lacuna. Dou aqui a sua communicação quasi completa, tendo cortado apenas uns trechos que nada affectam de essencial.

"Tomo a liberdade de communicar-lhe um caso de "equivoco oral" soffrido pelo professor M. N., na cidade de O., durante uma das conferencias que compuzeram seu curso de verão sobre a psychologia dos sentimentos. Antes de mais nada, devo-lhe dizer que estas conferencias se celebraram numa sala da Universidade, ante um publico composto, em sua maioria, de estudantes da Suissa francesa, decididos partidarios da Entente, e em que tambem abundavam os prisioneiros de guerra franceses internados na Suissa. Na cidade de O., agora, é commum empregar-se, como na França, a palavra *boche*, para designar os allemães. Está claro que nos documentos publicos, conferencias, etc., os altos funccionarios, professores e demais pessoas de responsabilidade

(18) Internationale Zeitschrift f. Psychoanalyse, IV, 1916-17.

evitam, em razão da neutralidade do país, pronunciar a palavra insultuosa.

"O professor M. tratava justamente da significação pratica dos affectos. Numas de suas conferencias, pensava citar um exemplo de exploração intencional de um sentimento, destinada a converter em prazer um trabalho muscular, em si desinteressante, augmentando-lhe assim a intensidade. Com este fim, contou, em francês, naturalmente, uma historia, reproduzida de um jornal germanophilo pelos jornaes locaes, em que se narrava como um mestre-escola allemão, fazendo trabalhar os alumnos num jardim, conseguiu tornar mais intenso o seu trabalho. "Supponham, lhes disse, que cada torrão que esmagam é o cranio de um francês". Naturalmente, o professor M., toda vez que em sua narrativa encontrava a palavra "allemão", dizia correctamente *allemand,* e não *boche.* Mas, ao chegar ao fim da historia, reproduziu as palavras do mestre do seguinte modo: — "Imaginez vous qu'en chaque *moche,* vous écrasez le crane d'un français!" Assim, pois, dissera *moche,* em vez de *motte.*

"Não se vê aqui perfeitamente como o correcto scientista tomou, desde o inicio da narrativa, todas as precauções para resistir á força do habito ou talvez de uma tentação, e não deixar cahir da cathedra universitaria uma palavra de uso expressamente prohibido por decreto do governo suisso? Mas, no momento exacto em que pronunciou pela ultima vez, com toda felicidade e correcção, as palavras "instituteur allemand" e caminha com um intimo suspiro de allivio para o já immediato final de sua historia, o vocabulo temido e tão trabalhosamente evitado se apega á palavra *motte,* de pronuncia semelhante, e a desgraça succede sem remissão. O medo de commetter uma falta de tacto politico e talvez um reprimido capricho ou desejo de usar, apesar de tudo, a palavra habitual e esperada pelo auditorio, assim como o aborrecimento do professor republicano e democratico ante toda coacção exercida contra a livre expressão de suas idéas, perturbam-lhe a intenção principal de relatar correctamente o exemplo. O orador conhece essa tendencia interferencial e por força ha de ter pensado nella momentos antes do lapso.

"Este não foi advertido pelo professor N. ou, ao menos, não foi por elle corrigido, coisa que, na maioria dos casos, costuma fazer-se automaticamente. Em compensação, o auditorio, composto em sua maioria de franceses, acolheu com verdadeira satisfação o lapso, que lhe deu a impressão de um gracejo proposital. Quanto a mim, acompanho com profundo interesse este caso, apparentemente inoffensivo. Porque, apesar de, por motivos obvios, não poder fazer ao professor N. as perguntas que a psychanalyse prescreve para esclarecer o equivoco, este constituia para mim a prova palpavel da verdade da theoria freudista da determinação dos actos falhados *Fehlhandlungen*) e das profundas analogias e connexões entre o equivoco e o gracejo".

30) Foi tambem sob as perturbadoras impressões da guerra que surgiu o seguinte caso de equivoco, narrado pelo official austriaco, tenente T., de regresso ao lar:

"Durante alguns dos meses que estive prisioneiro na Italia, achavamo-nos duzentos officiaes alojados numa pequena casa. Por essa época, morreu de grippe um de nossos companheiros. A impressão que este facto produziu em nós foi, como é natural, muito profunda, pelas condições em que estavamos. A falta de assistencia médica e o desamparo em que nos mantinham tornavam mais que provavel a propagação da epidemia. O cadaver de nosso campanheiro fôra collocado, emquanto não o sepultavam, no porão da casa. A' noite, passeando perto de casa com um amigo, tivemos ambos o desejo de ver o cadaver. Sendo eu o primeiro a entrar no porão, achei-me ante um espectaculo que me impressionou, pois não esperava encontrar o ataúde tão perto da porta, nem ver de repente, tão proximo, o rosto do defunto, cuja immobilidade parecia alterada pelos moveis reflexos que lhe lançavam as chammas das velas batidas pela brisa. Ainda sob o horror daquelle quadro, continuámos o nosso passeio. Num sitio de onde avistavamos o parque inteiro immerso no clarão lunar, o prado illuminado como se fosse dia, tendo ao fundo um tenue manto de nevoa, communiquei ao meu companheiro a impressão que me invadia

evitam, em razão da neutralidade do país, pronunciar a palavra insultuosa.

"O professor M. tratava justamente da significação pratica dos affectos. Numas de suas conferencias, pensava citar um exemplo de exploração intencional de um sentimento, destinada a converter em prazer um trabalho muscular, em si desinteressante, augmentando-lhe assim a intensidade. Com este fim, contou, em francês, naturalmente, uma historia, reproduzida de um jornal germanophilo pelos jornaes locaes, em que se narrava como um mestre-escola allemão, fazendo trabalhar os alumnos num jardim, conseguiu tornar mais intenso o seu trabalho. "Supponham, lhes disse, que cada torrão que esmagam é o cranio de um francês". Naturalmente, o professor M., toda vez que em sua narrativa encontrava a palavra "allemão", dizia correctamente *allemand,* e não *boche.* Mas, ao chegar ao fim da historia, reproduziu as palavras do mestre do seguinte modo: — "Imaginez vous qu'en chaque *moche,* vous écrasez le crane d'un français!" Assim, pois, dissera *moche,* em vez de *motte.*

"Não se vê aqui perfeitamente como o correcto scientista tomou, desde o inicio da narrativa, todas as precauções para resistir á força do habito ou talvez de uma tentação, e não deixar cahir da cathedra universitaria uma palavra de uso expressamente prohibido por decreto do governo suisso? Mas, no momento exacto em que pronunciou pela ultima vez, com toda felicidade e correcção, as palavras "instituteur allemand" e caminha com um intimo suspiro de allivio para o já immediato final de sua historia, o vocabulo temido e tão trabalhosamente evitado se apega á palavra *motte,* de pronuncia semelhante, e a desgraça succede sem remissão. O medo de commetter uma falta de tacto politico e talvez um reprimido capricho ou desejo de usar, apesar de tudo, a palavra habitual e esperada pelo auditorio, assim como o aborrecimento do professor republicano e democratico ante toda coacção exercida contra a livre expressão de suas idéas, perturbam-lhe a intenção principal de relatar correctamente o exemplo. O orador conhece essa tendencia interferencial e por força ha de ter pensado nella momentos antes do lapso.

"Este não foi advertido pelo professor N. ou, ao menos, não foi por elle corrigido, coisa que, na maioria dos casos, costuma fazer-se automaticamente. Em compensação, o auditorio, composto em sua maioria de franceses, acolheu com verdadeira satisfação o lapso, que lhe deu a impressão de um gracejo proposital. Quanto a mim, acompanho com profundo interesse este caso, apparentemente inoffensivo. Porque, apesar de, por motivos obvios, não poder fazer ao professor N. as perguntas que a psychanalyse prescreve para esclarecer o equivoco, este constituia para mim a prova palpavel da verdade da theoria freudista da determinação dos actos falhados *Fehlhandlungen*) e das profundas analogias e connexões entre o equivoco e o gracejo".

30) Foi tambem sob as perturbadoras impressões da guerra que surgiu o seguinte caso de equivoco, narrado pelo official austriaco, tenente T., de regresso ao lar:

"Durante alguns dos meses que estive prisioneiro na Italia, achavamo-nos duzentos officiaes alojados numa pequena casa. Por essa época, morreu de grippe um de nossos companheiros. A impressão que este facto produziu em nós foi, como é natural, muito profunda, pelas condições em que estavamos. A falta de assistencia médica e o desamparo em que nos mantinham tornavam mais que provavel a propagação da epidemia. O cadaver de nosso campanheiro fôra collocado, emquanto não o sepultavam, no porão da casa. A' noite, passeando perto de casa com um amigo, tivemos ambos o desejo de ver o cadaver. Sendo eu o primeiro a entrar no porão, achei-me ante um espectaculo que me impressionou, pois não esperava encontrar o ataúde tão perto da porta, nem ver de repente, tão proximo, o rosto do defunto, cuja immobilidade parecia alterada pelos moveis reflexos que lhe lançavam as chammas das velas batidas pela brisa. Ainda sob o horror daquelle quadro, continuámos o nosso passeio. Num sitio de onde avistavamos o parque inteiro immerso no clarão lunar, o prado illuminado como se fosse dia, tendo ao fundo um tenue manto de nevoa, communiquei ao meu companheiro a impressão que me invadia

de ver um grupo de elfos dançando, sob a linha de pinheiros que fechava o horizonte.

"Na tarde seguinte, enterrámos o nosso camarada. O caminho da prisão ao cemiterio foi para nós amargo e humilhante. Uma multidão de rapazes, mulheres e velhos, aproveitou a occasião para desafogar ruidosamente seus sentimentos de curiosidade e odio contra os inimigos prisioneiros. A sensação de não nos podermos livrar dos insultos nem mesmo naquella hora tragica, e o nojo deante de tão asquerosa grosseria, dominaram-me até a noite, enchendo-me de amargura. Na mesma hora da vespera, acompanhado por meu camarada, vim passear no caminho arenoso que circumdava o alojamento. Quando passámos pela porta do porão onde estivera o corpo de nosso camarada, confrangeu-me a recordação do funebre espectaculo. Ao chegarmos ao ponto de onde se descobria o parque inteiro, de novo illuminado pela lua, parei e disse a meu camarada: "Bem podiamos sentar-nos aqui na *tumba* (*Grab*), digo na *relva* (*Gras*), e *enterrar* (*sinken*) — (por *cantar* — *singen*) — uma serenata". — Ao soffrer o segundo lapso, aquillo me chamou a attenção, pois corrigira o primeiro, sem me dar conta de seu significado. Só então meditei sobre ambos, unindo-os do seguinte modo: "ins Grab-sinken!" (enterrar no tumulo). Em rapida successão, depararam-se-me as seguintes imagens: os elfos bailando e fluctuando no clarão da lua, o companheiro amortalhado, a impressão que me causara o ve-lo e certas scenas do enterro. Ao mesmo tempo, recordei a sensação de repugnancia sentida ao ver como se perturbava o funebre cortejo, assim como certas palestras sobre a epidemia possivel e os temores que alguns officiaes confessavam. Mais tarde, tambem recordei que aquelle dia era o anniversario da morte de meu pae, coisa que me admirou, dada a minha pessima memoria para as datas.

"Reflexões ulteriores me fizeram perceber as coincidencias exteriores de ambas as noites: mesmo luar, mesma hora, mesmo sitio e mesma pessoa a meu lado. Recordei o desgosto que sentira ao saber do perigo da epidemia e, ao mesmo tempo, minha decisão anterior de não me deixar do-

minar pelo medo. Então percebi o significado do equivoco: "poderiamos enterrar-nos no tumulo", e cheguei á convicção de que a primeira corrigenda Grab-Gras, feita por mim sem lhe comprehender o sentido, tivera como consequencia o segundo erro sinken-singen, destinado a assegurar ao complexo reprimido uma realização final.

"Accrescentarei que naquella época padecia de sonhos aterradores, em que repetidas vezes vira uma parenta muito proxima enferma, guardando o leito, e, uma vez, morta. Pouco antes de ser aprisionado, recebera noticia de que na região em que essa pessoa residia irrompera com grande violencia uma epidemia de grippe, motivo por que lhe escrevera communicando-lhe meus temores. A partir de então, nunca mais recebera noticias suas. Meses após, soube que duas semanas antes do incidente acima descripto, ella fôra victimada pela epidemia!"

31) O exemplo deste lapso esclarece com uma luz vivissima um dos dolorosos conflictos que ás vezes assoberbam um medico. Um individuo, de quem se suppunha estar atacado de uma doença mortal, cujo diagnostico ainda não se fixara com absoluta segurança, acudiu a Vienna para ver se encontrava uma solução de seu problema. Ahi pediu a um velho amigo, medico famoso, que o tratasse, coisa que este acceitou não sem certa relutancia. Devia o enfermo internar-se numa casa de saúde e, com tal fito, o medico propoz-lhe o Sanatorio Hera. — "Mas esse Sanatorio não passa de uma Maternidade", objectou o doente. — "Nada disso, replicou vivamente o medico. No Sanatorio Hera pode *matar-se* (umbringen), digo, *internar-se* (unterbringen) qualquer paciente". Constatando o que dissera, o medico lutou violentamente contra o significado de seu lapso. "Não has de pensar — heim? — que tenho contra ti alguma intenção má!" Mas um quarto de hora mais tarde, confessou á enfermeira encarregada de cuidar do paciente, que o acompanhava á porta do estabelecimento. "Nada encontrei e ainda não creio que tenha essa enfermidade. Mas, se a tivesse, dar-lhe-ia uma boa dose de morphina... e estaria tudo terminado". Era o caso que o amigo lhe impuzera a con-

car as unhas a um cadaver, senti um desgosto enorme por toda a *Chimica*".

35) Accrescento ainda um caso de lapso, cuja interpretação não requer muita sciencia: "Um professor de Anatomia explicava, da cathedra, a estructura da cavidade nasal, que, como se sabe, é um dos pontos mais difficeis da esplanchnologia. Tendo perguntado ao auditorio se comprehendera a explicação, recebeu uma geral resposta affirmativa. Então, confirmando o conceito em que era tido de muito presumpçoso, obtemperou: — Não me é facil crer que todos me tenham comprehendido, pois, mesmo numa cidade de mais de um milhão de habitantes, como Vienna, as pessoas que conhecem a anatomia da cavidade nasal podem-se contar *pelo dedo* — perdão — *pelos dedos das mãos*".

36) O mesmo cathedratico disse, outra vez: "No que concerne aos orgãos genitaes femininos, não se conseguiu, apesar de muitas *tentações* (*Versuchungen*) — perdão — *tentativas* (*Versuche*)..."

37) Ao dr. Alf. Robitsek, de Vienna, devo a narrativa de dois casos de equivoco oral observado e publicados por um antigo escriptor francês, que vou transcrever sem traduzi-los:

"BRANTÔME (1527-1614). — Vies des Dames galantes, Discours second: "*Si ay-je cogneu une très belle et honneste dame de par le monde, qui, divisant avec un honneste gentilhomme de la cour des affaires de la guerre durant ces civiles, elle luy dit: "J'ay ouy dire que le roy a faiet rompre tous les c... de ce pays la". Elle vouloit dire les ponts. Pensez que, venant de coucher d'avec son mary, ou songeant a son amant, elle avoit encor ce nom frais en la bouche; et le gentilhomme s'en eschauffer en amours delle pour ce mot*".

"*Une autre dame que j'ai cogneue, entretenant une autre grand dame plus qu'elle, et luy louant et exaltant ses beautez, elle luy dit après: "Non, madame, ce que je vous en dis: ce n'est point pour vous* adultérer"; *voulant dire*

adulater, comme elle le rhabilla ainsi: pensez qu'elle songeoit a adultérer".

No methodo psychotherapico que emprego para a solução e afastamento dos symptomas neuroticos, temos muitas vezes o trabalho de descobrir, extrahindo-o das palavras e idéas apparentemente casuaes, que os pacientes vão exprimindo, um conteúdo psychico, o qual, apesar de se esforçar por occultar-se, não pode deixar de se trahir, revelando-se involuntariamente de mil maneiras. Em casos taes, os lapsos podem prestar inestimaveis serviços, conforme demonstram exemplos singulares e convincentes. Em certas occasiões, os pacientes confundem os membros da familia. Querendo referir-se a uma tia, dizem "minha mãe", ou chamam o marido de "irmão". Assim me descobrem que "identificam" essas pessoas umas com as outras, isto é, que as collocaram no mesmo nivel sentimental. Aqui está outro caso: Um rapaz de vinte annos apresenta-se em meu consultorio com estas palavras: "Sou o *pae* de N. N., a quem o senhor tratou — perdão — queria dizer *irmão;* elle é quatro annos mais velho que eu". Este engano me deu a entender que o que o joven quizera dizer era o seguinte: "Tanto eu como meu irmão, estamos doentes por causa de meu pae. Venho consulta-lo, como meu irmão, com o desejo de curar-me; mas, na verdade, quem mais necessita de tratamento é nosso pae". Outras vezes, é sufficiente uma disposição pouco usual das palavras ou uma expressão forçada, para descobrir a participação de um pensamento reprimido no discurso do paciente, ditado por motivos inteiramente diversos.

Tanto nas perturbações grosseiras da palavra, como nas mais subtis, que todavia ainda podem ser incluidas entre os lapsos, acho que não é a influencia do contacto dos sons, a sim a dos pensamentos exteriores á oração que pretendemos pronunciar, o que dá origem ao equivoco oral e basta para explicar os lapsos commettidos. As leis segundo as quaes os sons actúam, perturbando-se entre si, parecem-me certas, mas, em compensação, não as julgo capazes de alterar por si só a correcta articulação do discurso.

Nos casos que estudei e investiguei mais detidamente, estas leis representam apenas um mecanismo preexistente, de que se serve um motivo psychico mais remoto, que está fóra da esphera da influencia de taes relações phonicas. *Num grande numero de substituições surgidas nos lapsos, taes leis phoneticas não são absolutamente seguidas.* Neste ponto, estou completamente de acordo com Wundt, o qual tambem affirma que as determinantes do equivoco oral são muitos complexas, ultrapassando os effeitos do contacto dos sons.

Dando como certas essas "remotas influencias psychicas", segundo a expressão de Wundt, tambem não vejo o menor inconveniente em admittir que, no discurso pronunciado rapidamente e com a attenção até certo ponto desviada, as causas do lapso podem ficar limitadas ás leis expostas por Meringer e Mayer. O mais provavel, porém, é que muitos dos exemplos colleccionados por esses autores tenham uma solução mais complicada. Retomo o exemplo citado:

Es war mir auf de Schwest... Brust so schwer (20).

Reconheço que nesta phrase a syllaba *Schwe* tomou o logar da syllaba *Bru.* Mas tratar-se-á apenas disto? Quasi não precisamos insistir sobre a possibilidade de outros motivos e relações determinarem tal substituição. Chamo particularmente a attenção para a associação *Schwester-Bruder* (irmã — irmão) ou, ainda, para a associação *Brust der Schwester* (o seio da irmã) que nos conduz a outra ordem de idéas. E' esse auxiliar que, trabalhando nos bastidores, confere á inoffensiva syllaba *Schwe* a força de se manifestar a titulo de lapso.

Noutros casos de equivoco oral, pode-se admittir que a analogia de pronuncia com palavras obscenas ou a allusão a um sentido deste genero constitúam, por si sós, o ele-

---

(20) "Tinha um tal peso no peito", **Schwest** (palavra inexistente), é o lapso, por substituição da syllaba **Schwe** á syllaba **Bru.**

mento perturbador. A deformação intencional de palavras e phrases, tão apreciada por certos individuos malcriados, corresponde apenas ao desejo de alludir ao que é prohibido com um pretexto innocente. Este folguedo é tão frequente, que não seria nada estranho se tambem surgisse sem intenção previa, contra a vontade do individuo. (21) — "Ich fordere Sie auf, auf das Wohl unseres Chefs *aufzu*stossen" (convido-os a *demolir*, em vez de *an*stossen, *beber* á prosperidade de nosso chefe). Não ha exagero em ver neste lapso uma parodia involuntaria, reflexo de uma parodia intencional. Se eu fosse o chefe em cuja honra o orador pronunciou a phrase com o lapso, diria commigo que os romanos faziam bem, quando permittiam aos soldados do imperador triumphante exprimir em suas canções satiricas o descontentamento que podiam sentir contra elle. Meringer conta de si mesmo o seguinte facto: Uma vez se dirigiu a uma pessoa que, na qualidade de membro mais edoso da sociedade, usava o titulo honorifico, todavia intimo, de "senexl" ou "alte, senexl" (22), dizendo-lhe: "Prost (23), senex altesl". Ficou elle mesmo horrorizado, quando percebeu o lapso (pagina 50). Comprehende-se sua emoção, ao pensar como a palavra "Altesl" se parece com a injuria: "Alter Esel" (24). A falta de respeito para com os mais velhos (ou das crianças em face dos paes) acarreta severos castigos internos.

Espero que os leitores não neguem todo valor ás distincções que estabeleci na interpretação dos lapsos, se bem que essas distincções não sejam susceptiveis de uma demonstração rigorosa, e queiram tomar em consideração os exemplos que colligi e expliquei por meio da analyse. E' precisamente uma observação do proprio Meringer o que me mantem viva a esperança de demonstrar que os casos appa-

---

(21) Numa de minhas pacientes, a mania do lapso, symptoma de um desvio mental, assumira proporções taes, que ella chegou ao ponto de dizer puerilmente **urinar** por **arruinar**.

(22) **Senexl,** do latim **senex,** velho. **Alt,** em allemão, velho. **Altes senexl** (venéravel ancião) é uma expressão da giria estudantil allemã. — N. do T.

(23) **Prost** ou **Prosit** — felicidades. Da giria estudantil allemã. — N. do T.

(24) Burro velho. — N. do T.

rentemente simples de engano tambem podem ser explicados pela existencia de uma perturbação, causada por uma idéa semi-reprimida, *exterior* á phrase que se pretende pronunciar. Diz Meringer que é curioso o facto de ninguem gostar de reconhecer que commetteu um lapso. Existem muitas pessoas intelligentes e sinceras que se sentem offendidas quando lhes dizemos que se enganaram numa expressão. Não creio que se possa affirmar isto de um modo tão geral, como o faz Meringer empregando a palavra "ninguem". Comtudo, os signaes affectivos patenteados pelo individuo, quando lhe demonstramos seu lapso, emoção que muito se aproxima da vergonha, têm sua significação. Podem ser collocados ao lado do aborrecimento que sentimos ao esquecer um nome, ou da nossa admiração ante a tenacidade de uma recordação que parece indifferente, e sempre indicam a participação de um motivo na formação da perturbação observada.

A desfiguração dos nomes proprios sempre equivale a um insulto, quando é proposital; poderia ter o mesmo significado em toda a serie de casos em que surge como lapso involuntario. A pessoa que, segundo a communicação de Mayer, disse uma vez *Freuder,* em vez de *Freud,* por pretender pronunciar pouco depois o nome *Breuer* (pg. 38), e outra vez falou do methodo de *Freuer-Breud,* querendo dizer *Breuer-Freud* (pg. 28), era um collega da Faculdade, que provavelmente não se enthusiasmava por esse methodo. Mais adeante, ao cuidar dos erros de escripta, communicarei um caso de deformação de um nome, que não se pode explicar de outra maneira (25).

---

(25) Tambem se pode observar que as pessoas da alta sociedade são as que mais frequentemente desfiguram os nomes dos medicos com quem se consultam, de onde se deduz que intimamente não os estimam muito, apesar da cortezia que demonstram em suas relações com elles. Quero citar algumas acertadas observações sobre o esquecimento de nomes, extrahindo-as da obra inglesa sobre este thema, escripta pelo professor E. Jones, residente em Toronto, na época em que a publicou (The Psychopathology of Everyday Life. American Journal of Psychology, Oct. 1911):

São poucas as pessoas que podem reprimir um gesto de aborrecimento ao notar que outras lhe esqueceram o nome, sobretudo quando esperavam que estas o retivessem na memoria. Nestes casos, costumam dizer comsigo, sem reflectir, que tal falta de memoria não se daria se tivessem dei-

Nestes casos, intervem como elemento perturbador uma critica que não se deve tomar em consideração, por não corresponder, no momento, á intenção do orador.

Inversamente, a substituição de um nome por outro, a adopção de um nome que não é o exacto ou a identificação realizada por engano de nomes, devem significar uma apreciação ou opinião que, momentaneamente e por determinadas razões, deve permanecer em segundo plano. S. Ferenczi narra uma experiencia deste genero, cuja lembrança lhe ficou do tempo de collegio:

"Cursava eu o primeiro anno gymnasial, quando tive de recitar, pela primeira vez na vida, uma poesia publicamente, isto é perante toda a classe. Tendo-a decorado conscienciosamente, fiquei surprehendidissimo ao ver que, mal começara a recitar, todos os collegas romperam numa gargalhada geral. O professor explicou-me tão singular procedimento. Eu dissera o titulo da poesia com toda correcção: "Aus der Ferne". Mas depois, em vez do nome do poeta, (Alexandre, ou seja *Sándor,* Petoeffi), dissera o meu. O facto de termos o mesmo nome de baptismo favoreceu decerto a troca; mas a verdadeira causa foi, sem du-

---

xado uma impressão mais vigorosa na mente dessas pessoas, pois o nome é um elemento essencial da individualidade. Por outro lado, sentimo-nos extraordinariamente lisonjeados ao ver que alta personalidade nos recorda o nome. Napoleão, mestre na arte de manejar os homens, deu, durante a malfadada campanha de 1814, uma assombrosa prova de sua memoria neste ponto. Achando-se numa cidade proxima a Graonne, recordou que, vinte annos antes, travara conhecimento com quem, naquelles dias, desempenhava as funcções de alcaide dessa cidade, um individuo chamado De Bussy. Foi por isso que De Bussy, encantado pelo facto de o imperador se lembrar delle ao cabo de vinte annos, entregou-se de corpo e alma a seu serviço. Inversamente, o meio mais seguro de affrontar uma pessoa é fingir que não nos lembramos de seu nome, pois com isto manifestamos a completa indifferença em que a temos. Esta eventualidade tem sido muito explorada na literatura. Na obra de Turgueneff intitulada "Fumo", vemos a seguinte passagem: "Ainda acha que Baden é um logar divertido, sr.... Litvinov? — Ratmirov costumava pronunciar o nome de Litvinov vacillando um pouco, como se tivesse de fazer um esforço para recorda-lo. Com isto, assim como com a orgulhosa maneira que tinha de tirar o chapéo ao cumprimenta-lo, propunha-se ferir Litvinov em sua vaidade". Noutra de suas obras, "Paes e Filhos", escreve o mesmo autor: "O governador convidou Kisanov e Balarov para o baile, e minutos após repetiu o convite, considerando-os como irmãos e chamando-os de Kisarov." Neste caso, o esquecer-se de que já os convidára, o erro no nome e a incapacidade de considerar separadamente cada um dos jovens, constituem um cumulo de alfinetadas irritantes. A deformação dos nomes tem a mesma significação que o seu esquecimento, é o primeiro passo para este processo."

vida, o meu intimo desejo de identificar-me com o heroe cantado no poema. Aliás, conscientemente, sentia pelo poeta uma estima e um respeito, que raiavam a adoração. Naturalmente, detraz deste lapso se occultava todo o meu complexo de ambição."

Um caso analogo de identificação por troca de nomes foi-me communicado por um joven medico que, timida e reverentemente, se apresentou ao famoso Wirchow com estas palavras: "Sou o dr. *Wirchow*". O famoso professor voltou-se admirado para elle e perguntou-lhe: "Ah! Tambem se chama Wirchow?" Não sei como o ambicioso joven justificaria o equivoco, nem se imaginaria a cortez desculpa de dizer que se sentia tão pequeno ante o grande homem, que até seu proprio nome esquecera, ou se teria o valor de confessar que esperava chegar a ser um dia tão grande como Wirchow, esperando portanto que o sr. Conselheiro não o tratasse com muito despreso. Seja como fôr, um destes dois pensamentos, ou talvez ambos, estorvaram a apresentação do joven.

Por fortes razões pessoaes, não posso definir se é applicavel a mesma interpretação ao caso seguinte. No Congresso Internacional de Amsterdam, em 1907, minha theoria sobre a hysteria foi objecto de viva discussão. Um de meus mais energicos contraditores commetteu, ao impugnar minhas theorias, repetidos lapsos que o punham em meu logar, falando em meu nome. Dizia, por exemplo: "Breuer e *eu* demonstrámos, como todos sabem", quando pretendia dizer: "Breuer e Freud, etc." O nome deste adversario de minhas theorias não apresenta a menor semelhança ou homophonia com o meu. Tanto este exemplo como muitos outros casos de troca de nomes, surgidos em equivocos oraes, indicam-nos que o lapso pode prescindir completamente das facilidades deparadas pela homophonia, e realizar-se mercê tão sómente de occultas relações de conteúdo.

Noutros casos mais significativos, é uma auto-critica, uma contradição que, em nosso fôro intimo, se eleva contra as nossas proprias manifestações, o que causa o lapso, chegando até a fazer-nos substituir o que pretendemos dizer,

por uma coisa de sentido opposto. Observamos então, com espanto, que o enunciado de uma affirmativa está em contradição com a intenção real e que o lapso põe a nú a insinceridade interior (26). O equivoco transforma-se aqui num meio de expressar e, frequentemente, na propria expressão daquillo que não queremos dizer. E' assim que nos trahimos. Por exemplo, um individuo que, em suas relações com a esposa, não era muito affeiçoado ao chamado "commercio normal", exclamou, falando de uma moça a quem censuravam por ser garrida: "Commigo, logo perderia esse costume de *Koetierren*" (palavra inexistente). Aqui não resta duvida de que só á influencia da palavra *koitieren* (copular) se pode attribuir a modificação introduzida na palavra *kokettieren* (namorar), que elle desejava pronunciar. O mesmo succede neste outro caso, que nos foi referido por um casal: "Um tio nosso estava muito offendido comnosco porque nunca o visitavamos. Afinal, o offerecimento da nova casa para onde nos mudámos serviu-nos de pretexto para ir ve-lo depois de muito tempo. Elle pareceu muito alegre com a visita, mas, ao despedir-se, disse-nos com grande affabilidade: "Espero, doravante, ve-los mais raramente".

Por uma coincidencia favoravel, as proprias palavras podem occasionar lapsos que nos perturbam muitas vezes, como uma revelação indiscreta, tendo noutros casos a perfeita comicidade de um gracejo.

Assim succede no seguinte exemplo, communicado e observado pelo dr. Reitler:

"Uma senhora quiz elogiar o chapéo de outra. Com esse intuito, perguntou-lhe em tom admirativo: " — E foi a senhora mesma que enfeitou seu chapéo? — " Mas ao pronunciar a palavra "enfeitou" — *aufgeputzt* — trocou o *u* da ultima syllaba por um *a*, dizendo o verbo *aufgepatzt* (enfeitar pretenciosamente, arrebicar), o que revelava a critica

---

(26) E' pondo-lhe na boca um lapso deste genero, que Anzengruber fustiga no "G'wissenswurm" o herdeiro hypocrita, que só espera a morte daquelle de quem vae herdar.

que intimamente fazia ao chapéo da amiga. Está claro que tão desastroso equivoco já não podia ser rectificado, por mais elogios que depois delle se fizessem."

Menos severa, mas tambem evidente, é a critica expressa no lapso seguinte:

Uma senhora visitava uma conhecida, que, por sua prosa inesgotavel e pouco interessante, não tardou a cansa-la, deixando-a impaciente por se retirar. Afinal, conseguiu interrompe-la e despedir-se. Mas, ao chegar á ante-sala, a amiga, que a acompanhava, deteve-a com uma nova torrente de palavras, obrigando-a a permanecer na porta, a escuta-la. Emfim, interrompeu-a, dizendo: "A senhora recebe na ante-sala? (Vorzimmer)", e logo percebeu o equivoco, ao ver a physionomia admirada da interlocutora. O que quizera dizer, cansada pela longa permanencia em pé na ante-sala, era: "A senhora recebe de manhã? (Vormittag)". O equivoco revelou sua impaciencia.

O exemplo seguinte é um caso de auto-referencia, communicado pelo dr. Max Graef.

"Numa assembléa geral da Sociedade de Jornalistas "Concordia", um socio joven e necessitado pronunciou um violento discurso de opposição. Arrebatado pelo enthusiasmo, interpellou os *membros da Commissão de Administração Interna* (AUSSCHUSS*mitglieder*), chamando-os de VORSCHUSS*mitglieder,* numa evidente condensação de seu nome com o dos membros da Commissão de Emprestimos (VORSTANDS*mitglieder*). Com effeito, os pedidos de emprestimo feitos a estes ultimos, deviam ser julgados pelos primeiros, e o joven orador fizera pouco antes uma petição nesse sentido".

No exemplo *"Vorschwein"*, vimos que o equivoco se produz facilmente quando o individuo procura reprimir alguma palavra insultuosa, sendo o erro uma especie de desabafo.

Um photographo, que decidira evitar todos os apodos zoologicos em suas discussões com os empregados desastrados, quiz dizer um dia a um aprendiz que derramára no chão metade de um liquido contido numa cuba, ao querer passa-lo

para outro recipiente: "Mas, homem, por que não tiraste (abschoepfen) antes um pouco do liquido com qualquer coisa?" Mas mudou o *f* por *s*, resultando formar-se a palavra *schoepsen*, que recorda a palavra *Schoeps* (carneiro — tolo), apodo que o photographo evitara pronunciar, mas que explodiu no lapso. Outra vez, vendo uma auxiliar pôr imprudentemente em perigo uma duzia de valiosas chapas, quiz censura-la dizendo: "Está mal da cabeça? (*hirnverbrannt*)"; mas, ao pronunciar esta palavra, trocou o *i* por um *o*, resultando *hornverbrant* (mal dos chifres).

O exemplo que damos a seguir constitúe um caso muito serio de confissão involuntaria, effectuada num lapso de linguagem. Alguns pormenores interessantes, que nelle se notam, justificam a transcripção integral que aqui faço da communicação de A. A. Brill, que, por engano, sahiu no "Zentralbl. f. Psychoanalyse" com a assignatura de E. Jones:

"Passeava eu uma noite com o dr. Frink, falando de questões concernentes á Sociedade Psychanalytica de Nova-York, quando encontrámos um collega, o dr. R., a quem eu não via já desde alguns annos, e de cuja vida particular nada conhecia. Ficámos ambos alegres por nos termos encontrado e, a convite meu, entrámos num café, em que passámos duas horas conversando animadamente. O dr. R. parecia conhecer meus assumptos pessoaes melhor do que eu os delle, pois, após os primeiros cumprimentos, me perguntou como ia meu filho, declarando-me que de vez em quando tinha noticias minhas por intermedio de um amigo commum e que acompanha com grande interesse minha actividade profissional, lendo os artigos que eu publicava nas revistas de medicina. Perguntei-lhe, por minha vez, se já se casára, ao que respondeu negativamente, accrescentando pouco depois: "Para que se casaria um homem como eu?"

Quando sahimos do café, elle me disse de repente: "Quizera saber o que o senhor faria neste caso: Conheço uma enfermeira, que foi apontada como cumplice num processo de divorcio. A esposa offendida intentou-o contra o

marido, accusando-o de adulterio com a referida enfermeira, e o divorcio foi concedido a favor *delle*..." (27) Chegando a este ponto, interrompi-o: "A favor *della*, quererá dizer". R. rectificou immediatamente: "Está claro! A favor *della*, a favor da esposa". E proseguiu a narrativa, contando que o escandalo suscitado impressionára de tal modo a enfermeira, que esta se entregára á bebida, contrahindo um grave disturbio nervoso. Afinal, pediu-me conselho sobre o tratamento a que devia submette-la.

"Quando elle corrigiu o erro, pedi-lhe que mo explicasse, mas, conforme succede habitualmente em taes casos, recebi a resposta de que o equivoco fora completamente casual, não havendo motivo para suppôr que detraz delle se occultasse alguma coisa e que, no fim de contas, todo o mundo tinha o direito de enganar-se. Retruquei-lhe que todos os lapsos oraes têm um fundamento e que, se elle não me tivesse dito pouco antes que era solteiro, eu logo me sentiria tentado a considera-lo protagonista do caso referido, porque, se assim fosse, explicar-se-ia o lapso pelo seu desejo de que não elle, e sim a esposa, perdesse o pleito, com o que se veria livre de dar-lhe pensão, cabendo-lhe ainda o direito de tornar a casar-se em Nova-York. O doutor repelliu obstinadamente minha suspeita, fortalecendo-a ao mesmo tempo por uma exagerada reacção emotiva e inequivocos signaes de grande excitação, seguidos de ruidosas gargalhadas. Quando lhe pedi que me dissesse a verdade no interesse da sciencia, respondeu: "Se não quer que lhe minta, deve continuar acreditando em meu celibato e, portanto, na absoluta falsidade de sua interpretação psychanalytica". Depois accrescentou que o trato de um homem como eu, que prestava attenção a taes ninharias, era extremamente perigoso. E, lembrando-se, de repente, de um encontro marcado, despediu-se de nós.

Comtudo, tanto eu como o dr. Frink estavamos convi-

(27) "De acordo com as nossas leis, o divorcio só é consentido quando se prova que um dos conjuges commetteu adulterio, e então, só usufrúe os direitos que delle derivam o conjuge offendido".

ctos da exactidão de minha interpretação do lapso. Por meu lado, decidi tomar informações, afim de obter uma prova favoravel ou contraria. Dias mais tarde, visitei um vizinho, amigo do dr. R., que confirmou minha hypothese em toda a linha. O pleito fora julgado algumas semanas antes, e a enfermeira declarada cumplice do adulterio. — O dr. R. está agora firmemente convencido da exactidão dos mecanismos freudistas."

No seguinte caso, communicado por Otto Rank, tambem vemos a confissão involuntaria dos sentimentos intimos de quem soffre o lapso:

"Um individuo absolutamente desprovido de sentimentos patrioticos e que desejava educar os filhos nessa mesma ausencia de ideaes nacionalistas, que julgava superfluos, censurava-os por terem tomado parte numa manifestação patriotica. Como os rapazes procurassem desculpar-se, allegando o exemplo de um tio, disse-lhe: "Pois é precisamente ao seu tio que não devem imitar. E' um *idiota*". O assombro dos filhos, não habituados a ver o pae tratar o tio daquelle modo, fe-lo perceber o lapso e desculpar-se, rectificando: "*Patriota* é o que queria dizer".

J. Staercke (*loco citato*) refere um caso de lapso, com confissão involuntaria patente, interpretado pela propria pessoa a quem a phrase foi dirigida. Accrescenta-lhe, além disto, uma observação acertada, mas que ultrapassa os limites em que se deve manter a interpretação:

"Uma dentista combinara com a irmã examina-la um dia, para ver se existia ou não *contacto* entre dois de seus molares, isto é, se suas faces lateraes estavam ou não sufficientemente juntas, para impedir que entre ellas ficassem particulas de alimento. Passado algum tempo, a irmã queixava-se da demora do exame promettido, gracejando: "Agora está tratando com todo interesse uma collega. Em compensação, eu, sua irmã, tenho de esperar dias e dias". — Afinal, a dentista cumpriu a promessa, e verificou, effectivamente, uma carie num dos molares. Então, disse: "Não suppunha que existisse a carie; só pensava que não havia *Kontant* (dinheiro contante))... perdão, *Kontakt* (conta-

cto) entre os dois molares." — "Vês? exclamou a irmã rindo. Vês como foi por avareza que me fizeste esperar muito mais tempo do que as clientes que pagam?"

"Não devo, accrescenta Staercke, juntar minhas observações ás da irmã da dentista, nem tirar dellas conclusão alguma. Mas, quando tive conhecimento deste lapso, não pude deixar de pensar que as duas amaveis e intelligentes mulheres ainda são solteiras, tendo bem poucas relações com os rapazes. E perguntei a mim mesmo se, tendo mais *Kontant*, não teriam com elles mais *Kontakt*".

Egual valor de confissão involuntaria tem o seguinte lapso communicado por Th. Reik (1. c.):

"Uma moça ia ser posta em contacto com um individuo que lhe não era sympathico, por motivos de conveniencia familiar. Para aproximar os dois jovens, os paes organizaram uma reunião a que estiveram presentes os noivos eventuaes. A moça soube dominar-se o sufficiente, para não deixar transparecer seus sentimentos desfavoraveis ao pretendente, que se mostrava muito galante para com ella. Mas depois, quando a mãe lhe perguntou que tal lhe parecera, querendo responder cortezmente: "Muito *amavel* (liebens*wuerdig*)", disse: "Muito *desagradavel* (liebens*widrig*)".

Não menos importante, deste ponto de vista, é o seguinte lapso, qualificado de "espirituoso engano" por Otto Rank (Int. Zeitschr. f. Psychoanalyse, I, 1914).

"Uma senhora casada, que gosta de ouvir contar anecdotas e que tem fama de não repellir pretensões amorosas extra-conjugaes, quando se apoiam em presentes de certa consideração, escutava um dia a seguinte historia, contada, não sem intenção, por um joven que a cortejava: "Dois amigos eram socios de um negocio. Um delles fazia a corte á esposa do outro, a qual não se mostrava muito inclinada a conceder-lhe seus favores. Afinal, decidiu-se a comprazе-lo, em troca de um presente de mil florins. Entrementes, tendo o marido de ausentar-se, pediu-lhe o socio emprestado mil duros, promettendo entrega-los á sua esposa no dia seguinte. Está claro que essa

quantia ficou como pagamento de seus favores em mão da mulher, que, ao voltar o marido, passou pela angustia de se suppôr descoberta, teve de lhe entregar a importancia e ainda por cima supportou silenciosamente o despeito de ter sido enganada". — Quando o joven narrador chegou ao ponto em que o seductor diz ao socio: "Amanhã mesmo *devolverei* o dinheiro á sua mulher", a senhora interrompeu-o: "Diga: já não me *devolveu* isso uma vez?... Ah! perdão, queria dizer *contou*". Só mesmo chamando as coisas pelo nome, poderia dizer mais claramente sua acquiescencia em entregar-se nas mesmas condições".

Um bello caso de confissão involuntaria, sem consequencias aborrecidas, é o que V. Tausk publica no "Internat. Zeitschr. f. Psychoanalyse", IV, 1916, sob o titulo: "A FÉ DOS PAES":

"Como minha noiva era christã, conta o sr. A., e não queria adoptar a religião judia, tive de me tornar christão, para poder casar-me. Não foi sem uma resistencia interior que fiz esta mudança de confissão, mas o fim visado me parecia justifica-lo, tanto mais que eu não tinha nenhuma convicção religiosa, só me ligando ao culto judaico elos exteriores. Comtudo, depois disso sempre confessei pertencer ao judaismo, sendo poucos os meus conhecidos que sabem que fui baptizado.

"Tive dois filhos, que foram baptizados segundo o rito christão. Quando chegaram á edade de comprehender as coisas, revelei-lhes sua ascendencia israelita, para que as opiniões anti-semitas, que circulam nos collegios retrogrados, não os indispuzessem injustamente contra mim.

"Ha alguns annos, fui passar as ferias com meus filhos, que então estavam no curso primario, em casa de um professor do collegio delles. Um dia, como estivessemos merendando com os donos da casa, que, em geral, eram muito amaveis, a senhora, ignorando nossa ascendencia hebraica, disse algumas palavras duras contra os judeus. Eu devia ter declarado a verdade, para dar a meus filhos um exemplo do "valor das convicções", mas temia as interminaveis explicações que se seguiriam a tal noticia. Além disso, cohi-

bia-me o temor de ter que abandonar a boa hospedagem encontrada e abreviar assim as curtas ferias que eu e meus filhos podiamos gosar, se, averiguada a nossa origem semita, mudasse a attitude dos donos da casa para comnosco.

"Calei, portanto, e suppondo que meus filhos, se continuassem assistindo á conversação, acabariam revelando franca e decididamente a verdade, quiz afasta-los, mandando-os ao jardim: — "Vão brincar no jardim *Juden* (judeus)" lhes disse, quando queria dizer, como immediatamente rectifiquei: *Jungen* (meninos). Assim, pois, o lapso foi a porta por onde sahiu a verdade, expressão do reprimido "valor das convicções". Os que me ouviram não tiraram conclusão alguma de meu equivoco, pois não lhe deram importancia. Mas eu, por minha parte, tive esta lição: "a fé dos paes" não se deixa negar sem castigar-nos, quando somos ao mesmo tempo filhos e paes".

De consequencias mais graves é o seguinte lapso, que não publicaria, se o proprio juiz que recebeu a declaração por força delle alterada, não mo indicasse como proprio a ser incluido em minha collecção:

"Um reservista, accusado de roubo, referia-se, em seu depoimento, ao serviço militar (*Dienstellung*) que fizera. Mas ao pronunciar essa palavra, enganou-se, dizendo: *Diebstellung* (*Dieb*-ladrão, *Diebstahl*-roubo)".

No trabalho de psychanalyse, os enganos do paciente muitas vezes servem para esclarecer os casos e confirmar as hypotheses expostas pelo medico, no momento preciso em que o paciente os nega com obstinação. Com um de meus clientes, tratava-se um dia de interpretar um sonho que tivera, no qual surgira o nome proprio *Jauner.* O cliente conhecia, com effeito, uma pessoa deste nome, mas não podiamos descobrir por que fora incluida no sonho. Afinal, expuz a hypothese de que isto succedera apenas por causa da semelhança de som entre o nome proprio *Jauner* e o qualificativo injurioso *Gauner* — caften. O paciente repelliu rapidamente e energicamente minha supposição, mas, ao faze-lo, commetteu um lapso que me confirmou a suspeita, por consistir na mesma mudança da letra *g* por um *j*. Com

effeito, quando lhe chamei a attenção para o lapso, reconheceu como certa a minha interpretação do sonho.

Quando, numa discussão seria, um dos interlocutores soffre um desses enganos que invertem completamente o sentido da phrase, fica em situação desvantajosa perante o adversario, que raras vezes deixa de utilizar em seu proveito este recurso.

Isto mostra claramente que, em geral, todo o mundo dá aos lapsos e outros typos de actos falhados a mesma interpretação que damos neste livro, se bem que depois os individuos isolados se negam a reconhece-lo em theoria, não se sentindo propensos a prescindir, em se tratando de sua propria pessoa, da commodidade que ha na tolerante indifferença com que se acolhem os actos falhados. A hilaridade e a zombaria que estes erros nunca deixam de provocar quando se dão em momentos graves ou decisivos, são um testemunho contrario á convenção geralmente acceita de que não passam de meros "lapsus linguæ", sem significação nem importancia psychologica. Foi uma personagem importante como o principe de Buelow, chanceller allemão, que em certa occasião, querendo defender o imperador numa situação difficil (Novembro de 1907), disse em meio ao discurso, dando, por um lapso, razão a seus adversarios:

"Quanto ao presente, á nova era do imperador Guilherme II, repetirei o que já disse ha um anno: é *iniquo e injusto falar da existencia de uma camarilha de conselheiros responsaveis em torno de nosso imperador...* — (Vivas exclamações: Irresponsaveis!) — de conselheiros *irresponsaveis* em torno de nosso imperador. Perdoem Vossas Excellencias o "lapsus linguæe" (Hilaridade)".

Neste caso, a phrase do principe de Buelow perdeu importancia ante o auditorio, pelo accumulo de negativas entre as quaes se achava o lapso. Além disso, a sympathia pelo orador e a consideração da posição difficil em que se achava, fizeram com que não se aproveitasse o seu erro para combate-lo. O mesmo já não se deu com o lapso que, nesse mesmo recinto, um anno mais tarde, foi commettido por um deputado que, querendo convidar os collegas a enviar uma

mensagem *"sem considerações"* (*rueckhaltlos*) ao imperador, descobriu, com um desgraçado equivoco, o verdadeiro sentido que se occultava em seu peito leal.

"Lattmann (Nacionalista): Examinemos esta questão da mensagem, do ponto de vista regimental. De acordo com as leis, o Reichstag tem o direito de dirigir mensagens ao Imperador. Cremos que o pensamento e o desejo geral do povo allemão é dirigir ao Imperador, neste momento, um manifesto harmonico, e se podemos faze-lo sem ferir os sentimentos monarchicos, tambem devemos faze-lo *dobrando a espinha* (*rueckgratlos* — invertebradamente) (Hilaridade tempestuosa, que dura varios minutos). Senhores, quiz dizer: "sem considerações" (*rueckhaltlos*) e não "dobrando a espinha" (*rueckgratlos*) — (Hilaridade) — e uma manifestação assim, sem a menor reserva, do povo, será acceita, neste momento grave, por nosso Imperador".

O jornal "Vorwaerts", em seu numero de 12 de Novembro de 1908, não deixou de assignalar este engano:

"DOBRANDO A ESPINHA ANTE O THRONO IMPERIAL"

"Nunca se demonstrou tão claramente num parlamento, como agora pela confissão involuntaria de um deputado, a attitude deste e da maioria dos membros da Camara. O representante anti-semita Lattmann, no segundo dia da interpellação, deixou estrondosamente escapar que elle e seus amigos queriam dizer sua opinião ao Imperador, "dobrando a espinha" (*rueckgratlos*).

"Uma tempestade de riso abafou as restantes palavras do desditoso orador, que ainda julgou necessario desculparse, tartamudeando que pretendera dizer: "sem considerações" (*rueckhaltlos*)."

Outro bello exemplo de equivoco, destinado, não tanto a trahir os sentimentos da personagem como a orientar o auditorio collocado fóra do palco, acha-se no drama "Wallenstein" (Piccolomini, Acto I, Scena 5.ª). Elle nos mostra que o poeta conhecia a significação e o mecanismo do equivoco oral. Na scena anterior Max Piccolomini, cheio de enthu-

siasmo, declarou-se fervoroso partidario do duque, desejando a chegada da bemdita paz, cujos encantos lhe foram descobertos quando acompanhara ao campo a filha de Wallenstein. Segue-se a 5.ª Scena:

Questenberg: Ai de nós! Chegámos a isto? Vamos, amigo, deixa-lo laborar no erro sem chama-lo de novo e sem abrir-lhe os olhos immediatamente?

Octavio (sahindo de profunda meditação): Elle acaba de abrir os meus... Vejo mais do que quizera ver.

Questenberg: Que é isto, amigo?

Octavio: Maldita seja esta viagem!

Questenberg: Por que? De que se trata?

Octavio: Venha. Tenho de seguir immediatamente a desgraçada pista. Tenho de observa-la com meus proprios olhos. Venha! (Quer leva-lo comsigo).

Questenberg: Por que? Para onde?

Octavio (precipitando-se): Ve-*la!*

Questenberg: Ver quem?

Octavio (corrigindo-se): Ver o duque! Vamos! etc...

Este pequeno lapso tem por fim revelar-nos que o pae adivinhou o motivo da decisão do filho, que o fazia pôr-se do lado de Wallenstein, emquanto Questenberg, o cortezão, se queixa de "nada comprehender de taes enigmas."

Otto Rank descobriu em Shakespeare outro exemplo de utilização poetica do lapso. Transcrevo a sua communicação, publicada no "Zentralbl. f. Psychoanalyse", I, 3:

"Outro exemplo de equivoco oral, finamente motivado e utilizado com grande maestria technica, nos mostra, como o que Freud assignalou em "Wallenstein", que os poetas conhecem muito bem a significação e o mecanismo deste acto falhado, e suppõem que o publico tambem o conhece ou comprehenderá. Está este exemplo no "Mercador de Venesa" (Acto III, Scena 2.ª), de Shakespeare. Porcia, obrigada pela vontade do pae a tomar por marido o pretendente que acertasse ao escolher uma das tres caixas que lhe são apresentadas, teve, até esse momento, a sorte de que nenhum dos que, amando-a, não lhe eram gratos, acertasse na escolha. Afinal, encontra em Bassano o homem a quem

de bom grado entregaria seu amor, e receia então que esse tambem sáia vencido na prova. Quizera dizer-lhe que, mesmo se assim fosse, continuaria a ama-lo, mas, seu juramento não lho permitte. E' nesse conflicto interior que o poeta a faz dizer ao ditoso pretendente:

"Peço-lhe que fique! Passe aqui um dia ou dois, antes de jogar na sorte, pois se a escolha não for acertada, perderei sua companhia. Espere, pois! Algo me diz (mas não é o amor) que eu teria pena de perde-lo... Poderia guia-lo, de molde a orientar-lhe a escolha, mas seria perjura, e isto, oh! nunca! Por outro lado, poderia não me obter... E então me faria arrepender-me de não ter sido perjura. Oh! esse olhos que me perturbaram e dividiram em duas metades: *uma que é sua, outra que é sua... digo, minha.* Mas, sendo minha, é egualmente sua, e eu sou toda sua".

Assim, pois, o que Porcia queria apenas indicar ligeiramente a Bassano, por ser algo que na verdade lhe devia calar absolutamente, isto é, que já antes da prova o amava e era *toda* sua, o poeta, com admiravel sensibilidade psychologica, deixa-o surgir claramente no equivoco. Mercê deste artificio, consegue acalmar, não só a intoleravel incerteza do seu apaixonado, como a angustiosa duvida do publico quanto ao desfecho da escolha".

Dado o interesse que merece uma tal confirmação de nossa concepção dos lapsos, feita pelos poetas, creio justificado adduzir ainda aos exemplos anteriores um terceiro desta classe, communicado por E. Jones ("Um exemplo de uso literario do equivoco oral". — Zentralbl. f. Psychoanalyse, I—10):

"Em artigo recentemente publicado, Otto Rank chama a attenção para um bello exemplo, em que Shakespeare faz uma de suas figuras femininas commetter um lapso, em que transparecem seus pensamentos intimos. De minha parte, tambem quero assignalar um exemplo analogo em "O Egoista", obra prima do grande novellista inglês George Meredith. O argumento dessa novella é o seguinte: Um aris-

tocrata, muito bemquisto nos meios mundanos, sir Willoughby Pattern, casa-se com uma tal miss Constancia Durham. Esta, descobrindo nelle um desenfreado egoismo, habilmente occulto aos olhos de toda a gente, foge, para esquivar-se a uma vida conjugal que lhe repugna, com o capitão Oxford. Annos após, Pattern e outra mulher, miss Clara Middleton, contratam casamento. A maior parte do livro está destinada a descrever minuciosamente o conflicto que explode na alma de Clara, ao descobrir, como antes se dera com Constancia, o egoismo de seu noivo. Determinadas circumstancias externas e a concepção que tem da honra continuam mantendo Clara adstricta á sua promessa de matrimonio, apesar de despresar cada vez mais sir Willoughby. Com o tempo, confia parte destes sentimentos ao secretario e primo delle, Vernon Whitford, com quem se casa no final do livro. Mas este, por sua lealdade para com Pattern e varios outros motivos, guarda a principio uma attitude de reserva.

"Num monologo em que Clara dá redea solta á sua dor, diz as seguintes palavras: "Ah! se um homem nobre visse a situação em que me encontro e não desdenhasse auxiliar-me! Ser libertada desta prisão onde gemo entre espinhos! Por mim só, não posso abrir caminho. Sou demasiado covarde. Creio que um simples signal, que me fizessem com o dedo, me transformaria. Com a alma dilacerada e sangrando, poderia fugir entre o despreso e a gritaria da sociedade, indo abrigar-me nos braços de um camarada... Constancia encontrou um soldado. Rezou talvez e sua prece foi exalçada. Fez mal. Mas como a aprecio por ter ousado! O nome delle era Harry Oxford... Ella não hesitou: rompeu as cadeias, caminhou franca e decididamente. Corajosa moça, que pensarás de mim? Mas eu não tenho nenhum Harry *Whitford;* estou sózinha..."

"A rapida percepção de que substituira por outro o nome de Oxford, golpeou-a como uma pancada no peito, tingindo-lhe o rosto de purpura".

O facto de os dois nomes terminarem em "ford" facili-

lita a confusão da protagonista e, para muitos, constituiria uma justificação sufficiente do erro. Mas o romancista expõe, claramente, a verdadeira causa escondida.

Noutra parte do livro, apparece de novo o mesmo equivoco, seguido dessa hesitação e repentina mudança de thema com que estamos familiarizados graças á psychanalyse e a obra de Jung sobre as associações, e que só surgem quando se fere um complexo semi-consciente. Pattern diz, com um tom de superioridade, referindo-se a Whitford: — "Falso alarma! O bom do Vernon é incapaz de fazer qualquer coisa extraordinaria". Clara responde: "Mas se mister *Oxford*... digo, mister *Whitford*... Veja os cysnes como acodem atravessando o lago. Que lindos ficam quando estão irritados! Mas vamos ao que lhe ia perguntar: — Não julga desanimador para um homem ver um outro cercado por uma admiração universal e ostensiva?" Sir Willoughby ergueu-se rigidamente. Uma luz brusca lhe illuminara o espirito".

Comtudo, noutro logar, Clara revela, com um novo lapso, seu desejo intimo de unir-se com Vernon Whitford. Dando um recado a um rapaz, diz-lhe: — "Dize esta noite a mister Vernon — a mister Whitford, etc." (28).

A concepção dos lapsos que sustentamos nesta obra tem sido verificada e comprovada até nos mais infimos pormenores. Repetidas vezes consegui demonstrar que os casos mais insignificantes e naturaes de lapsos têm seu sentido, e podem ser interpretados exactamente como os casos mais extraordinarios. — Uma paciente que, contra a minha vontade, mas com firme decisão, queria fazer uma curta viagem a Budapest, justificava perante mim a desobediencia, allegando que nessa cidade não passaria mais de tres *dias*. Mas, ao dize-lo, enganou-se e disse: tres *semanas*. Com isto re-

---

(28) Outros exemplos de lapsos que, segundo a intenção do poeta, devem ser interpretados como muito significativos e, em sua maioria, como confissões involuntarias, apparecem no "Ricardo II", de Shakespeare e no "Don Carlos", de Schiller. Não seria difficil ampliar esta lista.

velou que, por seu gosto, passaria tres semanas, e não tres dias, com as pessoas de Budapest, cuja companhia eu considerava prejudicial para ella.

Uma noite, querendo desculpar-me de não ter ido buscar minha esposa á sahida do theatro, disse: "Estive no theatro ás dez e dez minutos". — "A's dez *menos* dez, has de querer dizer", corrigiu ella. — Naturalmente, era isto o que julgara pronunciar, pois o que dissera na verdade não constituia desculpa alguma. Combinára com minha esposa ir busca-la á sahida do theatro e o programma dizia que o espectaculo findaria antes das dez. Quando cheguei, o vestibulo já estava ás escuras e o theatro vasio. Indubitavelmente, terminado o espectaculo, minha esposa não me esperára. Tirei o relogio e vi que eram dez menos cinco. Mas, pensei, ao chegar em casa, contar a coisa de um modo que me fosse mais favoravel ainda, dizendo que faltavam dez minutos para as dez horas. Infelizmente, o lapso perturbou meu proposito e revelou minha insinceridade, fazendome, além disso, confessar um atrazo maior que o verdadeiro.

Partindo deste ponto, chegamos áquellas perturbações do discurso que já não se podem considerar como simples equivocos oraes, porque não affectam apenas uma palavra isolada, e sim o rythmo e a total exteriorização do pensamento, como, por exemplo, as repetições e o balbuciar causados pela confusão ou embaraço. Mas, tanto nuns como noutros casos, o que nas perturbações do discurso sempre se revela é o conflicto interior. Na realidade, não creio que haja alguem capaz de se enganar numa audiencia com o rei, numa sincera declaração de amor ou na defesa da propria honra perante os jurados, isto é, em todos aquelles casos em que a pessoa, segundo a justa expressão corrente, *põe toda a alma no que diz*. Até ao criticar o estylo de um escriptor, costumamos seguir o methodo explicativo de que não podemos prescindir quando investigamos as causas que provocaram um lapso isolado. Um estylo limpido e inequivoco nos demonstra que o autor está de acordo comsigo mesmo. Ao contrario, uma forma de expressão forçada ou retorcida indica a existencia de uma idéa incompletamente desenvol-

vida e faz-nos perceber a suffocada voz da auto-critica do autor (29).

Desde que appareceu a primeira edição deste livro, varios amigos e collegas estrangeiros começaram a dedicar sua attenção aos lapsos commettidos no idioma de seus paises. Como era de esperar, verificaram que as leis dos actos falhados são independentes do material empregado na formação da linguagem e adoptaram o mesmo methodo interpretativo que utilizamos nos equivocos commettidos em lingua allemã. Sendo incontaveis os exemplos, limitar-me-ei a transcrever um:

O dr. A. A. Brill (Nova York) communica a seguinte observação propria: — *"A friend described to me a nervous patient and wished to know whether I could benefit him. I remarked I believe that in time I could remove all his symptoms by psycho-analysis because it is a* durable *case, wishing to say* curable. (*A contribution to The Psychopathology of Everyday Life. — Psychoterapy, III — I* 1909) (30).

Quero, por fim, accrescentar aqui, para os leitores que não se assustam ante um esforço de attenção e para os que já se acham um pouco familiarizados com a psychanalyse, um exemplo que demonstra a que profundidades psychicas podemos chegar procurando os motivos de um lapso.

L. Jekels ("Int. Zeitschr. f. Psychoanalyse", I, 1913).

"No dia 11 de Dezembro, falando com uma senhora polonesa, esta me dirigiu, em seu idioma, e com um certo tom de desafio, a seguinte pergunta: *"Qual a razão por que eu hoje disse que tinha doze dedos?"*

---

29) Ce qu'on conçoit bien
S'énonce clairement
Et les mots pour le dire
Arrivent aisément.

Boileau. — Art Poétique.

(30) "Um amigo me descreveu certa doença nervosa, desejando saber que melhoria eu poderia trazer ao paciente. Respondi-lhe que acreditava poder remover todos os symptomas com o tempo, mercê da psychanalyse, visto se tratar de um caso **duravel**, quando queria dizer **curavel**".

"A pedido meu, reproduziu a scena em que lhe occorrera tal phrase. Naquelle dia, decidira fazer uma visita com a filha, que soffria de demencia precoce em estado de remissão. Por isso a mandara mudar de roupa num aposento contiguo. Quando a filha voltou, encontrou a mãe dando brilho ás unhas, e entre ambas se travou o seguinte dialogo:

"A filha: Olha, já estou prompta, e tu ainda não.

"A mãe: E' verdade; mas a ti só te faltava mudar uma blusa, e eu tenho de polir *doze* unhas.

"A filha: Como?

"A mãe (impaciente): Naturalmente. *Não vês que tenho doze dedos?*

"Um collega meu, que assistia á narrativa, perguntou o que lhe occorria á mente ao fixar a attenção no numero doze. Respondeu prompta e decididamente: — *Doze não é para mim nenhuma data (de importancia).*

"Passando á palavra *dedos,* communicou-nos, após ligeira hesitação, a seguinte associação: — Na familia de meu esposo, todos tinham seis dedos em cada pé. Quando meus filhos nasciam, a primeira coisa que faziamos era vêr se tambem tinham seis dedos.

"Por motivos extrinsecos á analyse, esta não poude ser continuada naquella noite. Mas, na manhã seguinte, 12 de Dezembro, recebi a visita da senhora, que me disse, visivelmente excitada: — Veja o que me succedeu. Nestes vinte annos, nunca deixei de felicitar o velho tio de meu marido no seu anniversario, que transcorre precisamente hoje. Sempre costumo escrever-lhe uma carta no dia anterior; mas, desta vez, esqueci-me e tive de mandar-lhe um telegramma.

"Ao ouvir isto, lembrei-me e lembrei á senhora a segurança com que, na vespera, respondera á pergunta de meu collega sobre o numero doze, pergunta muito adequada a recordar-lhe o anniversario do tio. Respondera, entretanto, que para ella o dia 12 não era nenhuma data de importancia.

"Então, a senhora declarou que o tio de seu esposo era muito rico e que sempre contara herdar a fortuna delle. E

agora pensava nisso mais do que nunca, pois sua situação economica estava um tanto difficil.

"Eis por que, quando uma conhecida sua lhe prophetizara dias antes, deitando-lhe cartas, que ia receber muito dinheiro, logo pensara no tio, isto é, na morte delle. Era o unico parente de quem seus filhos, e portanto ella, podiam herdar. Nessa occasião, tambem recordou, de repente, que já a esposa desse tio promettera legar alguma coisa a seus filhos; mas morrera sem testar, tendo talvez deixado ao marido o encargo de faze-lo após sua morte.

"Percebe-se claramente que o desejo da morte do tio deve ter surgido nella com grande intensidade, pois a senhora que deitava as cartas logo depois lhe disse: "A senhora é capaz de incitar a gente ao assassinio."

"Nos quatro ou cinco dias que decorreram entre a prophecia e o anniversario do tio, a senhora procurou continuamente, nos jornaes da localidade em que elle morava, a noticia de sua morte.

"Não admira, portanto, que, com um tão intenso desejo de sua morte, ficassem o facto e a data do proximo anniversario tão vigorosamente reprimidos, a ponto de se esquecer uma intenção realizada indefectivelmente durante tantos annos seguidos, não valendo sequer para recorda-la a pergunta de meu collega.

"No lapso "doze dedos" insinuou-se o reprimido "doze", contribuindo egualmente para a falha de expressão.

"Digo *contribuindo,* porque a associação que surgiu na analyse ante a palavra *dedos* nos faz suspeitar a existencia de outros motivos, explicando-nos ao mesmo tempo por que razão o "doze" chegou a falsear a innocente phrase dos dez dedos.

"A associação era: — Na familia de meu marido, todos tinham seis dedos em cada pé. Seis dedos em cada pé significam uma anormalidade. Seis dedos significam *um* filho anormal, e doze dedos, *dois* filhos anormaes.

"Effectivamente, era esta a realidade, pois essa senho-

ra tinha-se casado muito joven com um homem reconhecidamente excentrico e anormal, que, ao fim de pouco tempo, acabou suicidando-se. A unica herança que lhe deixou foram duas filhas, declaradas anormaes por varios medicos, que nellas haviam reconhecido graves defeitos hereditarios.

"A mais velha das filhas voltara para casa ha pouco tempo, convalescente de um grave ataque; a menor, que se achava na puberdade, tambem adoeceu, meses depois, de uma grave neurose.

"O facto de a anormalidade das filhas se juntar aqui ao desejo da morte do tio, condensando-se com este elemento, reprimido por uma força distincta e de maior valor psychico, obriga-nos a acceitar, como segunda determinante do lapso, *o desejo da morte das duas filhas anormaes*".

"A significação predominante do "doze" como desejo de morte esclarece-se pelo facto de estar muito intimamente associado ao conceito de morte na representação da paciente, pois seu marido se suicidara num dia 13 de Dezembro, isto é, o dia seguinte ao anniversario do tio, cuja esposa dissera nessa occasião á joven viuva: "Ainda hontem nos felicitou tão carinhosa e amavelmente... e hoje!"

"Além disto, quero accrescentar que a senhora tinha na realidade razões mais que sufficientes para desejar a morte das filhas, que não lhe proporcionavam nenhuma alegria, e sim apenas preoccupações, impondo-lhe penosas restricções á sua propria vida e tendo-a forçado a renunciar, pelo carinho que lhes dedicava, a toda e qualquer possibilidade de uma ventura sentimental e amorosa.

"Ainda nesse dia se esforçára por evitar toda occasião de irritar a filha com quem pretendia sahir. E' facil de imaginar o dispendio de paciencia e abnegação que isto suppõe, em se tratando de uma enferma de demencia precoce, e quantos sentimentos e impulsos de colera se faz mister dominar.

"De acordo com tudo o que deixámos dito, o sentido do lapso seria o seguinte:

"O tio deve morrer; estas filhas anormaes devem morrer (esta impressão se estende a toda a familia anormal) e eu devo herdar sua fortuna.

"A meu ver, o lapso tem varios signaes de uma estructura fóra do commum, que são:

"1.º A existencia de duas determinantes condensadas num só elemento.

"2.º A existencia das duas determinantes reflecte-se na duplicação do equivoco (doze unhas, doze dedos).

"3.º E' singular que uma das significações do "doze", os doze dedos representativos da anormalidade das filhas, constitúa uma representação indirecta. A anormalidade psychica está aqui representada pela physica; o superior, pelo inferior.

VI

EQUIVOCOS NA LEITURA E NA ESCRIPTA

O facto de se poderem applicar aos erros na leitura e na escripta as mesmas considerações e observações que fizemos em torno dos lapsos oraes não surprehende, sabido o intimo parentesco que existe entre todas estas funcções. Assim, pois, me limitarei a expôr alguns exemplos cuidadosamente analysados, sem tentar incluir aqui a totalidade dos phenomenos.

O facto de se poderem applicar aos erros na leitura e na escripta as mesmas considerações e observações que fizemos em torno dos lapsos oraes não surprehende, sabido o intimo parentesco que existe entre todas estas funcções. Assim, pois, me limitarei a expôr alguns exemplos cuidadosamente analysados, sem tentar incluir aqui a totalidade dos phenomenos.

A. — Erros de leitura

a) Folheando num café um exemplar do "Leipziger Illustrierten", que mantinha um tanto obliquamente ante os olhos, li, ao pé de uma ilustração que occupava uma pagina inteira, as seguintes palavras: "Um casamento na *Odysséa* (*Odyssee*)". Espantado por aquelle titulo singular, rectifiquei a posição do jornal, e li de novo: "Um casamento no

Ostsee (Mar Baltico)". Como pudera commetter um erro tão absurdo? Meus pensamentos se dirigiram immediatamente para um livro de Ruth, intitulado "Pesquisas experimentaes sobre as imagens da musica", que recentemente lera com toda attenção, por tratar de questões muito proximas aos problemas psychologicos que estudo. O autor annunciava neste livro a proxima publicação de outro: "Analyse e leis fundamentaes dos phenomenos oniricos". Tendo eu publicado havia pouco tempo uma "Interpretação dos sonhos", era natural que esperasse com grande interesse o apparecimento dessa obra. No livro de Ruth sobre as imagens da musica, encontrei, ao percorrer o indice, um paragrapho relativo á minuciosa demonstração inductiva de que os antigos mythos e tradições hellenicas têm suas raizes nas imagens da musica, nos phenomenos do sonho e nos delirios. Vendo isto, abri immediatamente o livro, para verificar se o autor conhecia a hypothese que interpreta a scena da *apparição de Ulysses ante Nausicaa,* baseada no vulgar sonho de nudez. Um amigo me chamara a attenção para a bella passagem da obra de G. Keller "Gruenem Heinrich", em que este episodio da Odysséa é interpretado como uma objectivação dos sonhos do navegante, a quem os elementos fazem vaguear por mares distantes de sua patria. A esta interpretação, eu accrescentára a referencia ao sonho em que se exhibe a propria nudez (7.ª edição, pg. 170). Não descobri nada disto no livro de Ruth. Por conseguinte, o que me preoccupava neste caso era um pensamento de prioridade.

b) Vejamos como pude commetter um dia o erro de ler num jornal: "*Num tonel* (*Im Fass*), através da Europa", em vez de: "*A pé* (*Zu Fuss*), através da Europa". A solução deste erro me levou muito tempo, antolhando-se-me mil difficuldades. As primeiars associações que me vieram á mente foram: Trata-se, decerto, do tonel de Diogenes, e não faz tempo que li, numa Historia da Arte, alguma coisa sobre a arte na época de Alexandre. Dahi, só havia um passo até a phrase conhecida desse rei: "Se não fosse Alexandre, quizera ser Diogenes". Do mesmo passo, recordei muito vagamente a historia de um certo *Hermann Zeitung,*

que fizera uma viagem encerrado numa caixa. Aqui, deixaram de surgir novas associações, e egualmente não me foi possivel encontrar a pagina da Historia da Arte em que lera a observação sobre a arte no tempo de Alexandre. Alguns meses mais tarde, tornei a preoccupar-me com este problema de interpretação, que abandonara antes de resolver, mas que desta vez já veio acompanhado da solução. Recordei que lera num periodico (*Zeitung*), um artigo sobre os multiplos e ás vezes extravagantes meios de *transporte* (*Befoerderung*) (31), utilizados naquella época pelos que iam visitar a Exposição Universal de Paris, artigo em que, segundo creio, se commentava humoristicamente o proposito que tinha certo individuo de fazer o caminho até Paris, mettido num tonel que outro sujeito faria rolar. Está claro que estes originaes, com taes loucuras, não pretendiam senão chamar a attenção para as suas pessoas. *Hermann Zeitung* era, realmente, o nome do primeiro individuo que dera o exemplo de tão inusitados meios de transporte. Lembreime, então, de ter tido outrora um cliente, cuja angustia morbida ante os jornaes não passava, afinal, como vimos depois, de uma reacção contra a *ambição* doentia que elle tinha de ver seu nome impresso nelles como o das personagens famosas. Alexandre Magno foi, sem duvida, um dos homens mais ambiciosos que já existiram. Lamentava-se de não lhe ser dado encontrar um Homero que lhe cantasse as façanhas. Mas como não me occorrera antes *pensar* num outro *Alexandre* muito proximo, que assim se chamava meu irmão mais moço? Chegando a este ponto, logo encontrei, tanto o pensamento que, referindo-se a este Alexandre, fôra reprimido por sua indole desagradavel, como as circumstancias que agora lhe permittiram acudir-me á memoria. Meu irmão era muito versado em questões de tarifas e *transportes*, e em certa occasião esteve a pique de conseguir o titulo de professor numa Escola Superior de Commercio. Tam-

(31) N. do T. — Para entender este exemplo, deve-se considerar que a palavra "Befoerderung" tem dois sentidos: "transporte" e "promoção".

bem eu ha varios annos pretendia uma *promoção* (Befoerderung) ao cargo de professor na Universidade, sem conseguí-la. Foi então que nossa mãe manifestou seu máo-humor ante a eventualidade de ver o filho menor alcançar antes que o maior o titulo por ambos desejado. Tal a situação na época em que me foi impossivel encontrar a solução de meu erro de leitura. Depois, meu irmão tambem tropeçou com graves obstaculos. Suas probabilidades de conseguir a cathedra desceram abaixo das minhas. Foi então, como se essa diminuição das probabilidades de exito de meu irmão houvesse derrubado o derradeiro obice, que de repente me surgiu com toda clareza o sentido de meu erro de leitura. O facto é que me portara como se lesse no jornal a nomeação de meu irmão e dissesse a mim mesmo: "E' curioso que por taes tolices (as occupações profissionaes de meu irmão), possa uma pessoa ver seu nome num jornal (isto é obter o titulo de professor)". Logo pude encontrar, sem a menor difficuldade, na Historia da Arte, o paragrapho sobre a arte hellenica no tempo de Alexandre, vendo, com assombro, que, em minhas buscas anteriores, varias vezes perlustrara a referida folha, e em todas ellas saltara, como dominado por uma allucinação negativa, a tão procurada phrase. Por outro lado, esta nada continha que me pudesse esclarecer ou que, por desagradavel, devesse ser esquecido. A meu ver, o symptoma de não encontrar no livro a phrase procurada surgiu sómente para me induzir em erro, fazendo-me procurar o proseguimento da associação de idéas precisamente onde havia um obstaculo no caminho de minha investigação, isto é, numa idéa qualquer sobre Alexandre Magno, com o que se desviaria o meu pensamento de meu irmão, que tinha o mesmo nome. Com effeito, foi o que se deu, pois toda a minha actividade se concentrou em procurar na Historia da Arte a pagina perdida.

O duplo sentido da palavra *Befoerderung* constitue neste caso a ponte associativa dos dois complexos: um, de importancia minima, suscitado pela noticia lida no jornal, e o outro, mais interessante, mas desagradavel, que se manifestou como perturbação do que se tratava de ler. Este exem-

plo nos demonstra que nem sempre são faceis de esclarecer phenomenos da especie deste equivoco. Em certas occasiões, chega a ser necessario adiar, para uma época mais favoravel, a solução do problema. Mas, quanto mais difficil o trabalho de interpretação, com mais segurança se pode esperar que a idéa perturbadora, uma vez descoberta, seja julgada por nosso pensamento consciente como estranha e contraditoria.

c) Um dia, recebi uma carta em que me communicavam uma noticia má. Immediatamente, chamei minha esposa, para transmittir-lha: a pobre Guilherme M. fôra desenganada pelos medicos. Comtudo, nas palavras com que exprimi meu sentimento, deve ter havido alguma coisa que, soando falso, fez com que minha mulher concebesse uma suspeita. Pediu-me, então, a carta para ve-la, declarando-me estar certa de que a noticia não viera escripta tal qual eu a enunciara, porque, em primeiro logar, aqui ninguem costuma designar a mulher apenas pelo nome do marido, e, além disto, a pessoa que nos escrevia conhecia perfeitamente o nome de baptismo da referida senhora. Defendi tenazmente minha affirmativa, allegando, como argumento, a redacção usual dos cartões de visita, em que as senhoras costumam designar-se pelo nome do marido. Afinal, tive de mostrar a carta. Effectivamente, lá encontrámos, não só "*o* pobre G. M." mas até "*o* pobre *doutor* G. M.", coisa que antes me escapara completamente. Meu engano na leitura fôra, por assim dizer, um esforço espasmodico, destinado a transferir a triste noticia do marido á mulher. O titulo incluido entre o adjectivo e o nome não se adaptava á minha pretenção de que a noticia se referisse á esposa; por conseguinte, omittira-o na leitura. A causa do lapso não fôra, entretanto, o facto de a mulher me ser menos sympathica que o marido, e sim a preoccupação que a desgraça deste despertou dentro de mim, por causa de uma pessoa conhecida que soffria de uma enfermidade analoga á de G. M.

d) Mais irritante e ridiculo é outro erro de leitura, em que incorro frequentemente, quando vou passar as ferias nalguma cidade estrangeira. Em taes occasiões, leio a pa-

lavra "Antiguidades" em todas as vitrinas de lojas, em que conste algum termo parecido. Nesse equivoco, externa-se o desejo de achados interessantes que todo colleccionador abriga.

e) *Bleuler*, em sua importante obra intitulada "Affectividade, suggestibilidade, paranoia" (1906, pg. 121), refere o seguinte caso: "Estando a ler, tive uma vez a sensação intellectual de ver meu nome escripto duas linhas abaixo. Com grande surpresa, ao procura-lo, só encontrei a palavra *Blutkoerperchen* (globulos sanguineos). Dos muitos milhares de casos, por mim analysados, de erros de leitura incidindo em palavras situadas tanto no campo visual peripherico como no central, era este o mais interessante. Sempre que, em vezes anteriores, suppuzera ver meu nome, a palavra causadora do equivoco parecia-se muito mais com elle e, na maioria dos casos, nos logares proximos forçosamente se encontravam todas as letras que o compunham, para que eu chegasse a commetter o erro. Entretanto, neste caso, não foi difficil encontrar os fundamentos da illusão soffrida, pois o que estava lendo era precisamente o final de uma critica, em que se qualificavam de errados certos trabalhos scientificos, entre os quaes suspeitava poderem estar incluidos alguns dos meus.

f) O dr. Marcell-Eibenschuetz communica o seguinte caso de erro de leitura, commettido numa investigação philologica. (Zentralbl. f. Psychoanalyse. 1-5-6):

"Actualmente, estou trabalhando na traducção do "Livro dos Martyres", conjunto de lendas escriptas em allemão archaico. Minha traducção deve surgir na serie de "Textos allemães da Edade-Media", que a Academia Prussiana de Sciencias está publicando. As referencias sobre este cyclo de lendas, ainda inedito, são muito escassas. De conhecido, só temos um estudo de J. Haupt, intitulado "Sobre o "Livro dos Martyres", obra allemã da Edade-Media". Para o seu trabalho, Haupt não utilizou um manuscripto antigo, e sim uma copia moderna (do Codice principal C — Klosterneuburg — seculo XIX), copia que se conserva na

Bibliotheca Real. No final desta copia, existe a seguinte inscripção:

> Anno Domini MDCCCL in vigilia exaltacionis sancte crucis ceptus est iste liber et in vigilia pasce anni subsequentis finitus cum adiutorio omnipotentis per me Hartmanum de Krasna tunc temporis ecclesie niwernburgensis custodem.

"Haupt inclue esta inscripção em seu estudo, considerando-a do punho do mesmo autor do manuscripto C, e, comtudo, não modifica sua affirmativa de que este foi redigido em 1350. Isto faz suppor que elle tenha errado ao ler a data 1850, que ahi apparece claramente em algarismos romanos, e incorre neste erro apesar de ter tido de copiar a inscripção inteira.

"O trabalho de Haupt foi, para mim, um manancial de confusões. Achando-me a principio, como noviço na sciencia philologica, sob a total influencia da autoridade de Haupt, commetti, durante muito tempo, o mesmo erro que elle, e li, na inscrição, 1350 em vez de 1850. Mas não tardei a constatar que no manuscripto C, por mim utilizado, não existia o menor vestigio de tal inscripção, e, além disso, descobri que em todo o seculo XIV não existira em Klosterneuburg nenhum monge chamado Hartman. Quando afinal cahiu o véo que me obscurecia a vista, adivinhei tudo o que succedera. Investigações subsequentes confirmaram minha hypothese em todos os pontos. A famosa inscripção só existe na copia compulsada por Haupt, redigida pelo copista padre Hartmann Zeibig, natural de Krasna (Moravia), frade agostinho e capellão de Klosterneuburg, que, em 1850, sendo thesoureiro da Ordem, copiou o manuscripto C e, no final da copia, conforme o costume antigo, citou-se a si mesmo. O estylo medieval e a orthographia archaica da inscripção, ligados ao *desejo de Haupt* de dar o maximo de dados acerca da obra que analysava, e, por conseguinte, de *precisar a data do manuscripto C,* contribuiram para faze-lo ler sempre 1350 em vez de 1850 (Motivo do acto falhado)."

g) Entre as "Idéas espirituosas e satiricas", de Lichtenberg, encontra-se uma que certamente foi tomada da realidade e encerra em si quasi toda a theoria dos erros de leitura. Ei-la: "Lera tanto Homero que, sempre que lhe surgia ante os olhos a palavra *"angenommen"* (acceito), lia *"Agamemnon"*.

Na maioria dos casos, é a predisposição do leitor que transforma o texto a seus olhos, fazendo-o ler algo que se relacione com os seus pensamentos. O texto ás vezes só coopera com uma semelhança na imagem das palavras, semelhança que pode servir de base ao leitor, para verificar a transformação que sua tendencia do momento lhe suggere. A rapidez da leitura e, sobretudo, algum defeito da visão, não corrigido, de que o individuo padeça, são factores que coadjuvam o apparecimento de taes illusões, sem constituirem, comtudo, condições necessarias.

h) Os tempos da guerra, fazendo surgir em todos os espiritos preoccupações intensas e duradouras, favoreceram a intercurrencia de lapsos, especialmente os de leitura. Durante esses annos, pude fazer grande numero de observações, das quaes, infelizmente, só annotei algumas. Um dia, apanhei um jornal e li, impressa em letras grandes, a phrase seguinte: "A paz de Goerz" (*Der Friede von Goerz*). Mas logo vi que me enganara. O que ali estava realmente era: "O inimigo ante Goerz" (*Die Feinde vor Goerz*). Não é de estranhar tal erro, commettido por quem tinha dois filhos combatendo nesse ponto. — Outra pessoa encontrou, em determinado texto, uma referencia a "antigos vales de pão" (*alte Brotkarte*), vales que, ao prestar attenção, teve de trocar por "antigos brocados" (*alte Brocate*). Ora, naquelles dias de penuria, essa pessoa era frequentemente convidada a comer em casa de uma familia amiga, e costumava corresponder a essa amabilidade offerecendo á dona da casa os vales para obtenção de pão nos depositos do governo, que conseguia arranjar. — Um engenheiro, preoccupado pelo facto de seus instrumentos se haverem deteriorado em pouco tempo, pela humidade de um tunnel em que trabalhava, leu um dia, ficando muito admirado, um annuncio de "objectos

de pelle pessima" (*Schundleder*). Mas os commerciantes raramente são tão sinceros. O que o annuncio recommendava eram objectos de "pelle de phoca" (*Seehundleder*).

A profissão ou situação de momento do leitor tambem determinam a natureza do equivoco. Um philologo que, por causa de seus ultimos e excellentes trabalhos, se achava em controversia com os seus collegas, leu, em certa occasião, "estrategia do idioma" (*Sprachstrategie*) em vez de "estrategia do xadrez" (*Schachstrategie*). — Um individuo que passeava pelas ruas de uma cidade estrangeira, ao chegar a hora em que o medico que o tratava de uma doença intestinal lhe recommendara a quotidiana e regular satisfação de um acto necessario, leu numa grande vitrina, collocada no sobrado de um alto armazem, a palavra "*Closetthaus*" (W. C.). Mas á sua satisfação de ter achado o que lhe permittia não infringir o plano preestabelecido de cura, mesclou-se certa estranheza pela installação fóra do commum dessas commodidades. Fitando novamente a vitrina, desappareceu-lhe a satisfação, pois o que na verdade estava escripto era: "Corsetthaus".

i) Existe um segundo grupo de casos em que a participação do texto, no erro commettido á sua leitura, é mais consideravel. Em taes casos, o conteúdo do texto é algo que provoca uma resistencia no leitor ou constitue uma exigencia ou noticia, que lhe parecem dolorosas. O equivoco altera o texto, convertendo-o numa phrase que exprime a defesa do individuo contra o que lhe desagrada ou a realização de seus desejos. Portanto, nesta classe de equivocos, devemos admittir que o texto é percebido e julgado antes da correcção, apesar da consciencia absolutamente não tomar conhecimento desta primeira leitura.

Um exemplo deste genero é o assignalado sob a letra e) na lista que estamos dando, e outro o que vamos transcrever, observado pelo dr. Eitingon, quando esteve no hospital de sangue de Ygló. (Internat. Zeitschr. f. Psychoanalyse, II, 1915).

"O tenente X., que está em nosso hospital, atacado de uma neurose traumatica da guerra, lia-me uma tarde a es-

trophe final de uma poesia do mallogrado Walter Heymann, (32) que tombou no campo da luta. Ao chegar aos ultimos versos, X., visivelmente emocionado, leu-os do seguinte modo:

"Mas, onde está escripto, pergunto a mim mesmo, que seja eu, entre todos, o que permanecerá vivo, e outro o que cahirá em meu logar? Quem de vós morrer, certo morre por mim. E hei de ser eu quem ficará com vida? Por que *não? (warum denn nicht?)*".

"Meu espanto chamou a attenção do leitor, que, um pouco confuso, rectificou:

"E hei de ser eu quem ficará com vida? Por que eu? *(warum denn ich?)*".

"Este caso me permittiu penetrar analyticamente na natureza do material psychico das "neuroses traumaticas da guerra" e adeantar-me, na investigação de suas causas, um pouco além das explosões de granadas, a que tanta importancia se tem concedido neste ponto.

"No caso exposto, tambem se apresentavam, á menor excitação, os graves tremores que caracterizam estas neuroses, assim como a angustia, propensão ao pranto, aos ataques de furor, com manifestações motoras convulsivas de typo infantil, e aos vomitos.

"A origem psychica destes symptomas, sobretudo do ultimo, devia ser percebida por todo o mundo, pois o apparecimento do major-medico que visitava de vez em quando os convalescentes, ou a phrase de um conhecido que lhe dissesse, na rua: "Está com um bello aspecto. Decerto, já estará curado", bastavam para provocar immediatamente um vomito.

"Curado... voltar á frente de batalha ... por que eu?"

k) O dr. Hans Sachs reuniu e communicou alguns outros casos de erros de leitura, motivados por circumstancias especiaes do tempo da guerra. (Internat. Zeitschr. f. Psychoanalyse. IV. 1916-17).

---

(32) W. Heymann: Kriegsgedichte und Feldpostbriefe, p. 11: "Den Ausziehenden".

"Um conhecido me dissera varias vezes que, quando fosse chamado a incorporar-se, não faria uso do direito, que o seu titulo facultativo lhe concedia, de prestar serviços no interior. Por conseguinte, iria á frente de batalha. Um dia, pouco tempo antes de chegar seu turno, communicou-me laconicamente que apresentara o titulo, para fazer valer seus direitos, motivo por que lhe haviam destinado uma actividade industrial. No dia seguinte, encontrámo-nos numa repartição. Eu estava escrevendo numa mesinha. Meu amigo postou-se atraz de mim e esteve espiando um instante o que eu escrevia. Depois disse: "Essa palavra ahi no alto é *Druckbogen* (formula impressa), não é? Eu tinha lido *Drueckeberger* (*covarde*)".

l) "Numa viagem de bonde, ia pensando que alguns de meus amigos da juventude, sempre tidos por gente delicada e fraca, resistiam agora a penosas marchas, que sem duvida me anniquilariam. Em meio a estes pouco agradaveis pensamentos, li por alto, na taboleta de uma loja, as palavras "Constituições de ferro", escriptas em grandes letras negras. Um segundo após, comprehendi que taes palavras não eram adequadas á taboleta de nenhuma loja. Voltando-me, ainda consegui lançar-lhe um olhar. O que na verdade se lia, era: "Construcções de ferro". (L. c.).

m) "Um dia, vi nos jornaes um telegramma da agencia Reuter, com a noticia, mais tarde desmentida, de que Hughes fora eleito presidente da Republica dos Estados Unidos. Ao pé da noticia, vinha uma curta biographia do supposto eleito, e nella li que Hughes estudara na Universidade de *Bonn.* Admirei-me por não ter encontrado essa referencia em nenhum dos artigos, que já ha algumas semanas se vinham publicando, em torno das eleições americanas. Nova leitura demonstrou que a Universidade citada era a de *Brown.* Este erro grosseiro, em que foi mister uma verdadeira violencia para commette-lo, explica-se pela rapidez com que se costumam ler os jornaes, e, sobretudo, por certos motivos tanto politicos como de indole pessoal: a sympathia do novo presidente pelas potencias centraes parecia-me

extremamente desejavel, como base de futuras relações amistosas." (L. c.).

B. — Erros de escripta

a) Numa folha de papel, que continha, principalmente, notas diarias de interesse profissional, tive a surpresa de encontrar a data errada, "Quinta feira, 20 de Outubro", escripta em vez da verdadeira, que correspondia ao mesmo dia do mês de Setembro. Não é difficil explicar esta antecipação como expressão de um desejo. Effectivamente, dias antes, regressara, com novas forças, de minha viagem de férias, e me sentia disposto a reencetar a actividade medica, mas o numero de clientes ainda era pequeno. A' minha chegada, encontrára uma carta em que um cliente me annunciava sua visita para o dia 20 de Outubro. Ao escrever a data do mesmo dia do mês de Setembro, devo ter pensado: "Fulano já podia estar aqui. Que pena ter de perder um mês inteiro!" E, com esta idéa, antecipei a data. Como, neste caso, o pensamento perturbador não se pode qualificar de desagradavel, encontrei sem difficuldade a explicação de meu erro, logo que me dei conta delle. No outomno seguinte, commetti de novo um erro analogo, acarretado por um motivo semelhante. Ernest Jones estudou estes casos de equivoco na redacção de datas, julgando-os, em sua maioria, occasionados por algum motivo.

b) Tendo recebido as provas de minha collaboração á Memoria Annual sobre Neurologia e Psychiatria, dediquei um especial cuidado á revisão dos nomes de autores estrangeiros citados em meu trabalho, nomes que, por pertencerem a pessoas de varias nacionalidades, sempre deparam alguma difficuldade aos typographos. Effectivamente, encontrei varios erros desta ordem, que tive de corrigir; mas o curioso é que o typographo, em compensação, rectificara nas provas um nome que eu escrevera erradamente no original. Em meu artigo, louvava o trabalho do tocólogo *Burckhardt*, sobre a influencia do parto na origem da paralysia infantil. Ao escrever este nome, enganara-me e escrevera *Burckr-*

hardt, erro que o typographo corrigiu, compondo o nome correctamente. Meu equivoco não provinha de nenhuma inimizade contra o obstetra, que me houvesse feito deformar seu nome ao escreve-lo. O caso, porém, é que o seu nome era o mesmo de um escriptor viennense, que me irritara com uma critica mal intencionada de minha "Interpretação dos Sonhos". Eis por que, ao escrever o sobrenome Burckhardt, com que queria designar o tocólogo, devo ter pensado algo desagradavel do outro escriptor seu homonymo, commettendo então o erro que o desfigurou. Esse acto, como já dissemos antes, significa despreso pela pessoa correspondente (33).

c) Esta affirmativa é confirmada e reforçada por uma auto-observação, em que A. J. Storfer expõe, com uma franqueza digna de encomios, os motivos que, primeiro, o fizeram recordar inexactamente e, depois, escrever desfigurando-o, o nome de um supposto concorrente scientifico (Internationale Zeitschrift fuer Psychoanalyse. II-1914).

"Em Dezembro de 1910, vi na vitrina de uma livraria de Zuerich, o recente livro do dr. Eduard *Hitschmann,* sobre a theoria freudista das neuroses. Precisamente naquella época, eu estava preparando uma conferencia, que devia pronunciar numa sociedade scientifica, acerca da Psychologia de Freud. Na introducção, já redigida, falava do desenvolvimento historico da Psychologia freudista, observando que, pelo facto de ella ter seu ponto de partida em investigações de caracter pratico, tornava-se muito difficil expor, num breve resumo, suas linhas fundamentaes, não tendo havido até então ninguem que tivesse emprehendido semelhante tarefa. Ao ver esse livro, de um autor até então desconhecido para mim, não pensei, a principio, compra-lo. Quando, dias após, decidi o contrario, o livro já não estava na vitrina. Ao dizer, na livraria, o titulo da obra recem-

---

(33) Veja-se o "Julio Cesar" shakespiriano. Acto III, sc. 3.
Cinna: Meu nome é Cinna. — Os cidadãos: Esquartejae-o. E' um conjurado. — Cinna: Sou Cinna, o poeta; não sou Cinna, o conjurado! — Os cidadãos; Não importa. Seu nome é Cinna. Arrancae-lhe o nome do coração, e deixae-o caminhar.

publicada, dei ao autor o nome de dr. Eduard *Hartmann*. O livreiro corrigiu-me, dizendo: "O Snr. ha de querer dizer *Hitschmann*", e trouxe o livro desejado.

"O motivo inconsciente do acto falhado era facil de descobrir: Até certo ponto, eu já contava com o merito de ter sido o primeiro a resumir as linhas fundamentaes da theoria psychanalytica, e, portanto, vira com aborrecimento e inveja o apparecimento do livro de Hitschmann, que diminuia meu merecimento. A deformação do nome do autor constituia, pois, de acordo com as theorias sustentadas na "Psychopathologia da Vida Quotidiana", um acto de hostilidade inconsciente. Nessa occasião, dei-me por satisfeito com tal explicação.

"Semanas após, annotei por escripto as circumstancias do referido acto falhado, e, ao faze-lo, occorreu-me pensar qual seria a razão de haver transformado o nome de Eduard *Hitschmann* precisamente em Eduard *Hartmann*. Seria apenas a semelhança entre os dois nomes o que me fizera escolher, como substitutivo, o do afamado philosopho? Minha primeira associação foi a de que o prof. Hugo Meltzl, apaixonado admirador de Schopenhauer, dissera um dia o seguinte: "Eduard von Hartmann é Schopenhauer desfigurado, Schopenhauer voltado para a esquerda". Assim, pois, a tendencia affectiva que determinara a imagem substitutiva do nome esquecido era esta: "O tal Hitschmann e sua exposição compendiada das theorias de Freud não devem ser coisa que valha a pena. Hitschmann deve estar para Freud, assim como Hartmann está para Schopenhauer".

"Ao cabo de seis meses, cahiu-me sob os olhos a folha em que annotara este caso de esquecimento motivado e acompanhado de reminiscencia substitutiva. Ao le-la, observei que, de novo, deformara em minha narrativa o nome de Hitschmann, escrevendo *Hintschmann*."

d) Outro caso de erro de escripta, apparentemente grave, que tambem poderia ser incluido entre os casos de "enganos" (*Vergreifen*).

"Em certa occasião, decidi tirar da Caixa Economica Postal a quantia de 300 corôas, que desejava enviar a um

parente meu, residente fóra de Vienna, para lhe tornar possivel uma estação de aguas, prescripta pelo medico. Ao cuidar deste assumpto, vi que minha conta corrente chegava a 4.380 corôas, e decidi deixa-la reduzida a 4.000, quantia redonda, que devia permanecer intacta, como reserva para contingencias futuras. Depois de fazer o cheque, na forma regular, e de ter cortado na caderneta os 3 cupões correspondentes á quantia desejada, percebi que pedira para retirar da Caixa Economica, não 380 corôas, como queria, e sim precisamente 438, motivo por que fiquei assustado ante a pouca segurança com que executava meus actos. Logo reconheci que o susto era injustificado, pois tal erro não era de molde a me empobrecer. Mas reflecti um instante, com o intuito de descobrir a influencia que modificara minha primitiva intenção, sem que minha consciencia a tivesse antes percebido. A principio, segui caminhos errados. Subtrahi 380 corôas de 438, e fiquei sem saber o que fazer com a differença obtida. Mas, afinal, encontrei a verdadeira connexão. 438 eram *dez por cento* de 4.380, total de minha conta corrente! E *dez por cento* é o desconto que fazem os *livreiros!* Recordei que dias antes procurara em minha bibliotheca e separara, por já terem perdido o interesse para mim, uma porção de obras de Medicina, com o objectivo de offerece-las a uma casa de livros usados, precisamente por 300 corôas. O livreiro achou o preço demasiado alto, e ficou de me dar resposta alguns dias mais tarde. Na hypothese de acceitar o preço pedido, ter-me-ia reembolsado a importancia que eu devia mandar a meu parente enfermo. Portanto, não restava duvida de que, no fundo, lamentava ter de dispor desta quantia em favor de outro. A emoção que senti ao perceber o erro explica-se melhor agora, interpretando-a como um temor de arruinar-me, com taes gastos. Entretanto, ambas as coisas, o desgosto de ter de remetter a quantia e o medo de arruinar-me, a elle ligado, eram completamente estranhos á minha consciencia. Não senti o menor vestigio de desgosto ao prometter enviar essa importancia, e teria achado ridicula a causa do mesmo. Nunca me consideraria capaz de abrigar taes sentimentos, se meu cos-

tume de submetter os pacientes á analyse psychica não me houvesse familiarizado, até certo ponto, com os elementos reprimidos da vida animica, e se, além disso, não tivesse tido poucos dias antes um sonho, que reclamava egual interpretação (34)".

e) O caso que transcrevemos a seguir, cuja authenticidade posso asseverar, é retirado de uma communicação de W. Stekel:

"Na redacção de um semanario de grande circulação, occorreu recentemente um incrivel caso de erro de escripta e de leitura. A direcção do semanario fôra acoimada de "vendida". Tratava-se de contestar num artigo, com a maxima indignação, o insultuoso qualificativo. Foi o que se fez, com effeito, empregando-se no estylo um grande e empolado dispendio de palavras. O redactor-chefe e o autor do artigo leram-no repetidas vezes, tanto no original como nas provas, ficando ambos satisfeitos. De repente, veio á presença delles o revisor, fazendo-lhes notar um pequeno erro, que escapara. Lia-se no artigo, com toda clareza, o seguinte: "Nossos leitores são testemunhas de que sempre temos defendido *interessadamente* o bem publico". E' logico que ali se quizera dizer *desinteressadamente*. Mas os verdadeiros pensamentos insinuaram-se através do pathetico discurso.

f) Uma leitora do "Pester Lloyd", a sra. Kata Levy, de Budapest, observou um caso semelhante de sinceridade involuntaria, numa affirmativa de um telegramma de Vienna, publicado por esse jornal a 11 de Outubro de 1918.

Dizia assim: "Dada a absoluta confiança que, durante toda a guerra, reinou entre nós e os nossos alliados allemães, devemos suppor, como coisa indubitavel, que as duas potencias agirão conjuntamente em todas as opportunidades, sendo portanto ocioso accrescentar que, tambem nesta phase da

---

(34) Trata-se do sonho que me serviu de exemplo numa pequena monographia sobre o sonho, publicada no n.° 8 da "Grenzfragen des Nerven-und Seelenlebens", publicados por Loewenfeld e Kurella, 1901.

guerra, os corpos diplomaticos dos dois paises trabalham de *imperfeito* acordo".

Poucas semanas mais tarde, poude-se falar com mais liberdade dessa "absoluta confiança", sem ter de recorrer aos enganos, na escripta ou na composição."

g) Um americano, que viera á Europa, deixando em seu país a esposa, depois de alguns desgostos conjugaes, em dado momento julgou chegada a occasião de reconciliar-se com ella, e convidou-a a atravessar o Atlantico, para vir ter com elle. Seria muito bom — lhe escreveu — se pudesses viajar no *"Mauritania"*, como fiz". Ao reler a carta, rasgou a folha em que estava a phrase anterior e escreveu-a novamente, não querendo que a esposa visse a correcção, que precisara fazer no nome do navio. Na primeira vez, escrevera *"Lusitania"*.

"Este *"lapsus calami"* não necessita de explicação, sendo susceptivel de interpretação immediata. Mas podemos accrescentar o seguinte: A esposa do americano fôra á Europa, pela primeira vez, por causa da morte de sua unica irmã, e se não me engano, o "Mauritania" é irmão do "Lusitania", afundado durante a guerra.

h) Um medico examinou um menino e indicou uma formula, em cuja composição entrava certa porção de alcool (*alcohol*). Emquanto redigia a prescripção, a mãe do menino fatigava-o com perguntas ociosas. O medico resolveu interiormente não se incommodar com taes importunações. Conseguiu-o, effectivamente, mas enganou-se ao escrever, pondo em logar de *Alcohol, acholl* (aproximadamente "nada de fel").

i) Motivado por semelhança de conteúdo, accrescentarei aqui um caso observado por Ernest Jones na pessoa de seu collega A. A. Brill. Este ultimo, que é abstemio, tomou um dia um pouco de vinho, levado pela obstinada insistencia de um amigo. Na manhã seguinte, uma violenta dôr de cabeça fe-lo lamentar a concessão. Nesse momento, teve de escrever o nome de uma cliente chamada *Ethel*, e no logar delle, escreveu *Ethyl* (alcool ethylico). Para isto, contri-

buiu o facto dessa cliente costumar beber mais do que seria conveniente.

Dado que o engano de um medico, ao escrever uma receita, possue uma importancia que ultrapassa o valor geral pratico dos actos falhados, transcreverei aqui, pormenorizadamente, a unica analyse até hoje publicada, de um tal erro de escripta. (Internationale Zeitschrift fuer Psychoanalyse 1-1913).

j) Dr. Eduard Hitschmann (Um caso repetido de erro na redacção de uma receita).

"Um collega me contou que, durante varios annos, repetidas vezes lhe succedera enganar-se ao prescrever determinado medicamento a clientes do sxo feminino, de edade já madura. Em dois casos, receitou uma dose dez vezes maior do que tencionava, e depois, ao perceber de repente seu erro, teve de regressar, cheio do temor de ter prejudicado as clientes e de attrahir sobre sua pessoa graves complicações, ao logar onde deixara as receitas, pedindo que lhas devolvessem. Este singular acto symptomatico (Symptomhandlung) merece ser detidamente observado, expondo em separado e com todas as minucias as diversas occasiões em que se manifestou.

Primeiro caso. O referido medico receitou a uma senhora, já no limiar da velhice, suppositorios de belladona, dez vezes mais fortes do que pretendia. Em seguida, abandonou a clinica. Cerca de uma hora mais tarde, quando já estava em casa almoçando e lendo o jornal, percebeu de repente seu erro. Assustado, correu ao hospital para pedir os dados sobre a cliente, e em seguida á casa desta, situada num bairro afastado. Afinal, encontrou a senhora que ainda não se utilizara da receita, conseguindo que esta lhe fosse devolvida, o que lhe permittiu regressar a casa tranquillo e satisfeito. Afim de se desculpar perante si mesmo, allegou, não sem razão, que, emquanto estava escrevendo a receita, o chefe do ambulatorio, pessoa muito loquaz, estivera detraz delle espiando o que escrevia, por cima de seu ombro, a incommoda-lo.

"Segundo caso. O mesmo medico teve um dia de aban-

donar o consultorio, deixando nelle uma cliente formosa e garrida, para ir visitar uma velha solteirona, a cuja casa se dirigiu de automovel. O motivo dessa urgencia era uma entrevista amorosa, que tinha marcado para dahi a pouco, com uma jovem que amava. Eis por que, nesta visita á cliente edosa, receitou belladona contra a mesma molestia do caso anterior, commettendo identico erro de prescrever uma dose dez vezes superior á normal. Durante a visita, a enferma falou-lhe de algumas coisas interessantes, sem relação com a enfermidade. Mas o medico deixou transparecer sua impaciencia, se bem que a negasse com palavras cortezes, e retirou-se com bastante tempo para acudir á agradavel entrevista. Cerca de doze horas mais tarde, lá pelas sete da manhã, notou, ao despertar, o erro commettido. Sobresaltado, mandou um criado á casa da cliente, com a esperança de que ainda não houvessem mandado a receita á pharmacia e lha devolvessem, para corrigi-la. Effectivamente recebeu a receita, mas esta já fora preparada. Com certa resignação estoica e o optimismo que a experiencia nos dá, foi então á pharmacia, onde o empregado o tranquillizou, dizendo que, naturalmente (talvez tambem por um descuido?), tambem diminuira muito a dose prescripta na receita, ao preparar o medicamento.

"Terceiro caso. O mesmo medico quiz receitar a uma tia edosa, irmã de sua mãe, uma mistura de tintura de belladona e tintura de opio, em doses inoffensivas. A criada levou a receita á pharmacia. Pouco tempo depois, o medico recordou que escrevera "Extracto" em vez de "Tintura", Dahi a pouco, o pharmaceutico lhe telephonou, interpellando-o acerca deste erro. O medico desculpou-se com a mentirosa excusa de que não acabara de escrever a receita, que a criada apanhara na mesa, antes de terminada.

As singulares coincidencias que apresentam estes tres casos de erro na redacção de uma receita derivam de que, até hoje, isto só succedeu ao referido medico com *um unico* medicamento, tratando-se de clientes femininas de edade avançada e sendo sempre demasiado *forte* a dose prescripta. Uma analyse curta revelou que o caracter das relações fami-

liares entre o medico e sua progenitora devia ter uma importancia decisiva neste caso. Uma de suas recordações durante a analyse, foi a de ter prescripto — provavelmente *antes* destes actos symptomaticos — á sua mãe, tambem edosa, a mesma receita e, por certo, numa dose de 0,03, apesar de ser 0,02 a que costumava receitar, pensando que, com tal augmento, a curaria mais radicalmente. O medicamento energico, produziu na enferma, cujo estado era delicado, uma forte reacção, acompanhada de manifestações congestivas e desagradavel seccura na garganta. A doente queixou-se disto, alludindo, meio a serio, meio de brincadeira, ao perigo dos remedios receitados por um filho. Já noutras occasiões, a mãe, tambem filha de um medico, rejeitara os medicamentos prescriptos pelo filho, fazendo observações meio humoristicas sobre uma possibilidade de envenenamento.

Do que pela analyse se poude deduzir sobre as relações familiares entre o medico e a mãe, resulta que o amor filial delle era puramente instinctivo e que a estima espiritual em que tinha sua mãe e seu respeito para com ella não eram certamente exagerados. O facto de ter que habitar na mesma casa com sua mãe e seu irmão, um anno mais moço que elle, constituia para o medico uma coacção de sua liberdade erotica. Nossa experiencia psychanalytica demonstrou-nos a influencia deste sentimento de coacção na vida intima do individuo.

O medico acceitou a analyse, bastante satisfeito com a explicação que lhe dava de seus erros, e accrescentou, sorrindo, que a palavra belladona (mulher formosa) tambem podia ter um significado erotico inconsciente. Já em certa occasião, elle tambem usara esse medicamento.

Não acho exagero em affirmar que esses actos falhados graves seguem um caminho identico ao dos outros, mais inoffensivos, anteriormente analysados.

k) O seguinte *lapsus calami,* communicado por S. Ferenczi, pode ser incluido entre os mais innocentes e interpretado simplesmente como um acto falhado produzido pela condensação motivada por um phenomeno de impaciencia (compare-se com o lapso *Der Apfe,* no capitulo V), emquan-

to uma analyse mais profunda não demonstra a existencia de um elemento perturbador mais vigoroso.

"Querendo escrever: Aqui cabe a anecdota (*Anekdote*)... escrevi a ultima palavra do seguinte modo: *Anektode*. Effectivamente, a anecdota a que me referia era a de um cigano condemnado á morte (*zu Tode verurteilt*), que solicitou como ultima graça escolher por si mesmo a arvore em que devia enforca-lo e, como é natural, não encontrou, apesar de procura-la com grande afan, nenhuma que lhe parecesse boa".

l) Outras vezes, contrastando com o inoffensivo caso anterior, um erro insignificante pode revelar um perigoso sentido, que desejamos manter em segredo. E' o que se dá no seguinte exemplo, que nos foi communicado por um anonymo:

"No fim de uma carta, escrevi as palavras: "Cordiaes cumprimentos á sua esposa e a *ihren Sohn* (filho della)". No momento em que ia po-la na sobrecarta, notei que commettera o erro de escrever a palavra "ihren" com letra minuscula, com o que o sentido da phrase se tornava: "filho della", e não seu filho, "delle", que tal era a minha intenção de escrever. Está claro que corrigi o erro, antes de mandar a carta. Ao regressar de minha ultima visita a essa familia, a senhora que me acompanhava fez-me notar que o filho se parecia muitissimo com um amigo intimo da casa, o qual, decerto, seria seu verdadeiro pae."

m) Uma senhora escrevia á irmã, dando-lhe parabens por sua installação numa casa mais commoda e espaçosa do que a que anteriormente occupava. Uma amiga, que se achava presente, observou que a senhora puzera no envelopppe um endereço errado, que nem sequer era o da casa de onde a irmã se mudara, e sim a de outra, em que residira pouco depois de casar-se, tendo-a deixado já ha muito tempo. Advertiu á amiga o erro, e esta teve de confessa-lo, dizendo: "Tem razão. Mas, como pude enganar-me deste modo? E por que?" A amiga opinou: "Sem duvida é a inveja pela casa commoda e ampla para onde ella agora se muda, emquanto você tem de continuar vivendo numa menos espa-

çosa. E' esse sentimento que lhe faz transferir sua irmã para a primeira casa, em que tambem carecia de commodidades". "E' verdade que a invejo" — confessou sinceramente a senhora, accrescentando: "Que aborrecimento, nestas coisas, termos sempre sentimentos tão vulgares, máo grado nosso!"

n) E. Jones communica o seguinte exemplo de erro de escripta, observado por A. A. Brill: "Um cliente dirigiu ao dr. Brill uma carta, em que se esforçava por attribuir seu nervosismo aos cuidados e á tensão espiritual, que lhe produzia a marcha de seus negocios, ante a crise que atravessava o mercado do algodão. Nessa carta, lia-se o seguinte: "... my trouble is all due to that damned frigid *wave*" (literalmente: "... toda minha perturbação é devida a esta maldita onda de frio". A expressão "onda de frio" designa a "onda de baixa" que invadira o mercado de algodão). Mas o paciente, ao escrever a phrase citada, escreveu *wife* (mulher), em vez de *wave* (onda). Realmente, abrigava no coração, amargas censuras contra a esposa, motivadas por sua frieza conjugal e esterilidade, não estando muito longe de reconhecer que a privação que este estado de coisas lhe impunha, era, em grande parte, culpada da enfermidade que o assoberbava.

o) O dr. R. Wagner communica a seguinte auto-observação, no "Zentralblatt fuer Psychoanalyse", I-12:

"Ao reler um antigo caderno de apontamentos universitarios, verifiquei que a rapidez necessaria para tomar notas acompanhando a explicação do professor me fizera commetter um pequeno lapso. Em vez de *Epithel* (epithelio), escrevera *Edithel,* diminutivo de um nome feminino. A analyse retrospectiva deste caso é extremamente simples. Na época em que commetti o engano, minha amizade com a moça que usava esse nome era muito superficial, e só muito tempo depois se tornou intima. Meu erro constitue, pois, uma excellente prova da emergencia de uma inclinação amorosa inconsciente, numa época em que eu proprio della não tinha a menor consciencia. Os sentimentos que acompa-

nhavam meu erro manifestam-se na fórma diminutiva que elle escolheu para exteriorizar-se."

p) A senhora do dr. Hug-Hellmuth refere, em sua "Collaboração ao capitulo "Erros de leitura e de escripta" (Zentralbl. f. Psychoanalyse, II-5), o seguinte caso.

"Um medico prescreveu a uma cliente "agua de *Levitico*", em vez de "agua de *Levico*". Este erro, que deu aso a algumas observações impertinentes do pharmaceutico, pode ser interpretado mais benignamente, investigando-lhe as determinantes inconscientes, sem lhes negar, a priori, uma certa verosimilhança, apesar de não passarem de hypotheses subjectivas de uma pessoa relativamente afastada do referido medico. Este possuia uma numerosa clientella, máo grado a rudeza com que costumava sermonear (*ler o Levitico*) seus doentes, censurando-lhes o irracional regime alimentar. Enchia-se-lhe a casa á hora da consulta. Semelhante agglomeração justificava seu desejo de que os clientes, terminado o exame, se vestissem o mais rapidamente possivel; *vite, vite* (depressa, depressa!), dizem os francesses. Se bem me recordo, a esposa do medico era de origem franceza, circumstancia que justifica minha atrevida hypothese de que, para exprimir o acima referido desejo, elle empregasse palavras desse idioma. Além disto, é costume de muitas pessoas usar locuções estrangeiras em certos casos. Meu pae, quando nos levava a passeio, costumava incitarnos a andar depressa, com estas phrases: "Avanti, gioventu" e "Marchez au pas", e um medico, já edoso, que me tratou de uma enfermidade da garganta, sempre exclamava: "Piano, piano", para conter meus movimentos rapidos. Eis por que me parece muito provavel que o referido medico tivesse o costume de dizer "*vite, vite*", para apressar os clientes, o que o levara a enganar-se na redacção da receita, escrevendo *levitico* em vez de *levico*.

Nesse mesmo trabalho, a autora publica mais alguns equivocos, commettidos em sua juventude (*fracês* por *francês*, o nome "Carlos" escripto erradamente).

q) A' amavel communicação do sr. J. G., de quem já citámos alguns exemplos por elle observados, devo a seguin-

te narrativa de um caso que coincide com uma pilheria conhecida, mas do qual devemos afastar qualquer idéa de intenção zombeteira preconcebida.

"Estando num sanatorio, em tratamento de uma affecção pulmonar, recebi a dolorosa noticia de que um parente proximo contrahira a mesma molestia de que eu padecia.

"Aconselhei-lhe, numa carta, que consultasse um especialista, medico afamado, o mesmo que me tratava e de cuja autoridade scientifica estava plenamente convicto, tendo, por outro lado, alguma queixa de sua falta de amabilidade, pois pouco tempo antes me negara um attestado que, para mim, tinha a maior importancia.

"Ao responder, meu parente me chamou a attenção para um erro de minha carta, erro que, conhecendo-lhe eu a causa, me divertiu extraordinariamente.

"Dizia a minha carta: "... aconselho-te, além disto, que, sem mais tardança, vás *insultar* o dr. X." Está claro que eu quizera escrever "consultar".

"Devo accrescentar que o latim e o francês me são bastante familiares, para que não se possa levar meu erro á conta de ignorancia."

r) E' evidente que as omissões na escripta devem ser julgadas do mesmo modo que os equivocos nella commettidos. No "Zentralbl. f. Psychoanalyse, I-12", B. Dattner, doutor em Direito, communicou um curioso exemplo de "erro historico". Num dos artigos da lei sobre obrigações financeiras da Austria e Hungria, modificados em 1867, por força do acordo entre os dois países sobre esta questão, omittiu-se, na traducção hungara, a palavra "effectivo". Dattner crê que o desejo dos delegados hungaros, que tomaram parte na redacção da lei, de conceder á Austria o minimo possivel de vantagens, não deixou de influir no erro commettido.

Tambem existem poderosas razões para admittir que as repetições de uma palavra, tão frequentes quando escrevemos ou copiamos — *perseveração* — tambem têm sua significação. Quando quem escreve repete uma palavra, demonstra com isto que lhe foi difficil continuar depois de

te-la escripto pela primeira vez, por pensar que naquelle ponto poderia ter accrescentado outras coisas que determinadas razões lhe fazem omittir, ou por outro motivo analogo. A repetição na copia parece substituir um "eu tambem" do copista. Em longos relatorios de medicos-legistas, que tive de ler, encontrei, em certos periodos, frequentes repetições do copista, susceptiveis de serem interpretadas como um desafogo deste que, cansado de seu papel impessoal, quizera accrescentar ao relatorio um commentario particular: "Precisamente o meu caso" ou "E' exactamente o que se dá commigo".

s) Tambem não ha inconveniente em considerar os erros de imprensa como "lapsos de escripta", commettidos pelo typographo, fazendo-os depender egualmente de um motivo. Nunca tentei fazer uma collecção systematica de taes erros, que seria muito instructiva e divertida. E. Jones, em sua obra já citada, dedicou um capitulo a estes pasteis typographicos (Misprints). Do mesmo geito, as deturpações de telegrammas podem, algumas vezes, ser interpretadas como erros de escripta commettidos pelos telegraphistas. — Durante as ferias de verão, recebi um telegramma de meus editores, cujo texto, a principio, não pude entender. Dizia assim:

"Vor*raete* erhalten, Ein*lad*ung X. dringend" (*Provisões* recebidas, *convite* X. urgente). A solução desta charada foi-me fornecida pelo nome X., nella incluido. X. é autor de uma obra, para a qual eu devia escrever uma introducção (Enleitung), que se converteu em convite (Einladung), no telegramma. Por outro lado, recordei que, dias antes, enviara á casa editora um prefacio (Vorrede) para outro livro, prefacio que o telegraphista transformara em provisões (Vorraete). Assim, pois, o texto real do telegramma devia ser o seguinte: "Prefacio recebido, introducção X. urgente".

Devemos admittir que a transformação foi causada pelo "complexo da fome" do telegraphista, sob cuja influencia, aliás, se estabeleceu, entre as duas partes da phrase, uma

connexão mais intima do que o remettente do telegramma pretendia.

Varios outros autores têm assignalado erros de imprensa, a que se não pode negar determinada tendencia. Eis, por exemplo, um publicado por J. Storfer no "Zentralbl. f. Psychoanalyse" (II-1914 e III-1915).

t) "No jornal *Maerz,* de 25 de Abril do corrente anno, encontramos um erro typographico de caracter politico. Numa correspondencia vinda de Argyrokastron, transcrevem-se certas considerações de Zographos, chefe dos rebeldes epirotas da Albania (ou, se quizerem, presidente do Governo independente do Epiro). A correspondencia, entre outras coisas, diz: "Creiam no que lhes digo: Um Epiro autonomo seria importantissimo para os interesses do principe de Wied. Sobre elle poderia o principe *cahir* (sich stuerzen, por sich stuetzen — apoiar-se)". Que o facto de acceitar o apoio (Stuetze) que os epirotas lhe offerecem seja para elle synonimo de queda (Sturz) é coisa que o principe da Albania sabe de sobra, sem necessitar que lho indiquem com fataes erratas."

u) Ha pouco, li eu proprio, num jornal viennense, um artigo, cujo titulo, "A Bukowina sob o dominio *rumeno*", era pelo menos muito prematuro, pois naquella data os rumenos ainda não haviam declarado sua hostilidade contra nós. O texto do artigo demonstrava claramente que no titulo se puzera, por engano, *rumeno* em vez de *russo.* Mas o que nelle se annunciava a ninguem deve ter parecido muito inverosimel, posto que nem a propria censura percebeu o erro.

Wundt dá uma interessante razão para o facto, facil de constatar, de que nos enganamos muito mais facilmente ao escrever do que ao falar (l. c. pg. 374): "No correr da elocução normal, a funcção inhibitoria da vontade acha-se constantemente occupada em manter a harmonia entre o curso das representações e os movimentos de articulação. Quando, todavia, como succede na escripta, o movimento de expressão que se segue ás representações é retardado por causas mecanicas, taes antecipações se produzem com grande facilidade."

A observação das condições que determinam a intercorrencia de enganos na leitura dá logar a uma duvida, que não quero deixar de mencionar, pois, a meu ver, pode constituir o ponto de partida de valiosas investigações. Todo o mundo sabe que, quando se lê em voz alta, a attenção do leitor é frequentemente desviada do texto, orientando-se para questões pessoaes. E' em consequencia desta fuga de attenção que o leitor não sabe dar conta do que leu, quando lhe perguntamos por isso, interrompendo-lhe a leitura. Leu automaticamente, e entretanto, leu quasi sempre sem se enganar. Não creio que nestas condições se multipliquem os erros de um modo notavel. Estamos habituados a admittir o facto de que toda uma serie de funcções se realiza com a maior exactidão, quando as executamos automaticamente, isto é, quando são acompanhadas por uma attenção apenas consciente. Disto talvez se possa deduzir que as condições da attenção nos enganos ao falar, ler e escrever, devem ser determinadas de um modo differente daquelle que Wundt admitte (ausencia ou negligencia da attenção). Os exemplos que submettemos á analyse dão-nos realmente o direito de acceitar uma diminuição quantitativa dessa faculdade.

Nelles encontramos, o que talvez não seja a mesma coisa, uma *perturbação,* produzida por um pensamento estranho (35).

---

(35) Entre os enganos de escripta e os esquecimentos, deve-se incluir o caso da omissão da assignatura em qualquer carta ou documento. Um cheque não assignado equivale a um cheque esquecido. Para expor a interpretação de um esquecimento destes, quero transcrever uma analyse, realizada pelo dr. H. Sachs, de uma situação deste genero, encontrada em uma novella:

"A novella "The Island Pharisees", de John Galsworthy, nos depara um exemplo muito instructivo e transparente da segurança com que os poetas sabem utilizar o mecanismo dos actos falhados e symptomaticos, de acordo com o seu sentido psychanalytico. A acção principal da novella é constituida pelas hesitações de um joven da classe media remediada, entre um profundo sentimento de solidariedade social e as convenções de sua classe.

"No capitulo XXVI, descreve-se a maneira por que o protagonista reage ante uma carta de um joven vagabundo, a quem, levado por sua original concepção da vida, certa vez prestara auxilio. A carta não contém um pedido directo de dinheiro e sim a narrativa de uma situação difficilima, que não pode ser interpretada de outro modo. A principio, o destinatario repelle a idéa de desperdiçar seu dinheiro com o incorrigivel, em vez de reserva-lo a obras de beneficencia: "Estender a mão caridosa, um pedaço de si mesmo, fazer um gesto de camaradagem a nosso proximo, sem proposito

nem fim algum, tão somente porque o vemos em má situação, que loucura sentimental! E' preciso saber onde está o limite, para não ultrapassa-lo". Mas, emquanto murmurava estas conclusões, sentiu como sua sinceridade se erguia contra elle, dizendo-lhe: "Farçante! Queres conservar teu dinheiro, e nada mais".

"Depois destas duvidas, escreve uma carta amavel ao vagabundo, terminando com estas palavras: "Incluo-lhe um cheque. Seu, sinceramente, Richard Shelton".

Antes de fazer o cheque, distrahiu-lhe a attenção uma mariposa que voava junto á chamma da vela. Ergueu-se para apanha-la, tencionando em seguida po-la fóra da janella, e, ao faze-lo, esqueceu-se de que não puzera o cheque na carta. Esta segue, tal como estava, para o correio.

"A causa do esquecimento é, todavia, mais subtil do que a victoria final da tendencia egoista de poupar o dinheiro, que a principio parecia vencida.

"Shelton sente-se isolado na residencia campestre de seus futuros sogros, entre a noiva, a familia desta e seus convidados. Por meio do acto falhado, indica-se que o joven deseja a presença do protegido, que, por seu passado e concepção que tem da vida, constitue o extremo opposto das pessoas que o rodeiam, todas talhadas pelo mesmo irreprehensivel padrão das conveniencias sociaes. Effectivamente, o vagabundo, que, sem auxilio, não se pode manter na situação em que se achava, chega dias após, pedindo a explicação da ausencia do annunciado cheque."

VII

ESQUECIMENTO DE IMPRESSÕES E PROJECTOS

A quem se sentisse propenso a elogiar o estado actual de nossos conhecimentos sobre a vida psychica, bastaria recordar-lhe a ignorancia em que nos encontramos quanto á funcção da memoria, para dar-lhe uma lição de modestia. Até a presente data, nenhuma theoria psychologica logrou explicar conjuntamente os phenomenos fundamentaes do esquecimento e da recordação, e nem sequer se realizou a analyse completa daquillo que nos é dado observar, na realidade mais immediata. A nossos olhos, o esquecimento chegou a ser, talvez, mais mysterioso que a recordação, sobretudo desde que o estudo dos sonhos e dos phenomenos pathologicos nos mostrou que aquillo que suppunhamos ter esquecido ha muito tempo, póde voltar de repente á consciencia.

Possuimos, todavia, alguns dados, cuja exactidão, esperamos, será geralmente reconhecida. Acceitamos que o esquecimento seja um processo expontaneo, a que se póde attribuir determinado curso temporario, realçamos o facto de que no esquecimento se verifica uma certa selecção entre as impressões existentes, assim como entre as particularidades de cada impressão ou successo, e conhecemos algumas das condições necessarias para a conservação e apparecimento na memoria, daquillo que, sem ellas, seria olvidado. Mas, não obstante, em innumeras occasiões da vida quotidiana,

podemos observar quão incompleto e pouco satisfatorio é o nosso conhecimento. Ouvindo-se duas pessoas trocar reminiscencias de impressões recebidas conjuntamente do exterior, por exemplo, as que tiveram numa viagem feita em companhia, sempre se verá que muita coisa que permaneceu fixa na memoria de uma dellas, foi esquecida pela outra, apesar de não existir razão alguma para affirmarmos que, psychicamente, a impressão tenha sido mais importante para uma do que para a outra. E' indubitavel que grande numero dos factores que determinam a selecção executada pela memoria escapa ao nosso conhecimento.

Desejando trazer ao conhecimento das condições do esquecimento uma pequena contribuição, costumo submetter á analyse psychologica meus proprios esquecimentos. Geralmente só me occupo de um certo grupo desses phenomenos, isto é, dos casos em que o esquecimento me causa surpresa, por acreditar que devia lembrar-me precisamente do que desappareceu de minha memoria. Devo accrescentar que, em geral, não sou propenso a esquecer (as coisas vividas, não as aprendidas), e que durante um curto periodo de minha juventude pude dar algumas provas extraordinarias de memoria. Quando estive no collegio, não tinha a menor difficuldade em recitar de memoria a pagina que acabara de ler, e pouco antes de ingressar na Universidade, podia transcrever, quasi palavra por palavra, immediatamente após ouvi-las, conferencias inteiras de vulgarização de um assumpto scientifico. Na tensão de espirito que me assoberbou por occasião do exame final na Faculdade de Medicina, ainda tive de utilizar um resto dessa capacidade, pois, em alguns themas, dei aos examinadores respostas que pareciam automaticas e que resultaram coincidir exactamente com as explicações do livro adoptado, que eu somente folheara a toda pressa.

A partir de então, meu dominio sobre a memoria foi diminuindo cada vez mais, mas, ultimamente, percebi que, com o auxilio de determinado artificio, posso recordar mais do que a principio supponho possivel. Quando, por exemplo, no consultorio, um cliente me observa que já o vi anteriormente, e não posso recordar nem o facto nem a occasião,

ponho-me a adivinhar, isto é, deixo acudir rapidamente a minha consciencia um numero arbitrario de annos e o resto daquelle em que estamos. Nos casos em que minha adivinhação tem podido ser confrontada com indicações ou affirmativas seguras dos clientes, tenho observado que, em periodos superiores a dez annos, não me engano, ao advinhar, em mais de seis meses (36). Do mesmo modo procedo, quando me encontro com algum conhecido de longe, querendo perguntar-lhe cortezmente pela saude dos filhos. Se me fala delles, contando-me seus progressos, trato de adivinhar que edade terão actualmente. Comparando o resultado expontaneo que obtenho, com os dados que o pae me proporciona no decorrer da conversação, sempre comprovo que, no maximo, me enganei em tres meses, apesar de não poder dizer em que baseei minha affirmativa. Emfim, cheguei a confiar tanto em meu expediente, que já externo ousadamente minhas hypotheses, sem correr o perigo de me enganar e ferir o pae pelo facto de ignorar minucias referentes a seus rebentos. Deste geito, amplio minha memoria consciente, invocando o auxilio da memoria inconsciente, muito mais rica em conteúdo.

Relatarei aqui varios casos interessantes de esquecimentos, observados, em sua maioria, em minha propria pessoa. Distingo entre casos de esquecimento de impressões e successos vividos, isto é, de conhecimentos, e casos de esquecimentos de intenções e projectos, ou sejam omissões. O resultado uniforme de toda esta serie de observações pode ser formulado deste modo: *em todos os casos, fica provado que o esquecimento deriva de um motivo de desgosto.*

A. — Esquecimento de impressões e conhecimentos

a) Achando-me com minha esposa, numa estação de veraneio, sua conducta me causou, em certa occasião, um grande aborrecimento, apesar do motivo ser em si insignifi-

(36) Via de regra, acodem-me depois á consciencia, no correr da consulta, todos os pormenores da primeira visita esquecida.

cante. Estavamos sentados á mesa redonda de um restaurante, e á nossa frente achava-se um cavalheiro de Vienna, a quem conhecia, e que tambem devia reconhecer-me á primeira vista, mas com o qual não queria travar conversação, pois tinha meus motivos para me esquivar á sua amizade. Minha esposa, que só o conhecia de ouvir falar, sabendo que era uma pessoa distincta, demonstrou, por sua attitude, estar escutando a palestra que o referido senhor entabolara com seus vizinhos de mesa. De vez em quando me fazia perguntas, que recolhiam o fio do dialogo por elles mantido. Esta conducta me impacientou e acabou irritando-me. Poucas semanas após, quiz falar, em casa de um parente meu, do aborrecimento que me causara a inopportunidade da attitude de minha esposa. Mas, ao faze-lo, foi-me impossivel recordar uma palavra sequer do que o tal cavalheiro dissera na mesa. Como sou geralmente rancoroso e, de costume, incapaz de esquecer os mais infimos pormenores de um facto que me tenha irritado, minha amnesia tinha, neste caso, decerto como causa um sentimento de respeito por minha esposa. — Coisa analoga me succedeu novamente, ha pouco tempo. Falando com um amigo intimo, quiz-me divertir á custa de minha mulher, contando uma coisa que ella dissera havia poucas horas. Não pude, porém, satisfazer minha intenção, por ter esquecido de que se tratava e tive de pedir á minha esposa que mo recordasse. E' facil de comprehender que meu esquecimento deve ser considerado, neste caso, analogo á perturbação typica que nos domina, quando devemos pronunciar-nos sobre parentes proximos.

b) Em certa occasião, compromettí-me, por cortezia, a proporcionar a uma senhora estrangeira recem-chegada a Vienna, um cofrezinho de ferro, em que pudesse guardar seus documentos e dinheiro. No momento em que lhe fazia o offerecimento, pairava deante de mim, com extraordinaria intensidade visual, a imagem de uma vitrina situada no centro da cidade, em que estava convicto de ter visto umas caixas do modelo desejado. Em compensação, não me era dado recordar o nome da rua em que ficava essa loja; mas estava certo de encontra-la, se désse um passeio pelas ruas cen-

traes, pois minha memoria me dizia que passara innumeras vezes deante della. Comtudo, para desespero meu, foi-me impossivel encontrar a vitrina em que antes vira esses cofres, apesar de cruzar o centro em todas as direcções. Então pensei que só me restava um recurso: consultar num indicador commercial os endereços de todos os fabricantes do objecto desejado, e começar novamente, com estes dados, minhas buscas em torno da referida vitrina. Felizmente, pude poupar-me este trabalho, pois entre os endereços contidos no indicador, havia um que logo percebi ser o esquecido. Effectivamente, passara uma porção de vezes deante da loja a que correspondia, e precisamente sempre que fôra visitar uma familia que morava na mesma casa. Mais tarde, porém, quando á minha intima amizade com a dita familia, succedeu um total afastamento, tomei, sem dar por isto, o costume de evitar passar por essa rua e deante daquella casa. Em meu passeio pela cidade, á procura da loja em que recordava ter visto os cofres, visitara todas as ruas circumvizinhas, mas não entrara naquella, como se isso me estivesse prohibido. O motivo de desgosto responsavel por minha desorientação surge aqui com grande clareza. Em compensação, o mecanismo do esquecimento não é tão simples no exemplo anterior. Minha aversão não visava, como é natural, o fabricante de cofres, e sim outra pessoa, de quem não queria ter a menor lembrança, mas deslocou-se desta durante o incidente em que provocou o esquecimento. Do mesmo geito, no caso "Burckhardt", meu rancor contra uma pessoa motivou um erro, ao escrever o nome de outra. Naquelle caso, foi a semelhança dos nomes que, estabelecendo uma connexão entre dois grupos de idéas essencialmente differentes, provocou o lapso; neste, a causa foi a contiguidade no espaço e a vizinhança effectiva. Além disso, neste ultimo caso, ainda existia uma segunda connexão dos conteúdos, pois, entre as razões que motivaram meu afastamento da familia que morava na mesma casa em que se encontrava a loja esquecida, o factor dinheiro representara papel preponderante.

c) Dos escriptorios de B. R. e Cia., avisaram-me

um dia que fosse prestar serviços medicos a um dos seus empregados. De caminho para a casa em que este residia, occorreu-me a idéa de que já estivera muitas vezes no edificio onde se achavam installados os escriptorios da referida firma. Parecia-me ter visto, no andar terreo, a placa com o nome da Companhia, numa occasião em que fora fazer uma visita profissional num andar mais elevado do mesmo predio. Mas não consegui recordar de que casa se tratava, nem de quem nella visitara. Se bem que toda esta questão fosse indifferente, carecendo de importancia, não deixei de continuar a investiga-la, e foi assim que cheguei a averiguar, pelo usual methodo indirecto, isto é, reunindo todas as idéas que me occorriam em connexão com o assumpto, que, no andar immediatamente superior aos escriptorios de B. R. e Cia., se achava installado o Instituto Fischer, em que muitas vezes tive de visitar clientes. Ao recorda-lo, tambem me lembrei de qual era a casa onde se achava o Instituto e os escriptorios. Mas o que continuava a ser, para mim, um mysterio, era o motivo que provocara o esquecimento. Nem na Cia. B. R., nem no Instituto Fischer ou nos seus clientes, encontrava coisa alguma desagradavel a meus olhos, que pudesse difficultar a recordação da casa e do paciente nella visitado. De qualquer modo, suppuz que não se podia tratar de uma coisa muito penosa, pois, se assim fosse, não me teria sido possivel recordar o que esquecera, por um meio indirecto e sem recorrer, como no exemplo anterior, a auxilios externos. Afinal, recordei que, pouco antes, ao encetar meu caminho para a residencia do enfermo, aonde fôra chamado, encontrara e cumprimentara um cavalheiro, a quem me custou reconhecer. Tratava-se de uma pessoa a quem visitara alguns meses antes, encontrando-a num estado apparentemente grave, que me levara a diagnosticar uma paralysia progressiva. Tempos depois, deram-me a noticia de seu restabelecimento, e, portanto, de meu erro no diagnostico, a menos que se tratasse de uma dessas remissões que costumam surgir na demencia paralytica. Deste encontro derivou a influencia que me fez esquecer a pessoa que morava perto dos escriptorios de B. R. e Cia. Meu interesse em re-

cordar o esquecido transferira-se ao esforço para encontrar a solução do novo problema. A connexão associativa entre dois themas tão differentes foi estabelecida por uma semelhança nos nomes dos pacientes, e, além disso, pelo facto de que o individuo curado contra a minha espectativa tambem era empregado de uma grande firma, com a qual eu tinha egualmente contracto para visitar seus auxiliares enfermos. O medico que examinou commigo o supposto doente de paralysia progressiva, chamava-se Fischer, como o Instituto esquecido.

d) O extravio de um objecto muitas vezes significa apenas esquecimento do logar onde o collocamos. Como a maioria das pessoas que escrevem muito e utilizam grande numero de livros, sei orientar-me muito bem em minha mesa de trabalho e encontrar nella rapidamente o que desejo. O que, aos demais, parece desordem, é para mim uma ordem conhecida e historica. Por que, pois, perdi ha pouco de vista um catalogo de livraria, e o perdi de tal modo, que não me foi possivel encontra-lo, apesar de pretender encommendar um livro nelle annunciado? Tratava-se do livro: "Da Linguagem", obra de um autor cujo estylo vivo e engenhoso muito me agrada, e cujas opiniões sobre psychologia e historia da civilização aprecio extremamente. Costumo emprestar a amigos meus obras deste autor, para seu proveito intellectual, e, em certa occasião, um delles me disse, ao devolver-me o livro emprestado: "O estylo lembra-me muito o seu, e o modo de pensar dos dois tambem é o mesmo". Quem me disse isto não sabia a corda sensivel que feria, em mim, com sua observação. Alguns annos antes, sendo ainda joven e necessitando de apoio moral, um collega, mais edoso que eu, me dissera uma phrase identica, ouvindo-me elogiar as obras de um conhecido escriptor sobre questões de medicina: "Nelle e em você, são identicos o estylo e o modo de pensar". Influenciado pela observação, escrevi ao referido autor uma carta, em que pedia para entrar em mais intimas relações com elle, mas uma resposta fria fez-me voltar a meu logar. Quiçá detraz desta experiencia se occultassem *outras* anteriores, egualmente desanimadoras, pois não pude

encontrar o catalogo extraviado e isso me fez deixar de encommendar o livro annunciado, apesar de não surgir com o extravio nenhum obstaculo real, dado que conservei na memoria o nome do livro e do autor (37).

e) Outro caso de extravio, que merece nosso interesse, pelas condições em que se tornou a encontrar o objecto perdido, é o seguinte: Um joven me contou um dia: "Ha varios annos, tive um certo desentendimento com minha esposa, a quem achava demasiado indifferente e, se bem que reconhecesse suas demais qualidades excellentes, viviamos sem o laço de uma ternura reciproca. Um dia, voltando de um passeio, ella me trouxe um livro, que comprara por suppor que elle devia interessar-me. Agradeci-lhe a "attenção", promettendo le-lo, e guardei-o, sendo-me mais tarde impossivel encontra-lo. Assim se passaram varios meses, durante os quaes de vez em quando me lembrei do livro perdido, procurando-o inutilmente. Cerca de meio anno mais tarde, adoeceu minha mãe, a quem eu estimava muitissimo, e que morava separada de nós. Minha esposa transferiu-se á sua residencia, afim de trata-la. O estado da enferma aggravou-se, dando ensejo a que minha mulher demonstrasse o melhor de si mesma. Agradecido e enthusiasmado por sua conducta, regressei uma noite a minha casa, e, sem intenção determinada, mas com uma segurança de somnambulo, fui á minha mesa de trabalho e abri uma das gavetas, encontrando, em cima de todos os papeis, o livro extraviado e tão procurado."

J. Staercke refere (l. c.) um caso de extravio, que coincide com o anterior em seu caracter final, isto é, na maravilhosa segurança do achado, logo que desapparece o motivo da perda.

f) "Uma moça estragara um pedaço de fazenda, ao querer corta-lo para fazer uma golla, e teve de chamar uma costureira, afim de ver se esta seria capaz de endireitar o

---

(37) Eu proporia a mesma explicação para um grande numero desses factos accidentaes, a que Th. Vischer deu o nome de "malicias das coisas".

errado. Quando a profissional chegou, a moça, ao querer tirar a malfadada golla do armario em que suppunha te-la guardado, não conseguiu encontra-la. Debalde revolveu tudo completamente. Ao renunciar, encolerizada, a procura-lo por mais tempo, perguntou a si mesma por que desapparecera aquillo tão de repente. Não seria, na realidade, porque *não o quizesse* mais encontrar? Pensando nisso, percebeu que, na verdade, tinha vergonha de mostrar á costureira que não soubera fazer uma coisa tão simples, como cortar uma golla. Constatando este facto, dirigiu-se immediatamente a outro armario, de onde tirou a golla extraviada."

g) O seguinte exemplo de extravio corresponde a um typo que, hoje em dia, é familiar a todo psychanalysta. Devo observar que foi a propria victima quem, por si mesma, encontrou a explicação.

"Um paciente, cujo tratamento psychanalytico teve de soffrer uma interrupção, e isto no momento em que elle se achava numa phase de resistencia e de máo estado geral, deixou, ou suppôz deixar, ao despir-se, suas chaves no logar de costume. Logo depois recordou que, para o dia seguinte, em que se devia submetter á ultima sessão do tratamento e, antes de partir, pagar os honorarios do medico, tinha de tirar algumas coisas da gaveta da escrivaninha, em que tambem guardava o dinheiro. Mas, ao tencionar faze-lo, notou que as chaves tinham desapparecido. Então, começou a revistar systematicamente, mas com uma irritação crescente, toda a casa. Inutil. Reconhecendo o extravio das chaves como um "acto symptomatico", isto é, intencionado, despertou o criado para continuar a busca com o auxilio de uma pessoa "livre de preconceitos". Ao cabo de uma hora, abandonou a busca, receando já ter perdido as chaves. E, no dia seguinte, encommendou umas novas, que lhe deviam ser entregues com a maior rapidez possivel. Dois amigos, que no dia anterior o haviam acompanhado de carro até sua residencia, quizeram ter a gentileza de recordar que tinham ouvido alguma coisa cahir ao chão, no momento em que elle descera do vehiculo, e, com tudo isto, ficou o nosso individuo

convicto de que as chaves lhe haviam cahido do bolso. Mas, de noite, ao chegar a casa, o criado apresentou-lhas com um ar de triumpho. Encontrara-as entre um livro massudo e um delgado folheto (trabalho de um discipulo meu), que o paciente separara, para le-los durante as férias de verão. Estavam tão habilmente dissimuladas naquelle logar, que ninguem as teria descoberto. Depois, foi impossivel tornar a colloca-las no mesmo sitio, de modo que permanecessem tão invisiveis como antes. A habilidade inconsciente, com que se "extravia" um objecto, sob a influencia de motivos não sabidos, mas vigorosos, recorda de um modo integral a "segurança do somnambulo". Neste caso, o motivo era, naturalmente, o desgosto pela interrupção do tratamento e a raiva intima pelo facto de ter de pagar, achando-se ainda mal de saude, honorarios consideraveis."

h) "Uma senhora — refere A. A. Brill — insistiu um dia com o esposo, para que fosse com ella a uma reunião, que não lhe deparava nenhum attractivo. Elle acabou accedendo a seus rogos e começou a tirar de uma mala, que não precisava de chave para fechar-se, e sim para abrir-se, o terno de ceremonia, mas interrompeu esta operação, decidindo fazer antes a barba. Quando acabou de barbear-se, tornou á mala, encontrando-a fechada. E, por mais que procurasse, não conseguiu encontrar a chave. Sendo domingo, e já de noite, não era possivel chamar um serralheiro, e o casal teve de renunciar á festa. Na manhã seguinte, aberta a mala, encontrou-se a chave dentro della. O marido, distrahido, ali a deixara cahir, fechando-a depois automaticamente. Ao contar-me o caso, assegurou-me que o fizera sem percebe-lo e sem a menor intenção. Sabemos, porém, que não queria ir á festa, e que, portanto, o extravio da chave não teve outro motivo."

E. Jones observou que costumava extraviar seu cachimbo sempre que, por ter fumado demais, já sentia um certo mal-estar. Nestes casos, o cachimbo depois era encontrado nos logares mais inverosimeis.

i) Dora Muller refere um caso inoffensivo, com mo-

tivos confessados (Internationale Zeitschrift fuer Psychoanalyse, III-1915).

A srta. Erna A. contou-me, dois dias antes do Natal, o seguinte: "Hontem á noite, ao tirar um pacote de biscoitos para comer alguns, deu-me a seguinte idéa: "Quando a srta. S. vier-me dar as bôas-noites, terei de offerecer-lhe estes biscoitos". E resolvi não deixar de faze-lo, apesar de preferir guardar os biscoitos para mim só. Quando chegou o momento, estendi a mão para a mesinha, afim de apanhar o pacote que ali julgava ter deixado. Constatei então que desapparecera. Puz-me a procura-lo, e encontrei-o dentro do armario, onde o puzera, sem percebe-lo". Não havia necessidade de submetter esse caso á analyse, pois a senhorita em questão percebia perfeitamente a sua significação. O desejo recem-reprimido de guardar para si os biscoitos, insinuara-se num acto automatico, se bem que o frustrasse novamente a acção consciente que veio a seguir.

j) H. Sachs descreve como escapou, em certa occasião, graças a um destes "extravios", á obrigação de trabalhar.

"No domingo passado, á tarde, estive hesitando um momento entre começar a trabalhar ou sahir a passeio e, em seguida, fazer algumas visitas. Depois de lutar commigo mesmo durante algum tempo, decidi-me pelo primeiro. Mas, ao cabo de uma hora, observei que o papel terminara. Sabia que, já ha alguns annos, tinha guardado numa gaveta um maço de folhas, mas foi debalde que o procurei na escrivaninha e noutros logares onde esperava encontra-lo. Não foi pequeno o trabalho que tive, revolvendo uma porção de livros, folhetos e documentos antigos. Deste geito, tive de deixar o trabalho e sahir á rua. Quando, á noite, regressei a casa, sentei-me num sofá, fitando distrahidamente a bibliotheca. Meus olhos encontraram uma de suas gavetas, e recordei que ha muito tempo não lhe examinara o conteúdo. Levantando-me, dirigi-me a ella e abri-a. Logo por cima, havia uma pasta de couro, e dentro della o papel branco intacto. Mas, só depois de tira-lo da pasta, e já estando a pique de guarda-lo na escrivaninha, recordei que

aquelle era o papel que procurara inutilmente de tarde. Devo accrescentar que, se bem que para outras coisas não seja economico, costumo aproveitar o papel o mais que posso, guardando todo o pedaço que me pareça utilizavel. Esse costume, alimentado por uma inclinação instinctiva, foi, sem duvida, o que me levou em seguida a rectificar meu esquecimento, logo que desappareceu o seu motivo circumstancial de momento".

Um ligeiro exame dos casos de extravio nos força a acceitar, de um modo geral, a hypothese de que elles dependem de uma intenção inconsciente.

k) No verão de 1901, disse, em certa occasião, a um amigo, com quem mantinha um activo intercambio de idéas sobre questões scientificas, as seguintes palavras: "Estes problemas concernentes ás neuroses só têm solução possivel, se acceitarmos, antes de tudo e integralmente, uma primitiva bi-sexualidade em todo individuo". Meu amigo respondeu-me: "Isto eu já te disse, ha dois annos e meio, em Br., uma noite em que passeámos juntos. E então não quizeste fazer o menor caso de minha observação". E' muito desagradavel sermos convidados deste modo a renunciar ao que suppomos ser uma originalidade nossa. Portanto, foi-me impossivel recordar a conversação a que meu amigo alludia e o que nella affirmava ter dito. Um de nós devia estar enganado, e, de acordo com o principio *cui prodest?* decerto seria eu. Com effeito, no correr da semana seguinte, recordei toda a questão, tal e qual meu interlocutor quizera desperta-la em minha memoria, e até a resposta que dei a suas palavras. Fôra esta: "Ainda não cheguei a este ponto, e não quero metter-me a discuti-lo, por emquanto". Desde então, tornei-me um pouco mais tolerante quando, nalgum trecho de litteratura medica, encontro uma das poucas idéas a que se pode ligar meu nome e vejo que este não foi citado ao lado della.

Censuras á propria esposa — amizade que se transforma em sentimento opposto — erro num diagnostico — repulsas de collegas interessados nas mesmas questões scientificas que nós — apropriação de idéas alheias — não se póde considerar méra obra do acaso o facto de que toda esta serie

de casos de olvido, expostos sem a menor selecção, nos force, se queremos explica-los, a remontar a moveis tão penosos para quem os soffre. A meu ver, toda pessoa que quizer submetter os esquecimentos em que incide a um exame destinado a descobrir-lhes os motivos, sempre reunirá uma collecção analoga de contrariedades ou vexames. A propensão a esquecer o que é desagradavel me parece geral, sendo que o que differe, por seu desenvolvimento, é a capacidade de olvido nas diversas pessoas. Algumas das *falsas negativas* que costumamos encontrar em nossa profissão medica, devem ser attribuidas ao *esquecimento.* (38)

Nossa concepção de taes esquecimentos limita sua differença das falsas negativas a relações puramente psychologicas, e nos permitte ver, em ambas formas de reacção, a expressão dos mesmos motivos. De todos os numerosos

---

(38) Ao perguntar a um cliente se soffreu, ha dez ou quinze annos passados, alguma infecção luetica, esquecemos, com demasiada frequencia, que, em geral, o interrogado deve ter considerado psychicamente essa enfermidade como sendo outra inteiramente diversa. Por exemplo, como um rheumatismo agudo. — Nas informações que os paes dão ao medico sobre suas filhas enfermas de alguma neurose, mal se póde distinguir o que esquecem do que intencionalmente occultam, pois põem de lado, isto é, reprimem systematicamente todos os dados que suppõem poderem prejudicar ulteriormente o casamento das filhas. — Um individuo, que perdera a esposa, victimada por uma affecção pulmonar, communicou o seguinte caso de falsas informações fornecidas ao medico que a visitava, facto este que só póde ser attribuido a um esquecimento: "Ao ver que, após muitas semanas de tratamento, o pleuriz de minha senhora não cedia, chamámos o dr. P. Desejando este saber os antecedentes da enferma, perguntou, entre outras coisas, se na familia della houvera algum caso de doença do pulmão. Negou-o minha senhora e eu, egualmente, não me recordei de nada que pudesse oppôr a esta negativa. Quando o dr. P. se despediu, começámos a falar, como por acaso, de viagens e excursões, e minha esposa me disse: "Sim, a viagem a Langersdorf, **onde está enterrado meu pobre irmão,** é bastante longa". Esse irmão morrera, havia uns quinze annos, após uma longa tuberculose. Minha mulher gostava muito delle, falando-me frequentemente a seu respeito. Ouvindo esta phrase, recordei que ella se assustara muito, quando lhe diagnosticaram o pleuriz, e dissera com tristeza: "Meu irmão tambem morreu de uma doença do pulmão". Mas sua reminiscencia achava-se e tal modo reprimida, que, nem mesmo depois da phrase sobre o local onde o irmão se achava enterrado, lhe occorreu corrigir a informação que dera sobre seus antecedentes familiares. Eu proprio não tive tal lembrança, até o momento em que ella alludiu ao irmão. — E. Jones refere um caso analogo ao anterior, na obra que já citámos varias vezes. Um medico, cuja mulher padecia de uma enfermidade abdominal, ainda não perfeitamente definida, querendo anima-la, disse-lhe: "O que é bom é o facto de na tua familia não ter havido nenhum caso de tuberculose". Com grande surpresa, a mulher respondeu-lhe. "Mas esqueceste que mamãe morreu disto e que minha irmã teve a mesma doença, de que se curou depois de desenganada pelos medicos?"

exemplos de resistencia á recordação de themas desagradaveis, que tenho observado nas informações dos doentes, uma se me gravou na memoria, como particularmente singular.

Uma mãe me informava acerca da infancia de seu filho, já pubere e doente dos nervos. Dizia-me que tanto elle como as irmãs tinham padecido, até já serem bem crescidos, de incontinencia nocturna de urina, coisa que, para a anamnese de um neurotico, não carece de importancia. Algumas semanas mais tarde, querendo essa senhora inteirar-se da marcha do tratamento, tive occasião de fazer-lhe observar os indices de predisposição morbida constitucional que o rapaz apresentava. Ao faze-lo, alludi á incontinencia de urina de que ella me falara. Com grande surpresa minha, a senhora negou então o facto, tanto no que se refere ao filho enfermo como aos demais irmãos, perguntando-me de onde fora tirar tal idéa. Afinal, tive de lhe dizer que fôra ella mesma quem me dera a informação, tendo-o esquecido depois. (39)

Assim, pois, tambem nos individuos sadios, não affectados de neurose, encontramos fartos indicios de uma resistencia, que se oppõe á lembrança de impressões penosas, e á

---

(39) Quando escrevia estas paginas, succedeu-me o seguinte caso de olvido, que me pareceu quasi incrivel: No dia 1.º de Janeiro, costumo passar uma vista em meu livro de notas, afim de mandar a meus clientes a conta dos honorarios atrazados. Nos apontamentos correspondentes ao mês de Junho, encontrei um nome M.... l, e não pude recordar a que pessoa correspondia. Minha admiração chegou ao auge quando, ao continuar na leitura do caderno, vi que se tratava de um enfermo installado num sanatorio, a quem visitara diariamente durante varias semanas. Não é natural que o medico se esqueça, após seis meses, de um cliente a quem assistiu em circumstancias taes. "Seria algum paralytico, um caso sem interesse?" perguntava a mim mesmo. Afinal, a conta dos honorarios recebidos fez-me voltar á memoria todos os pormenores que se esquivavam. M...l era uma mocinha de quatorze annos, o caso mais notavel que se me deparara nos ultimos tempos, e cujo infeliz desfecho me proporcionou horas penosissimas, dando-me uma lição que jamais esquecerei. Essa mocinha padecia de uma hysteria declarada, que melhorou rapida e fundamentalmente sob meus cuidados. Depois desta melhora foi internada pelos paes num sanatorio, quando ainda se queixava de dores abdominaes, que haviam desempenhado um papel preponderante no quadro symptomatico da hysteria. Dois meses mais tarde, falleceu de um sarcoma das glandulas abdominaes. A hysteria, para a qual a moça se achava grandemente predisposta, aproveitara-se da formação do tumor, como agente occasional; e eu, fascinado por suas tumultuosas mas inoffensivas manifestações, descuidara os primeiros signaes da outra enfermidade, insidiosa e incuravel.

representação de pensamentos desagradaveis (40). Mas, para avaliar exactamente a significação deste phenomeno, é necessario penetrar na psychologia dos neuroticos. Por pouco que o façamos, impõe-se-nos, com effeito, o indicado *impulso defensivo elementar,* contra as representações susceptiveis de despertar sensações desagradaveis, impulso apenas comparavel ao reflexo de fuga ante os estimulos dolorosos, como uma das principaes bases de sustentação dos symptomas hystericos. Contra a hypothese de uma tal tendencia defensiva, não se póde objectar que, ao contrario, muitas vezes não nos é possivel esquivar-nos ás recordações penosas que nos perseguem ou afugentar emoções dolorosas, taes como os remorsos e as censuras de nossa consciencia. E' o caso que não affirmamos a constante victoria dessa tendencia ou que ella não possa tropeçar, no jogo das forças psychicas, com factores que visam fins distinctos, logrando attingi-los, máo grado seu. *O principio architectonico do apparelho psychico parece ser a estratificação, isto é, a composição por instancias que se sobrepõem umas ás outras,* e é bem possivel que o impulso defensivo, a que nos referimos, pertença a uma instancia psychica inferior, entravada em sua acção por outras superiores. Seja como fôr, o facto de podermos attribuir a esta tendencia defensiva processos como os que encontramos em nossos exemplos de esquecimentos, é algo que depõe a favor de sua existencia e poderio. Sabemos que algumas coisas se esquecem por si mesmas; naquelloutras em que isto não é possivel, a tendencia defensiva desloca seu fim, levando ao esquecimento alguma coisa differente e de menor importancia, que chegou a por-se em connexão associativa com o material realmente penoso.

---

(40) A. Pick reuniu, ha pouco, uma serie de autores que acceitam o valor da influencia exercida pelos factores affectivos sobre a memoria e reconhecem — mais ou menos expressamente — a participação que tem nos esquecimentos uma força defensiva contra o que é penoso ou desagradavel. Nem um de nós poude representar este phenomeno e seu fundamento psychologico de um modo tão impressionante e completo como Nietzsche, num de seus aphorismos ("Além do Bem e do Mal. II-68): "Fizeste isto — me diz minha memoria. Não é possivel que o tenhas feito — me diz meu orgulho, sem se deixar commover. Afinal, a memoria céde".

A. Pick. — "Psychologia do esquecimento nos doentes mentaes e nervosos". (Archivo de Anthropologia Criminal e Criminologia, de H. Gross).

O ponto de vista aqui sustentado, de que as reminiscencias penosas succumbem, com grande facilidade, ao esquecimento motivado, merecia ser applicado a varios outros dominios, em que ainda não lhe deram o devido valor. Parece-me, por exemplo, que não se toma em consideração a importancia que elle podia ter, applicado ás declarações das testemunhas perante os tribunaes, em que se concede ao juramento uma excessiva influencia purificadora sobre o jogo de forças psychicas do individuo. Admitte-se geralmente que, na origem das tradições e da historia lendaria de um povo, é preciso levar em conta a existencia de um tal motivo, que arranca da recordação collectiva o que é penoso para o sentimento nacional. Talvez, se continuassemos cuidadosamente estas investigações, pudessemos estabelecer uma perfeita analogia, entre a formação das tradições nacionaes e a das reminiscencias infantis do indivduo isolado. O grande Darwin observou este motivo de desagrado no esquecimento, e formulou uma "regra de ouro", para uso dos scientistas (41).

Assim como no esquecimento de nomes, tambem podem apparecer, no de impressões, reminiscencias erradas, as quaes, se as acceitamos como verdadeiras, deverão ser designadas como illusões da memoria. A observação de taes illusões da memoria nos casos pathologicos (nas paranoias, por exemplo, desempenham o papel de factor na formação de delirios) tem dado assumpto a uma vasta literatura, em que noto a ausencia de uma hypothese acerca de seus motivos. Mas este thema já pertence á psychologia da neurose, ultrapassando os limites que me propuz manter na presente obra. Em compensação, relatarei aqui um extraordinario caso de illusão de memoria, soffrida por mim mesmo, no

---

(41) "Opinião de Darwin sobre os esquecimentos" (E. Jones). Na auto-biographia de Darwin, encontramos a seguinte passagem, que reflecte sua honradez scientifica e tino psychologico:

"Durante muitos annos, segui uma "regra de ouro". Quando encontrava um facto publicado, uma observação nova ou um pensamento, em contradição com os meus resultados geraes, tomava nota delles o mais exactamente possivel, pois a experiencia me ensinara que taes factos e pensamentos escapam mais facilmente á nossa memoria, do que os que nos são favoraveis".

qual se póde ver mui claramente a motivação por influxo do material inconsciente e reprimido, e a forma da connexão com o mesmo.

Quando estava escrevendo os ultimos capitulos de meu livro sobre a interpretação dos sonhos, fui veranear num logar distante de qualquer bibliotheca, em que não me era possivel consultar os livros de que desejasse extrahir alguma citação. Tive, por conseguinte, de escrever taes citações e referencias de memoria, reservando-me para rectifica-las e corrigi-las mais tarde, em face dos respectivos textos. No capitulo dos sonhos em estado de vigilia, pensei incluir o interessante typo do pobre guarda-livros que apparece no "Nabab" de A. Daudet, typo a quem o poeta quiz, sem duvida, attribuir seus proprios sonhos. Parecia-me recordar com toda exactidão, uma das fantasias que esta personagem — a quem dava o nome de Mr. Jocelyn — constroe em seus passeios através das ruas de Paris, e comecei a reproduzi-lo de cór. Neste sonho, o pobre guarda-livros imagina que, vendo um carro cujo cavallo tomou os freios nos dentes, corre corajosamente a dete-lo, e, quando o consegue, abre-se a portinhola, deixando apparecer uma alta personalidade, que lhe aperta a mão, dizendo: "Salvou-me a vida. Que poderia fazer, para recompensa-lo?"

Ao transcrever de memoria esta fantasia, pensava que, no caso de existir alguma coisa incorrecta em minha versão, facil me seria corrigi-la quando regressasse a casa, compulsando o "Nabab". Mas, quando comecei a folhear esse livro, para comparar com a citada passagem o que escrevera, afim de poder manda-lo para a typographia, fiquei envergonhado e consternado, ao constatar que tal novella não continha essa fantasia de Mr. Jocelyn, e que, além disto, o infeliz guarda-livros nem sequer tinha esse nome, e sim o de Mr. *Joyeuse*. Este segundo erro me deu promptamente a chave do primeiro, ou seja de meu engano na recordação. O adjectivo *joyeux* (alegre), do qual *joyeuse* (o verdadeiro nome da personagem de Daudet) constitue a forma feminina, é a traducção exacta, em francês, de meu nome: *Freud*. De onde, pois, procedia a fantasia falsamente recordada e por

mim attribuida a Daudet? Só podia ser um producto pessoal, um sonho construido por mim mesmo e que não chegara a tornar-se consciente, ou se alguma vez o fora, tinha depois cahido num esquecimento absoluto.

Talvez esta minha fantasia proviesse do tempo em que me achava em Paris, onde muito frequentemente, paseei sózinho pelas ruas, muito necessitado de alguem que me ajudasse e protegesse, até que Charcot me admittiu entre seus discipulos, permittindo-me ingressar no circulo de amigos que o rodeava. Depois, em casa de Charcot, encontrei repetidas vezes o autor do "Nabab" (42).

Outro exemplo de recordação erronea, de que pude encontar uma explicação satisfatoria, aproxima-se do *falso reconhecimento,* de que nos occuparemos mais adeante. Eu dissera a um de meus clientes, homem ambicioso e de grande capacidade, que um joven estudante se aggregara recentemente ao grupo de meus discipulos, apresentando um interessante trabalho, intitulado: "O artista. — Ensaios de uma psychologia sexual". Quando, quinze meses mais tarde, meu cliente viu impresso esse trabalho, affirmou com toda a segurança lembrar-se de que lera nalguma parte, talvez numa livraria, o annuncio de sua publicação, algum tempo antes (um mês, seis meses quiçá) de eu lhe ter

---

(42) Ha algum tempo, um de meus leitores me remetteu um volume da collecção infantil de Hoffmann, em que se conta minuciosamente uma fantasia de salvamento analoga á architectada por mim, durante minha estadia em Paris. A coincidencia estende-se a certas particularidades pouco communs, que apparecem nas duas versões. Não podemos excluir completamente a possibilidade de eu ter lido, na juventude, esse livro. A bibliotheca escolar de nosso gymnasio possuia a collecção de Hoffmann e o bibliothecario costumava offerecer-nos de preferencia volumes dessa collecção. A fantasia que, aos quarenta e tres annos, suppuz recordar como creação de outro, bem poderia ter sido uma simples reproducção da leitura que fizera entre os onze e os treze annos. A fantasia de salvamento por mim attribuida ao guarda-livros do "Nabab" não tinha outro objectivo, senão abrir caminho á minha propria fantasia de salvamento e tornar toleravel ao meu orgulho o desejo de encontrar uma pessoa que me favorecesse e protegesse. Nenhum psychologo estranhará minha affirmativa de que, na vida consciente, sempre me repugnou a idéa de depender do favor de um protector, tendo supportado muito mal as poucas situações reaes em que me succedeu coisa parecida. Num trabalho intitulado "Vatererretung und Vatermord in den neurotischen Phantasiegebilden" (Internationale Zeitschrift fuer Psychoanalyse, VIII, 1922), Abraham nos expõe o sentido mais profundo das fantasias deste conteúdo e nos dá uma explicação quasi exhaustiva de suas peculiaridades.

falado a seu respeito. Tambem recordava que, na occasião em que eu lhe falara, já tivera idéa de ter visto esse annuncio, observando-me aliás que o autor mudara o titulo, pois não o chamava, como antes, "Ensaio de", e sim "Contribuições a uma psychologia sexual". Uma cuidadosa investigação junto ao autor e a comparação das datas demonstraram que nunca apparecera, em parte alguma, nenhum annuncio da referida obra, e muito menos quinze meses antes de sua publicação. Quando procurava a solução desta recordação erronea, o paciente exprimiu uma outra illusão do mesmo genero, dizendo-me que recordava ter visto, ha pouco tempo, na vitrina de uma livraria, um trabalho sobre a "Agoraphobia", e que actualmente o estava procurando, para adquiri-lo, em todos os catalogos de editores. Ao chegarmos a esse ponto, já me foi possivel explicar-lhe por que razão esse trabalho resultaria em pura perda. A obra sobre "agoraphobia" não existia senão em sua fantasia, como uma resolução inconsciente de elle mesmo escrever uma obra sobre tal materia. Sua ambição de rivalizar com o joven estudante, autor do outro livro, ingressando no corpo de meus discipulos graças a um livro scientifico, levara-o a ambas recordações erroneas. Meditando sobre isto, elle logo recordou que o annuncio visto na livraria e que servira para o falso reconhecimento, referia-se a uma obra intitulada: "Genesis. — A lei da reproducção". A modificação que indicara no titulo da obra do joven estudante, fora provocada por mim, pois recordei que, ao citar-lhe o titulo, commettera a incorrecção de dizer: "Ensaio de...", em vez de "Contribuições a..."

B. — ESQUECIMENTO DE PROJECTOS OU INTENÇÕES

Nenhum grupo de phenomenos é mais adequado do que o esquecimento de projectos, para a demonstração da these de que a falta de attenção não basta por si só para explicar os actos falhados. Um projecto é um impulso á acção, que já foi approvado, mas cuja execução ficou retardada para um momento opportuno. Ora, no intervallo assim creado,

os motivos do projecto podem soffrer uma modificação que acarrete a inexecução do mesmo, sem que comtudo o esqueçamos, pois o que fazemos é apenas omitti-lo no momento. No que se refere ao esquecimento de projectos, que se produz diariamente e em todas as situações possiveis, longe de explica-lo por uma alteração no equilibrio dos motivos, deixamo-lo simplesmente inexplicavel, ou então contentamo-nos com dizer que, na epoca de executa-los, faltou a attenção que a acção requer, essa mesma attenção que era uma condição indispensavel da concepção do projecto, e que, nesse outro momento, teria bastado para lhe assegurar a realização. Mas a observação de nossa conducta normal perante os projectos que concebemos, faz-nos repellir, como arbitraria, esta tentativa de explicação. Quando, de manhã, fórmo um projecto que deve ser executado á noite, posso recorda-lo algumas vezes durante o dia, mas não é indispensavel que elle permaneça consciente através de todo esse dia. Depois, ao aproximar-se o momento de sua execução, surgirá de repente em meu cerebro, induzindo-me a realizar a preparação necessaria para a acção proposta. Se, ao sahir a passeio, apanho uma carta para deita-la na caixa do correio, não necessito, sendo um individuo normal e nada nervoso, traze-la durante todo o tempo na mão e espiar continuamente á cata de uma caixa. Naturalmente, porei a carta no bolso e irei andando com toda liberdade, deixando rédea solta ao pensamento e contando que uma das caixas encontradas no caminho me chame a attenção, induzindo-me a tirar a carta do bolso, afim de lança-la no devido logar. A attitude normal ante um projecto já formado coincide com a que produzimos experimentalmente nas pessoas submettidas á chamada "suggestão post-hypnotica a longo prazo" (43). Este phenomeno costuma ser descripto do seguinte modo: O projecto suggerido dormita nos pacientes, emquanto não se aproxima o momento da execução. Chegado este, nellas desperta, induzindo-as á acção.

---

(43) Veja-se a obra de Bernheim: "Novos estudos sobre hypnotismo, suggestão e psychotherapia", 1892.

Ha duas situações na vida, em que até o profano nestes assumptos percebe que o esquecimento de projectos não pode ser considerado como um phenomeno elementar girando em torno de si mesmo, e sim como dependente de motivos, em summa, inconfessados. Essas duas situações são as relações amorosas e o serviço militar. Um apaixonado, que deixou de comparecer a uma entrevista, debalde se desculpará allegando te-la esquecido. A estas palavras, ella sempre responderá: "Ha um anno, não o terias esquecido. Já não sou a mesma, a teus olhos". Mesmo que fizesse uso da explicação psychologica anteriormente citada, pretendendo desculpar o olvido pelo accumulo de occupações, sómente conseguiria que a dama — com uma penetração analoga à do médico na psychanalyse — lhe respondesse: "E' curioso que os teus negocios antigamente não te perturbassem deste modo". Não ha duvida que a mulher não pretende, com isto, rejeitar a possibilidade do esquecimento. Mas crê, não sem razão, que, do esquecimento não intencionado, se deve deduzir, como se se tratasse de um subterfugio consciente, uma certa falta de vontade.

Do mesmo modo, negamos, e com todo fundamento, no serviço militar, a distinção entre as omissões por esquecimento e as intencionaes. O soldado não *deve* esquecer nada do que lhe exige o serviço. Se, apesar disto, esquece algo do que sabe ser sua obrigação, isto se deve ao facto de os motivos que impõem o cumprimento dos deveres militares se opporem a outros motivos contrarios. O soldado que, na revista, se desculpa, dizendo que se *esqueceu* de limpar os botões do uniforme, póde estar certo de não escapar ao castigo. Mas este castigo póde ser considerado insignificante, comparado com aquelle a que se exporia, se confessasse a si mesmo e aos superiores o motivo da omissão: "Estou farto deste maldito serviço". E' por causa desta differença de castigo que o soldado frequentemente utiliza como desculpa o esquecimento, ou este se manifesta expontaneamente, como uma transacção.

Tanto o serviço das damas como o serviço militar gosam do privilegio de que tudo o que lhes concerne deve ser

refractario ao esquecimento. Deste modo, suggerem a opinião de que o esquecimento é permittido nas coisas triviaes, de passo que, nas importantes, é signal de que as queremos tratar como se não o fossem, discutindo-lhes, por assim dizer, a importancia. (44).

Effectivamente, nesta questão, não se póde negar o ponto de vista da apreciação psychica. Nem um homem se esquece de executar actos que lhe parecem importantes, sem incorrer no risco de que lhe suspeitem uma perturbação mental. Por conseguinte, nossa investigação só se pode estender a projectos mais ou menos secundarios, não considerando nenhum como completamente indifferente, pois, neste caso, não se teria formado. Como nas anteriores perturbações funccionaes, reuni e tentei explicar egualmente os casos de omissão por esquecimento, observados em mim mesmo, e achei que sempre podiam ser attribuidos a uma intervenção de motivos desconhecidos e não admittidos pelo proprio individuo, ou, como poderiamos dizer, a um *desejo contrario*. Numa serie de casos deste genero, eu me achava numa situação semelhante ao serviço obrigatorio, isto é, sob uma coacção, contra a qual não deixara totalmente de resistir, manifestando ainda o meu protesto por meio de esquecimentos. A estes casos corresponde o facto de eu esquecer com singular facilidade os parabens por occasião de anniversarios, casamentos ou promoções de pessoas conhecidas. Continuamente me proponho não deixar de dá-los, mas cada vez mais me convenço de que jamais conseguirei corrigir-me deste defeito social.

Actualmente, estou a pique de renunciar a esta intenção e de dar razão aos motivos que me impedem de enviar taes felicitações. Certa vez, predisse a um amigo, que me rogava enviasse, em seu nome, um telegramma de felicitações na

---

(44) Na comedia "Cesar e Cleopatra", de Bernard Shaw, Cesar atormenta-se, ao partir do Egypto, com a idéa de que se propuzera fazer alguma coisa antes de partir, sem se poder lembrar de que se tratava. Afinal, resulta que se esquecera de despedir-se de Cleopatra! Este pequeno lance é destinado a mostrar, sem duvida em total contradição com a verdade historica, o pouco caso que Cesar fazia da princesinha egypcia. (E. Jones, l. c., pag. 488).

mesma data em que eu devia mandar um outro: "E' quasi certo esquecer-me de ambos". Cumpriu-se, effectivamente, a prophecia, sem que isto me admirasse absolutamente. Dolorosas experiencias de minha vida tornam-me impossivel exprimir interesse ou sympathia, nas occasiões em que, forçosamente, tenho de exagerar meus sentimentos ao exprimi-los, dado que não poderia empregar a expressão correspondente á sua diminuta intensidade. Desde que vi como, muitas vezes, me enganei, tomando como verdadeira a pretensa sympathia que por mim demonstravam outras pessoas, tenho-me revelado contra estas convenções de expressão de sympathia, cuja utilidade social, aliás, reconheço. Desta conducta, devo excluir os pesames em caso de morte; quando decido exprimir a alguem minha condolencia por um caso destes, jamais me esqueço de faze-lo. Nas occasiões em que minha participação emocional nada tem a ver com os deveres sociaes, sua expressão nunca é inhibida pelo esquecimento.

O tenente T. nos refere o seguinte caso de um esquecimento deste genero, em que uma primeira intenção reprimida se insinuou na qualidade de "desejo contrario", dando logar a uma situação desagradavel: "O mais antigo dos officiaes num acampamento de prisioneiros foi offendido por um camarada. Para evitar possiveis consequencias, quiz fazer uso do unico meio coercitivo que estava em seu poder, isto é, afastar o offensor, fazendo-o transferir a outro acampamento. Foram precisos os conselhos de varios amigos seus, para faze-lo desistir de seu proposito e encetar immediatamente o caminho que a honra lhe apontava, decisão que traria comsigo uma porção de consequencias desagradaveis.

"Na mesma manhã em que isto succedeu, o commandante tinha de fazer a revista, auxiliado na verificação por um de nossos guardas. Conhecendo já todos os companheiros de captiveiro, pelo longo tempo que com elles ali estava, não commettera até então nenhum erro na leitura da lista. Mas, naquella manhã, omittiu o nome do offensor, fazendo com que, emquanto os demais officiaes se retiravam, uma

vez comprovada sua presença, este tivesse de permanecer em seu logar, sózinho, até que se desfez o erro. O nome omittido constava claramente numa pagina da lista.

"Este incidente foi considerado, por um lado, como um incommodo intencionalmente infligido, e por outro, como uma infeliz casualidade, que podia ser erroneamente interpretada. O commandante que commetteu o lapso poude um dia julgar com acerto o que lhe succedera, depois de ler a "Psychopathologia", de Freud".

De um modo analogo se explicam, pelo antagonismo entre um dever convencional e uma opinião intima desfavoravel, não confessada, os casos em que nos esquecemos de executar determinados actos, que promettemos levar a cabo em favor de outras pessoas. Nestes casos, sempre se demonstra que o bemfeitor é o unico a acreditar no poder da allegação do olvido, como excusa; o beneficiario, sem duvida, dá a si mesmo a resposta justa: "Não se interessou pelo caso; senão, não o teria esquecido". Existem individuos a quem todo o mundo classifica de "fracos de memoria", desculpando-se-lhes, portanto, todas as faltas, como desculpamos aos myopes o facto de não nos cumprimentarem na rua (45). Essas pessoas esquecem todas as pequenas promessas que fizeram, deixam sem cumprir os encargos que recebem, demonstrando, deste modo, serem indignas de confiança nas coisas de somenos. Mas, ao mesmo tempo, exigem que lhes não tomemos a mal taes pequenas faltas, não as explicando por seu caracter pessoal, e sim attribuindo-as a uma peculiaridade organica (46). Pessoalmente,

---

(45) As mulheres, com sua fina comprehensão dos processos mentaes inconscientes, sempre se inclinam mais a considerar como uma offensa o facto de não as reconhecermos na rua, deixando, por isso, de cumprimenta-las, do que a pensar numa explicação mais consentanea, isto é, numa myopia ou distração de momento, que nos impeça de reparar nellas. Assim, pois, costumam concluir que, se por ellas tivessemos interesse, forçosamente as veriamos.

(46) S. Ferenczi communica-nos ter sido um destes "distrahidos" e que seus conhecidos estranhavam a frequencia e originalidade de seus erros. Entretanto, os signaes da distracção desappareceram quasi completamente, desde que começou a tratar seus enfermos pelo methodo psychanalytico, vendo-se obrigado a tambem prestar attenção á analyse de seu proprio Eu. Na sua opinião, renunciamos aos actos falhados, quando aprendemos a ampliar consideravelmente os limites da responsabilidade

não pertenço a esta classe de individuos, nem tão pouco tive occasião de analysar os actos de nenhum delles, para descobrir, na selecção feita pelo olvido, os seus motivos. Todavia, não posso deixar de formar, por analogia, a hypothese de que, nestes casos, é um grande despreso pelos demais o motivo que o factor constitucional explora para seus fins (47).

Noutros casos, os motivos do esquecimento são menos faceis de descobrir, e quando se descobrem, causam uma admiração maior ainda. Assim, ha alguns annos atraz, observei que, de uma porção de visitas profissionaes que devia fazer, só esquecia aquellas em que o enfermo era algum collega ou uma pessoa de quem devesse tratar gratuitamente. A vergonha que me causou esta descoberta fez com que me acostumasse a annotar de manhã as visitas que me propunha realizar durante o dia. Não sei se outros medicos fazem o mesmo por identicos motivos. Mas com isto fazemos uma idéa do que induz os chamados neurasthenicos a levar escripto numa nota, quando vão consultar ao medico, todos os dados que desejam communicar-lhe, desconfiando da capacidade reproductora da propria memoria. Não é má a idéa, mas a scena da consulta quasi sempre se passa do seguinte modo: O enfermo já referiu com grande amplitude seus dissabores e fez uma infinidade de perguntas. Ao terminar, faz uma pequena pausa e tira os apontamentos do bolso, dizendo, á guisa de desculpa: "Annotei algumas coisas, porque senão, de nada me lembraria". Com o papel na mão, repete cada um dos pontos já expostos, respondendo a si mesmo: "Isto já perguntei". Eis por que, com seu memorando, geralmente só demonstra um de seus symptomas:

---

propria, sendo, portanto, a distracção um estado dependente de complexos inconscientes e curavel graças á psychanalyse. Comtudo, um dia em que se exprobava o facto de haver commettido um erro technico na psychanalyse de uma paciente, de novo surgiram todas as suas distracções. Andando pela rua, varias vezes tropeçou (representação do "passo errado" que dera no tratamento), esqueceu a carteira em casa, quiz pagar o bonde com menos dinheiro do que devia, enganou-se ao abotoar a roupa, etc. etc.,

(47) E. Jones, acerca desta questão, observa o seguinte: "Frequentemente, a resistencia é de ordem geral. Assim, um homem occupado se esquece de pôr no correio a carta que a esposa lhe confiou, — encargo pouco estorvante, — como poderia esquecer outro mais complexo: trazer-lhe as compras, por exemplo."

a frequencia com que seus propositos são perturbados pela interferencia de obscuros motivos.

Passo agora a tratar de um transtorno, a que está sujeita a maioria das pessoas sãs que conheço, e ao qual eu proprio não tenho escapado. Refiro-me ao esquecimento que, com grande facilidade e por muito tempo, soffremos de devolver os livros qque nos emprestaram, e ao facto de protelarmos, tambem por esquecimento, o pagamento de contas atrazadas. Ambas coisas me têm succedido repetidas vezes. Ha pouco tempo, sahi uma manhã da loja em que costumo comprar cigarros, sem ter satisfeito a importancia da compra effectuada. Foi esta uma omissão perfeitamente innocente, pois na loja me conheciam e podiam lembrar-me a divida na manhã seguinte. Mas a pequena negligencia, a tentativa de contrahir uma divida, não deixava de estar em connexão com certas reflexões concernentes a meu orçamento, que me haviam preoccupado na vespera. No que concerne aos themas referentes ao dinheiro e á propriedade, podemos descobrir facilmente, na maioria das pessoas ditas honradas, uma conducta equivoca. A ansia primitiva do lactente, que o faz tentar apoderar-se de todos os objectos (para leva-los á boca) apparece em geral incompletamente apagada pela cultura e educação (48).

---

(48) Afim de não alterar a unidade do thema, quero fazer aqui uma digressão e accrescentar que, no que se refere a questões de dinheiro, a memoria dos homens depara uma singular parcialidade. Recordações erroneas de já termos pago uma coisa são, frequentemente, como pude comprovar em mim mesmo, de uma notavel tenacidade. Nos casos em que a intenção de ganhar dinheiro se manifesta á margem dos grandes interesses da vida e lhe podemos dar livre curso sem toma-la a sério, como succede no jogo, os homens mais honrados propendem a cahir em erro, falsas recordações e enganos de calculo, achando-se de tal geito, sem saber como, envolvidos em pequenas fraudes. O caracter psychicamente repousante do jogo, depende, em grande parte, dessas liberdades possiveis. O ditado de que no jogo se conhece o caracter da pessoa é perfeitamente acceitavel, se accrescentarmos: o caracter reprimido. O mesmo mecanismo preside os erros que os garçons commettem no calculo das contas. Entre os commerciantes, é muito frequente adiar determinados pagamentos, prorogação esta que não proporciona a menor vantagem ao devedor, e que, psychologicamente, devemos interpretar como uma exteriorização da contrariedade de ter de fazer uma despesa. Brill, a este respeito, observa com uma agudeza epigrammatica: "Somos mais capazes de perder as cartas que contêm uma conta do que as que contêm um cheque". Em connexão com sentimentos mais intimos, e menos esclarecidos, está o facto de mulheres de grande correcção mostrarem, ás vezes, uma singular falta de vontade,

Receio ter, com os exemplos anteriores, incorrido um tanto na vulgaridade. Mas para mim é um prazer encontrar materias que todo mundo conhece e comprehende do mesmo geito, posto que o que me proponho é reunir incidentes quotidianos, afim de utiliza-los scientificamente. Não concebo por que a sabedoria, que é, por assim dizer, o sedimento da experiencia diaria, ha de ver negada sua admissão entre as acquisições da sciencia. Não é a diversidade dos objectos, e sim o mais estricto rigor no methodo de verificação, assim como a tendencia a ampliar o campo de estudo, o que caracteriza o trabalho scientifico.

Em geral, temos visto que os projectos de certa importancia são esquecidos, quando contra elles se erguem obscuros motivos. Nas intenções menos importantes, encontramos, como segundo mecanismo do olvido, o facto de um desejo contraditorio se transferir, de outro ponto, ao projecto, depois de se haver estabelecido, entre tal desejo e o conteúdo do projecto, uma associação *exterior*. A este genero pertence o seguinte exemplo: Uma tarde, resolvi comprar papel mata-morrão quando passasse no centro da cidade. e tanto naquelle dia como nos quatro seguintes, esqueci essa intenção. Ao constatar a renitente omissão, perguntei a mim mesmo que causas poderiam te-la motivado. Depois de meditar um pouco, verifiquei que o artigo desejado póde ser designado por dois synonymos: "Loeschpapier" e *"Fliesspapier"*, e que, se usava o primeiro termo ao escrever, preferia, ao contrario, o segundo, ao falar. *Fliess* era o nome de um amigo meu, residente em Berlim, que, naquelles dias, me déra dolorosas preoccupações. Não me era possivel esquivar-me a esses penosos pensamentos, mas a *tendencia defensiva* externava-se, transferindo-se, graças á identidade das palavras, á intenção indifferente, que, por assim dizer, deparava uma fraca resistencia.

---

quanto aos pagamentos de honorarios medicos. Ordinariamente, esquecem a bolsa e não podem pagar a consulta. Em seguida, esquecem-se, dia após dia, de mandar o dinheiro, de sorte que, no fim de contas, acabam conseguindo que o medico as tenha tratado gratuitamente, "por seus lindos olhos".

A opposição directa e a motivação remota surgem unidas no seguinte caso de protelação: Na collecção "Problemas da vida psychica e nervosa", eu escrevera uma pequena obra, que resumia o conteúdo de minha "Interpretação dos sonhos". Berhmann, o editor de Wiesbaden, mandara-me as provas, rogando-me que lhas devolvesse corrigidas, pois queria publicar o trabalho antes do Natal. Na mesma noite, fiz a correcção e deixei as provas na escrivaninha, para apanha-las na manhã seguinte. Mas, ao chegar esta, esqueci-me disto, e só tornei a lembrar-me quando, á tarde, as vi de novo no sitio em que as deixara. Entretanto, ali tornaram a ficar esquecidas naquella tarde, de noite e na manhã seguinte, até que, na tarde do segundo dia, as recolhi ao ve-las, indo immediatamente despacha-las no correio. Assombrou-me tão repetida protelação e puz-me a pensar qual seria a sua causa. Constatava que não queria remetter as provas ao editor, mas não podia adivinhar a razão. Depois de pôr o pacote no correio, entrei no estabelecimento do editor de meus trabalhos em Vienna, que publicara o livro sobre os sonhos, fiz-lhe algumas recommendações e depois, como que levado por uma idéa subita, disse: "Sabe que escrevi novamente meu livro dos sonhos?" — "Ah!... exclamou elle, neste caso, devo-lhe pedir..." — "Tranquillize-se, interrompi eu. Não é o livro completo, e sim tão sómente um pequeno resumo para a collecção Loewenfeld-Kurella". De qualquer modo, o editor não estava muito satisfeito, pois temia que o resumo prejudicasse a venda do livro. Discutimos, e, afinal, perguntei-lhe: "Se lho tivesse avisado antes, o senhor opporia alguma objecção á publicação do folheto?" — "Não, absolutamente", me respondeu. Eu por mim, acreditava ter agido dentro de meu pleno direito e não ter feito nada fóra de usual. Todavia, tinha a certeza de que o motivo de minha hesitação na remessa das provas fôra um pensamento semelhante ao expresso pelo editor. Apoiava-se este pensamento numa situação anterior, em que outro editor puzera difficuldades á minha forçada resolução de retirar algumas paginas da obra que escrevi sobre a paralysia cerebral infantil, afim de inclui-la, sem a menor

modificação, num opusculo sobre o mesmo thema, publicado nos "Manuaes Nothnagel". Tãopouco neste caso se me poderia fazer alguma censura, pois tambem advertira lealmente minha intenção ao primeiro editor, conforme fiz no caso da "Interpretação dos sonhos". Indo ainda além nesta série de recordações, encontrei outra eventualidade analoga á anterior, em que, ao traduzir uma obra do francês, lesei na verdade os direitos de propriedade do autor, pois accrescentei ao texto, sem sua permissão, varias notas, e alguns annos mais tarde, pude verificar que minha acção arbitraria o desgostara.

Existe um proverbio, que revela o conhecimento popular de que o esquecimento de projectos não é accidental: "O que se esquece de fazer uma vez, esquecer-se-á muitas vezes".

Realmente não podemos subtrahir-nos á sensação de que tudo o que se póde dizer sobre esquecimentos e actos falhados já é coisa conhecida e por todos admittida, como algo evidente e natural. Estranhavel é que ainda seja necessario pôr ante a consciencia dos homens coisas tão conhecidas. Quantas vezes ouvi dizer: "Não me encarregues disto. Decerto o esquecerei". A realização desta prophecia nada tem de mystico. Quem assim falou percebia em si mesmo o proposito de não satisfazer o encargo, sem querer confessa-lo.

O esquecimento de intenções muito se esclarece com o que poderiamos designar pelo nome de "formação de falsos propositos". Certa vez, eu promettera a um joven autor uma noticiazinha sobre sua pequena obra, mas, por causa de resistencias interiores que me não eram desconhecidas, ia protelando o cumprimento da promessa, até que, vencido pela insistente premencia do interessado, comprometti-me novamente, um dia, a satisfaze-lo; mas depois recordei que naquella noite devia trabalhar, sem falta, na redacção de um relatorio de medicina legal. Reconhecendo então meu proposito como falso, cessei minha luta contra as resistencias interiores e recusei firmemente o artigo pedido.

VIII

ACTOS DESASTRADOS OU DE TERMO ERRONEO

Da obra de Meringer e Mayer, anteriormente citada, transcrevo ainda as seguintes linhas (pag. 98):

"Os lapsos oraes não são uma coisa que se manifeste isoladamente em seu genero, mas relacionam-se com os demais erros que os homens commettem frequentemente, em suas diversas actividades, erros a que costumamos dar, um tanto arbitrariamente, o nome de "distracções".

Assim, pois, não sou eu o primeiro a suspeitar da existencia de um sentido e de uma intenção, atraz das pequenas perturbações funccionaes da vida quotidiana dos individuos sãos (49).

Se os equivocos no discurso, que, sem duvida alguma, é uma funcção motora, admittem uma concepção como a que anteriormente expuzemos, é de esperar que esta se possa applicar a nossas demais funcções motoras. Neste capitulo, formei dois grupos. Todos os casos em que o effeito falhado, isto é, o extravio da intenção, parece ser o elemento principal, são por mim designados com o nome de *"actos de termo erroneo"* (Vergreifen), e outros, em que a acção total parece inadequada a seu fim, denomino-os *"actos sympto-*

---

(49) Uma segunda publicação de Meringer me demonstrou posteriormente que me enganara ao attribuir a este autor uma tal comprehensão.

maticos e accidentaes" (Symptom- und Zufallshandlugen). Mas, entre ambos generos, não se póde traçar um limite preciso, devendo eu, aliás, fazer constar que todas as classificações e divisões usadas neste livro não têm mais que uma significação puramente descriptiva, contradizendo, no fundo, a unidade interior de seu campo de manifestação.

A inclusão dos actos de termo erroneo entre as manifestações da "ataxia" ou, mais especialmente, da "ataxia cortical", não nos facilita absolutamente sua comprehensão psychologica. E' melhor tentar reduzir os exemplos individuaes a suas proprias determinantes. Para isso, tambem utilizarei observações pessoaes, apesar de só ter encontrado rarissimas occasiões de verifica-las em mim mesmo.

a) Antigamente, quando fazia mais visitas profissionaes do que hoje em dia, muitas vezes me aconteceu, quando chegava á porta de uma casa, em vez de tocar a campainha ou bater, tirar do bolso a chave de meu domicilio, para em seguida, como é natural, tornar a guarda-la, um tanto envergonhado. Prestando attenção ás casas em que isto me succedia, tive de admittir que meu erro de tirar a chave, em vez de bater, significava uma homenagem á casa deante de cuja porta o commettia, equivalendo ao pensamento: "Aqui, estou como em minha casa", pois só me succedia nas residencias dos pacientes a quem me affeiçoara. Jámais me occorreu o erro inverso, ou seja bater á porta de minha propria casa.

Por conseguinte, esse acto falhado, era uma representação symbolica de um pensamento definido, mas ainda não acceito conscientemente como sério, posto que o neuriatra sabe sempre muito bem que, na realidade, o enfermo só lhe tem amizade emquanto delle espera algum beneficio, e que elle proprio só demonstra um interesse excessivamente ardoroso pelos enfermos, em razão do auxilio psychico que isto lhes póde prestar na cura.

Numerosas auto-observações de outras pessoas demonstram que a significativa manobra da chave, acima descripta, não é absolutamente uma particularidade minha.

A. Maeder refere uma repetição quasi identica de minha

experiencia (Contrib. a la psychopathologie de la vie quotidienne. — Arch. de Psychol., IV, 1906): "A todos já nos tem succedido tirar do bolso a chave, ao chegarmos ante a porta de um amigo particularmente estimado, e surprehender-nos tentando abri-la com a nossa chave, como se estivessemos em casa. Este manejo suppõe um atrazo — posto que, no fim de contas, é preciso bater — mas é uma prova de que junto ao amigo que ali reside, nos sentimos — ou nos quizeramos sentir — como em nossa casa".

De E. Jones (1. c., pag. 509), transcrevo o seguinte: "O uso das chaves é um fertil manancial de incidentes deste genero, dos quaes vamos referir dois exemplos. Quando, estando em casa, entregue a algum trabalho interessante, tenho de interrompe-lo para ir ao hospital, onde deveria emprehender a actividade rotineira, muitas vezes me surprehendo procurando abrir a porta do laboratorio com a chave da bibliotheca de minha casa, apesar de uma ser completamente differente da outra. Meu erro demonstra inconscientemente onde preferiria encontrar-me naquelle momento. Ha alguns annos, occupava uma posição subalterna em certa instituição, cuja porta principal ficava sempre fechada. Por conseguinte, era preciso tocar a campainha para que nos franqueassem a entrada. Em varias occasiões surprehendi-me procurando abrir esta porta com a chave de minha casa. Cada um dos medicos effectivos da instituição, cargo a que eu aspirava, possuia uma chave da entrada, para evitar o incommodo da espera emquanto não abriam. Meu erro exprimia, pois, o desejo de egualar-me a elles e estar ali quasi como "em minha casa".

O dr. Hans Sachs, de Vienna, relata um facto analogo: "Costumo trazer sempre commigo duas chaves, uma das quaes é a da porta de meu consultorio e a outra de casa. Sendo a primeira pelo menos tres vezes maior que a segunda, está claro que não são nada faceis de confundir. Além disso, uma vae sempre no bolso da calça e a outra no do paletó. Apesar de tudo isto, muitas vezes me succedeu perceber ao chegar ante uma das duas portas, que, emquanto subia a escada, tirara do bolso a chave correspondente á

outra. Decidi fazer uma estatistica: como me encontrasse todos os dias, ante as duas portas, numa disposição psychica mais ou menos identica, conclui que a confusão entre as duas chaves, se era determinada por moveis psychologicos, tambem deveria estar submettida a uma certa regularidade. Observando os casos posteriores, resultou que deante da porta do escriptorio tirava regularmente a chave de casa, só uma vez se apresentando a eventualidade opposta, da seguinte maneira: Regressava eu fatigado ao meu domicilio, onde sabia estar á minha espera uma pessoa a quem convidara. Chegando á porta, tentei abri-la com a chave do escriptorio, que, naturalmente, era demasiado grande para entrar na fechadura".

b) Ha seis annos, bato duas vezes por dia, em horas certas, á porta de uma casa. Duas vezes me succedeu, com um curto intervallo, subir um andar acima daquelle a que me dirigia. Da primeira vez, estava immerso numa ambiciosa fantasia, que me fazia "elevar-me cada vez mais", e nem sequer me dei conta de que a porta ante a qual devia ter esperado se abria, quando já começava a subir o lance que conduzia ao terceiro andar. Da segunda vez, tambem fui demasiado longe, "abstrahido em meus pensamentos". Quando o percebi e desci o que subira a mais, procurei surprehender a scisma que me assoberbara. Constatei então que, naquelle momento, me irritava contra uma critica (fantasiosa) de minhas obras, em que me lançavam a pecha de "ir demasiado longe", censura que eu substituia pela outra, menos respeitosa, "de ter trepado demasiado".

c) Em minha mesa de trabalho, jazem juntos, ha muitos annos, um martello para exame de reflexos e um diapasão. Um dia, tive de sahir precipitadamente depois da consulta, para alcançar um trem, e, apesar de estarem esses objectos em plena claridade, apanhei e puz no bolso do casaco o diapasão, em vez do martello, que era o que desejava levar commigo. O peso do diapasão no bolso foi o que me fez perceber o erro. Quem não estivesse acostumado a reflectir ante occorrencias tão pequenas, explicaria e desculparia meu acto erroneo pela precipitação do momen-

to. Eu, todavia, preferi perguntar-me por que razão tomara o diapasão em logar do martello. A pressa poderia egualmente ser um motivo de executar acertadamente o acto, para não perder tempo em seguida, tendo de corrigi-lo.

A primeira pergunta que me acudiu á mente foi: "Quem pegou nestes ultimos tempos o diapasão?" O ultimo que o segurara fôra, poucos dias antes, um menino *idiota,* cuja attenção ás impressões sensoriaes eu estava examinando, e a quem o diapasão fascinara de tal modo, que me foi difficil tirar-lho depois das mãos. Queria isto dizer que sou um idiota? Realmente, parecia ser assim, pois a primeira idéa que se associou a *"Hammer"* (martello) foi *"Chamer"* (em hebraico: burro).

Mas por que estes conceitos insultuosos? Sobre este ponto, era preciso interrogar a situação do momento. Eu ia então a uma conferencia num logar situado na ferrovia do Este, em que residia um enfermo que, conforme me haviam escripto, cahira de uma janella meses antes, ficando, desde então, impossibilitado de andar. O medico que me chamava á conferencia, escrevia-me que não sabia se se tratava de uma lesão medullar ou de uma neurose traumatica (hysteria.). Era o que eu tinha de decidir. No erro examinado, deve ter existido uma advertencia sobre a necessidade de ser muito prudente no espinhoso diagnostico differencial. Ainda assim, os medicos acham que se diagnostica com demasiada ligeireza uma hysteria, nos casos em que se trata de affecções mais graves. Mas tudo isto não era sufficiente para justificar o insulto. A associação seguinte foi a recordação de que a estação, a que me dirigia, era a do mesmo logar em que, alguns annos antes, visitara um joven, que, após um certo choque emotivo, perdera a faculdade de andar. Diagnosticando uma hysteria, submetti o doente ao tratamento psychico. Depois se demonstrou que, se meu diagnostico não fôra de todo errado, tambem não acertara integralmente. Grande quantidade dos symptomas do enfermo haviam sido hystericos, desapparecendo rapidamente no curso do tratamento. Mas, detraz delles, via-se um remanescente, que se conservava invulneravel pela therapeu-

tica e poude ser attribuido a uma esclerose multipla. Os que depois de mim examinaram o paciente, puderam apreciar com toda a facilidade a affecção organica, mas eu não podia antes julgar nem proceder de outro modo. Não obstante, a impressão era a de um erro grave, e a promessa que dera ao doente de uma cura completa não podia ser mantida. O erro de apanhar o diapasão em vez do martello podia ser traduzido nas seguintes palavras: "Imbecil! Asno! Cuidado desta vez! Não vás diagnosticar novamente uma hysteria num caso de uma enfermidade incuravel, conforme fizeste, neste mesmo logar, ha alguns annos, com aquelle pobre homem!" Felizmente para esta pequena analyse, mas desgraçadamente para o meu humor, esse individuo, actualmente atacado de uma grave paralysia espasmodica, estivera duas vezes em meu consultorio, poucos dias antes e um depois daquelle em que viera o menino idiota.

Observe-se que, neste caso, é a voz da auto-critica que se faz ouvir, por intermedio do acto de apprehensão erronea. Este está especialmente adequado para a expressão de uma auto-censura. O erro actual procura representar o que, noutro tempo e alhures, commettemos.

d) Está claro que apanhar um objecto por outro, ou segura-lo desastradamente, é um acto erroneo, que póde obedecer a toda uma série de obscuros propositos. Eis um exemplo: Raras vezes quebro alguma coisa. Não sou extraordinariamente dextro, mas, dada a integridade anatomica de meus systemas nervoso e muscular, não ha razões que provoquem em mim movimentos desastrados, cujo resultado seja diverso do que desejava. Assim, pois, não me recordo de ter jámais partido um objecto em casa. A escassez de espaço em meu gabinete de trabalho força-me, em dadas occasiões, a trabalhar com exigua liberdade de movimentos e entre uma porção de objectos antigos de barro e pedra, de que tenho uma pequena collecção. Os que me vêem mover-me entre tantos trastes, sempre me têm exprimido seu receio de que eu atire alguma coisa ao chão, quebrando-a, mas isto jámais me succedeu. Por que, pois, dei-

xei um dia cahir ao chão, partindo-a, a tampa de marmore de um modesto tinteiro que tinha na mesa?

Esse tinteiro era formado por uma placa de marmore, com um orificio em que ficava o recipiente de cristal, destinado á tinta. Esse recipiente tinha uma tampa, tambem de marmore, com uma saliencia para que se pudesse tira-la. Detraz do tinteiro, collocara, em semicirculo, varias estatuetas de bronze e terracota. Estando a escrever, sentado ante a mesa, fiz com a mão, em que tinha a penna, um movimento singularmente inepto e atirei ao chão a tampa do tinteiro. Não foi difficil de encontrar a explicação de minha inepcia. Algumas horas antes, minha irmã entrara no gabinete, para ver algumas de minhas novas acquisições, achando-as muito bonitas e dizendo: "Agora, tua mesa de trabalho está com um lindo aspecto. Só o que destôa um pouco é o tinteiro. Tens de arranjar um outro mais bonito". Sahi do gabinete em companhia de minha irmã, só regressando depois de algumas horas. Foi então que levei a cabo a execução do tinteiro, já julgado e condemnado. Deduzira quiçá das palavras de minha irmã sua intenção de presentear-me com um tinteiro mais bonito, na primeira occasião festiva, apressando-me portanto, a partir o outro, velho e feio, afim de obriga-la a realizar o proposito indicado? Se assim fosse, meu movimento não teria sido inepto senão na apparencia, pois na realidade fôra muito habil, possuindo plena consciencia de seu fim e tendo sabido respeitar, aliás, todos os valiosos objectos que estavam ali perto.

Acho que se deve acceitar esta explicação para toda uma série de gestos porventura desastrados na apparencia. E' certo que taes gestos parecem denotar algo violento, impulsivo e como que ataxico-espasmodico. Mas, submettidos a exame, demonstram estar dominados por uma intenção e conseguem seu fim, com uma segurança que se não póde attribuir, de um modo geral, aos gestos voluntarios e conscientes. Ambos caracteres, violencia e segurança, lhes são communs com as manifestações motoras da neurose hysterica, e, em parte, com as do somnambulismo, indicando uma

mesma modificação, ainda desconhecida, do processo de innervação.

A seguinte auto-observação da sra. Lou Andreas-Salomé demonstra-nos, de modo convincente, como uma "inepcia" tenazmente repetida serve, com extrema habilidade, a intenções inconfessadas.

"Precisamente nos dias da guerra, em que o leite passou a ser materia preciosa e rara, succedeu-me, com grande surpresa e aborrecimento, deixa-lo ferver sempre em excesso, extravasando, por conseguinte, do recipiente que o continha. Se bem que, habitualmente, não costume agir tão descuidada ou distrahidamente, nessa época foi inutil tratar de corrigir-me. Tal conducta talvez me parecesse explicavel nos dias que se seguiram á morte de meu querido "terrier" branco, a que, tão justificadamente como a qualquer homem, chamava "Drujok" (em russo: amigo). Mas naquelles dias e depois não tornei a deixar escorrer nem uma gota do leite, ao ferve-lo. Quando notei isto, meu primeiro pensamento foi: "Alegro-me, porque agora o leite derramado já nem sequer teria quem o aproveitasse" — e no mesmo momento, recordei que meu "Amigo costumava ficar a meu lado, durante a cocção do leite, vigiando ansiosamente o resultado, de cabeça inclinada, movendo a cauda cheio de esperança, com a consoladora segurança de que succederia a maravilhosa desgraça. Com isto, tudo ficou explicado para mim, e tambem comprehendi que estimava o meu cachorro mais do que pensava".

Nestes ultimos annos, e desde que venho reunindo observações deste genero, tornei a quebrar alguns objectos de valor, mas o exame dos casos me demonstrou que nunca foram resultado do acaso ou de um acto desastrado, não intencional. Assim, uma manhã, atravessando um aposento ao sahir do banheiro, de roupão e chinellos, atirei de repente um delles, com um rapido movimento do pé, e como que obedecendo a um repentino impulso, de encontro á parede, onde se foi chocar com uma pequena Venus de marmore, que estava em cima de uma columna, atirando-a ao chão.

Emquanto via a formosa estatueta despedaçar-se, citei — imperturbavel — os versos de Busch:

> Ach! die Venus ist perdue —
> Klickeradoms! — von Médici! (50).

Este gesto estouvado e minha tranquillidade ante o damno produzido explicam-se pelas circumstancias do momento. Tinhamos então gravemente enferma uma pessoa da familia, de cujo restabelecimento eu desesperara. Naquella mesma manhã, recebemos a noticia de uma notavel melhora, ante a qual eu recordava ter exclamado: "Ainda vae escapar com vida". Por conseguinte, meu accesso de furor destructivo servira de meio de expressão a um sentimento de gratidão ao destino, permittindo-me levar a cabo um *acto de sacrificio,* como se houvesse promettido, na hypothese de o doente recobrar a saude, sacrificar, em acção de graças, tal ou qual coisa. O facto de ter escolhido a Venus de Médicis como victima só podia ser uma gentil homenagem á convalescente. O que não pude ainda comprehender neste caso, foi como me decidi tão rapidamente e apontei com tal precisão, que acertei no objecto desejado, sem tocar em nenhum dos que junto a elle se encontravam.

Outro caso de destruição de um objecto, em que novamente me servi da caneta cahida de minha mão, tambem teve a significação de um sacrificio, mas desta vez assumia um caracter de offerenda rogatoria, afim de evitar um mal. Nessa occasião, comprazera-me em fazer uma censura a um amigo fiel e prestativo, censura que se baseava unicamente na interpretação de alguns signaes de seu inconsciente. Meu amigo levou a coisa a mal e me escreveu uma carta, em que me rogava não submettesse meus amigos á psychanalyse. Tive de confessar que elle tinha razão e aplaquei-o com a minha resposta. Emquanto a redigia, tinha deante de mim a ultima acquisição que fizera para a minha collecção: uma

---

(50) Ai! Lá se foi a Venus — catrapuz! — de Médicis.

figurinha egypcia preciosamente vidrada. Parti-a com a caneta, conforme disse, e logo percebi que provocara aquella desgraça para evitar outra maior. Afortunadamente, ambas as coisas — a amizade e a estatueta — puderam endireitar-se com tamanha perfeição, que não se notaram as falhas.

Um terceiro accidente teve uma connexão menos séria. Foi, para usar a expressão de Th. Vischer, em "Auch einer". uma "execução" disfarçada de um objecto que já não me agradava. Eu usara, durante algum tempo, uma bengala de punho de prata. Sem ser por culpa minha, a delgada lamina de metal que forrava o punho amolgou-se, e foi muito mal concertada. Pouco tempo depois, brincando alegremente com um de meus filhos, servi-me da bengala para agarrar-lhe a perna. Está claro que a bengala se partiu e me vi livre della.

A indifferença com que, nestes casos, se acceita o prejuizo resultante, deve ser considerada como demonstração da existencia de um proposito inconsciente.

Investigando os motivos de actos falhados tão nimios como a deterioração de objectos, ás vezes descobrimos que esses actos se acham intimamente ligados ao passado do individuo, mantendo, ao mesmo tempo, estreita connexão com a sua situação presente. A seguinte analyse de L. Jekel (Internat. Zeitschr. f. Psychoanalyse, I-1913) é um exemplo deste genero de casos:

"Um medico possuia uma jarra de porcelana, senão valiosa, ao menos muito bonita, que, juntamente com muitos outros objectos, alguns deles de alto preço, lhe fôra dada de presente por uma cliente (casada). Quando se manifestou claramente que a referida senhora padecia de uma psychose, o medico devolveu todas as dadivas á familia da enferma, conservando apenas a jarra, de que, sem duvida por sua belleza, não desejava separar-se.

"Comtudo, essa apropriação não deixou de suscitar no espirito do clinico, homem muito escrupuloso, uma certa luta interior. Comprehendia a incorrecção de sua conducta, e, para defender-se contra os remorsos, desculpava-se perante si mesmo, allegando que a jarra carecia de qualquer valor

material, que era difficil empacota-la para remette-la a seu destino, etc., etc.

"Quando, meses após, lhe discutiram o pagamento do saldo dos honorarios que lhe eram devidos pelo tratamento dessa cliente e resolveu promover uma acção de cobrança, de novo exprobou a si mesmo a não devolução do presente. Deu-lhe de repente o medo de que os parentes da enferma descobrissem o facto, estorvando com isto o andamento da demanda.

"Sobretudo nos primeiros momentos, esse medo foi tão forte, que chegou a pensar em renunciar aos honorarios, de valor cem vezes maior que o objecto mencionado. Entretanto, conseguiu dominar este pensamento, pondo-o de lado por ser evidentemente absurdo.

"Eis senão quando, achando-se em tal disposição de espirito, succedeu-lhe fazer, no momento em que mudava a agua da jarra para nella pôr umas flores, um gesto singularmente desastrado, sem nenhuma relação organica com o acto que executava. Foi em consequencia desse gesto que a jarra cahiu ao chão, partindo-se em cinco ou seis pedaços grandes. Ora, esse homem, que sabia dominar perfeitamente seu apparelho muscular, podia contar pelos dedos das mãos o numero de objectos que partira em toda a sua vida. O mais curioso é que este accidente se passou no dia seguinte a um jantar que elle offerecera a uns amigos, em cuja homenagem decidira, após grandes hesitações, collocar precisamente aquella jarra, cheia de flores, no centro da mesa. Minutos antes do accidente, reparou que a jarra ficara na sala de jantar, motivo por que cuidou immediatamente de devolve-la, por suas proprias mãos, ao costumeiro logar.

"Passada a primeira surpresa, começou a apanhar do chão os pedaços, e, ajustando-os entre si, verificou que a peça poderia ser reconstituida sem solução de continuidade. Mal, porém, fizera essa constatação, os dois maiores fragmentos lhe escapuliram das mãos, esmigalhando-se, o que deitava a perder toda esperança de reconstituição.

"Sem duvida alguma, o acto falhado commettido tinha por fim actual tornal possivel ao medico a pugna pelo seu

direito, libertando-o daquillo que o retinha e o impedia, até certo ponto, de reclamar o que lhe era devido.

"Mas, além desta motivação directa, este acto falhado possue, para todo psychanalysta, uma determinação *symbolica,* mais ampla, profunda e importante, pois a jarra é indubitavelmente um symbolo da mulher.

"O heroe desta historia perdera de um modo tragico sua joven e formosa esposa, a quem amava ardentemente. Depois de sua desgraça, contrahiu uma neurose, cuja nota predominante era acreditar-se culpado de tal desdita ("Ter partido uma linda jarra").

"Do mesmo geito, era-lhe impossivel entrar em relações com mulher alguma. Repugnava-lhe a idéa de casar-se novamente ou entregar-se a amores duradouros, que, em seu inconsciente, eram considerados como uma infidelidade á esposa defunta, mas que sua consciencia repellia, accusando-o de attrahir a desgraça sobre as mulheres, o que lhes causava a morte, etc. ("Assim sendo, não podia conservar por muito tempo a jarra".)

"Dada a sua forte *libido,* não é de estranhar que considerasse como as mais adequadas, as relações passageiras com senhoras casadas ("Por isso, conservou ou reteve a jarra que pertencia a outrem".)

"Em consequencia da neurose, submetteu-se ao tratamento psychanalytico, e os dados que com este colhemos nos proporcionam uma preciosa confirmação do symbolismo antes apontado.

"No correr da sessão em que nos relatou a destruição do vaso de porcellana, (de barro, de terra) tornou a falar de suas relações com as mulheres, dizendo que, nellas, era de uma exigencia quasi insensata, exigindo, por exemplo, que a amada fosse de uma "belleza mais que terrena". Isto constitue uma clara reaffirmação de que ainda estava ligado á esposa (morta, isto é, extra-terrena), e não queria saber absolutamente de "bellezas terrenas". Dahi, a quebra da jarra "de terra".

"Precisamente nos dias em que, segundo demonstrou a analyse, forjava a fantasia de pedir em casamento a filha

de seu medico, deu a este de presente uma jarra, indicando assim a compensação que desejava.

"A significação symbolica deste acto falhado ainda é susceptivel de diversas variantes, em relação com certas minucias, como, por exemplo, o facto de não querer encher a jarra, etc. Mas o que me parece mais interessante é a consideração de que a existencia de varios, ao menos dois, motivos efficientes, provindo do preconsciente e do consciente, se reflecte na duplicação do acto falhado — atirar ao chão a jarra e em seguida os fragmentos".

e) Deixar cahir algum objecto ou quebra-lo é um modo que empregamos com grande frequencia, para exprimir series de pensamentos inconscientes, coisa que se póde demonstrar por meio da analyse, mas que tambem quasi sempre se poderia adivinhar pelas interpretações que o senso do povo, por pilheria ou por superstição, dá a taes accidentes. E' conhecida a opinião que se tem dos actos de derramar sal ou vinho, ou deixar cahir uma faca que se crave no chão, etc. Mais adeante exporei até que ponto essas impressões supersticiosas merecem ser tomadas em consideração. Por emquanto, observarei apenas que estes actos falhados não têm, absolutamente, um sentido constante. De acordo com as circumstancias, deparam-se como um meio de representação de intenções inteiramente differentes.

Ha pouco tempo, houve em minha casa uma verdadeira temporada de destruição de objectos de cristal e porcellana. Eu mesmo trouxe repetidas vezes minha contribuição ao desenfreado vandalismo. Esta pequena epidemia psychica foi facil de explicar. Tratava-se dos dias que precederam o casamento de minha filha mais velha. Em taes festas, os judeus costumam partir, de proposito, um utensilio, fazendo ao mesmo tempo um voto de felicidade. Esse costume deve significar um sacrificio e ter algum outro sentido symbolico.

Quando os criados destróem objectos frageis, deixando-os cahir ao chão, ninguem costuma pensar, antes de tudo, numa explicação psychologica deste facto. Todavia, não é improvavel a existencia de obscuros motivos que o occasio-

nem. Nada mais inexistente nas pessoas incultas do que a apreciação da arte e das obras de arte. Nossos criados são assoberbados por uma surda hostilidade contra semelhantes objectos, a que não sabem dar valor, sobretudo quando estes lhes dão um accrescimo de trabalho. Em compensação, pessoas da mesma classe, que se acham empregadas nalguma instituição scientifica, distinguem-se pela grande dextreza e segurança com que manejam os mais delicados apparelhos, logo que começam a identificar-se com seus chefes, entrando na categoria de funccionarios essenciaes ao estabelecimento.

Inclúo aqui a communicação de um joven technico, que nos permitte penetrar o mecanismo da deterioração de um objecto:

"Ha algum tempo, trabalhava com varios collegas no laboratorio da Escola Superior, numa serie de complicadas experiencias sobre a elasticidade, trabalho que emprehenderamos voluntariamente, mas que começava a occupar-nos por mais tempo do que desejariamos. Dirigindo-me um dia ao laboratorio em companhia de meu collega, o sr. F., este exprimiu quão desagradavel lhe era ver-se forçado a perder tanto tempo naquelle dia, pois tinha muito que fazer em casa. Concordei com as suas palavras, e accrescentei, um pouco por pilheria, alludindo a um incidente da semana passada: "Felizmente, é de esperar que a machina falhe outra vez e tenhamos de interromper a experiencia. Assim poderemos sahir cedo".

"Na distribuição do trabalho, tocou a F. regular a valvula da prensa, isto é, abri-la prudentemente, para deixar passar pouco a pouco o liquido compressor dos accumuladores ao cylindro da prensa hydraulica. O director da experiencia ficara observando o manometro, e quando este marcou a pressão desejada, gritou: "Alto!" Ao ouvir esta ordem, F. pegou a valvula e voltou-a, com toda a força para a esquerda. (Todas as valvulas, sem excepção, se fecham para a direita). Esta falsa manobra fez com que a pressão do accumulador actuasse de repente sobre a prensa, coisa para a qual os tubos não estavam preparados. Resultado:

partiu-se um ponto em que dois estavam soldados. O accidente não era grave para a machina, mas obrigou-nos a abandonar o serviço por aquelle dia e a retirar-nos para as nossas casas.

"Além disto, é muito caracteristico o facto de, tempos após, ao falarmos deste incidente, F. não poder recordar as palavras que lhe disse quando nos dirigiamos juntos ao laboratorio, palavras que eu recordava com toda a segurança".

Cahir, tropeçar ou resvalar, são actos que nem sempre devem ser interpretados como uma falha puramente casual de uma funcção motora. O duplo sentido linguistico destas expressões já indica as occultas fantasias que pódem achar sua representação nessas perturbações do equilibrio corporal. Recordo um grande numero de leves enfermidades nervosas desencadeadas em pessoas do sexo feminino, após uma queda em que não soffreram ferimento algum, e diagnosticadas como hysterias traumaticas consequentes ao susto. Estes casos já então me davam a impressão de que a relação de causa a effeito era diversa da que se suppunha, e de que a queda era um prenuncio da neurose, uma expressão das fantasias inconscientes do conteúdo sexual da mesma, fantasias que se devem considerar como forças efficientes actuando detraz dos symptomas. Não é esta a mesma idéa que exprime o proverbio: "Quando uma moça cae, sempre cae de costas"?

Entre os actos de termos erroneo póde-se incluir o de dar a um mendigo uma moeda de ouro em vez de uma de cobre ou de prata. A explicação destes erros é muito simples. São actos de sacrificio destinados a apaziguar o destino, desviar uma desgraça, etc. Se, antes de sahir a passeio, ouvimos falar uma mãe ou uma parente carinhosa, de sua preoccupação pela saude do filho ou pessoa querida, e em seguida as vemos proceder com a referida generosidade involuntaria, não podemos duvidar do sentido do apparentemente indesejado gesto. Deste modo, os actos falhados tornam possivel o exercicio dos piedosos e supersticiosos costumes, que, dada a resistencia de nossa razão, hoje descrente, têm de se esquivar á luz da consciencia.

O campo de acção da actividade sexual, dentro do qual parece apagar-se completamente a delimitação entre o casual e o intencionado, offerece-nos uma prova evidente da intencionalidade real destes actos, apparentemente occasionaes. Eu proprio vivi, ha alguns annos, um exemplo de como um movimento apparentemente desastrado póde ser utilizado para um fim sexual, do modo mais requintado. Numa residencia amiga, encontrei certa vez uma moça que despertou em mim um antigo affecto amoroso, fazendo com que me mostrasse jovial, loquaz e complacente. Tambem me preoccupou, nessa occasião, descobrir os motivos de tal impressão, pois a mesma moça me deixara um anno antes completamente frio. Quando o tio della, pessoa muito edosa, entrou no aposento em que nos encontravamos, levantámo-nos ambos, para aproximar-lhe uma cadeira que estava a um canto. Ella, mais agil e tambem mais proxima do movel, segurou-o antes de mim, com o espaldar voltado para traz. Quando cheguei a seu lado, não querendo renunciar ao proposito de carregar a poltrona, vi-me de repente muito perto della, encostado ás suas costas, abraçando-a com os dois braços, e minhas mãos lhe afloraram o collo. Como é natural, puz um termo a esta situação com a mesma rapidez com que ella se constituira, e ninguem pareceu perceber a habilidade com que eu aproveitara meu acto desastrado.

Muitas vezes, na rua, succede que duas pessoas, que se dirigem em sentido contrario e se desviam querendo dar passagem uma á outra, fazem uma serie de passos para um e para outro lado, mas sempre na mesma direcção, até ficarem ambas immoveis frente a frente. Dahi resulta uma situação desagradavel e irritante, que se poderia traduzir por "fechar o caminho a alguem", renovando um incorrecto e provocante costume da infancia. Este acto revela intenções sexuaes sob o disfarce da inepcia. Pelos exames psychanalyticos de neuroticos, cheguei á conclusão seguinte: o que consideramos como ingenuidade nos adolescentes e nas crianças é, frequentemente, um méro disfarce, sob o qual pódem dizer ou fazer, sem se envergonhar, coisas indecentes.

W. Stekel communicou varias auto-observações do mesmo genero: "Ao entrar numa casa, estendi a mão á senhora que ali residia, desatando, ao faze-lo, o laço que lhe fechava o roupão matinal. Não abrigava, conscientemente, nenhum proposito indecoroso; comtudo, executei esse gesto desastrado com a habilidade de um prestidigitador".

Já varias vezes tenho incluido aqui provas de que os poetas consideram os actos falhados do mesmo ponto de vista com que os consideramos neste livro, isto é, como significativos e motivados. Não nos admirará, portanto, ver num novo exemplo, como um poeta dá uma intensa significação a um movimento inepto, acceitando-o como presagio de acontecimentos ulteriores.

Na novella "A adultera", de Theodor Fontane, encontramos as seguintes linhas (vol. II, pg. 64 da edição das obras completas do mesmo autor. — S. Fischer):

"... e Melania ergueu-se e atirou ao marido, á guisa de saudação, uma das grandes bolas. Mas apontou mal, e esta, desviando-se para o lado, foi parar ás mãos de Rubens". De regresso da excursão em que isto se passa, desenvolve-se um dialogo entre Melania e Rubens, em que já começam a surgir as raizes de um amor nascente. Este sentimento cresce depois até á paixão, e Melania acaba por abandonar o esposo, afim de entregar-se inteiramente ao homem amado (Communicado por H. Sachs).

g) Os effeito que os actos de apprehensão erronea, realizados por pessoas normaes, produzem, são, via de regra, inoffensivos. Por isso mesmo, é de grande interesse investigar se outros erros de maior importancia, por exemplo, os de um medico ou pharmaceutico, tambem pódem ser interpretados de acordo com o nosso ponto de vista.

Particularmente, raras vezes me encontro em condições de observar actos correspondentes a uma actividade medica geral, e assim sendo, só posso communicar aqui um unico caso de erro medico, observado em mim mesmo. Ha alguns annos, venho visitando, duas vezes por dia, uma senhora edosa, e, na visita matinal, meu trabalho se reduz a dois actos: Deitar-lhe nos olhos duas gotas de um collyrio e fa-

zer-lhe uma injecção de morphina. Para isto, estão sempre preparados dois frasquinhos, um azul, do collyrio, e um branco, da morphina. Emquanto executo os dois actos costumeiros, tenho geralmente o pensamento occupado noutras coisas, pois tantas vezes repeti o mesmo gesto, que a attenção necessaria para effectua-lo já se comporta livre e independentemente. Todavia, em dada occasião, o automata agiu erradamente. Introduzi o conta-gotas no frasco branco em vez do azul, e o que pinguei nos olhos da enferma foi morphina e não collyrio. Ao percebe-lo, fiquei assustado, tranquillizando-me, em seguida, com a reflexão de que umas gotas de uma solução de morphina a 2 % não podiam causar o menor prejuizo á conjuntiva. Assim, pois, a causa do medo sentido devia ser diversa.

Ao pretender analysar meu pequeno erro, a primeira cousa que me acudiu á mente foi a phrase: "attentar contra a velha" (51), que me podia indicar um rapido caminho para a solução. Eu estava sob a impressão de um sonho, que me fôra narrado, na noite anterior, por um joven, sonho cujo conteúdo só podia ser interpretado como concernente ás relações sexuaes do individuo com sua propria mãe (52). A estranha circumstancia de que a lenda não toma em consideração a velhice da rainha Jocasta pareceu-me confirmar a affirmativa de que, na paixão pela propria mãe, nunca se trata da pessoa actual, e sim de sua reminiscencia juvenil, procedente de muitos annos passados.

Taes incongruencias surgem sempre no momento em que uma fantasia hesitante entre duas épocas se torna consciente, ficando assim ligada a uma época definida. Abstrahido em taes pensamentos, cheguei á casa de minha paciente, que andava pelos noventa annos, e estava decerto a pique de

---

(51) N. do T. — Nesta phrase, o verbo reflexivo "sich vergreifen", seguido da preposição "bei", significa "enganar-se", mas, seguido da preposição "an", significa "attentar, profanar, violar". Assim se explica a connexão entre "enganar-se com a velha" e "attentar contra a velha".

(52) Este sonho foi denominado "sonho de Edipo", porque nos dá a chave para a comprehensão da lenda do rei Edipo. Sophocles, em seu texto, põe na boca de Jocasta a narrativa de um sonho assim.

conceber o caracter geralmente humano da lenda de Edipo como estando em correlação com a fatalidade que se exprime nos oraculos, posto que, logo após, "me enganei com" ou "attentei contra a velha". Mas meu acto erroneo tambem foi inoffensivo. Dos dois erros possiveis — usar a morphina como collyrio ou o collyrio para a injecção — escolhera o mais innocente. Ainda resta a questão de saber se, em erros susceptiveis de occasionar graves prejuizos, se póde suppor a existencia de uma intenção inconsciente, como succede nos que examinámos até aqui.

Neste ponto me falta o material de que deveria dispor, e fico reduzido a expôr aproximações e hypotheses. E' sabido que, nos casos graves de psycho-neuroses, surgem ás vezes auto-mutilações, como symptomas da enfermidade, e que nesses casos o suicidio póde ser sempre esperado como final do conflicto psychico. Sei por experiencia, e um dia hei de expô-lo com exemplos convincentes, que muitos desastres que, apparentemente por acaso, succedem a esses enfermos, são na realidade máos tratos que infligem a si mesmos. E' que nelles existe uma tendencia constante ao auto-castigo, tendencia que habitualmente se manifesta como auto-censura, ou coopera na formação de symptomas, quer utilizando uma situação exterior que se offereça casualmente, quer ajudando-a, até que se consiga o prejuizo desejado. Estes factos tambem não são raros nos casos de gravidade media, em que revelam a participação da intenção inconsciente, por uma serie de indicios especiaes; por exemplo, pela estranha presença de espirito que os doentes manifestam em face dos pretensos desastres (53).

Em vez de muitos exemplos, relatarei, com todos os pormenores, apenas um, observado no exercicio de minha actividade medica: "Uma joven senhora partiu a perna num accidente de carro e teve de guardar o leito durante varias se-

---

(53) A auto-mutilação, que não visa uma integral auto-anniquilação, em nosso estado de civilização actual não tem outro remedio senão occultar-se detraz do acaso ou manifestar-se como simulação de uma enfermidade expontanea. Antigamente, era uma expressão universalmente adoptada de luto, podendo traduzir idéas de piedade e renuncia ao mundo.

manas. Ao trata-la, estranhei a falta de manifestações de dôr e a tranquillidade com que se portava em face de sua desgraça. O accidente fez surgir uma longa e grave neurose que, afinal, se curou pelo tratamento psychanalytico. No correr deste, averiguei as circumstancias que rodearam o accidente, assim como certas impressões que o precederam. A joven senhora estava com o marido, homem muito ciumento, passando uma temporada na herdade de uma irmã, em companhia de seus numerosos irmãos e irmãs, com os respectivos conjuges. Certa noite, neste circulo de pessoas intimas, exhibiu uma de suas habilidades, dançando um can-can com todas as regras da arte, o que lhe grangeou enthusiasticos applausos de todos os parentes. O marido, porém, ficara descontente, murmurando-lhe depois ao ouvido: "Tornaste a portar-te como uma prostituta". A palavra fez seu effeito. Fosse por causa da dança, ou por outro qualquer motivo, a moça dormiu mal, e na manhã seguinte quiz dar um passeio de carro. Escolheu, por si mesma os cavallos, recusando uma parelha e preferindo outra. A mais joven de suas irmãs quiz que fosse no carro um seu filhinho, ainda de peito, com a ama, mas a moça oppoz-se energicamente. Durante o passeio, mostrou-se nervosa, advertiu ao cocheiro que os animaes iam espantar-se, e, quando os cavallos tiveram na verdade um impeto de rebeldia, levantou-se assustada e atirou-se do carro. Foi assim que partiu a perna, emquanto os que a acompanhavam não soffreram o menor damno. Depois de confessar estas minucias, está fora de duvida que o accidente se achava preparado, e não devemos deixar de admirar a habilidade com que obrigou o acaso a proporcionar-lhe um castigo tão correspondente á falta commettida, pois, com effeito, já não poderia dançar o can-can por muito tempo.

Não posso relatar casos em que me tenha infligido damnos a mim mesmo em épocas de tranquillidade. Mas não me creio incapaz de, em condições excepcionaes, commetter taes actos. Quando uma pessoa de minha familia se queixa de ter mordido a lingua, machucado um dedo, etc., a primeira coisa que faço, em vez de compadece-la, é perguntar: —

Por que fizeste isto? — Eu proprio machuquei um dedo mui dolorosamente, depois de ter ouvido um cliente joven exprimir-me, na consulta, seu desejo (que, como é natural, não iria tomar a serio) de contrahir matrimonio com a minha filha mais velha, que, nessa occasião, se achava num sanatorio em perigo de vida.

Um de meus filhos, cujo temperamento vivaz muito difficultava a tarefa de trata-lo quando se achava enfermo, teve certa manhã um violento accesso de colera, porque lhe ordenaram que permanecesse no leito durante toda a tarde. Ameaçou até suicidar-se, ameaça que lhe fôra suggerida pela leitura dos jornaes. No mesmo dia, ao entardecer, mostrou-me uma ecchymose que lhe produzira a saliencia do trinco, no momento em que batera de encontro á porta. Perguntei-lhe ironicamente por que fizera isso, e o pequeno, que tinha apenas onze annos, respondeu-me como que illuminado: — Foi a tentativa de suicidio, com que os ameacei esta manhã. — Não creio que minhas opiniões sobre a automutilação fossem então accessiveis a meu filho.

Aquelles que acreditam na existencia dessas auto-mutilações semi-intencionaes — permittam-me empregar esta deselegante expressão — estarão preparados a admittir egualmente que, além do suicidio conscientemente intencional, existe outra especie de suicido com intenção inconsciente, que é capaz de utilizar dextramente uma situação mortal, dissimulando-se sob uma apparente casualidade da desgraça. Com effeito, a tendencia á auto-destruição existe, com certa intensidade, num numero de individuos muito maior do que aquelle em que chega a vencer. Os maus tratos auto-infligidos são regularmente uma transacção entre este impulso e as forças que ainda actuam contra elle. Tambem nos casos em que se chega ao suicidio, existiu anteriormente, durante muito tempo, essa inclinação, com menor violencia ou como tendencia inconsciente e reprimida.

A intenção consciente de suicidio tambem escolhe seu tempo, meios e occasião. A intenção inconsciente age do mesmo geito, ao esperar o apparecimento de um motivo que possa tomar a si parte da responsabilidade e, dominando as for-

ças defensivas do individuo, liberta-lo da pressão que sobre elle exercem (54). Estas divagações não são absolutamente ociosas. Tenho visto mais de um caso de desgraça, apparentemente casual (quedas de cavallo ou accidentes de carro), cujas circumstancias justificam uma suspeita de suicidio inconscientemente tolerado. Tal é o caso de um official que, durante uma corrida de cavallos, cahiu do que montava, ferindo-se tão gravemente, que morreu alguns dias depois. Sua conducta, ao voltar a si depois do desastre, foi um tanto singular. Fôra-o, porém, ainda mais a que vinha mantendo algum tempo antes. Entristecido pela morte da mãe, a quem muito estimara, punha-se a chorar estando com seus camaradas, e varias vezes exprimiu a amigos intimos seu cansaço da vida e o desejo que tinha de abandonar o exercito, para ir á Africa tomar parte numa campanha que ali se desenrolava e que, para elle, não devia ter o menor interesse (55). Sendo um valente cavalleiro, evitava montar naquelles dias. Afinal, antes da corrida, em que não podia deixar de participar, exprimiu um triste presentimento. A concepção que temos destes casos faz com que não nos admiremos ante a realização da prophecia. Contestar-me-ão que, num tal estado de depressão nervosa, um homem não póde dominar um animal com a mesma maestria que numa época de perfeita saude. Concordo, mas julgo mais acertado pro-

---

(54) O caso, então, é identico ao attentado sexual contra uma mulher, no qual o ataque do homem só póde ser repellido pela força muscular total da mulher, porque nelle coopera, acceitando-o, uma parte das sensações inconscientes atacadas. Já se costuma dizer que tal situação paralysa as forças da mulher, não se precisando accrescentar as razões dessa paralysação. Deste ponto de vista, parece psychologicamente injusta uma das engenhosas sentenças proferidas por Sancho Pança, em sua ilha (Don Quichote, Parte II, cap. XLV). Uma mulher accusa um homem de te-la violentado. Sancho manda o accusado indemniza-la entregando-lhe uma bolsa repleta, e uma vez retirada a mulher, dá-lhe licença para correr atraz della e arrancar-lhe a bolsa. Dentro em pouco, apparecem de novo os litigantes e a mulher vangloria-se do facto de o supposto violador não ter tido forças para arrancar-lhe o dinheiro. Ao ouvir isto, Sancho diz: — "Se o mesmo alento e valor que haveis mostrado para defender esta bolsa, o mostrasseis, e mesmo desfalcado da metade, para defender o vosso corpo, nem as forças de Hercules vos teriam forçado".

(55) E' evidente que a situação de um campo de batalha é precisamente a requerida pela intenção consciente de suicidio, que entretanto se esquiva ao caminho directo. Veja-se, no "Wallenstein", as palavras do capitão sueco sobre a morte de Max Piccolomini: "Dizem que queria morrer".

curar o mecanismo de tal inhibição motora por "nervosismo", na intenção auto-destruidora aqui apontada.

S. Ferenczi, de Budapest, autorizou-me a publicar a seguinte analyse, por elle feita, de um caso de ferimento por arma de fogo, pretensamente casual, e que explica como uma tentativa inconsciente de suicidio, explicação com que concordo em toda a linha.

"J. Ad., de vinte e dois annos, official de carpinteiro, veio consultar-me a 18 de Janeiro de 1908. Queria que lhe dissesse se devia e podia ser extrahida uma bala, que tinha alojada na fonte esquerda, desde 20 de Março de 1907. Afóra umas dores de cabeça, não muito violentas, que o atacam de vez em quando, sente-se completamente bem. O exame objectivo nada descobriu de importante, excepto a cicatriz caracteristica do disparo, com a tatuagem negra da polvora, na fonte esquerda. Em vista disto, mostrei-me contrario a qualquer operação. Perguntado sobre as circumstancias do caso, respondeu ter-se ferido casualmente. Estava brincando com um revolver de seu irmão, *suppondo que não estivesse carregado,* apoiou-o com a mão esquerda na fonte *esquerda* (não é canhestro), poz o dedo no gatilho e o tiro partiu. *Na arma, que era de seis tiros, havia tres cartuchos.* Perguntei-lhe, em seguida, como lhe viera a idéa de pegar o revolver. Retrucou-me que naquella época devia apresentar-se ao conselho de revisão do serviço militar, e que, na noite anterior, indo á taberna, levara o revolver, temendo que nella se promovesse alguma rixa. No exame medico militar, foi declarado inapto, por soffrer de varizes, coisa que o envergonhou sobremaneira. Voltando para casa, começou a brincar com o revolver, sem ter intenção de fazer-se o menor mal, e foi então que se deu o accidente. Interrogado sobre se, em geral, estava contente com a sorte, contou-me suspirando sua historia sentimental com uma moça que o amava, mas que, não obstante, o abandonara emigrando para a America, levada pelo desejo de fazer fortuna. Elle quiz segui-la, sendo, porém, impedido pelos paes. Sua amada partira a 20 de Janeiro de 1907, isto é, dois meses antes do facto. Apesar de todos esses elementos suspeitos,

o paciente sustentou que o tiro fôra um "triste accidente". Não obstante, estou firmemente convicto de que a negligencia no comprovar se o revolver estava ou não carregado, antes de começar a brincar com elle, assim como o damno auto-infligido, achavam-se psychicamente determinados. O referido individuo ainda estava sob a impressão deprimente de seu desditoso amor, e queria "esquecer" no serviço militar. Quando tambem lhe arrancaram esta esperança, foi que se poz a brincar com o revolver, isto é, entregou-se a uma inconsciente tentativa de suicidio. O facto de tomar a arma com a mão esquerda, e não com a direita, é uma prova decisiva de que, na verdade, estava apenas brincando, ou seja, que não queria, conscientemente, suicidar-se".

Outro caso de damno auto-infligido, apparentemente casual, cuja publicação me foi autorizada pela pessoa que o observou directamente, faz-nos lembrar o proverbio: "Aquelle que cava a sepultura para outro, acaba cahindo nella" (56).

"A senhora de X., pertencente a uma familia da classe media, é casada e tem tres filhos. Apesar de ser um tanto nervosa, nunca necessitou submetter-se a um tratamento energico, pois possue bastante firmeza para adaptar-se á vida. Um dia, produziu-se em seu rosto uma deformação consideravel, mas passageira, do modo que segue:

"Ao atravessar uma rua em que estavam endireitando o calçamento, tropeçou num monte de pedras, batendo com o rosto na parede de uma casa, o que o deixou todo arranhado e contundido. Puzeram-se-lhe as palpebras azues e edemaciadas, motivo por que chamou o medico, temendo que os olhos tambem houvessem sido attingidos. Depois de tranquilliza-la neste ponto, perguntei-lhe: "Mas como foi cahir deste modo...?" A senhora respondeu que, pouco antes do accidente, recommendara ao esposo, que havia alguns meses soffria de uma affecção articular que lhe estorvava a marcha, tomasse cuidado ao atravessar a referida rua. Entre-

---

(56) Auto-castigo por um aborto, observado pelo dr. J. E. G. van Emdem. Haya (Hollanda). — Zentralblatt fuer Psychoanalyse, II-12.

tanto, sabia, por muitas experiencias, que, em casos como esse, lhe acontecia soffrer os mesmos accidentes contra os quaes prevenia os outros.

Não me contentei com esta motivação do facto, e perguntei-lhe se não tinha mais alguma coisa a contar-me. Disse-me que, effectivamente, no momento que precedera a queda, vira, numa loja da calçada opposta, um lindo quadrinho, assaltando-a immediatamente o desejo de adquiri-lo, para enfeitar o quarto dos filhos. Dirigiu-se então directamente á loja, sem attentar no estado da rua, e foi assim que tropeçou num monte de pedras, indo bater com o rosto na parede da casa, sem fazer sequer a menor tentativa de livrar-se da pancada estendendo os braços. O projecto de comprar o quadro foi immediatamente esquecido, regressando a senhora apressadamente a seu domicilio.

" — Mas como não olhou com mais cuidado onde pisava? continuei a interroga-la.

" — Ai! me respondeu. Foi talvez um *castigo* pela historia que já lhe confiei.

" — Essa historia continua a atormenta-la?

" — Sim. Depois senti muito ter feito o que fiz. Achei-me perversa, criminosa e immoral. Mas, naquelles dias, meus nervos me punham quasi doida.

"Tratava-se de um aborto que, de acordo com o marido, e querendo ambos evitar, por motivos economicos, o nascimento de mais filhos, fizera provocar por uma curiosa, e em cujo desenlace fôra assistida por um especialista.

" — Muitas vezes me censurei por ter deixado matar meu filho, continuou a dizer, e tive medo de que tal crime não pudesse ficar impune. Agora que o senhor me garantiu que nada terei nos olhos, já estou tranquilla. Seja como fôr, sinto-me *sufficientemente castigada.*

"Entra, pois, pelos olhos a dentro que o accidente fôra um auto-castigo infligido não só em penitencia da má acção commettida, mas tambem para escapar a outro castigo maior, ainda desconhecido, cujo advento a senhora vinha temendo ha varios meses.

"No momento em que se dirigia apressadamente á loja,

para adquirir o quadro, a reminiscencia de sua falta — já bastante activa em seu inconsciente, quando recommendara cuidado ao esposo — tornara-se dominante, podendo ser expressa pelas seguintes palavras:

" — Para que queres comprar um adorno para o quarto de teus filhos, se deixaste matar um delles? Criminosa! O grande castigo já está proximo!

"Este pensamento não chegou a tornar-se consciente, mas, não obstante, a senhora utilizou a situação dada naquelle momento psychologico, para aproveitar o monte de pedras no auto-castigo. Eis por que nem sequer estendeu as mãos ao cahir, nem sentiu um susto violento. A segunda determinante, provavelmente menor, do accidente, foi outro auto-castigo pelo seu desejo *inconsciente* de livrar-se do marido, cumplice em todo o penoso assumpto do aborto. Este desejo se revela na recommendação totalmente superflua de que tivesse cuidado ao atravessar a rua em concerto, já que o marido, precisamente por sua doença, tinha de andar com grande prudencia" (57).

Considerando as circumstancias que rodeiam o seguinte caso de maleficio auto-infligido apparentemente casual, é preciso dar razão a J. Staerke (l. c.), que o interpreta como um "acto de sacrificio".

"Uma senhora, cujo genro tinha de partir para a Allemanha, com o fim de ali cumprir seus deveres militares, queimou um pé, derramando um liquido fervente, nas circumstancias que seguem: Sua filha estava em vesperas de dar a luz, e o pensamento dos perigos que o marido ia correr na guerra não era, comprehende-se, de molde a alegrar extremamente o animo de toda a familia. No dia anterior á partida do genro, a senhora convidara o casal a jantar com ella. Quando se dirigiu á cozinha, afim de preparar por si

---

(57) Uma pessoa escreveu-me sobre o thema: "Maleficios auto-infligidos como castigo". Se observarmos a conducta das pessoas na rua, teremos occasião de ver com que frequencia succedem pequenos accidentes aos homens que — como já é costume quasi geral — se voltam para acompanhar as mulheres com a vista. Ora tropeçam, mesmo caminhando por um terreno sem o menor obstaculo, ora batem num poste, ou se ferem de algum outro modo.

mesma a comida, trocou, contra seu costume, os sapatos fechados, com que andava muito commodamente, pelos chinellos do marido, enormes e abertos em cima. Ao tirar do fogo uma grande panella cheia de sopa fervente, deixou-a cahir e queimou-se gravemente num pé, sobretudo na parte não protegida pelo chinello. Está claro que o accidente foi imputado ao "nervosismo" comprehensivel, dada a situação da familia. Nos dias subsequentes ao "acto de sacrificio", portou-se com a maxima prudencia na manipulação de substancias quentes, o que não a impediu de, dias mais tarde, tornar a escaldar uma das mãos" (58).

---

(58) Em muitos destes casos de lesões ou morte por accidente, a interpretação é duvidosa. As pessoas estranhas á victima não encontraram motivo algum para ver na desgraça mais que um accidente fortuito, de passo que seus amigos e parentes, conhecendo-a na intimidade, puderam encontrar razões para suspeitar a existencia de uma intenção inconsciente. A seguinte narrativa de um joven, cuja noiva morreu, victima de um atropelamento, offerece-nos um completo exemplo deste genero:

"Em Setembro do anno passado, conheci a srta. X. Z., de trinta e quatro annos de edade e de excellente posição economica. Tendo ficado noiva de um official antes da guerra, passara pela dor de perder seu promettido, que tombou na frente de batalha em 1916. De nosso conhecimento não tardou a nascer uma reciproca inclinação amorosa, sem que a principio pensassemos em casamento, pois a differença de edade — eu tinha então vinte e sete annos — parecia pouco favoravel á idéa. Todavia, morando na mesma rua, vendo-nos e encontrando-nos diariamente, nossas relações acabaram tomando um caracter intimo, circumstancia que nos fez inclinar-nos mais para a idéa de matrimonio. Resolvemos, pois, dar um caracter official ás nossas relações, marcando a data dos esponsaes. A srta. Z. propunha-se antes fazer uma viagem, afim de visitar um parente, proposito que a greve ferroviaria lhe impediu de levar a cabo, á ultima hora. As sombras que a victoria da classe operaria parecia projectar sobre o porvir influiram, durante algum tempo, em nosso estado de animo. Sobretudo minha noiva, já por natureza sujeita a grandes oscillações de vontade, suppunha ver, nos acontecimentos sociaes, graves obstaculos para os nossos projectos. No sabbado, 20 de Março, mostrava, entretanto, uma alegria e animação excepcionaes, que me surprehenderam e contagiaram, fazendo-nos ver tudo côr de rosa. Alguns dias antes, tinhamos combinado ir uma manhã juntos á igreja, sem todavia marcar a data. No dia seguinte, domingo, 21 de Março, ás nove e um quarto da manhã, telephonou-me, dizendo-me que fosse busca-la para irmos á igreja, mas foi-me impossivel compraze-la, por ter obrigações immediatas. Visivelmente contrariada por minha negativa, decidiu ir sozinha á igreja. Na escada de sua residencia, encontrou um conhecido, com o qual andou durante algum tempo, dando provas de um humor excellente, sem alludir absolutamente á nossa conversação telephonica. Já perto da igreja, seu acompanhante despediu-se, allegando, em tom de gracejo, que sua guarda já não era necessaria, posto que tinha de atravessar apenas aquella rua, tranquilla e deserta nesse ponto. Um momento mais tarde, quando já ia alcançando a calçada opposta, foi atropelada por um carro, morrendo dahi a algumas horas. Já tinhamos atravessado aquelle logar innumeras vezes. Minha noiva sempre se mostrava extremamente prudente e, além disso, precisamente naquella manhã, o trafefego era quasi nullo, posto que os omnibus, bondes etc.. tambem estavam em greve. Parece, pois, inconcebivel que não visse o carro que a atropelou e

Se um tal furor contra a propria integridade e a propria vida pode occultar-se assim, detraz de um acto desastrado apparentemente casual e de uma insufficiencia motora, já não nos será difficil acceitar a transferencia da mesma concepção aos actos falhados que põem em grave perigo a vida e a saúde de outras pessoas. Os documentos que posso apresentar em favor deste asserto são tirados de minhas experiencias no tratamento de neuroticos, não se adaptando, por conseguinte, de um modo integral ao que pretendemos demonstrar. Seja como fôr, exporei aqui um caso, em que se não cogita precisamente de um acto falhado, e sim do que melhor se poderia chamar um acto symptomatico ou accidental. Foi este aliás que me orientou na pista por onde pude chegar á solução do conflicto em que o paciente se achava. Em certa occasião, propuz-me melhorar as relações domesticas de um individuo muito intelligente, cujas dissenções com a sua joven esposa, a quem amava com ternura, apoiavam-se em fundamentos reaes, mas, como elle proprio confessava, nem mesmo assim eram de todo explicaveis. O marido atormentava-se incessantemente com a idéa de uma separação, idéa que sempre repellia, pelo amor que tinha a seus dois filhinhos. Apesar disto, sempre volvia ao mesmo pensamento, nada fazendo no sentido de tornar toleravel tal situação. O facto de elle nunca resolver o conflicto pare-

---

nem sequer o ouvisse aproximar-se. Todo o mundo acreditou num accidente "casual". Minha primeira impressão foi totalmente contraria, se bem que tambem não pudesse pensar numa intenção determinada. Tentei, pois, encontrar uma explicação psychologica, e, ao cabo de muito tempo, suppuz descobri-la, ao ler sua "Psychopathologia da Vida Quotidiana". A srta. Z. ás vezes manifestava certa tendencia ao suicidio. Chegara mesmo a tentar fazer-me compartilhar taes idéas, que eu, entretanto, me esforçara por tirar-lhe da mente. Dois dias antes da desgraça, ao regressarmos de um passeio, começou a falar, sem nenhum motivo exterior, de sua morte e da conveniencia de fazer testamento. Entretanto, nada fez neste sentido, o que prova que taes manifestações não obedeciam a um proposito suicida. Assim, pois, na minha opinião, que aliás não considero indiscutivel, a morte da srta. Z. não pode ser attribuida a uma desgraça casual, nem a uma obnubilação da consciencia, e sim a uma auto-destruição intencional, dependente de um motivo inconsciente, que conseguiu occultar-se sob o disfarce de um accidente fortuito. Minha opinião é reforçada por certas observações feitas pela srta. Z. a parentes seus, antes de me vir a conhecer, e depois a mim mesmo. Devemos, pois, suppor que seu desgraçado fim foi consequencia da morte do primeiro noivo, cuja pessoa ninguem poderia substituir em seu coração."

ceu-me uma prova da existencia de motivos inconscientes e reprimidos, os quaes reforçavam as razões conscientes que mantinham a luta. Em casos taes, minha intervenção consiste em pôr um fim ao conflicto, por meio da analyse psychica. Um dia, o marido me referiu um pequeno incidente, que o assustara excessivamente. Estava brincando com o filho mais velho, que era o seu preferido, subindo-o e descendo-o em seus braços. De uma das vezes o ergueu tão alto e em tal logar do aposento, que a cabeça do menino quasi bateu no pesado lustre de gaz que pendia do tecto. *Pouco faltou,* mas o choque não chegou a dar-se. O menino nada soffreu, mas o medo deu-lhe uma vertigem. Quedou-se o pae, com elle no collo, immovel e espantado, e a mãe teve um ataque hysterico. A particular dextreza desse movimento imprudente e a violencia da reacção nos paes fizeram-me procurar nesse acaso um acto symptomatico, que devia exprimir uma intenção perversa contra o tão querido filho. A contradição entre o acto symptomatico e a actual ternura do pae pelo filho podia ser supprimida, transferindo o impulso malfazejo á época em que essa criança fôra filho unico e tão pequena, que o pae ainda não chegara a interessar-se por ella. Assim sendo, podia-se admittir que o marido, nada satisfeito com a esposa, houvesse tido, nessa época, o seguinte pensamento: "Se este serzinho, que não me interessa, morresse, eu ficaria livre, podendo separar-me de minha mulher." Por conseguinte, ainda devia existir nelle um desejo de morte do já tão querido filho. Partindo deste ponto, é facil encontrar o caminho da fixação inconsciente deste desejo. Uma poderosa determinante do acto realizado era constituida por uma reminiscencia infantil do paciente, concernente á morte de um irmãozinho, que a mãe allegava ter sido causada pelo desleixo do marido, e que dera logar a violentas explicações entre os conjuges, em meio ás quaes surgira uma ameaça de separação. Minha hypothese viu-se confirmada pelo exito therapeutico da analyse e pelas modificações sobrevindas nas relações conjugaes do paciente.

J. Staerke (l. c.) conta-nos, num exemplo, como os poetas não trepidam em pôr um acto falhado no logar de um in-

tencional, sendo o primeiro causa das mais graves consequencias.

"Num de seus esboços ("Schetsen von Samuel Falkland". — Amsterdam. H. J. W. Becht — 1914), Hayermans nos fala sobre um exemplo de acto falhado, que lhe serviu de base para a creação de um de seus dramas.

"Chama-se o ensaio "Tom e Teddie". — Num theatro de variedades, trabalha um casal de mergulhadores, marido e mulher, que permanecem debaixo de agua durante muito tempo, dentro de uma piscina de paredes de cristal, realizando, submersos, varias habilidades. A mulher tornou-se, ha pouco tempo, amante de um domador, que trabalha no mesmo theatro. Minutos antes de sua entrada em scena, o mergulhador surprehendeu-os no vestiario, mas, a premencia do tempo faz com que se limite a lançar-lhes um olhar ameaçador, murmurando: "Daqui a pouco, hão de ver o que succede a quem brinca commigo". — Começa a representação. — O mergulhador naquella noite vae apresentar um numero mais difficil: permanecerá "dentro da agua, hermeticamente fechado num caixão, dois minutos e meio". — Já tinham feito este numero varias vezes. Teddie mostrava a chave, emquanto o publico contava, de relogio na mão, o tempo que corria. Depois, deixava cahir um par de vezes a chave na piscina, atirando-se á agua empós della, afim de não se atrazar quando chegasse o momento de abrir o caixão.

"Nessa noite, a de 31 de Janeiro, Tom foi trancado, como de costume, pelos dedos lestos da alegre e vivaz mulherzinha. Tom sorria detraz do postigo de vidro que havia na caixa. Ella brincava com a chave, esperando o signal para abrir. Nos bastidores, estava o domador, na sua impeccavel casaca, de gravata branca, empunhando um rebenque de cabo de prata. Para chamar-lhe a attenção, deu um curto assovio. A moça fitou-o, sorriu e, com o gesto desastrado de alguem que tem a acção distrahida por qualquer motivo, atirou a chave para cima com tanta força, que, quando terminavam os dois minutos e vinte segundos bem contados, ella veio cahir fóra da piscina, entre as dobras de um panno de velludo que lhe dissimulava os supportes. Nin-

guem notou onde cahira. Ninguem podia nota-lo. Da sala, a illusão de optica foi tal, que todos os espectadores viram a chave cahir através da agua.

"Tãopouco os empregados do Theatro se deram conta da verdade, pois o tecido fofo amortecera o ruido da queda da chave.

"Sorrindo e sem hesitar, Teddie saltou á borda da piscina. Sorrindo, lançou um olhar a Tom — elle aguentava bem. Sorrindo, desappareceu entre as quatro pilastras que sustentavam o tanque, afim de procurar a chave. Não a encontrando, poz-se a vasculhar o panno com uma inimitavel expressão de cansaço, como se quizesse dizer: "Meu Deus! que aborrecido incidente!"

"Entrementes, Tom fazia seus gestos comicos detraz do postigo, como se tambem começasse a inquietar-se. Viram-lhe alvejar a dentadura postiça, moveram-se-lhe os labios sob o bigode retorcido, deixando escapar as mesmas engraçadas bolhas de ar que antes expellira, ao comer uma maçã immerso na agua. Viram-no retorcer e enclavinhar os pallidos dedos afilados, e o publico riu, como já tantas vezes rira nessa noite.

"Dois minutos e cincoenta e oito segundos...

"Tres minutos e sete segundos... e doze segundos...

"Bravo! Bravo! Bravo!

"Nisto, surgiu certa intranquillidade na sala e o publico começou a patear, vendo que os empregados e o domador tambem se punham a procurar a chave, emquanto o panno cahia antes que a tampa da caixa fosse levantada.

"Surgiram, em seguida, no palco, seis bailarinas inglesas. Depois, o homem dos poneys, os macacos, os cães, e assim successivamente.

"Só no dia seguinte, o publico veio a saber que succedera uma desgraça e que Teddie estava viuva e sózinha no mundo..."

"Vemos, por este exemplo, que bella comprehensão o artista devia ter da natureza da acção symptomatica, para apresentar-nos com tamanho acerto a causa profunda da fatal inepcia".

IX

ACTOS SYMPTOMATICOS E ACCIDENTAES

Os actos que até agora temos descripto, reconhecendo-os como realização de intenções inconscientes, manifestavam-se como perturbações de outros actos intencionados e occultavam-se sob a excusa de inepcia. Os actos accidentaes, de que trataremos a seguir, só se differenciam dos de termo erroneo por não se apoiarem numa intenção consciente, não necessitando, por conseguinte, de nenhuma excusa ou pretexto para se manifestarem. Surgem com absoluta independencia e são acceitos naturalmente, porque nelles não suspeitamos finalidade ou intenção alguma. Executamos taes actos "sem a menor idéa", por "puro acaso" ou para "não deixar de fazer alguma coisa", confiando em que essas explicações bastarão a quem queira investigar-lhes a significação. Para poder gosar essa situação excepcional, taes actos, que já não requerem a inepcia como excusa, devem preencher determinadas condições. Têm de passar despercebidos, não despertando a menor estranheza e produzindo effeitos insignificantes.

Tanto em mim mesmo como noutras pessoas, tenho observado um bom numero de actos accidentaes, e, depois de examinar, com todo cuidado, cada uma das observações por mim reunidas, acho que se pódem denominar com mais acerto: "actos symptomaticos", pois exprimem alguma coisa que

nem o proprio autor suspeita existir nelles, e que, normalmente, não communicaria aos outros, reservando-a, ao contrario, para si mesmo. Assim, pois, esses actos como todos os outros phenomenos de que até agora temos tratado, desempenham o papel de symptomas.

No tratamento psychanalytico das neuroses, podemos, mais que em nenhum outro campo, observar taes actos symptomaticos ou accidentaes. Vou expôr aqui dois exemplos originarios desse terreno, nos quaes se vê quão remota e subtilmente a determinação desses actos é regida por pensamentos inconscientes. A linha de demarcação entre os actos symptomaticos e os de termo erroneo é tão indefinida, que os exemplos seguintes poderiam ter sido incluidos no capitulo anterior.

a) Uma joven senhora referiu-me, durante uma sessão do tratamento psychanalytico, em que deveria contar com toda a liberdade tudo o que lhe acudisse á mente, que no dia anterior, ao fazer as unhas, "ferira-se na carne, ao querer fazer desapparecer a cuticula na raiz de uma unha". Este facto é tão pouco interessante, que admira o facto de a paciente recorda-lo e menciona-lo, induzindo por isto mesmo á suspeita de que se trate de um acto symptomatico. O dedo que soffreu o pequeno accidente foi o anular, dedo em que se costuma trazer o anel de casamento, e além disto, o facto se deu no dia de anniversario das bodas de minha paciente, o que dá ao ferimento da cuticula uma signifcação bem definida e facil de adivinhar. Ao mesmo tempo, a paciente tambem me contou um sonho que tivera e que alludia á falta de geito de seu esposo e á sua propria anesthesia sexual. Mas por que se ferira no anular da mão esquerda, quando trazia a alliança na mão direita? Seu marido era doutor em Direito, e na juventude ella sentira um amor secreto por um medico, a quem appellidava, por pilheria, "Doutor em Esquerdo". Tambem o termo "matrimonio da mão esquerda" tem certa significação.

b) Em certa occasião, uma joven solteira contou-me o seguinte: — "Hontem, rasguei, sem querer, em dois pedaços, uma nota de cem florins, e dei uma das duas metades a

uma senhora que viera visitar-me. Isto tambem será um acto symptomatico?" — Examinado o caso, surgiram os seguintes pormenores: A interessada dedicava parte de seu tempo e fortuna a obras de beneficencia. Uma dellas, por exemplo, a que se entregava em companhia de outra senhora, era o custeio da educação de um orphão. Os cem florins eram a quantia que essa senhora lhe enviara para esse fim, e que puzera num enveloppe, deixando-o provisoriamente em cima da escrivaninha.

A visitante, distincta senhora que com ella collaborava em outras obras de caridade, fôra pedir-lhe uma lista de nomes das pessoas a quem podia solicitar apoio, para esses assumptos. Não tendo outro papel á mão, minha cliente apanhou a sobrecarta na escrivaninha, e, sem reflectir no que continha, partiu-a em dois pedaços, um dos quaes deu á amiga, com a lista pedida, conservando o outro com a copia da mesma lista. Observe-se a absoluta innocencia deste inutil manejo. E' sabido que uma nota não soffre a menor diminuição em seu valor quando se rasga, sempre que a possamos reconstituir inteiramente com os pedaços, e não restava duvida de que a senhora não havia de pôr fóra o pedaço de enveloppe, dada a importancia que para ella tinham os nomes nelle consignados. Outrosim, logo que descobrisse a metade da nota, apressar-se-ia a devolve-la.

Mas, então, que pensamentos inconscientes tinham encontrado sua expressão neste acto accidental, que o esquecimento fizera possivel? A visitante estava em relação bem definida com a cura da enfermidade de sua joven amiga, que eu estava realizando, pois fôra ella quem me recommendara como medico á paciente, a qual, se me não engano, está muito agradecida á senhora por essa indicação. Representaria quiçá aquella metade de nota um pagamento da mediação? Isto ainda seria muito estranho.

Mas ao que dissemos anteriormente veio juntar-se novo material. Na vespera, uma mediadora de genero completamente diverso perguntara, a um parente da joven, se esta não queria conhecer determinado cavalheiro, e na manhã seguinte, poucas horas antes da visita da senhora, chegara

uma carta de declaração do referido pretendente, carta que provocara um grande regosijo. Quando, depois da palestra, a visitante perguntou á minha cliente por sua saude, esta póde muito bem ter pensado: "Recommendaste-me o medico que me convinha; mas se agora, e com o mesmo acerto, me ajudasses a encontrar um marido (e um filho), ficar-te-ia ainda mais agradecida". Este pensamento reprimido fez com que se confundissem, numa só, as duas mediadoras, e a joven deu á visitante os honorarios que, em sua fantasia, estava disposta a dar á outra. Tomando em consideração que, na tarde anterior, eu falara á minha paciente sobre os actos accidentaes ou symptomaticos, perceberemos que a precitada solução é a unica possivel, pois é de suppor que a joven tenha aproveitado a primeira occasião que se lhe deparou, para commetter um desses actos.

Póde-se fazer uma classificação desses actos accidentaes e symptomaticos, tão extraordinariamente frequentes, attendendo á sua maneira de manifestar-se, e conforme sejam habituaes, regulares em determinadas circumstancias ou isolados. Os primeiros (como brincar com a corrente do relogio, cofiar o bigode, etc.), que se pódem considerar como caracteristicos das pessoas que os executam, aproximam-se dos numerosos movimentos chamados "tics" e devem ser tratados juntamente com elles. No segundo grupo, colloco as brincadeiras com a bengala, os rabiscos que fazemos quando temos um lapis na mão, o fazer tilintar as moedas no bolso, as bolinhas de miolo de pão e de outras materias plasticas, assim como todos esses gestos machinaes com que ageitamos o vestuario. Taes ademanes, quando se manifestam durante o tratamento psychico, occultam, via de regra, um sentido e uma significação a que se negou qualquer outro meio de expressão. Em geral, a pessoa que executa esses actos não os percebe absolutamente, nem se dá conta de quando continua a executa-los do mesmo modo de sempre e de quando nelles se introduz alguma alteração. Tãopouco vê ou sente seus effeitos: Por exemplo, não ouvimos o ruido que as moedas produzem ao serem revolvidas por nossa mão no bolso, e nos admiramos quando nos chamam a

attenção para isso. Egualmente significativos e dignos do interesse do medico são todos esses gestos que, sem causa que os justifique, costumamos fazer a todo momento, para ageitar as roupas. Toda mudança na maneira usual de vestir, toda pequena negligencia, por exemplo, um botão sem abotoar, e todo principio de nudez, exprimem algo que o dono da roupa não deseja dizer directamente, e a cujo respeito, sendo-lhe tal coisa inconsciente, na maioria dos casos nada saberia dizer. As circumstancias que rodeiam o apparecimento destes actos accidentaes, os themas recentemente agitados na conversação e as idéas que emergem no espirito do individuo quando para elles lhe dirigimos a attenção, sempre proporcionam dados sufficientes, tanto para interpreta-los, como para comprovar se a interpretação foi ou não acertada. Por este motivo, não apoiarei aqui, como de costume, minhas affirmativas, com a exposição de exemplos e de suas respectivas analyses. Seja como fôr, menciono estes actos estudados em meus pacientes neuroticos, porque acho que elles nos individuos sãos possuem o mesmo significado.

Comtudo, não posso renunciar ao desejo de mostrar, ao menos com um só exemplo, quão intimamente póde estar ligado um acto symbolico habitual com o que ha de mais intimo e importante na vida de um indivduo são ("Contribuição ao symbolismo da vida quotidiana". Ernest Jones, Toronto. — Traduzido para o allemão por Otto Rank (Vienna) e publicado no "Zenbralblatt fuer Psychoanalyse". 1-3-911) :

"Conforme nos demonstrou o dr. Freud, o symbolismo desempenha, na vida infantil do individuo normal, um papel mais importante do que as anteriores experiencias psychanalyticas nos tinham feito esperar. A este respeito, possue um certo interesse, sobretudo por seu aspecto medico, a seguinte analyse:

Um medico encontrou, ao arrumar seus moveis e objectos numa casa nova para onde se mudara, um esthetoscopio "simples" de madeira. Depois de reflectir um instante sobre o logar onde devia deixa-lo, viu-se impellido a colloca-lo na escrivaninha, e precisamente de modo que ficasse entre a sua poltrona e a cadeira em que costumava mandar sentar

os clientes. Este acto, em si, já era um tanto estranho, por duas razões: Em primeiro logar, esse medico não precisava absolutamente de esthetoscopio (era um neurologo), e as poucas vezes em que tinha de empregar esse apparelho, não se utilizava do que puzera na mesa, e sim de outro duplo, isto é, para os dois ouvidos. Em segundo logar, tinha todos os seus instrumentos profissionaes guardados em armarios especialmente reservados para isto, sendo aquelle o unico que deixara do lado de fóra. Já não pensava nesta questão, quando um dia uma paciente, que jámais vira um esthetoscopio simples, perguntou-lhe o que era aquillo. Disse-lho, e ella, então, indagou novamente por que razão o collocara precisamente naquelle logar, ao que o medico lhe respondeu, immediatamente, tanto se lhe dar que o instrumento estivesse ali ou em qualquer outro sitio. Entretanto, isto lhe fez pensar se, no fundo de seu acto, não existiria um motivo inconsciente. Conhecendo o methodo psychanalytico, decidiu investigar a questão.

"A primeira recordação que lhe acudiu á memoria foi esta: Sendo estudante ainda, chocara-o o costume observado num medico do hospital, de trazer sempre á mão um esthetoscopio simples, que jámais utilizava, ao visitar os doentes de sua sala. Naquella época, nutria uma grande admiração por esse medico, a quem tinha muita amizade. Mais tarde, quando chegou ao posto de interno no mesmo hospital, adoptou um costume identico, sentindo-se mal se sahisse do quarto, para fazer a visita, sem trazer na mão o citado instrumento. A inutilidade deste habito patenteava-se, não só no facto de que o unico esthetoscopio de que se servia era o outro, duplo, que elle trazia no bolso, como tambem na circumstancia de não o haver interrompido quando fez sua pratica na sala de cirurgia, onde esse apparelho nada tem a ver. A importancia destas observações sobresáe, quando reparamos na natureza phallica deste acto symbolico.

"A recordação seguinte foi a de que, sendo ainda menino, lhe chamara a attenção o costume que o medico da familia tinha de guardar um esthetoscopio simples dentro do

chapéo. Achava, então, interessante, que o medico tivesse sempre a mão seu instrumento principal, quando visitava os clientes, não necessitando mais que despojar-se do chapéo (isto é, uma parte de suas vestes) e "tira-lo". Durante sua meninice, affeiçoara-se extraordinariamente a esse medico. Por meio de uma curta auto-analyse, descobriu que, quando tinha tres annos e meio, architectara uma fantasia relativa ao nascimento de uma irmãzinha, consistente em imaginar que, primeiro, a menina era delle e de sua mãe, e depois, era delle e do medico. Assim, pois, nessa fantasia, desempenhava, indistinctamente, o papel masculo ou o feminino. Tambem recordou que, aos seis annos, fôra examinado pelo referido medico, experimentando uma sensação de voluptuosidade ao contacto da cabeça delle, que lhe apertava o esthetoscopio de encontro ao peito, recommendando-lhe que respirasse com um rythmico movimento de vae-vem. Aos tres annos, tivera uma doença chronica dos pulmões, tendo de ser examinado repetidas vezes. Mas disto já não se recordava com tanta exactidão.

"Posteriormente, tendo já oito annos, impressionou-o grandemente a confidencia que lhe fez outro menino mais crescido, de que o medico tinha o costume de se deitar com as suas clientes do sexo feminino. Realmente, esse rumor tinha certo fundamento, e a verdade é que todas as senhoras da vizinhança viam com grande sympathia o joven e elegante doutor. Tambem o medico do presente exemplo desejara sexualmente, em varias occasiões, enfermas a quem prestara assistencia, enamorara-se de clientes suas e, por fim, contrahira matrimonio com uma dellas. Só resta dúvida sobre se sua identificação inconsciente com o tal doutor foi a razão principal que o levou a dedicar-se á medicina. Por outras analyses, pode-se affirmar com segurança que é um dos motivos mais frequentes das vocações (se bem que lhe seja difficil determinar a frequencia). No caso presente, é duplamente condicionado. Primeiro, pela superioridade que o medico em varias occasiões demonstrara sobre o pae do paciente, de quem este sentia muitos ciumes, e depois, pelo

conhecimento que o medico possuia das coisas prohibidas e pelas occasiões de satisfação sexual que se lhe deparavam.

"Mais tarde, appareceu na analyse a recordação de um sonho, do qual já tratámos alhures minuciosamente ("Freud's Theory of Dreams" — American Journ. of Psychol. — pag. 310, n. 7, Abril de 1900), sonho de transparente natureza homosexual-masochista, em que um homem, figura substitutiva do medico, atacava o sonhador com uma "espada". Isto lhe recordou uma parte da lenda nibelungica em que Siegfried colloca a espada núa entre elle e Brunhilda. A mesma situação apparece na lenda de Arthus, tambem conhecida pelo paciente deste exemplo.

"Aqui já se esclarece o sentido do acto symptomatico. O medico puzera o esthetoscopio simples entre elle e as suas pacientes femininas, como Siegfried a espada afim de separa-lo da mulher que não devia tocar. O acto valia por uma formação transaccional, isto é, obedecia a dois impulsos: ceder em sua imaginação ao desejo reprimido de entrar em contacto sexual com alguma cliente formosa e recordar-lhe, ao mesmo tempo, que tal desejo se não podia realizar. Era, por assim dizer, um escudo magico contra os ataques da tentação.

"Accrescentaremos que ao nosso medico, sendo menino, causou uma grande impressão a passagem do "Richelieu", de Lord Lytton, que diz:

"Beneath the rule of men entirely great
The pen is mightier than the sword" (59)

que mais tarde se tornou um escriptor fecundo e usa, para escrever, uma caneta enorme. Perguntando-lhe eu um dia para que precisava uma penna desse tamanho, respondeu-me de modo caracteristico: "Tenho muita coisa a exprimir".

"Esta analyse nos mostra uma vez mais que os actos

---

(59) Compare-se com Oldham: "I wear my pen as others do their sword".

"innocentes" e "sem o menor sentido" nos permittem penetrar nos dominios da vida psychica, indicando-nos outrosim quão precocemente se desenvolve na vida a tendencia á symbolização".

Tambem posso referir, tomando-o de minha experiencia psychotherapica, um caso em que a mão que brincava com uma bolinha de miolo de pão teve toda a eloquencia de uma declaração oral. Meu paciente era um rapazinho que ainda não completara treze annos, e ha dois soffria uma hysteria grave. Após uma longa e infrutifera temporada num estabelecimento hydrotherapico, decidi submette-lo ao tratamento psychanalytico. Suppunha que o menino fizera certas descobertas sexuaes, estando atormentado por interrogações dessa esphera, como é frequente em sua edade. Comtudo, abstive-me de acudir em seu auxilio com esclarecimentos ou explicações antes de verificar minha hypothese. Tinha, pois, grande curiosidade de ver como e por que manifestações nelle transparecia o que eu procurava. Um dia, chamou-me a attenção ve-lo amassar com os dedos da mão direita alguma coisa que logo punha no bolso, para continuar dentro delle o manejo, e tira-lo em seguida novamente. Não lhe perguntei com que brincava; foi elle mesmo quem mo mostrou abrindo de repente a mão: era miolo de pão, sujo e todo amassado. Na sessão seguinte, tornou a trazer a materia prima, dedicando-se, emquanto conversavamos, a fazer com ella, de olhos fechados e com incrivel rapidez, uns bonecos que me despertaram a curiosidade. Eram essas figurinhas, indubitavelmente, homunculos com cabeça, tronco e membros, como os grosseiros idolos primitivos; mas, além disso, tinham, entre as pernas, um appendice que terminava por uma ponta comprida. Assim que concluia esta, tornava a amassar o boneco entre os dedos. Vezes outras, deixava sua obra intacta; mas, para occultar o significado do appendice, accrescentava outro egual nas costas, e depois mais outros em varios sitios. Quiz demonstrar-lhe que comprehendera, impossibilitando-o ao mesmo tempo de desculpar-se dizendo que em sua actividade creadora não tinha nenhuma segunda intenção. Eis por que lhe perguntei de

repente se se lembrava da historia daquelle rei romano que deu, no jardim, a um enviado de seu filho, uma resposta mimica a uma consulta que este lhe fazia. O menino não queria recordar-se da anecdota, apesar de que, forçosamente, a devia ter lido ha pouco tempo e, por conseguinte, muito mais recentemente que eu. Perguntou-me se era a historia do escravo emissario em cujo cranio rapado a resposta fôra escripta. Disse-lhe que não, que essa era outra anecdota pertencente á historia grega, e narrei-lhe aquella a que me referia. O rei Tarquino o Soberbo induzira seu filho Sexto a entrar subrepticiamente numa cidade latina inimiga. Já dentro della, Sexto conseguira arranjar alguns partidarios, mandando então ao pae um emissario, para que lhe dissesse que mais devia fazer. O rei a principio não deu resposta alguma. Levando o emissario a um canto do jardim, fe-lo repetir a pergunta e abateu deante delle, em silencio, as flores mais altas e bonitas dos pés de papoula. O enviado limitou-se a transmittir a seu filho a scena que presenciara, e Sexto, comprehendendo a intenção do pae, mandou assassinar os cidadãos mais distinctos da praça inimiga.

Durante esta narrativa, o menino suspendeu o manejo com o miolo de pão, e quando, ao chegar o momento em que o rei leva o emissario do filho ao jardim, pronunciei as palavras "abateu em silencio", arrancou, com um movimento rapidissimo, a cabeça do boneco que conservava na mão, demonstrando ter-me comprehendido e perceber que eu tambem o comprehendera. Podia, pois, interroga-lo directamente. Foi o que fiz, dando-lhe em seguida as informações que desejava e conseguindo, com isto, pôr um fim á sua neurose.

Os actos symptomaticos, que se pódem observar com uma abundancia quasi inesgotavel, tanto nos individuos sãos como nos enfermos, merecem nosso interesse por mais de uma razão. Para o medico, constituem inestimaveis indicações, que o orientam em circumstancias novas ou desconhecidas, e o homem observador nelles verá reveladas todas as coisas, e, ás vezes, muito mais do que desejaria saber. Quem se acha familiarizado com sua interpretação, em muitas occasiões se sentirá como o rei Salomão, que, consoante a lenda

oriental, entendia a linguagem dos animaes. Um dia, tive de visitar, em casa de uma senhora, um rapaz, filho della, a quem ainda não conhecia. Deante delle, chocou-me o ver-lhe nas calças uma grande mancha que, por seus bordos rigidos e como que engommados, logo reconheci como sendo de clara de ovo. Desculpou-se o rapaz, após um momento de embaraço, dizendo-me que, por estar um pouco rouco, acabara de tomar um ovo crú, cuja albumina escorregadia se lhe entornara na roupa. Para justificar tal affirmativa, mostrou-me um prato que estava em cima da mesa, contendo ainda uma casca de ovo. Com isto, ficava explicada a mancha suspeita. Mas, quando a mãe nos deixou a sós, comecei a falar ao joven, agradecendo-lhe por ter facilitado de tal modo meu diagnostico, e, sem mais tardança, tomei como materia de nosso dialogo sua confissão de que se entregava á masturbação.

De outra vez, fui visitar uma senhora, tão rica como avarenta e extravagante, a qual costumava dar ao medico o trabalho de procurar caminho através de um emmaranhado de lamentações, antes de poder chegar a perceber de que mal soffria. Ao entrar em casa della, encontrei-a sentada deante de uma mesinha, empilhando moedas de prata. Ao ver-me, ergueu-se e deixou cahir algumas moedas. Ajudei-a a apanha-las e, em seguida, cortei-lhe as habituaes lamentações, com a pergunta: "Seu genro tem gasto muito de seu dinheiro?" Respondeu-me a senhora com uma irritada negativa, mas logo se contradisse, referindo-me a lamuriosa historia da continua excitação em que a tinham as prodigalidades do genro. Depois disso, nunca mais tornou a chamar-me. E' que nem sempre grangeamos amizades entre aquellas pessoas a quem fazemos ver a significação dos actos symptomaticos.

O dr. J. E. G. van Emden (Haya) communica o seguinte caso de "confisssão involuntaria por meio de um acto falhado":

"Ao pagar minha conta num pequeno restaurante de Berlim, o garçon affirmou-me que o preço de determinado prato subira dez centavos por causa da guerra, ao que obje-

ctei que esse accrescimo não constava na lista de preços. Retrucou-me o rapaz que isto era, decerto, devido a uma omissão, mas tinha certeza do que me dissera. Immediatamente, ao verificar a conta, deixou cahir, por descuido, deante de mim e sobre a mesa, uma moeda de dez centavos.

"— Agora não tenho duvidas, lhe disse, de que me cobrou a mais. Quer que vá comprova-lo na caixa?

"— Permitta-me... um momento... e desappareceu pressuroso.

"Como é natural, não lhe impedi aquella retirada e quando, minutos após, voltou desculpando-se com a allegação de que confundira dois pratos, dei-lhe os dez centavos discutidos, em recompensa de sua contribuição á psychopathologia da vida quotidiana".

Quem prestar attenção á attitude da gente durante as refeições, nella descobrirá os mais interessantes e instructivos actos symptomaticos.

O dr. Hans Sachs refere o seguinte:

"Em certa occasião, fui jantar em casa de uns parentes, casados ha muitos annos. A mulher soffria do estomago e tinha de seguir um regime muito severo. Acabando de servir-se do assado, o marido pediu-lhe, a ella que não podia provar desse prato, que lhe passasse a mostarda. Dirigiu-se a senhora ao aparador, e, tornando á mesa, poz deante do marido... o frasco de gotas medicinaes que naquella época estava tomando. Entre a mostardeira e o frasquinho do remedio não existia a menor semelhança que pudesse explicar o erro. Todavia, a mulher só notou o engano quando o marido, rindo, lhe chamou a attenção.

"O sentido deste acto symptomatico não precisa de explicação".

O dr. Bernh. Dattner (Vienna) communica um precioso exemplo deste genero, habilmente investigado pelo observador.

"Estava, um dia, almoçando num restaurante com meu collega H., doutor em Philosophia. Falando-me este das injustiças que se commettem nos exames, declarou-me, de passagem, que na época em que estava terminando seu curso,

desempenhara o cargo de secretario do embaixador e ministro plenipotenciario do Chile. "Depois, proseguiu, o ministro foi transferido e não me apresentei ao que veio substitui-lo". Emquanto pronunciava esta phrase, levava á boca um pedaço de pastel; mas, com um movimento desastrado, deixou-o cahir ao chão. Logo percebi o sentido occulto daquelle acto symptomatico e exclamei, dirigindo-me a meu collega, nada familiarizado com as questões psychanalyticas: "Ahi, deixou perder um bom bocado". Mas elle não percebeu que minhas palavras se podiam applicar ao acto symptomatico, e repetiu, com surprehendente vivacidade, as mesmas palavras que eu acabava de pronunciar: "Sim, na verdade, foi um bom bocado o que perdi". Em seguida, desabafou, contando-me com todos os pormenores as circumstancias da desastrada conducta que lhe fizera perder um cargo tão bem remunerado.

"O sentido deste acto symptomatico fica perfeitamente esclarecido, se tomarmos em conta que, não sendo eu pessoa de sua intimidade, meu collega sentia um certo escrupulo em pôr-me ao par de sua precaria situação economica, e eis por que o pensamento que o occupava, mas que não queria exprimir, disfarçou-se num acto symptomatico, que o traduzia symbolicamente e que devia ser escondido, desafogando assim o inconsciente do individuo".

Os exemplos seguintes demonstram quão significativo póde ser o acto de levarmos, sem intenção apparente, pequenos objectos que não nos pertencem.

1. Dr. B. Dattner:

"Um de meus collegas, depois de casado, foi fazer a primeira visita a uma amiga da juventude, a quem devotava um grande affecto. Narrando-me as circumstancias desta visita, exprimiu-me sua surpresa de não ter podido cumprir seu deliberado proposito de nella só empregar pouquissimos momentos. Em seguida, contou-me um estranho acto falhado que em tal occasião commettera.

"O marido de sua amiga, que estava presente, procurou, em certo momento, uma caixa de phosphoros, que tinha certeza de ter collocado pouco antes na mesa. Meu collega tam-

bem mettera a mão nos bolsos, afim de ver se, por acaso, a "guardara" nelles.

"No momento, não a encontrou, mas algum tempo depois descobriu, com effeito, que a "mettera" num bolso. Ao tira-la, chocou-o a circumstancia de que continha apenas um phosphoro.

"Um sonho que teve dois dias depois, em cujo conteúdo apparecia o symbolismo da caixa em relação com a referida amiga, confirmou minha explicação de que o meu collega reclamava, com o acto symptomatico, direitos de prioridade, querendo representar a exclusividade de sua posse (um só phosphoro dentro)".

2. Dr. Hans Sachs:

"Nossa criada gosta immensamente de um pastel que costumamos comer á sobremesa. Essa predilecção é indubitavel, pois é o unico prato que lhe sáe bem todas as vezes que o prepara. Um domingo, ao servir-nos, deixou-o no aparador, retirou os pratos e talheres do serviço anterior, collocando-os, para leva-los á cópa, na bandeja em que trouxera o pastel, e, em seguida, em vez de pôr este na mesa, arrumou-o no alto da pilha de pratos que estava na bandeja, sahindo com tudo. A principio, suppuzemos que encontrara alguma coisa a rectificar na sobremesa: mas, ao ver que não voltava, minha mulher chamou-a e perguntou-lhe: "Betty, que é que ha com o pastel?" Sem comprehender, a moça redarguiu: "Como?" e tivemos de explicar-lhe que levara a sobremesa para a cozinha, sem servi-la. Puzera-a na bandeja, levara-a á cozinha e ali a deixara, "sem se dar conta".

"No dia seguinte, quando nos dispunhamos a comer o resto de pastel, que sobrara da vespera, minha esposa observou que a moça despresara a parte que lhe cabia em seu manjar preferido. Perguntando-lhe nós por que razão não provara o pastel, respondeu, com certo embaraço, que não tivera vontade.

"A attitude infantil da criada é muito clara em ambas occasiões. Primeiro, a gulodice pueril que não quer repartir com ninguem o objecto de seus desejos, e depois, a re-

acção despeitada, egualmente infantil: "Se não mo dão, pódem guardar para vocês; agora já não o quero mais".

Os actos accidentaes ou symptomaticos que surgem na vida conjugal têm, frequentemente, grave significação, podendo induzir os que não querem occupar-se com a psychologia do inconsciente, a crer em presagios. O facto de uma recem-casada perder, mesmo que seja para tornar a encontra-la em seguida, a alliança, sempre será de máo agouro para o futuro do casal. Conheço uma senhora, hoje separada do marido, que em varias occasiões assignou documentos, referentes á administração de sua fortuna, com o nome de solteira, e isto muitos annos antes da separação força-la a adopta-lo novamente. — Estava eu, certa vez, na residencia de um casal recem-casado, e a mulher me contou rindo que, no dia seguinte áquelle em que regressaram da viagem de nupcias, fora buscar a irmã solteira para irem ás compras, como costumava fazer antes de consorciar-se, emquanto o marido estava occupado em seus negocios. Subito, vira um cavalheiro caminhando na calçada fronteira, o que lhe fez dizer á irmã: "Olha, ali vae o sr. L.", esquecendo que esse senhor era, ha algumas semanas, seu marido. Ouvindo isto, senti um calefrio, mas no momento não suspeitei que pudesse constituir um dado para o futuro dos conjuges. Alguns annos mais tarde, recordei esta pequena historia, quando soube que esse casal tivera um fim infelicissimo.

Dos notaveis trabalhos de A. Maeder, de Zurich, publicados em lingua francesa (Contributions a la Psychopathologie de la vie quotidienne. — Archives de Psychologie, t. VI, 1906), transcrevo a seguinte observação, que tambem poderia ser incluida entre os "esquecimentos":

"Uma senhora nos contava recentemente que, quando se casou, esqueceu-se de provar o vestido de noiva, só se lembrando de que tinha de faze-lo ás oito horas da noite anterior á ceremonia nupcial, quando a costureira já desesperava de ve-la chegar. Este pormenor demonstra sufficientemente que a noiva não sentia muita felicidade em pôr o vestido de casamento e que tratava de esquecer uma representação que lhe parecia penosa. Hoje, está divorciada".

Um amigo meu, que aprendeu a prestar attenção aos pequenos indicios, contou-me que a grande actriz Eleonora Duse introduzia, na interpretação de um dos typos por ella creados, um acto symptomatico, o que prova quão inteiramente se entregava a seu papel. Tratava-se de um drama de adulterio. A mulher, após uma violenta scena com o marido, acha-se sózinha, immersa em seus pensamentos, e o seductor ainda não chegou. Neste curto intervallo, a artista brincava com a alliança que tinha no dedo, tirando-a e tornando a bota-la. Com este acto, revelava estar prompta a cahir nos braços do outro.

Aqui, cabe bem o que Th. Reik communica sobre outros actos symptomaticos, em que o anel desempenha o papel principal (Internat. Zeitschrift f. Psychoanalyse, III 1915):

"Conhecemos os actos symptomaticos que as pessoas casadas executam, tirando e pondo a alliança. Meu collega M. praticou, em certa occasião, uma série de actos symptomaticos analogos. Uma moça, a quem estimava, dera-lhe de presente um anel, dizendo-lhe que não o perdesse. Se, por exemplo, o tirava para lavar as mãos, quasi sempre o esquecia, e, ás vezes, precisava procura-lo por muito tempo para tornar a dar com elle. Quando punha uma carta nalguma caixa de correio, nunca podia reprimir um ligeiro temor de bater com os dedos no rebordo da abertura, deixando cahir o anel dentro della. De uma destas vezes agiu, com effeito, tão desastradamente, que o anel cahiu na caixa. A carta que despachava continha uma despedida a uma namorada anterior, perante a qual se sentia culpado. Ao mesmo tempo, assoberbou-o o desejo de rever essa mulher, que se poz em conflicto com a sua inclinação pelo actual objecto de seu amor".

Neste thema do "anel", vê-se novamente quão difficil é para o psychanalista encontrar alguma novidade, algo que um poeta não tenha sabido antes delle: Em a novella "Antes da Tormenta", de Fontane, o conselheiro Turgany diz, presenciando um jogo de prendas: "Quererão acreditar, senhoras minhas, que neste jogo se revelam, ao en-

tregar as prendas, os mais profundos segredos da natureza?" Entre os exemplos com que ratifica sua asserção, ha um que merece particularmente nosso interesse: "Recordo — diz elle — que uma senhora, esposa de um professor, já bastante edosa, uma vez tirou a alliança para da-la como prenda. Façam-me o favor de imaginar a felicidade conjugal que devia reinar naquella casa". Mais adeante, diz: "Na mesma festa, estava um cavalheiro que não se cansava de depositar seu canivete inglês — dez laminas, sacarrolhas e abre-latas — no collo da senhora encarregada de recolher as prendas, até que o tal monstro de dez laminas, depois de ter-se enganchado e rasgado varios vestidos de seda, teve de desapparecer ante o clamor geral de indignação".

Não nos admira que um objecto de tão rica significação symbolica como o anel, seja utilizado em expressivos actos falhados, mesmo quando não tem o caracter de anel nupcial ou esponsalicio, não representando, por conseguinte, um laço erotico. O dr. M. Kardos poz á minha disposição o seguinte exemplo de um incidente desta ordem:

"Ha varios annos que mantenho ininterruptas relações com um individuo muito mais joven que eu, o qual, compartilhando minhas opiniões, está para mim como um discipulo para seu mestre. Um dia, dei-lhe de presente um anel, que já lhe fez executar varios actos symptomaticos, os quaes têm surgido toda vez que nossa amizade se vê perturbada por algum malentendido. Ha pouco tempo, communicou-me o seguinte caso bem transparente. Deixara de vir-me ver no dia da semana que para isso tinhamos combinado, desculpando-se com um pretexto qualquer. Mas a verdadeira causa era uma entrevista que uma pequena lhe marcára para o mesmo dia. Na manhã seguinte, estando já longe de casa, percebeu que não trazia o anel que eu lhe dera de presente. Mas não se inquietou por isso, suppondo te-lo deixado na mesinha de cabeceira, onde costumava colloca-lo ao deitar-se, e que o encontraria ao regressar. Entretanto, de volta á casa, viu que o anel tambem não estava no logar indicado, procurando-o então por toda a parte, com o mesmo resultado negativo. Afinal lhe occorreu que, como costumava deixar todas as

noites, ha mais de um anno, o anel e um canivete no mesmo logar, podia ter apanhado ambas as coisas juntas de manhã, guardando tambem, "por distracção", o anel no mesmo bolso que o canivete. Fôra isto, de facto, o que succedera.

"O anel no bolso do casaco", é o manejo proverbial de todo homem que se propõe enganar a mulher que lho deu de presente. O sentimento de culpabilidade que surgiu em meu discipulo induziu-o, primeiro, a um auto-castigo, ("Já não és digno de usar esse anel") e, em segundo logar, á confissão da pequena infidelidade commettida, confissão que surgiu ao relatar-me o acto falhado, ou seja, a perda temporaria da lembrança que lhe déra."

Tambem conheço o caso de um senhor já maduro, que se casou com uma moça muito joven, decidindo não iniciar sua viagem de nupcias no mesmo dia, e sim passar a noite num hotel da cidade. Logo que ali chegou, advertiu, assustado, que não trazia a carteira, em que puzera o dinheiro destinado á viagem, e que, portanto, devia te-la perdido ou esquecido em algum logar. Por sorte, ainda poude telephonar ao criado, que foi encontrar a carteira no bolso da roupa que o noivo puzera para a ceremonia, levando-a em seguida ao hotel, onde a entregou ao recem-casado. que entrava na vida matrimonial tão "desprovido de meios". Este, como aliás já temia, na noite de nupcias tambem permaneceu "desprovido de meios" (impotente).

Consola pensar que a "perda de objectos" constitue uma insuspeitada realização de um acto symptomatico, lisonjeando deste modo alguma intenção secreta de quem os perde. Frequentemente, a perda é apenas expressão do pouco valor que se dá ao objecto perdido ou de alguma repugnancia desconhecida por elle ou pela pessoa de cujas mãos proveio. Tambem succede que a tendencia á perda ás vezes vem transferida ao objecto perdido de outros objectos de maior importancia e graças a uma associação symbolica. A perda de objectos valiosos serve de expressão a sensações bem diversas, podendo representar symbolicamente um pensamento reprimido — isto é, recordar-nos algo que preferiamos ficasse esquecido — ou, e isto antes de tudo, póde representar

um sacrificio ás obscuras potencias do destino, cujo culto ainda não se extinguiu entre nós (60).

---

(60) Damos aqui uma pequena collecção de diversos actos symptomaticos, observados tanto em individuos sadios, como neuroticos: Um collega meu, já de edade avançada e que se sente muito desgostoso ao perder num jogo de cartas, perdeu uma noite uma vultuosa somma, que pagou sem se lamentar, mas deixando transparecer um particular estado de animo. Depois de sahir, descobrimos que elle tinha deixado na mesa quasi tudo o que trazia nos bolsos: os oculos, a cigarreira, o lenço. Este esquecimento deve ser traduzido do seguinte modo: "Bandidos! Saquearam-me!" — Um individuo que soffria de impotencia sexual em certas occasiões, mas não chronicamente, impotencia que tinha sua origem na intimidade de suas relações com a mãe, communicou-me que tinha o costume de ornar alguns escriptos e notas com um S., letra inicial do nome della, e que não podia tolerar em sua mesa que lhe misturassem as cartas recebidas do lar materno com outra especie de correspondencia **non sancta**, sentindo-se forçado a conservar as primeiras num sitio separado. — Uma joven senhora, certo dia, abriu de repente a porta da sala em que recebo meus clientes, antes de ter sahido quem a precedia. Logo se desculpou, dizendo que o fizera "sem pensar", mas não tardámos a descobrir que a impellira a mesma curiosidade que, na infancia, a levava a penetrar repentinamente no quarto dos paes. — As moças que têm orgulho de sua formosa cabelleira, sempre sabem arranjar-se tão habilmente com os grampos e pregadores, que conseguem ver soltar-se-lhes o cabello em meio á conversação. — Certos cavalheiros, que se submettem ao tratamento na posição deitada, deixam cahir ao chão o dinheiro que trazem no bolso da calça, suppondo recompensar deste geito o trabalho do medico. — Quem esquece no consultorio do medico algum objecto, oculos, luvas, bolsa, etc., manifesta com isto um sentimento de gratidão ou sympathia além do desejo de voltar novamente. E. Jones diz: "Póde-se medir o exito que um medico obtem com a psychotherapia, pela collecção que possa fazer num mês, de sombrinhas, lenços e bolsas esquecidos pelos clientes no consultorio". — Os mais infimos actos habituaes, executados com o minimo de attenção, taes como dar corda ao relogio antes de deitar-se, apagar a luz ao sahir de um quarto, etc., estão ás vezes submettidos a perturbações, que demonstram a influencia dos complexos inconscientes sobre aquelles costumes que consideramos os mais arraigados. Maeder refere, na revista "Coenobium", o caso de um medico interno de um hospital que, estando de plantão e não devendo abandonar seu posto, teve, todavia, de faze-lo, porque noutra parte o chamava um assumpto importantissimo. Ao regressar, notou com surpresa que estava accesa a luz de seu quarto. Ao sahir, esquecera-se de apaga-la, coisa que até então jámais lhe acontecera. Reflectindo sobre o caso, logo encontrou o motivo a que seu esquecimento obedecera. O director do hospital, que nelle residia, pela luz do quarto do interno devia deduzir a presença deste. — Um homem, acabrunhado por preoccupações e sujeito a passageiras depressões de animo, assegurou-me que quando se deitava á noite esgotado pelo duro e penoso labor de sua vida, sempre encontrava, ao despertar de manhã, o relogio parado por ter-se esquecido de lhe dar corda. Com esse esquecimento, symbolizava sua indifferença de viver ou não no dia seguinte. — Outro individuo, a quem não conheço pessoalmente, escreveu-me: "Tendo-me acontecido uma dolorosa desgraça, a vida pareceu-me tão penosa e desagradavel, que imaginava não ter força sufficiente para manter-me vivo no dia seguinte. Nessa época, constatei que quasi diariamente me esquecia de dar corda ao relogio, coisa que nunca omittira e que executava mecanicamente ao deitar-me. Só me lembrava de faze-lo, quando, no dia seguinte, tinha alguma occupação importante ou de grande interesse para mim. Será isto tambem um acto symptomatico? Só assim me poderia explicar este esquecimento". — Aquelle que, como Jung (Sobre a Psychologia da Demencia Precoce, 1902, pag. 62), ou como Maeder (Une voie nouvelle en psychologie — Freud et son école. "Coenobium". Lugano,

Os seguintes exemplos illustrarão estas considerações sobre a "perda de objectos".

Dr. B. Dattner. — "Um collega me communicou que perdera uma lapiseira metallica, de um modelo especial, que possuia ha dois annos, e da qual gostava muitissimo por sua commodidade e qualidade excellente. Analysando o caso, vieram á tona os seguintes factos: Meu collega recebera, na vespera, de seu cunhado, uma carta extraordinariamente desagradavel, que terminava com esta phrase: "Por emquanto, não tenho tempo nem vontade de apoiar tua leviandade e estroinice". A poderosa reacção emotiva que esta carta produziu em meu collega fe-lo apressar-se a sacrificar, no dia seguinte, a commoda lapiseira — *presente do cunhado* — para não lhe ficar devendo favor algum".

Uma senhora, conhecida minha, absteve-se, como é facil de comprehender, de ir ao theatro, durante o luto por morte de sua velha mãe. Quando já faltavam bem poucos dias para terminar o anno de luto rigoroso, deixou-se vencer, instada por amigos, e adquiriu uma localidade para uma representação de extremo interesse. Mais tarde, porém, ao chegar ao theatro, descobriu que perdera o bilhete. Depois suppoz te-lo posto fóra juntamente com a passagem do bonde, ao descer deste. Esta senhora se presa, em geral, de nunca perder nada por descuido ou distração. Eis por que

---

1909) quizer dar-se ao trabalho de prestar attenção ás melodias que trauteamos descuidosamente e sem intenção, encontrará normalmente a relação que existe entre o thema da melodia e um thema que occupa o pensamento da pessoa que canta.

Do mesmo modo, merece uma observação cuidadosa a subtil determinação da expressão do pensamento no discurso ou na escripta. Geralmente, suppomos poder escolher as palavras com que revestiremos nosso pensamento ou a imagem que irá representa-lo. Um exame mais cuidadoso mostra, tanto a existencia de outras considerações que decidem tal escolha, como tambem o facto de, na fórma em que se traduz o pensamento, transparecer ás vezes um sentido mais profundo, que o proprio orador ou escriptor não pretendera exprimir. As imagens e modos de expressão que uma pessoa prefere não são, na maioria dos casos, indifferentes para a formação de um juizo a seu respeito, evidenciando-se em certas occasiões como allusões a um thema, que no momento se conserva em ultimo plano, mas que impressionou profundamente quem fala. Em certa época, ouvi um individuo, no correr de conversações theoricas, usar varias vezes a expressão: "Quando uma coisa nos passa de repente pela cabeça". Não me admirou ver esta locução tão repetida por esse individuo, pois sabia que pouco tempo antes recebera a noticia de que um projectil russo atravessara, de lado a lado, o boné de seu filho.

devemos acceitar a existencia de um motivo, noutro caso de "perda", que lhe succedeu:

Chegando a uma estação de aguas, decidiu hospedar-se numa pensão, em que já estivera uma vez. Recebida como antiga conhecida da casa, viu-se bem accommodada, e, quando quiz pagar a importancia de sua estadia, disseram-lhe que devia considerar-se como convidada, não tendo, por conseguinte, nada que pagar. Isto não lhe agradou muito. Só lhe consentiram que deixasse uma propina, destinada á criada que a servira. Ao faze-lo, abriu a bolsa e della tirou uma nota que deixou na mesa do quarto. A' noite, o empregado da pensão foi levar-lhe outra nota de cinco marcos, que encontrara sob a mesa e que, segundo acreditava a dona da pensão, devia pertencer-lhe. Essa nota deve ter cahido ao chão, no momento em que tirava da bolsa a outra, para a criada. Donde se deduz que a senhora não queria deixar de pagar a conta.

Num longo estudo (A "perda de objectos" como acto symptomatico. — Zentralblatt fuer Psychoanalyse, 1-10-11), Otto Rank esclareceu, valendo-se de analyses de sonhos, a motivação profunda desses actos e a tendencia sacrificadora que constitue seu fundamento. (No Zentralblatt fuer Psychoanalyse II, e na Internat. Zeitschrift f. Psychoanalyse, 1, 1903, pódem-se encontrar outras communicações sobre a mesma questão). E' muito interessante, no referido trabalho de Rank, sua affirmativa de que não só a perda de objectos parece determinada, mas tambem a acção de encontra-los. A observação de Rank, que a seguir transcrevo, dá-nos o sentido em que sua hypyothese deve ser comprehendida. Está claro que nos casos de "perda" se conhece o objecto, e, ao contrario, nos casos de "achado", é elle o que deve ser procurado. (Internat. Zeitschrift fuer Psychoanalyse, III, 1915).

"Uma moça, que dependia economicamente de seus paes, desejava comprar um objecto de adorno. Ao perguntar seu preço numa loja, constatou, com tristeza. que ultrapassava o total de suas economias. Só lhe faltavam duas corôas, privando-a daquella pequena alegria. Melancolicamente,

regressou para casa, através das ruas da cidde, cheias de animação naquella hora crepuscular. Numa das praças mais frequentadas, reparou de repente — apesar de, conforme dizia ao relatar o facto, ir absorta em seus pensamentos — num pequeno papel que estava no chão e sobre o qual acabava de passar sem te-lo visto antes. Voltou-se e apanhou-o, vendo, com surpresa, que era uma nota de duas corôas dobrada pela metade. Seu primeiro pensamento foi o de que aquella nota lhe fôra posta no caminho pelo destino, para que pudesse comprar o desejado enfeite, e de novo tomou o caminho da loja, seguindo a indicação da sorte. Mas no mesmo momento mudou de idéa, pensando que o dinheiro encontrado é coisa que dá sorte, não se devendo gastar.

"A pequena analyse necessaria para a comprehensão deste "acto accidental" póde ser effectuada sem a declaração pessoal da interessada, tirando-se as deducções directamente dos factos. Entre os pensamentos que occupavam a moça ao regressar a casa, deve ter figurado em primeiro plano o de sua pobreza e difficuldades materiaes, pensamento que nos é licito suppôr acompanhado pelo desejo de ver chegar algo que puzesse termo a essa situação. Por outro lado, a idéa de como poderia chegar com maior facilidade á obtenção da quantia que lhe faltava para satisfazer seu pequeno capricho, deve ter-lhe suggerido a solução mais simples, ou seja a do "achado". Deste modo, ficou seu inconsciente (ou preconsciente) disposto a "achar", mesmo não tendo este pensamento chegado a tornar-se completamente consciente em seu cerebro, por estar com a attenção occupada noutras coisas ("ia absorta em seus pensamentos"). Podemos, pois, affirmar, baseando-nos em analyses de outros casos semelhantes, que a "disposição a procurar" *inconsciente* póde conduzir-nos a um resultado positivo muito antes que uma attenção conscientemente dirigida. Senão, seria quasi inexplicavel o facto de só esta pessoa, entre centenas de transeuntes, indo além disso em condições desfavoraveis, pela escassa luz crepuscular e pela agglomeração, ter feito um achado de que ella propria foi a primeira a ficar surprehendida. O estranho facto de, depois do achado da nota,

e quando, por conseguinte, sua disposição já se tornara superflua, tendo certamente escapado á attenção consciente, a moça ter feito um novo achado, consistente num lenço, antes de chegar em casa e numa obscura e solitaria rua dos arredores da cidade, demonstra-nos em que alta medida nella existia esta disposição inconsciente ou preconsciente a encontrar".

Devemos convir em que são precisamente esses actos symptomaticos que ás vezes nos dão o melhor accesso ao conhecimento da intima vida psychica do homem.

Agora vou expôr um exemplo de acto accidental que, sem ser preciso submette-lo á analyse, mostrou uma profunda significação. Esse exemplo esclarece maravilhosamente as condições sob as quaes esses symptomas pódem apparecer sem chamar a attenção, delle se podendo deduzir uma observação de grande importancia pratica. No correr de uma viagem, tive de passar alguns dias em certa localidade, á espera de que viessem ter commigo determinadas pessoas, com as quaes pensava proseguir minha viagem. Nesses dias, travei conhecimento com um rapaz, que, como eu, parecia sentir-se solitario e que acceitou gostosamente minha companhia. Achando-nos no mesmo hotel, foi-nos facil comer e passear juntos. No terceiro dia, depois do almoço, communicar-me, de repente, que esperava, pelo expresso da tarde, sua esposa. Isto despertou meu interesse de psychologo, pois já me chocára naquella manhã o facto de meu companheiro não querer emprehender uma excursão um pouco longa, negando-se em seguida, durante o breve passeio que fizemos, a subir certo caminho, allegando que era demasiado abrupto e um tanto perigoso. Passeando depois, á tarde, alvitrou inopinadamente que eu já devia sentir fome, não me convindo demorar meu jantar por causa delle, pois ia esperar a mulher, com quem jantaria. Comprehendi a indirecta, e fui para a mesa emquanto elle se dirigia á estação.

Na manhã seguinte, tornámos a encontrar-nos no salão do hotel. Apresentou-me á esposa e accrescentou: "Virá almoçar comnosco, não é assim?" Eu ainda tinha de fazer

certa coisa numa rua proxima ao hotel, mas assegurei que não tardaria a voltar. Quando, em seguida, entrei na sala de refeições, vi que o casal se sentára a um só lado de uma pequena mesa, collocada junto de uma janella. Deante delles, estava uma cadeira apenas, em cujo espaldar e cobrindo o assento se achava um pesado capote, pertencente ao marido. Logo comprehendi o sentido dessa disposição, inconsciente, mas por isso mesmo mais expressiva. Queria dizer: "Aqui não ha logar para ti. Já não me fazes falta". O marido não percebeu que eu me conservava de pé junto á mesa, sem poder sentar-me. A mulher, ao contrario, reparou-o e, tocando-o com o cotovello, murmurou: "Occupaste com o capote o logar do cavalheiro".

Neste e noutros casos analogos, sempre disse commigo que os actos não intencionados devem ser, continuamente, um manancial de malentendidos nas relações que unem os homens entre si. Quem os executa ignora absolutamente a intenção que lhes está ligada, e não a levando, por conseguinte, em conta, não se considera responsavel por elles. Em compensação, quem, por assim dizer, é victima delles, supportando-lhes as consequencias, certo attribuirá ao interlocutor intenções e pensamentos de que este se defende, e pretende conhecer de seus processos psychicos mais do que elle está disposto a communicar-lhe ou acredita ter-lhe communicado. O autor do acto symptomatico indigna-se quando lhe mostram taes conclusões deduzidas de sua attitude e declara-as infundadas, posto que ao executar tal acção lhe faltou a consciencia da intenção, motivo por que se queixa da incomprehensão dos demais. Detidamente observada tal incomprehensão, vemos que repousa no facto de comprehender demasiado e demasiado subtilmente.

Quanto mais "nervoso" são dois homens, tanto mais promptamente darão um ao outro motivos para differenças que os separam e cujo fundamento cada qual negará no que lhe concerne, com a mesma segurança com que o affirmará no que concerne ao outro. E' este o castigo da insinceridade interior, á qual os homens permittem manifestar-se sob o disfarce de esquecimentos, actos de termo erroneo e emo-

ções não intencionaes, que fariam melhor confessando-a a si mesmos e confessando-a aos outros, quando já não pódem domina-la. De um modo geral, póde-se affirmar que todos nós praticamos constantemente analyses psychicas de nossos semelhantes e que, em consequencia disto, aprendemos a conhece-los melhor que cada um delles a si mesmos. O estudo das proprias acções e omissões apparentemente casuaes é o melhor caminho para o conhecimento de si mesmo.

De todos os poetas que têm escripto sobre os pequenos actos symptomaticos e os actos falhados, ou os tem utilizado em suas obras, nenhum lhes reconheceu com tanta clareza a indole secreta, nem lhes infundiu uma vida tão inquietante, como Strindberg, cujo genio certamente foi auxiliado nesta questão por sua profunda anormalidade psychica.

O dr. Karl Weiss (Vienna) chamou a attenção para o seguinte trecho de uma das obras de Strindberg (Internat. Zeitschrift fuer Psychoanalyse, volume 1, 1913, pag. 268):

"Ao cabo de algum tempo, o conde chegou realmente e aproximou-se com toda serenidade de Esther, como se tivesse uma entrevista marcada com ella.

"— Esperaste muito tempo? lhe perguntou com voz velada.

"— Bem sabes que ha seis meses, respondeu Esther. Viste-me hoje?

"— Sim, no bonde. E fitei-te os olhos de tal modo, que acreditei estar falando comtigo.

"— Passaram-se muitas coisas desde a ultima vez.

"— Sim. Suppuz que estava tudo terminado entre nós.

"— Como?

"— Todos os pequenos presentes que de ti recebera foram-se partindo, e todos elles de um modo mysterioso. Mas isto é uma velha advertencia.

"— Que dizes! Agora recordo um grande numero de casos neste genero, que considerava como sendo casualidade. Uma vez, minha avó me deu de presente uns oculos, quando ainda estavamos em bôas relações de amizade. Eram de cristal e com elles se via divinamente; uma verdadeira

maravilha, que eu tratava com todo cuidado. Um dia, rompi com a velha e ella me tomou odio...

"Da primeira vez que, depois disto, puz os oculos, cahiram os seus vidros sem motivo algum. Acreditei que se tratava de um simples accidente e mandei concerta-los. Mas, não; continuaram recusando-se a prestar serviços, e tive que relega-los a uma gaveta, de onde não tardaram a desapparecer.

"— E' estranho! Os objectos que têm a ver com os olhos parecem ser de natureza mais sensivel. Certa vez um amigo me deu de presente um binoculo de theatro. Adaptava-se tão bem á minha vista, que para mim era um prazer usa-lo. Mas não tardou que eu e meu amigo nos inimizassemos. Já sabes que a gente chega a isto sem causa visivel, como se nos désse a impressão de que já não devemos continuar unidos. Quando depois quiz utilizar o binoculo, foi-me impossivel ver claramente com elle. O eixo transversal parecia curto e ante meus olhos surgiam duas imagens. Não preciso dizer-te que nem o eixo se encurtara, nem tão pouco crescera a distancia entre meus olhos. E' um milagre que succede todos os dias e que os máos observadores não notam. Explicação? *A força physica do odio é maior do que suppomos.* O anel que me déste perdeu a pedra e não se deixa concertar; não se deixa. Queres agora separar-te de mim?... ("As habitações gothicas", pag. 258).

Tambem no campo dos actos symptomaticos, a observação psychica tem de ceder a prioridade aos poetas, não podendo fazer mais que repetir o que elles disseram já ha muito tempo. O sr. Wilhelm Stross chamou-me a attenção para o seguinte trecho de "Tristram Shandy", conhecida novella humoristica de Lawrence Sterne (6.ª parte, capitulo V):

"E não me admira absolutamente que Gregorio Nacianceno, ao observar os gestos rapidos e esquivos de Juliano, lhe predissesse a apostasia. Nem que Santo Ambrosio despedisse seu escriba, pelos incorrectos movimentos que fazia com a cabeça, da esquerda para a direita e vice-versa, como se fosse a lançadeira de um tear. Nem que Democri-

to logo notasse que Protagoras era um sabio, pelo facto de ver como, ao fazer um feixe de lenha, punha os galhos mais finos no meio. Ha mil orificios despercebidos — continuou meu pae — através dos quaes um olhar penetrante póde descobrir de uma só vez o que se passa numa alma. E eu affirmo — accrescentou — que um homem razoavel não póde deixar de tirar o chapéo ao entrar num aposento ou toma-lo de volta ao retirar-se, sem que lhe escape algo revelador de seus intimos pensamentos".

X

ERROS

Os erros de memoria só se distinguem dos esquecimentos acompanhados de falsa reminiscencia num ponto: é que os primeiros não são reconhecidos como taes, e sim acceitos como certos. O uso do termo "erro" parece, todavia, depender ainda de outra condição. Falamos de "errar" e não de "recordar erroneamente" nos casos em que o material psychico que se trata de reproduzir possue o caracter de realidade objectiva, isto é, quando o que se quer evocar é algo distincto de um facto commum de nossa vida psychico-pessoal, algo que póde ser confirmado ou negado pela memoria de outras pessoas. De acordo com esta definição, o contrario de um erro de memoria seria a ignorancia.

Em meu livro "A Interpretação dos Sonhos", fiz-me responsavel de uma série de erros em citações historicas e, sobretudo, na exposição de alguns factos, erros de que me dei conta, com grande surpresa, quando a obra já estava publicada. Depois de examina-los, achei que não eram imputaveis a ignorancia minha, sendo antes erros de memoria explicaveis pela analyse.

a) Na pag. 266, assignalei como berço de Schiller a cidade allemã de *Marburg,* nome que tambem é o de uma cidade da Styria. A causa do erro encontra-se na analyse de um sonho que tive durante uma noite de viagem, do qual

me despertou a voz do empregado gritando : "*Marburg!*", quando o trem chegou a essa estação. No conteúdo deste sonho, perguntava-se por um livro de Schiller. Este não nasceu na cidade universitaria de *Marburg,* e sim numa cidade da Suabia chamada *Marbach,* coisa que jámais ignorei.

b) Na pagina 135, diz-se que Asdrubal era pae de Annibal. Este erro me irritou particularmente, mas, em compensação foi o que mais me confirmou na concepção que tenho destes equivocos. Poucos leitores de meu livro estarão familiarizados como eu com a historia dos Barquidas. Entretanto, commetti este erro ao escrever minha obra, e não o rectifiquei nas provas que por tres vezes corrigi com todo cuidado. O nome do pae de Annibal era Hamilcar Barca. Asdrubal era o de seu irmão e tambem o de seu cunhado e predecessor no commando dos exercitos.

c) Nas pags. 177 e 370, affirmei que *Zeus* castrára e desthronára seu pae *Chronos.* Errando, atrazei este crime numa geração, pois, de acordo com a mythologia grega, foi Chronos quem o commetteu, na pessoa de seu pae Urano (61).

Como se explica que minha memoria me fornecesse, nestes pontos, dados erroneos, quando, conforme podem comprovar os leitores de meu livro, poz correctamente á minha disposição, em todos os outros, os materiaes mais remotos e não usuaes? E como me puderam escapar taes erros, não estando eu cégo, nas tres cuidadosas revisões que fiz das provas?

Goethe disse de Lichtenberg: "Detraz de cada um de seus ditos espirituosos, ha um problema occulto". Coisa analoga se poderia dizer dos trechos de meu livro acima transcriptos: "Detraz do erro, ha uma repressão" ou, para me exprimir melhor, uma insinceridade, uma deformação da verdade, baseada, em ultima analyse, no material reprimido.

---

(61) Minha affirmativa não foi completamente erronea. A versão orphica do mytho faz Zeus repetir, com seu pae, a emmasculação que este infligira a Urano (Roscher: **Lexicon der Mythologie.**).

Com effeito, nas analyses de sonhos expostos nessa obra, vira-me obrigado, pela crua natureza dos themas a que se referiam os pensamentos do sonho, a interromper algumas analyses, antes de chegar a seu verdadeiro termo, e, outras vezes, a mitigar a ousadia de um pormenor indiscreto, desfigurando-o levemente. Não podia agir de outro modo, nem tinha outro caminho a escolher, se quizesse citar exemplos e provas. Achava-me numa situação difficil, decorrente da propria natureza dos sonhos, que consiste em exprimir o que está recalcado, isto é, incapaz de se tornar consciente. Apesar de tudo, em meu livro ficou o bastante para que espiritos mais delicados se offendessem. A deformação ou suppressão dos pensamentos que não eram expostos e que eu conhecia, não poude ser executada sem deixar algum vestigio. O que eu não queria dizer conseguiu, bastas vezes, insinuar-se, contra a minha vontade, até as coisas que eu admittira como sendo communicaveis e nellas se manifestou em fórma de erros que me passaram despercebidos. Os tres casos citados referem-se ao mesmo thema fundamental; os erros são resultantes de pensamentos reprimidos relacionados com meu defunto pae.

a) Quem ler o sonho analysado á pag. 266, constatará francamente exposto em parte, e em parte poderá adivinha-lo pelas indicações que ali constam, que interrompi a analyse ao chegar a conceitos que conteriam uma critica pouco favoravel á pessoa de meu pae. Na continuação dessa cadeia de pensamentos e recordações, ha uma aborrecida historia, em que desempenham papel preponderante uns livros e um companheiro de negocios de meu pae, chamado Marburg, o mesmo nome da estação da estrada de ferro do Sul, com que me despertou o conductor do trem. Na analyse exposta no livro, quiz supprimir, tanto para mim como para meus leitores, o tal sr. Marburg, que depois se intrometteu onde nada tinha a ver, transformando *Marbach*, nome da cidade natal de Schiller, em *Marburg*.

b) O erro de escrever Asdrubal em vez de Hamilcar, isto é, o nome do irmão no logar do nome do pae, foi provocado por uma associação com determinadas fantasias con-

cernentes a Annibal, frutos de minha imaginação no tempo de collegio, e com meu desgosto pela conducta de meu pae ante os "inimigos de nosso povo". Podia proseguir e contar a transformação que se dera em minhas relações com o meu pae, por causa de uma viagem que fiz á Inglaterra, onde conheci um irmão, filho de seu primeiro casamento. Este tambem tinha um filho de minha edade, e minhas fantasias imaginativas sobre quão diversa seria minha situação se em vez de filho de meu pae o fosse de meu meio-irmão, não encontraram, por conseguinte, o menor obstaculo relacionado com a questão de edade. Foram estas fantasias reprimidas que, no logar onde interrompi a analyse, falsearam o texto de meu livro, obrigando-me a escrever o nome do irmão em vez do nome do pae.

c) Attribúo, egualmente, á influencia de recordações concernentes a meu meio-irmão, o facto de atrazar de uma geração o crime mythologico das divindades gregas. Das advertencias que meu irmão me fez, houve uma que retive por muito tempo na memoria. Disse-me: "Para escolher tua conducta na vida, não esqueças que não pertences á geração seguinte a teu pae, e sim a outra immediatamente posterior". Nosso pae tornara a casar-se em edade já avançada, quando os filhos do primeiro matrimonio já estavam muito crescidos. Commetti este erro na passagem do livro em que falo precisamente do amor entre paes e filhos.

Mais de uma vez tambem me succedeu que amigos ou clientes, cujos sonhos eu narrava ou citava na analyse de outros sonhos, me advertissem de haverem encontrado, na exposição de minhas pesquisas, algumas coisas inexactas. Eram sempre erros historicos. Ao examinar e rectificar estes casos, convenci-me de que minha memoria dos factos só se mostrava infiel nas occasiões em que a exposição da analyse deformara ou occultara alguma coisa, intencionalmente. Assim, pois, aqui tambem achamos *um erro inadvertido como substitutivo de uma supressão ou repressão intencionaes.*

Destes erros originados por uma repressão, é preciso distinguir outros, devidos a uma ignorancia real. Assim, foi por ignorancia que, durante uma excursão através da Vala-

chia, suppuz, ao chegar a uma localidade, tratar-se da aldeia onde residira o revolucionario Fischhof. Effectivamente, o logar onde Fischhof morara tambem se chamava Emmersdorf, mas não ficava na Valachia, e sim na Carinthia. Mas isto eu não sabia.

Outro erro vergonhoso, mas muito instructivo, que póde ser considerado como exemplo de ignorancia temporaria. Um cliente recordou-me um dia a promessa de dar-lhe dois livros que eu possuia sobre Venesa, cidade que elle pretendia visitar nas ferias da Paschoa. Respondi que já os tinha separado para entregar-lhos e fui por elles á bibliotheca. A verdade é que me esquecera de procura-los, pois não estava muito de acordo com a viagem do cliente, que me parecia uma desnecessaria interrupção do tratamento e uma perda economica para o medico. Ao chegar á bibliotheca, lancei uma rapida olhadella aos livros, para ver se encontrava os dois que promettera ao cliente. Encontrei um intitulado: "Venesa, cidade da arte", e depois, querendo procurar uma obra historica, apanhei o livro "Os Medicis". Sahi com ambos da bibliotheca, mas logo voltei, envergonhado de meu erro momentaneo de crer que os Medicis tivessem algo a ver com Venesa, apesar de saber perfeitamente o contrario. Dado que fizera ver ao paciente seus proprios actos symptomaticos, não tive mais remedio, para salvar minha autoridade, senão agir com justiça, confessando-lhe honradamente os motivos occultos do desgosto que sua viagem me causava.

De um modo geral, é de admirar o facto de o impulso de dizer a verdade ser nos homens muito mais forte do que costumamos suppor. Talvez seja consequencia de minha preoccupação com a psychanalyse, a difficuldade que sinto em mentir. Quando trato de desfigurar alguma coisa, perturba-me um erro ou outro qualquer acto falhado, por meio do qual minha insinceridade se revela, conforme pudemos ver nos exemplos anteriores.

O mecanismo do erro parece ser o mais superficial de todos os mecanismos dos actos falhados, pois a emergencia do erro mostra, via de regra, que a actividade psychica correspondente teve de lutar com uma influencia perturbadora,

sem que todavia a natureza do erro seja determinada pela qualidade da idéa perturbadora dissimulada nas profundidades do dominio psychico. Aqui accrescentaremos que, em muitos casos simples de equivocos oraes ou graphicos, devemos admittir o mesmo estado de coisas. Toda vez que nos enganamos, ao falar ou escrever, devemos deduzir a existencia de uma perturbação causada por processos psychicos exteriores á intenção, mas tambem é preciso acceitar que o equivoco oral ou graphico segue frequentemente as leis da analogia, da commodidade ou de uma tendencia á aceleração, sem que o elemento perturbador consiga imprimir seu caracter proprio aos lapsos resultantes. E' o apoio do material linguistico que torna possivel a determinação do lapso, ao mesmo tempo que lhe assignala um limite.

Para que constem aqui alguns exemplos de erros que não sejam exclusivamente os de minha pessoa, ainda citarei uns quantos, que poderia egualmente incluir entre os equivocos oraes ou entre os actos de termo erroneo, mas que, dada a equivalencia de todas essas classes de actos falhados, não importa que sejam incluidos em qualquer uma dellas.

a) Em certa occasião, prohibi a um cliente que telephonasse á amante, com a qual elle proprio desejava romper, afim de evitar que cada nova conversação lhe tornasse mais difficil a luta interior que sustentava. Já estava decidido a communicar-lhe por escripto a irrevogavel decisão, mas encontrava difficuldades para lhe fazer chegar a carta ás mãos. Nesta situação, visitou-me um dia, á uma hora da tarde, afim de me participar que encontrara um meio de contornar essas difficuldades, e perguntar-me, entre outras coisas, se lhe permittia referir-se á minha autoridade medica. A's duas horas, estando a escrever a carta de rompimento, interrompeu-se de repente e disse á sua mãe: "Esqueci-me de perguntar ao doutor se devo escrever seu nome na carta". Foi ao telephone, pediu um numero e, quando lhe fizeram a ligação, perguntou: "Poderia informar-me se o sr. doutor attende a consultas depois do jantar?" A resposta foi um espantado: "Enlouqueceste, Adolpho?" pronunciado por aquella voz que eu lhe prohibira de tornar a ouvir.

"Enganara-se" ao pedir a communicação, dando o numero da amante em vez do numero do medico.

b) Uma joven senhora tinha de visitar uma amiga recem-casada, que morava na *Habsburgergasse.* Referindo-se a isto durante o almoço, enganou-se e disse que tinha de ir á *Babenbergergasse.* Seus parentes puzeram-se a rir ao ouvi-la, fazendo-lhe notar seu erro, ou, se o preferem, seu lapso oral. Dois dias antes, fôra proclamada a republica em Vienna; as côres nacionaes, amarello e preto, tinham sido substituidas pelas antigas: vermelho, branco, vermelho, e os Habsburgos tinham sido desthronados. A senhora introduziu estas modificações no endereço da amiga. Effectivamente, existe em Vienna, sendo muito conhecida, uma Babenberger*strasse,* mas é uma avenida e não uma rua.

c) Num logar de veraneio, um joven professor pauperrimo, mas de bella presença, fez a corte á filha de um proprietario da cidade, que ali possuia uma "villa", conseguindo enamorar a moça de tal modo, que logrou arrancar de seus paes o consentimento do matrimonio, apesar da differença de posição e raça existente entre os noivos. Estando nesse pé as coisas, o professor escreveu a seu irmão, uma carta, em que lhe dizia o seguinte: "A tal moça não é nada bonita, mas é muito amavel, e isto me basta. O que ainda não te posso dizer é se me decidirei ou não a casar-me com uma judia". Esta carta chegou ás mãos da noiva ao mesmo tempo que o irmão ficava assombrado ante as ternuras amorosas que continha a carta por elle recebida. Quem me referiu este caso assegurou-me que se tratava realmente de um erro, e não de uma astucia destinada a provocar o rompimento. Tambem conheci outro caso semelhante, em que uma senhora edosa, descontente do medico, e não querendo dizer-lho francamente, utilizou este meio de trocar as cartas, para alcançar seu objectivo; ao menos aqui, posso testemunhar que foi por erro, e não por astucia consciente, que a senhora se serviu do conhecido estratagema de comedia.

d) Brill narra o caso de uma senhora que, ao perguntar a outra pela saude de uma amiga commum, designou-a pelo nome de solteira. Quando lhe chamaram a at-

tenção para o seu erro, teve de confessar que não lhe era sympathico o marido da amiga e que o casamento desta a desgostara.

e) Um caso de erro que tambem póde ser considerado de equivoco oral: Um rapaz foi fazer o registro de nascimento de sua segunda filha. Perguntando-se-lhe o nome que lhe ia pôr, respondeu que era Anna. O funccionario estranhou então que se tratasse do mesmo nome da primeira filha. E' facil de comprehender que não era esta a sua intenção, motivo por que logo rectificou o nome. Deste erro, devemos deduzir que a segunda filha não fôra tão bem recebida como a primeira.

f) Accrescento aqui algumas outras observações de mudança de nomes, que tambem poderiam ter sido incluidas noutros capitulos deste livro.

Uma senhora tinha tres filhas, duas das quaes já estavam casadas ha muito tempo, emquanto a terceira ainda esperava o apparecimento do marido que o destino lhe designasse. Por occasião do casamento, uma amiga sua fizera ás filhas casadas o mesmo presente, consistente num valioso serviço de prata para chá. Sempre que a mãe falava desse apparelho, punha erradamente como dona delle a filha solteira. Vê-se claramente que este erro exprime o desejo materno de vêr casada a filha que lhe resta. Suppõe, além disto, que esta receberia o mesmo presente de casamento.

Egualmente faceis de interpretar são os frequentes casos em que as mães confundem os nomes das filhas, filhos e noras.

De uma auto-observação do sr. J. G., verificada durante sua estadia num sanatorio, tomo o seguinte precioso exemplo de tenaz confusão de nomes:

"Na mesa redonda do sanatorio, dirigi, no correr de uma conversação que pouco me interessava e que era mantida num tom completamente superficial, uma phrase particularmente amavel á minha vizinha de mesa. Esta, moça solteira já um tanto entrada em annos, não poude deixar de observar que a minha phrase era uma excepção, pois não costumava mostrar-me tão amavel e galante para com ella,

observação que era, por um lado, demonstração de certo sentimento, e, por outro lado, uma transparente allusão a outra moça que ambos conheciamos, e a quem eu costumava tratar com mais attenção.

"Como é natural, logo comprehendi a allusão. Na palestra que em seguida mantivemos, minha interlocutora teve de chamar-me varias vezes a attenção, coisa que me foi muito penosa, por ter confundido seu nome com o da outra moça, a quem, não sem razão, considerava como sua feliz rival".

g) Como um caso de "erro", exporei aqui um facto, grave no fundo, que me foi narrado por uma testemunha presencial. Uma senhora estivera passeando á noite com o marido e dois amigos deste. Um dos ultimos cavalheiros era seu amante, circumstancia que as outras duas personagens ignoravam, jámais devendo descobri-la. Os dois amigos acompanharam o casal á porta de casa, começando a despedir-se emquanto esperavam que a criada viesse abrir. A senhora cumprimentou um dos amigos, dando-lhe a mão e dirigindo-lhe palavras de cortezia. Em seguida, segurou o braço do amante e, voltando-se para o marido, quiz despedir-se delle do mesmo geito. O marido assumiu uma attitude ceremoniosa e, tirando o chapéo, disse com a mais perfeita delicadeza: "Beijo-lhe as mãos, senhora". A esposa, assustada, soltou o braço do amante e, antes que abrissem a porta, ainda teve tempo de dizer: "Parece mentira que nos possa acontecer uma coisa assim!" O marido era desses homens que têm por impossivel uma infidelidade da esposa. Repetidas vezes jurara que num caso desses mais de uma vida perigaria. Assim, pois, possuia os mais fortes obstaculos internos, para chegar a perceber o desafio que o erro de sua mulher representava.

h) Apresento aqui um erro commettido por um cliente meu, e que, por ter-se repetido depois em sentido inverso, resulta particularmente instructivo: Após uma longa luta interior, o joven se decidira a contrahir matrimonio com uma moça que o estimava e a quem elle tambem amava. No dia em que lhe communicou tal resolução, acompanhou-a

até em casa, despediu-se della e tomou um bonde, no qual pediu ao conductor *dois bilhetes*. Seis meses mais tarde, já casado, sentiu que não podia acostumar-se á vida conjugal, duvidou se fizera bem em casar-se, sentiu falta das amizades de solteiro e achou mil defeitos em seus sogros. Uma tarde, foi á casa destes buscar a mulher, tomou um bonde com ella e, quando o conductor chegou, pediu-lhe *apenas um bilhete*.

i) Maeder refere-nos um precioso exemplo de como por meio de um erro se póde satisfazer um desejo reprimido a contragosto (Nouvelles contributions, etc. Arch. de Psych., VI, 1908). Um collega desejava gosar inteiramente e sem a menor preoccupação um dia de férias, mas tinha precisamente de fazer uma visita pouco agradavel em Lucerna, e depois de muita hesitação decidiu-se a ir a essa cidade. Para distrahir-se durante a viagem de Zurich a Goldau, foi lendo jornaes. Chegando a Goldau, mudou de trem e proseguiu a leitura. Quando o trem já estava em marcha, o conductor advertiu-lhe que se enganara na baldeação e, em vez de tomar o trem de Lucerna, subira a outro que regressava a Zurich.

j) O dr. V. Tausk communica, sob o titulo "Falsas Direcções", uma intenção analoga, mas fracassada, de realização de um desejo reprimido, por meio de um erro. (Internat. Zeitschrift fuer aerztl. Psychoanalyse, IV, 1916-17)

"Durante a guerra, vim uma vez, em licença, a Vienna, e um antigo cliente meu, informado de minha estadia na capital, pediu-me que fosse visita-lo, pois estava de cama. Accedi e fui ve-lo, passando duas horas em sua casa. Ao despedir-me, o enfermo perguntou-me quanto me devia pela visita. "Estou aqui só por uns dias, lhe respondi, emquanto não se acaba a licença, e nelles não pretendo exercer minha profissão. Considere minha visita como um serviço de amigo".

"O enfermo hesitou em acceitar minha offerta, sentindo que não tinha direito a considerar um serviço profissional como um favor gratuito, mas afinal decidiu-se a faze-lo, exprimindo, com uma cortezia ditada pela satisfação ante a

economia pecuniaria, que, sendo eu especialista em psychanalyse, sempre devia agir acertadamente.

"Dahi a pouco, tambem eu tive certas suspeitas sobre a sinceridade de minha attitude generosa, e assaltado por duvidas — que apenas admittiam uma solução equivoca — tomei o bonde da linha X. Emquanto esperava que chegasse este ultimo, esqueci a questão de meus honorarios e comecei a pensar nos symptomas que o paciente apresentava. Entrementes, chegou o bonde esperado, ao qual subi. Mas, na primeira parada, tive de apear, pois, por erro e sem me dar conta, tomara, em vez de um bonde da linha Y, um da linha X., que passava em direcção contraria, fazendo-me portanto regressar á casa do cliente, de quem não quizera cobrar honorarios. *Em compensação, meu inconsciente queria ir buscar esse dinheiro*".

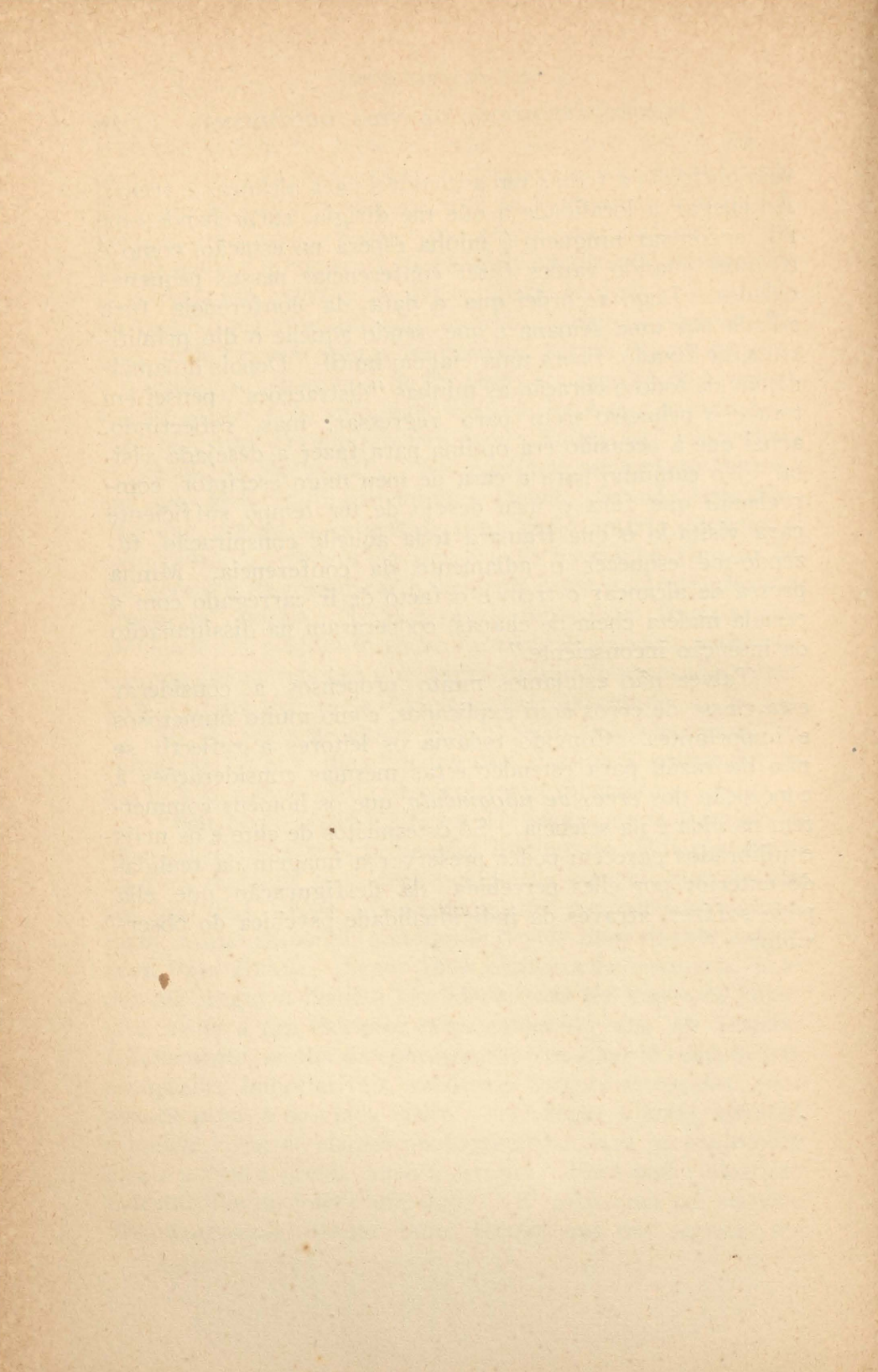
k) Em certa occasião, tambem me succedeu uma aventura semelhante á que vem narrada no exemplo i). Promettera a meu irmão mais velho ir visita-lo durante o verão numa praia da costa inglesa em que elle se achava. Dado o pouco tempo de que podia dispor, vira-me forçado a fazer a viagem pelo caminho mais curto e a não me deter em logar nenhum. Pedi a meu irmão que me concedesse um dia de parada na Hollanda; elle, porém, negou-mo, dizendo que depois, ao regressar, podia fazer o que entendesse. Assim, pois, emprehendi minha viagem partindo de Munich via Colonia, até Rotterdam e Hook, de onde, á meia-noite, partia um navio para Harwich. Em Colonia, tinha de mudar de trem, para tomar o expresso de Rotterdam. Saltei de meu vagão e puz-me a procurar esse expresso, sem conseguir encontra-lo em parte alguma. Andei perguntando a varios empregados, fui mandado de uma plataforma a outra, mergulhei num desespero exagerado, e ao cabo de tudo isto pude suppor que, durante minhas inuteis investigações, o trem já devia ter sahido. Quando isto me foi confirmado, reflecti se devia passar aquella noite em Colonia, coisa a que entre outros motivos me induzia um sentimento familiar, pois, segundo uma velha tradição nossa, parentes meus se haviam refugiado nesta cidade, fugindo a uma per-

seguição contra os judeus. Não obstante, resolvi tomar outro trem para Rotterdam, onde cheguei alta noite, tendo portanto de passar o dia seguinte na Hollanda. Essa estadia me permittiu realizar um desejo que abrigava já ha muito tempo: admirar os magnificos quadros de Rembrandt existentes em Haya e no Museu Real de Amsterdam. Só na manhã seguinte, quando, durante a viagem no trem inglês, pude resumir minha impressões, surgiu deante de mim a indubitavel recordação de ter visto, na estação de Colonia, a poucos passos do sitio onde saltei do trem e na mesma plataforma, uma grande taboleta com a indicação "Rotterdam — Hook de Hollanda". Ali esperava certamente o trem em que devia continuar minha viagem. Se não admittirmos que, contra as ordens de meu irmão, queria admirar a todo custo os quadros de Rembrandt na minha viagem de ida, teremos de considerar o incidente como uma inexplicavel "cegueira" minha. Todo o resto, minha bem fingida perplexidade e a piedosa intenção familiar de passar a noite em Colonia foi apenas um dispositivo destinado a encobrir meu proposito até que fosse completamente executado.

l) J. Staercke expõe (l. c.) outro caso observado em si mesmo, no qual uma "distracção" facilita a realização de um desejo, a que o individuo crê ter renunciado.

"Em certa occasião, tinha de fazer numa localidade uma conferencia com projecções luminosas. Tal conferencia fôra marcada para determinado dia e depois transferida por oito dias. Esse adiamento me foi communicado numa carta, a que respondi, annotando depois num memorando a nova data fixada. Sendo uma conferencia nocturna, propuz-me chegar á tarde á localidade, para ter tempo de fazer uma visita a um escriptor meu conhecido que ali residia. Infelizmente, no dia da conferencia, tive a tarde tomada por occupações impreteriveis, sendo-me forçoso renunciar, com grande pena, á desejada visita. Ao chegar a noite, apanhei a maleta cheia de chapas photographicas para as projecções e sahi a toda a pressa rumo á estação. Para poder alcançar o trem, tive de tomar um taxi. (E' coisa que me succede frequentemente, hesitar tanto tempo, que em seguida me

vejo obrigado a tomar um automovel para alcançar o trem). Ao chegar á localidade a que me dirigia, surprehendeu-me não encontrar ninguem á minha espera na estação, como é costume quando vamos fazer conferencias nessas pequenas cidades. Logo recordei que a data da conferencia fôra adiada por uma semana e que, sendo aquelle o dia primitivamente fixado, fizera uma viagem inutil. Depois de amaldiçoar de todo o coração as minhas "distracções", pensei em tomar o primeiro trem para regressar, mas, reflectindo, achei que a occasião era optima para fazer a desejada visita. No caminho para a casa de meu migo escriptor, comprehendi que fôra o meu desejo de ter tempo sufficiente para visita-lo o que tramara toda aquella conspiração, fazendo-me esquecer o adiamento da conferencia. Minha pressa de alcançar o trem e o facto de ir carregado com a pesada maleta cheia de chapas, cooperaram na dissimulação da intenção inconsciente."

Talvez não estejamos muito propensos a considerar esta classe de erros aqui explicados, como muito numerosos e importantes. Convido todavia os leitores a reflectir se não ha razão para estender estas mesmas considerações á concepção dos *erros de julgamento,* que os homens commettem na vida e na sciencia. Só os espiritos de elite e os mais equilibrados parecem poder preservar a imagem da realidade exterior por elles percebida, da desfiguração que ella póde soffrer, através da individualidade psychica do observador.

XI

ACTOS FALHADOS COMBINADOS

Dos dois exemplos ha pouco expostos, meu erro ao transportar os Mêdicis a Venesa e o do meu joven cliente que soube transgredir a prohibição de falar com a amante pelo telephone, não foram, na realidade, descriptos com toda a precisão. Um exame mais detido nos demonstra que nelles ha uma associação de um esquecimento com um erro. A mesma união póde ser encontrada com mais clareza noutros exemplos.

a) Um amigo me contou o seguinte facto: "Ha alguns annos, deixei-me eleger como membro da directoria de uma associação literaria, suppondo que esta me ajudaria a conseguir que me representassem um drama por mim escripto. Se bem que não me interessassem grande coisa, assistia regularmente ás sessões que essa sociedade celebrava todas as sextas-feiras. Ora, ha alguns meses, um de meus dramas foi acceito no theatro F; desde então, *esqueci-me* completamente de comparecer a taes sessões. Quando li seu livro sobre estas questões, envergonhei-me do olvido, censurando-me por ter abandonado meus consocios agora que já não precisava delles, e resolvi não deixar de assistir á reunião da sexta-feira seguinte. Recordei constantemente este proposito até que chegou o momento de executa-lo, e dirigime á séde social. Chegando á porta da sala de sessões, sur-

prehendeu-me ve-la fechada. A reunião já se realizara, e nada menos que dois dias antes.

"Enganara-me no dia e fôra num domingo".

b) O exemplo seguinte é uma combinação de um acto symptomatico com uma perda temporaria de objecto. Chegou a meu conhecimento muito indirectamente, mas por um caminho fidedigno.

Uma senhora fez uma viagem a Roma, com seu cunhado, artista de grande fama. Este foi muito festejado pelos allemães residentes nesta cidade, recebendo, entre outros presentes, uma antiga medalha de ouro. A senhora viu com desgosto que o cunhado não sabia apreciar o valor do artistico presente. Dias após, chegou a Roma sua irmã, e ella voltou para casa. Ao abrir as malas, constatou, com surpresa, que, — sem saber como, — puzera numa dellas a preciosa medalha. Immediatamente, escreveu ao cunhado communicando-lhe o facto e avisando-lhe de que no dia seguinte a mandaria para Roma. Mas quando quiz faze-lo, reparou que "perdera" ou "occultara" a medalha com tanta habilidade, que, por mais que fizesse, não lhe foi possivel encontra-la. Então, a senhora suspeitou o que sua "distracção" significava, isto é, seu desejo de conservar o objecto para si.

c) Damos a seguir alguns actos em que o acto falhado se repete tenazmente, utilizando cada vez um novo meio:

Jones (l. c. pg. 483): Por motivos para elle desconhecidos, Jones deixara uma carta na escrivaninha, durante varios dias, sem se recordar de despacha-la. Afinal, decidiu-se a faze-lo, mas ao cabo de pouco tempo foi-lhe devolvida pelo Correio por ter-se esquecido de escrever o endereço. Corrigida esta omissão, pôz a carta na caixa, esquecendo desta vez o sello. Depois disto, já não poude deixar de reconhecer sua repugnancia em remetter essa carta.

Numa pequena communicação do dr. Karl Weiss (Vienna), sobre um caso de esquecimento, descreve-se com toda a precisão os inuteis esforços que se levam a cabo para executar um acto, ao qual se oppõem resistencias intimas (Zentralblatt fuer Psychoanalyse, II-9): "O seguinte caso con-

stitue uma prova da persistencia com que o inconsciente sabe chegar a conseguir seu proposito, quando tem algum motivo para impedir que determinada intenção seja executada, e de como é difficil combater taes tendencias. Pediu-me um conhecido que lhe emprestasse um livro, levando-lho no dia seguinte. Immediatamente accedi ao seu pedido, sentindo, todavia, um vivo desgosto, cuja causa não pude comprehender a principio, mas que depois me surgiu claramente. O tal sujeito me devia, ha muitos annos, uma quantia que parecia não pretender devolver-me. Recordado isto, deixei de pensar na questão para só tornar a evoca-la, por certo com o mesmo sentimento de desgosto na manhã seguinte. Então, disse commigo: "Teu inconsciente ha de trabalhar para que esqueças o livro. Mas não quererás parecer pouco amavel e, portanto, farás o possivel para não esquece-lo". Ao chegar em casa, embrulhei o livro num papel e deixei-o junto de mim, na mesa, emquanto escrevia umas cartas.

"Passado um momento, levantei-me e sahi. Dahi a pouco, notei que deixara na mesa as cartas que pensava levar ao correio. (Advertirei, de passagem, que numa dellas me vira forçado a dizer algo desagradavel a uma pessoa, de quem futuramente devia precisar). Voltei, apanhei as cartas e tornei a sahir. Indo já no bonde, recordei que promettera a minha esposa fazer-lhe uma compra, satisfazendo-me o pensar que não me causaria o menor incommodo compra-ze-la, por ser pouco volumoso o embrulho que devia transportar. Chegando a este ponto, surgiu de repente a associação "embrulho-livro" e reparei que não trazia este ultimo. Assim, pois, não só o esquecera da primeira vez que sahi de casa, como tambem não o vira ao recolher as cartas que estavam junto delle."

Encontramos os mesmos elementos na seguinte observação de Otto Rank, penetrantemente analysada (Zentralblatt fuer Psychoanalyse, II-5):

"Um individuo, ordenado até o exagero e ridiculamente methodico, contou-me a seguinte aventura, que, dada a sua conducta habitual, lhe parecia absolutamente extraordinaria. Uma tarde, estando na rua, quiz saber a hora, e,

ao procurar o relogio, viu que o deixara em casa, esquecimento que jamais se déra com elle. Tendo naquella mesma tarde uma entrevista, a que desejava comparecer com toda a pontualidade, e já não lhe sobrando tempo para regressar a casa em busca do relogio, aproveitou uma visita que fez a uma senhora amiga sua, para pedir-lhe um emprestado, coisa tanto mais facil, quanto tinham combinado ver-se na manhã seguinte, occasião em que podia devolver-lhe o relogio, conforme aliás lhe prometteu ao leva-lo. Quando, com effeito, na manhã seguinte, foi á casa da senhora para effectuar a promettida devolução viu, com surpresa, que se esquecera de trazer esse relogio, tendo apanhado apenas o de sua propriedade. Propoz-se, então, firmemente, não deixar de levar-lho naquella mesma tarde, e cumpriu seu projecto. Mas, ao sahir da casa da senhora, querendo ver as horas, constatou, já com infinito assombro e aborrecimento, que, se se lembrara de trazer o relogio emprestado, esquecera-se, em compensação, de apanhar o seu. Esta repetição de actos falhados pareceu ao individuo ordenado e methodico, de um caracter tão pathologico, que me exprimiu o desejo de conhecer-lhe a motivação psychica. Os motivos foram encontrados logo que, no interrogatorio psychanalytico, chegámos á pergunta: Succedeu-lhe algo desagradavel no dia critico do primeiro esquecimento? A esta pergunta, respondeu o sujeito contando que, depois de almoçar e pouco antes de sahir á rua deixando esquecido o relogio, tivera uma conversação com a mãe, contando-lhe esta que um parente seu, pessoa um tanto leviana e que lhe custara já muitas preoccupações e despesas, empenhara o relogio e agora viera pedir dinheiro para tira-lo do penhor, dizendo que precisavam delle em casa. Este modo, um tanto forçado, de lhe extorquir dinheiro, muito desgostara nosso paciente, recordando-lhe além disto todas as contrariedades que, ha muitos annos, o referido parente lhe vinha causando. O acto symptomatico denota, portanto, multiplas determinantes. Em primeiro logar, constitue a expressão de uma serie de pensamentos que significa: "Não me deixo extorquir dinheiro por esses meios, e se, para isso, fôr necessaria a intervenção de um re-

logio, chegarei até a deixar em casa o que me pertence". Mas como precisava do relogio, para chegar pontualmente ao encontro que marcára para a mesma tarde, a intenção exprimida por esses pensamentos só se podia conseguir de um modo inconsciente, ou seja por um acto symptomatico. Em segundo logar, o esquecimento póde exprimir: "As continuas despesas que tenho de fazer por causa deste inutil, acabarão arruinando-me e fazendo-me dar tudo o que tenho". Se bem que, segundo a declaração do interessado, seu aborrecimento em face do incidente fosse apenas momentaneo, a repetição do acto symptomatico demonstra que este sentimento continuou agindo intensamente no inconsciente, como quando, com perfeita consciencia, dizemos: "Tal coisa não me sae da cabeça" (62). Depois de conhecer esta attitude do inconsciente, não nos admira que o relogio da senhora corresse em seguida o mesmo risco, se bem que provavelmente essa transferencia para o "innocente" relogio feminino tambem fosse favorecida por motivos especiaes, dos quaes o mais proximo seria este: Ao paciente talvez agradasse conserva-lo em substituição do seu, que já considerava sacrificado, sendo esta a causa de se esquecer de devolve-lo na manhã seguinte. Quiçá tambem desejasse ficar com o relogio, como recordação da senhora. Afóra tudo isto, o esquecimento do relogio feminino lhe proporcionava a opportunidade de uma segunda visita á dona delle, por quem sentia certa inclinação. Tendo de visita-la de qualquer modo pela manhã, por se tratar de uma combinação anterior e para assumpto em que a devolução do relogio nada tinha a ver, parecia-lhe diminuir a importancia que a tal visita concedia, aproveitando-a para entregar o objecto emprestado. O duplo esquecimento de seu proprio relogio e da devolução do alheio, tornada possivel pelo segundo esquecimento do outro, parecem revelar

---

(62) Esta continua actuação dos elementos inconscientes algumas vezes se manifesta em forma de sonho consecutivo ao acto falhado, e outras vezes na repetição do mesmo ou na omissão de uma rectificação.

que nosso homem evitava inconscientemente levar ambos relogios de uma só vez, coisa que considerava como uma ostentação superflua, em opposição flagrante com as difficuldades economicas de seu parente. Por outro lado, isto constituia uma auto-admonição ante seu apparente desejo de contrahir matrimonio com a referida senhora, admonição que lhe recordava os inexcusaveis deveres que o ligavam á familia (sua mãe). Outra razão mais para o esquecimento do relogio feminino: Na noite anterior, temera que seus conhecidos, sabendo-o solteiro, lhe vissem tirar um relogio de senhora, motivo por que se vira forçado a ver as horas ás escondidas, situação embaraçosa em que não queria tornar a encontrar-se e que evitava deixando o relogio em casa. Mas como devia apanha-lo afim de devolve-lo, tambem aqui teremos um acto symptomatico, inconscientemente executado, que surge como uma formação transaccional entre sentimentos emocionaes em conflicto, e uma victoria, bem cara, da instancia inconsciente".

Damos aqui algumas observações de J. Staercke:

1. *Perda temporaria, destruição e esquecimento, como expressão de uma repugnancia reprimida*: "Em certa occasião, meu irmão me pediu que lhe emprestasse umas photographias de uma collecção, por mim reunida para illustrar um trabalho scientifico, photographias que elle pensava utilizar em projecções, numa conferencia. Apesar de, por um momento, me passar pela idéa: "Preferiria que ninguem me tirasse a prioridade na publicação de um trabalho que tanto me custou reunir", prometti-lhe, sem embargo, procurar os negativos das photographias de que necessitava, tirando delles os positivos para a lanterna de projecção. Mas quando me dediquei a procurar os negativos, foi-me impossivel encontrar ao menos um dos que me solicitara. Revistei todo o monte de caixas de placas, que continham assumptos correlatos com a materia de que meu irmão ia tratar, e mais de duzentos negativos me passaram pela mão, sem que encontrasse os desejados. Isto me fez suppor que não me achava, realmente, disposto a acceder ao que me haviam solicitado.

Depois de tomar conhecimento deste pensamento e lutar contra elle, reparei que puzera a um lado, sem lhe examinar o conteúdo, a primeira das caixas que formavam o monte. Nella, precisamente, estavam os tão procurados negativos. Na tampa, havia uma curta inscripção que lhe assignalava o conteúdo, e eu provavelmente a teria visto, com um rapido olhar, antes de pôr de parte a caixa.

"Entretanto, a idéa contraditoria não pareceu vencida, pois ainda succederam mil e um accidentes, antes de eu mandar os positivos a meu irmão. Um delles, parti-o apertando-o entre os dedos, emquanto limpava a chapa (coisa que jamais me acontecera). Depois, quando preparei um novo exemplar da mesma chapa, cahiu-me das mãos e não se quebrou porque estendi um pé, que a recebeu na quéda. Ao montar os positivos no deposito da lanterna de projecção, elle cahiu ao chão com todo o conteúdo, sem que, por sorte, nada se partisse. Afinal, muitos dias se passaram antes que eu conseguisse empacotar todos os trastes e expedi-los definitivamente, pois, apesar de ter o firme proposito de realiza-lo, todos os dias tornava a me esquecer".

2. *Esquecimento repetido e acto falhado na execução definitiva do proposito esquecido*: "Em certa occasião, tinha de enviar um postal a um conhecido, coisa que fui esquecendo durante varios dias consecutivos. Suspeitava que a causa de taes olvidos fosse o seguinte: O referido sujeito communicara-me numa carta que, no correr daquella semana, viria visitar-me uma pessoa a quem eu não tinha muitos desejos de ver. Uma vez passada dita semana e quando já se afastara a perspectiva da visita, escrevi o postal alludido, em que marcava a hora em que me poderiam encontrar em casa. Escrevendo-o, quiz começar dizendo que não respondera antes por pesar sobre mim um excesso de *trabalho accumulado e urgente* (Druckwerk), mas, afinal, não disse nada disso, pensando que já ninguem acredita em tão vulgar desculpa. Ignoro se esta pequena mentira, que por um momento me propuz dizer devia ou não forçosamente vir á tona, mas o caso é que, quando deitei o postal na caixa, introdu-

zi-o por engano na abertura destinada aos impressos (Drucksachen-Druckwerk).

3. *Esquecimento e erro*: "Numa manhã de um dia formoso, certa moça foi ao "Ryksmuseum", para nelle desenhar. Se bem que lhe agradasse mais passear e gosar o tempo ameno, decidira ser applicada e desenhar intensivamente. Antes de mais nada, devia comprar o papel necessario. Foi á loja, situada a uns dez minutos de distancia do Museu, e comprou lapis e outros utensilios de desenho, esquecendo-se todavia do papel. Dirigiu-se em seguida ao Museu, mas quando já havia preparado tudo e se dispunha a sentar-se ante a prancheta, constatou seu olvido, tendo de voltar á loja para sana-lo. Feito isto, poz-se afinal a desenhar, executando rapidamente o seu trabalho, até que ouviu o relogio da torre do Museu dar uma porção de badaladas. Pensou: "Já devem ser doze horas". Em seguida, continuou trabalhando, até que o relogio bateu de novo. A moça suppoz já ser meio-dia e um quarto. Então, recolheu seus pertences, decidindo ir de passeio através de um parque á casa de sua irmã, onde tomaria café. Ao chegar em frente ao Museu Suasso, viu com assombro que, em vez de doze e meia, ainda nem eram doze. A belleza da manhã tinha-lhe enganado o desejo de trabalhar, fazendo-lhe crêr que o toque das onze e meia já era o das doze, sem reparar que os relogios de torre tambem dão, ao assignalar os quartos de hora, a hora que a estes corresponde.

"Como já demonstram algumas observações anteriormente expostas, a tendencia inconscientemente perturbadora tambem póde conseguir seu proposito repetindo, com tenacidade, a mesma especie de acto falhado. Como exemplo deste caso, transcreverei uma divertida historia, contida num livrinho intitulado: "Frank Wedekind e o theatro", publicado pela Casa Editora "Drei Masken", de Munich, advertindo que deixo ao autor do livro toda a responsabilidade da historieta, contada á maneira de Mark Twain:

"Na scena mais importante da peça em um acto "A Censura", de Wedekind, apparece a phrase: "O medo á

morte é um erro intellectual (*Denkfehler*)". O autor, que sentia particular predilecção por esta scena, rogou, no ensaio, ao actor que, nesta phrase, antes da palavra "erro intellectual" (Denkfehler), fizesse uma pequena pausa. Na representação, o actor integrou-se perfeitamente em seu papel e observou a pausa prescripta, mas pronunciou a phrase em tom humoristico, dizendo erradamente — : "O medo á morte é uma *errata* (Druckfehler)". Quando, ao findar a peça, o actor perguntou a Wedekind se estava satisfeito com a sua interpretação da personagem, este lhe respondeu que nada tinha a objectar-lhe, mas não deixou de lhe chamar a attenção para a phrase em que errara.

"Na seguinte representação de "A Censura", o actor disse no mesmo tom humoristico: "O medo á morte é... um *memorando* (Denkzettel)". Wedekind encheu o interprete de elogios, mas, de passagem e como coisa secundaria, advertiu-lhe que a phrase não dizia que o medo da morte era um memorando, e sim um erro intellectual.

"Na noite seguinte, tornaram a representar "A Censura" e o actor, que já travara amizade com Wedekind e até discutira com elle sobre questões de arte, tornou a dizer com o seu gesto mais festivo: "O medo á morte é um *impresso* (Druckzettel)".

"O artista tornou a obter a mais calorosa approvação do autor, e a obra foi representada muitas vezes mais. Mas Wedekind teve de renunciar ao prazer de ouvir a palavra "Denkfehler".

Rank tambem dedicou sua attenção ás interessantissimas relações entre o acto erroneo e o sonho (Zentralblatt fuer Psychoanalyse e Internat. Zeitschrift fuer Psychoanal. III, 1915), relações que não se pódem descobrir sem uma analyse detida e penetrante do sonho que se justapõe ao acto falhado. Em certa occasião, sonhei, dentro de um conjunto mais amplo, que perdera minha carteira. Na manhã seguinte, senti, effectivamente, falta della, ao vestir-me. Na noite anterior, ao despir-me, esquecera de tira-la do bolso da calça e colloca-la no logar de costume. Assim, pois, este esquecimento não me passara inadvertido, e provavelmente es-

tava destinado a dar expressão a um pensamento inconsciente, que se achava disposto a emergir no sonho (63).

Não quero affirmar que estes casos de actos falhados combinados nos possam ensinar alguma coisa nova, que já não tenhamos encontrado nos actos falhados simples. Mas, seja como fôr, essa metamorphose do acto falhado dá, alcançando o mesmo resultado, a impressão plastica de uma vontade que tende para um determinado fim e contradiz ainda mais energicamente a concepção de que o acto falhado seja puramente accidental, não necessitando de explicação alguma. Não é menos notavel o facto de, nos exemplos expostos, a intenção consciente não poder impedir o exito do acto falhado. Meu amigo não conseguiu assistir á sessão da sociedade literaria, e a senhora não poude separar-se da medalha. Aquella coisa desconhecida, que se oppõe a taes intenções, sempre encontra uma sahida, quando lhe obstruimos o primeiro caminho. Para dominar o motivo desconhecido, precisamos de alguma coisa mais que a contra-resolução consciente: faz-se mister um labor psychico, que converta o desconhecido em conhecido perante a consciencia.

(63) Não é raro um sonho anullar os effeitos de um acto falhado, tal como a perda ou extravio de um objecto, revelando-nos onde acharemos o perdido. Mas esta revelação nada tem de sobrenatural, emquanto fôr recebida pelo mesmo individuo que soffreu a perda. Uma joven senhora refere: "Ha cerca de quatro meses, perdi um anel muito bonito. Depois de revistar inutilmente todos os cantos de meu quarto, sonhei, uma noite, que o anel estava junto de um armario, ao lado do radiador. Naturalmente, a primeira coisa que fiz ao levantar-me foi dirigir-me ao logar indicado no sonho. Com effeito, o anel ali estava". A senhora admira-se deste facto, e affirma que lhe acontece frequentemente ver satisfeitos, deste modo singular, seus desejos e pensamentos. Mas não se lembra de perguntar a si mesma que transformações se deram em sua vida, entre a perda e o achado do anel.

XII

DETERMINISMO. — CRENÇA NO ACASO. — SUPERSTIÇÃO. — PONTOS DE VISTA

Como resultado geral do que expuzemos, póde-se enunciar o seguinte principio: *Certas insufficiencias de nossas funcções psychicas* — cujo caracter commum determinaremos a seguir mais precisamente — *e certos actos apparentemente não intencionados, denotam ser motivados e determinados por motivos desconhecidos pela consciencia, quando os submettemos á investigação psychanalytica.*

Para ser incluida na ordem dos phenomenos a que se póde applicar esta explicação, uma funcção psychica claudicante deve preencher as seguintes condições:

a) Não exceder uma certa medida exactamente estabelecida por nosso calculo, a qual designamos com os termos "dentro dos limites do normal".

b) Possuir um caracter de perturbação momentanea e temporaria. Devemos ter anteriormente executado o mesmo acto sem falha, ou saber-nos capazes de executa-lo desse geito dahi em deante. Se outras pessoas nos corrigem ao presenciar o acto falhado, devemos admittir a rectificação e reconhecer immediatamente a incorrecção de nosso acto psychico.

c) Se nos damos conta da funcção claudicante, não devemos perceber o menor vestigio do motivo que assim a

poz, inclinando-nos antes a explica-lo por "falta de attenção" ou por "acaso".

Estão, pois, incluidos neste grupo os casos de esquecimento, os erros commettidos na explanação de materias que nos são perfeitamente conhecidas, os lapsos na leitura e os oraes e graphicos, os actos de termo erroneo, e os chamados actos accidentaes, phenomenos que têm todos uma grande analogia interior. A explicação de todos estes processos psychicos tão definidos deriva de uma série de observações, que em parte possuem um interesse proprio.

1. Não admittir a existencia de representações de proposito definido como explicação de uma parte de nossas funcções psychicas, suppõe um desconhecimento total da amplitude da determinação na vida psychica. O alcance do determinismo é aqui, como tambem noutros sectores, muito maior do que suspeitamos. Em 1900, li um ensaio, publicado pelo historiador de literatura R. M. Mayer no "Zeit", em que se sustentava, illustrando-a com exemplos, a theoria de que é completamente impossivel compôr intencional e arbitrariamente alguma coisa absolutamente sem nexo. Ha muito tempo, sei que não se póde pensar um numero nem um nome com absoluta e total liberdade. Se examinarmos um numero, de um ou varios algarismos, pronunciado com apparente arbitrariedade e sem relação com coisa alguma, constataremos que elle é estrictamente determinado, explicado por certas razões que jamais teriamos considerado como possiveis. Em primeiro logar, explicarei um exemplo de nome proprio "arbitrariamente escolhido", e em seguida outro analogo, de numero "atirado ao acaso".

a) Estando a redigir a observação de uma cliente, que tencionava publicar, detive-me a pensar que nome lhe daria em meu trabalho. A escolha parecia facil, dado o campo immenso que para isto se me deparava. Alguns nomes ficavam desde logo excluidos; entre elles, o verdadeiro, os pertencentes a pessoas de minha familia, que não me agradaria usar e, por ultimo, alguns outros nomes femininos pouco ou nada usuaes. Era, pois, de esperar, e assim o esperava, que se puzesse á minha disposição toda uma legião de nomes de

mulher. Mas, em vez disto, só um me veio á mente: *Dora.* Não o acompanhava nenhum outro. Perguntei, então, a mim mesmo qual seria a sua determinação. Quem se chamava Dora? Minha primeira idéa foi que era esse o nome da ama que estava a serviço em casa de minha irmã, idéa que a principio estive a pique de repellir como falsa. Mas tenho tanto dominio sobre mim mesmo, ou tanta pratica no analysar, que conservei firmemente esse dado, proseguindo em minha averiguação.

Em seguida, recordei um pequeno incidente occorrido na noite anterior, o qual me revelou a determinação procurada. Vira em casa de minha irmã, na mesa da sala de refeições, uma carta dirigida á srta. Rosa W. Admirado, perguntei quem de casa se chamava assim. Disseram-me que o verdadeiro nome da ama, a quem chamavam Dora, era Rosa. Mas ao entrar para o serviço da casa, tiveram de mudar-lho, para evitar confusões, pois minha irmã tambem se chamava Rosa. Ouvindo isto, exclamei apiedado: "Pobre gente! Nem sequer póde conservar o nome". Como agora recordava, passei depois algum tempo em silencio, absorto em graves reflexões, cujo conteúdo se sumiu na obscuridade, mas que não me foi difficil fazer voltar á consciencia. Quando, no dia seguinte, comecei a procurar um nome para uma pessoa *que não devia conservar o que lhe era proprio,* só um me occorreu: Dora. Esta exclusividade repousava numa firme connexão de conteúdo, pois na historia de minha cliente intervinha, com decisiva influencia, a pessoa de uma criada.

Este pequeno incidente teve, alguns annos depois, uma inesperada continuação. Fazendo uma conferencia em que devia falar do já publicado caso Dora, occorreu-me que uma das duas senhoras que assiduamente frequentavam minhas prelecções, usava o mesmo nome, que eu tantas vezes teria de citar, ligando-o ás coisas mais diversas. Eis por que me dirigi á minha joven collega, a quem conhecia pessoalmente, com a desculpa de que não me lembrara de seu nome. Mas estava disposto a substitui-lo por outro na conferencia. Tinha, portanto, de escolher rapidamente outro nome, e, ao fa-

ze-lo, pensei que devia evitar escolher o da outra ouvinte, para não dar, deste modo, um máo exemplo a meus collegas, já versados em psychanalyse. Assim, pois, fiquei muito satisfeito, quando me occorreu, como substitutivo do nome Dora, o nome "Erna", que usei na conferencia. Terminada esta, procurei descobrir de onde proviria tal nome, e não pude deixar de rir quando vi que a temida possibilidade vencera, ao menos parcialmente, por occasião de escolha do substitutivo. A outra ouvinte chamava-se Lucerna, de que Erna é uma parte.

b) Numa carta a um amigo, communicava-lhe que terminara a correcção de minha obra "A interpretação dos sonhos" e que nella já nada alteraria, "mesmo que ainda tivesse 2.467 erros". Quando escrevi esta phrase, tentei esclarecer o apparecimento do numero nella contido, e accrescentei á carta, como post-scriptum, a pequena analyse realizada. O melhor será copiar aqui este post-scriptum, tal como foi escripto.

"Accrescentarei succintamente mais uma contribuição á psychopathologia da vida quotidiana. Has de ter encontrado em minha carta o numero 2.467, representando uma jocosa avaliação arbitraria dos erros que poderão surgir na edição de minha "Interpretação dos sonhos". Queria indicar uma quantidade grande qualquer, e foi essa a que se apresentou expontaneamente. Mas, no dominio do psychismo, nada existe arbitrario ou indeterminado. Por conseguinte, has de esperar, com todo o direito, que o inconsciente neste caso se tenha apressado a determinar o numero que a consciencia deixara livre. Effectivamente, lera pouco antes num jornal, que o general E. M., pessoa que me inspira certo interesse, passara á reserva no posto de inspector geral de Artilharia.

"Na época em que, sendo estudante de medicina, fiz meu serviço militar no corpo de saude, uma vez E. M., então coronel, veio ao hospital e disse ao medico: "O senhor tem de me curar em oito dias. Estou encarregado de uma missão, cujo resultado o Imperador espera". Desde então me propuz acompanhar o curso da carreira daquelle homem,

e eis que hoje (1899), chegou ao fim da mesma, passando á reserva, no posto que já te disse. Ao ler a noticia, quiz calcular em quanto tempo percorrera este caminho, e acceitei, como ponto de partida, o dado de que, quando o conhecera no hospital, estavamos em 1882. Tinham, pois, passado dezesete annos. Contei tudo isto a minha mulher, que observou: "Então, tu tambem já devias estar reformado", ao que protestei, exclamando: "Deus me livre!" Após esta conversação, comecei a escrever-te. Todavia, a anterior cadeia de pensamentos continuou seu caminho, por certo muito justificadamente, pois meu calculo fôra errado. Minha memoria agora me proporciona um optimo ponto de referencia, consistente na recordação de que celebrei, estando preso por ter-me ausentado sem licença, minha maioridade, isto é, a data em que completei os 24 annos. Por conseguinte, o anno de meu serviço militar foi o de 1880 e, desde então, decorreram 19 annos e não 17, como suppuz a principio. Aqui já tens o numero 24, que forma a primeira parte de 2.467. Tomo agora a edade que hoje tenho: 43; accrescenta-lhe 24 e terás 67, segunda parte do numero arbitrario.

Isto quer dizer que, ao ouvir a pergunta de minha esposa, sobre se desejaria retirar-me nessa época da vida activa, desejei, em meu fôro intimo, mais 24 annos de trabalho. Irritava-me, sem duvida, o pensamento de que no periodo em que se desenvolvera a carreira do coronel E. M., eu por mim não fizera toda a tarefa que desejaria, e, por outro lado, experimentava como que uma sensação de triumpho, ao ver que para elle tudo terminara, de passo que eu ainda tinha tudo deante de mim. Podemos, portanto, dizer, com todo o direito, que nem um só dos elementos do numero 2.467 carecia de determinação inconsciente".

Depois desse primeiro exemplo de interpretação de um numero escolhido com apparente arbitrariedade, muitas vezes repeti a experiencia com o mesmo resultado, mas taes casos são, em sua maioria, de conteúdo tão intimo, que não é possivel publica-los.

Por isso mesmo não quero deixar de expôr aqui uma interessantissima analyse de "numero arbitrario", commu-

nicado ao dr. Alfred Adler (Vienna), por um individuo conhecido seu e "perfeitamente são" ("Tres Psychanalyses de quantidades arbitrarias e numeros obsessionaes". — Psych. Neur. Wochenschrift, Nr. 28, 1905) : "F. escreve-me: "Esta noite estive lendo a "Psychopathologia da vida quotidiana", e teria terminado sua leitura, se não mo houvesse impedido um curioso incidente. Ao chegar á parte em que se diz que todo o numero surgido com apparente arbitrariedade em nossa consciencia, tem uma significação bem definida, resolvi tirar a prova disto. Occorreu-me o numero 1734. Rapidamente appareceram as seguintes associações: .... 1734 -:- 17 = 102; 102 -:- 17 = 6. Depois, separei o numero 17 e 34. Tenho 34 annos e, como já creio ter-lhe dito, considero esta edade como o ultimo anno da juventude, o que me poz infinitamente melancolico em meu ultimo anniversario. Ao terminarem os meus dezesete annos, começou para mim um bello e interessante periodo de meu desenvolvimento espiritual. Adopto o principio de dividir minha vida em periodos de 17 annos. Que significam, pois, as divisões effectuadas? Minha associação ao numero 102 foi o volume 102 da Bibliotheca Universal Reclam, isto é, a obra de Kotzebue, intitulada "Misanthropia e Remorsos".

"Meu actual estado psychico é realmente de misanthropia e remorso. O volume numero 6 da Bibliotheca (sei de memoria as obras que correspondem ao numero de ordem de muitos volumes) é a "Culpa", de Muellner. A idéa de que por "culpa" minha não cheguei a ser tudo o que, de acordo com as minhas aptidões, poderia ter sido, é coisa que me atormenta continuamente. A associação seguinte foi que o volume 34 da Bibliotheca Universal é uma narrativa do mesmo Muellner, intitulada "Der Kaliber". Dividi esta palavra em Ka-liber, e minha primeira associação foi o pensamento de que nella estavam contidas outras duas: "Ali" e "Kali" (potassio). Isto me recordou que uma vez estava brincando com meu filho Ali, que então tinha seis annos, de compor quadrinhas, e lhe pedi que procurasse uma rima para a palavra Ali. Não lhe occorreu nenhuma, e ao pedirme que lha dissesse, construi a seguinte phrase: "Ali lava a

boca com permanganato de *potassio* (Kali)". Rimo-nos muito da idéa, e Ali foi muito docil naquelle dia. Ultimamente, tem-me desgostado verificar que meu filho *não tem sido um bom Ali* (*ka* — ou *kein* — *li*eber *Ali* sei).

"Ao chegar a este ponto, perguntei: "Qual é a obra numero 17 da Bibliotheca Universal?", e não pude recorda-lo. Não obstante, estou certo de que antes o sabia perfeitamente, tendo de admittir, portanto, que por algum motivo quizera esquece-lo. Todo esforço para me lembrar foi inutil. Quiz continuar a lêr, mas só pude faze-lo mecanicamente e sem conseguir assimilar sequer uma palavra, pois o tal numero 17 continuava a atormentar-me. Apaguei a luz e continuei procurando. Afinal me occorreu que o volume 17 devia conter uma obra de Shakespeare. Mas qual? Veiome á mente "Hero e Leandro", mas logo comprehendi que esta idéa não passava de uma insensata tentativa de minha vontade, para desviar-me do bom caminho. Resolvi levantar-me da cama, para consultar o catalogo da B. U., e nelle vi que o volume 17 era o "Macbeth". Para surpresa minha, descobri que, apesar de ter lido esta obra com a mesma attenção e interesse que as demais tragedias shakespearianas, não me lembrava quasi nada de seu conteúdo. As associações foram apenas: assassino, Lady Macbeth, feiticeiras, "o bello é feio", e a recordação de ter achado admiravel a traducção que Schiller fez desta obra. Sem duvida, quiz esquecer o "Macbeth". Depois, ainda pensei que 17 e 34 divididos por 17 dão como quocientes, respectivamente, 1 e 2. Os numeros 1 e 2 da B. U. correspondem ao "Fausto", de Goethe. Sempre achei em mim algo semelhante a esta personagem".

Devemos lamentar que a discreção do medico não nos permitta penetrar na significação profunda desta serie de associações. Adler observa que o paciente não conseguiu realizar a synthese de suas analyses. Estas não nos teriam parecido dignas de communicação, se a seguir não surgisse uma coisa, que nos dá a chave para a comprehensão do numero 1.734 e de toda a serie de associações.

"Esta manhã, succedeu-me algo que depõe muito a fa-

vor da verdade da theoria freudista. Minha esposa, a quem despertara á noite, quando me levantei para consultar o catalogo da B. U., perguntou-me o que fôra procurar nelle, a taes horas. Contei-lhe toda a historia e ella achou que aquillo era uma complicação, menos — coisa interessantissima — o que se referia á minha aversão pelo "Macbeth". Em seguida, accrescentou que nada lhe occorria, ao pensar num numero, e eu lhe respondi: "Vamos tirar a prova". Minha mulher disse um numero 117, e eu, ao ouvi-lo, retruquei: "17 está em relação com o que te acabo de contar, e, além disto, recorda o que hontem te disse: "Quando uma mulher tem 82 annos e o marido 35, o matrimonio é um equivoco irritante". Nos ultimos dias, vinha enraivecendo minha esposa com a pilheria de que parecia uma velhinha de 82 annos. 82 + 35 = 117.

O marido, que não conseguia determinar o seu proprio numero, encontrou immediatamente a solução, quando a esposa lhe disse outro, apparentemente escolhido de modo arbitrario. Na verdade, a mulher descobrira de que complexo provinha o numero do esposo, e escolhera o seu retirando-o do mesmo complexo, que decerto era commum a ambos, dado que se tratava da proporção de suas respectivas edades. Agora já nos é facil interpretar o numero escolhido pelo marido. Como Adler indica, esse numero exprime um desejo reprimido, que, totalmente desenvolvido, diria o seguinte: "Para um homem de 34 annos, como eu, o que convém é uma mulher de 17".

Para que se não menosprese demasiado esta casta de "jogos de paciencia", accrescentarei que, conforme me communicou ha pouco o dr. Adler, o referido individuo separou-se da esposa um anno após a publicação da analyse anterior (64).

---

(64) Para esclarecer o que se refere ao "Macbeth", volume 17 da B. U., o dr. Adler communica-me que o paciente da analyse ingressou, aos 17 annos, numa sociedade anarchista que tinha por fim assassinar o rei. Foi por isto talvez que esqueceu o enredo do "Macbeth". Naquella época, o referido paciente recebeu uma communicação secreta, em que as letras eram substituidas por numeros.

Adler dá explicações analogas, para a origem dos numeros obsessionaes. A escolha dos chamados "numeros predilectos" tambem não deixa de estar em relação com a vida do individuo, apresentando certo interesse psychologico. Um cavalheiro, que reconhecia sua especial preferencia pelos numeros 17 e 19, poude explica-la, após curta meditação, dizendo que foi aos 17 annos que começou sua independente vida universitaria, por muito tempo desejada, e aos 19, emprehendeu sua primeira viagem importante, pouco depois da qual realizou sua primeira descoberta scientifica. Entretanto, a fixação da preferencia por esses numeros só se verificou quando elles tambem adquiriram uma relação importante com sua vida erotica. Tambem nos numeros que, com apparente arbitrariedade, frequentemente pronunciamos em relação com determinados contextos, podemos encontrar, graças á analyse, um sentido inesperado. Foi o que succedeu a um de meus clientes, que costumava exclamar, quando se sentia impaciente ou desgostoso: "Já te disse isso 17 ou 36 vezes", e quiz saber se existia alguma determinação para o constante apparecimento desses numeros na phrase. Quando reflectiu sobre isto, occorreu-lhe que nascera num dia 27, e seu irmão menor num dia 26, e que podia queixar-se de que o destino lhe roubara muitas coisas boas, para concede-las a seu irmão menor. Assim, pois, representava esta parcialidade do destino, tirando dez da data de seu nascimento e accrescentando-os á de seu irmão. "Sou o maior e, não obstante, fui diminuido".

Insisto nestas analyses de occorrencias de numeros, porque não conheço outra classe de observações individuaes, que demonstrem tão claramente a existencia de processos mentaes de tão grande coherencia, e que, entretanto, permaneçam desconhecidos pela consciencia, nem melhor exemplo de analyse, em que absolutamente não possa intervir a cooperação do medico (suggestão), a que com tanta frequencia se attribuem os resultados de outras experiencias psychanalyticas. Portanto, communicarei aqui, com a autorização do interessado, a analyse de uma occorrencia de um numero a um parente meu, a cujo respeito só preciso dar

dois dados: era o menor de uma série de irmãos, e seu pae, a quem muito queria e admirava, morrera sendo elle ainda criança. Achando-se num sereno e alegre estado de animo, deixou que lhe occorresse o numero 426718, e perguntou a si mesmo: "Vejamos, em que penso ante este numero? Em primeiro logar, na seguinte pilheria que certa vez ouvi: Quando a gente se resfria e chama o medico, dura-lhe a doença 42 dias; se não se chama o medico nem se trata a doença, dura 6 semanas". Isto corresponde ás primeiras cifras do numero 42 = 6 X 7. Depois desta primeira solução, meu paciente já não poude seguir adeante, e eu ajudei-o chamando-lhe a attenção para o facto de que, no numero de seis algarismos por elle escolhido, existiam os oito primeiros, excepção feita do 3 e do 5. Então, elle logo achou a sequencia da analyse. "Somos — disse — 7 irmãos, sendo eu o menor de todos. O numero 3 corresponde, nesta série, á minha irmã A., e o 5 a meu irmão L. Ambos se compraziam em irritar-me quando eramos todos meninos, e, nessa época, eu costumava rogar a Deus, todas as noites, que tirasse a vida a meus dois carrascos. No caso actual, parece-me que, por mim mesmo, realizei este desejo. Effectivamente, 3 e 5, o irmão perverso e a irmã odiada desappareceram". Eu observei: "Então, se o numero por você pronunciado significa a serie de irmãos, a que vem o 18 que apparece no fim? Vocês não passam de 7". Elle respondeu: "Muitas vezes pensei que, se meu pae tivesse vivido mais tempo, eu não seria o menor de meus irmãos. Se nascesse mais 1, seriamos 8, e eu teria depois de mim um irmãozinho, com quem poderia fazer de irmão maior".

Com isto, ficou explicado o numero que lhe occorrera, mas restava-nos ainda reconstitnir a connexão entre a primeira e a segunda parte da analyse, coisa que nos é facil, partindo da condição necessaria aos ultimos algarismos, isto é, que o pae tivesse vivido mais tempo. 42 = 6 X 7 significava um gracejo contra os medicos, que não tinham podido impedir a morte de seu pae, e, portanto, exprimia deste modo o desejo de que o pae continuasse a viver. O total correspondia, na realidade, á realização de seus dois desejos infan-

tis relativos ao circulo familiar: a morte dos dois irmãos perversos e o nascimento de um irmãozinho, desejos que se poderiam concretizar na seguinte phrase: "Que bom seria se tivessem morrido meus dois irmãos em vez de meu querido pai!" (65).

Um pequeno exemplo que me foi communicado por um de meus correspondentes: O chefe dos telegraphos de L. escreveu-me que seu filho, rapaz de 18 para 19 annos, que desejava estudar Medicina, já se occupava com a psychopathologia da vida quotidiana, procurando convencer seus paes da verdade de minhas theorias. Dou aqui uma de suas experiencias, sem julgar a discussão que se faz em torno do caso:

"Meu filho estava falando com minha mulher do que se chama "casual", e explicava que lhe seria impossivel citar uma poesia ou um numero sequer que se pudesse considerar occorrido de um modo completamente "casual". A este respeito, desenrolou-se a seguinte conversação:

"O filho — Dize-me um numero qualquer.

"A mãe — 79.

"O filho — Que te occorre em relação com elle?

"A mãe — Penso num lindo chapéo que vi hontem.

"O filho — Quanto custava?

"A mãe — 158 marcos.

"O filho — Ahi está: 158 -:- 2 = 79. Pareceu-te muito caro o chapéo, e decerto pensaste: "Se custasse a metade, compra-lo-ia".

"Contra esta opinião de meu filho, allеguei, em primeiro logar, a objecção de que as mulheres não costumam ser muito fortes em mathematica, e que o mais certo era que sua mãe não tivesse visto claramente que 79 era metade de 158, disso se deduzindo que sua theoria suppunha o subconsciente melhor calculador do que a consciencia normal. Meu filho respondeu: "Nada disto. Mesmo concedendo que mamãe não tenha feito o calculo 158 ÷ 2 = 79, póde muito

---

(65) Para simplificar, supprimi algumas occorrencias intermediarias, menos interessantes, do paciente.

bem ter visto nalgum logar essa egualdade ou então ter sonhado com o chapéo, dizendo a si mesma: "Ainda que só custasse a metade, seria muito caro".

Da obra de Jones tantas vezes citada, tiro (Pag. 478) a seguinte analyse de um numero: Um conhecido do autor disse ao acaso o numero 986, desafiando-o a que o relacionasse com algum pensamento seu. A primeira associação do individuo foi a recordação de uma pilheria, que já esquecera ha muito tempo. Seis annos antes, no dia mais quente do verão, um jornal publicara a noticia de que o thermometro alcançára 986° Fahrenheit, grotesco exagero do numero real 98°6. Durante essa conversação, estavamos sentados junto á lareira, em que ardia um grande fogo, do qual o individuo se afastara dizendo, não sem razão, que o calor sentido é que o fizera recordar a referida anecdota. Não obstante, não me dei tão facilmente por satisfeito e pedi que me explicasse como lhe ficara tão fortemente gravada no cerebro aquella reminiscencia. Disse-me então que o engraçado erro o fizera rir de tal maneira, que ainda não podia deixar de diverti-lo, toda a vez que o recordava. Mas, como não achasse o erro tão engraçado, firmei-me cada vez mais na suspeita de que detraz de tudo aquillo havia algum sentido occulto. Seu pensamento seguinte foi o de que a representação do calor sempre lhe parecera importantissima. O calor era o elemento mais valioso do mundo, a fonte da vida, etc., etc. Tal enthusiasmo, num joven geralmente timido, não deixou de parecer-me suspeito, e eu lhe pedi que proseguisse suas associações. A primeira dellas relacionava-se com a chaminé de uma fabrica, que avistava da janella de seu quarto. A' noite, costumava fita-la, meditando na lamentavel perda de energia resultante do facto de não haver meio de utilizar o calor, que se desperdiçava com o fumo e as fagulhas que por ella sahiam. Calor, fogo, fonte de vida, energia perdida ao sahir por um tubo, não era difficil adivinhar, por estas associações, que a representação "calor e fogo" nelle estava ligada á representação do amor, e que sua occorrencia numerica fôra motivada por um forte complexo de masturbação".

Os que quizerem adquirir um conhecimento exacto de como se elabora, no pensamento inconsciente, o material numerico, pódem consultar o trabalho de C. G. Jung, intitulado "Contribuição ao conhecimento dos sonhos de numeros" (Zentralblatt fuer Psychoanalyse, I-1912) e outro de E. Jones, "Unconscious manipulations of numbers" (Ibd. II-5-1912).

Em analyses pessoaes deste genero, dois factos me chamaram particularmente a attenção: Primeiro, a segurança de somnambulo com que sempre vou directamente ao fim que desconheço, sumindo-me numa reflexão mathematica que chega de repente ao numero procurado, e a rapidez com que se verifica todo o labor subsequente; e, segundo, o facto de os numeros se apresentarem com grande facilidade á disposição de meu pensamento inconsciente, sendo como sou um pessimo mathematico e custando-me a maior difficuldade poder recordar conscientemente datas, numeros de casas e coisas analogas. Além disto, nestas operações mentaes inconscientes com algarismos, encontro em mim uma tendencia á superstição, cuja origem desconheci por muito tempo (66).

---

(66) O senhor Rudolf Schneider, de Munich, expoz uma interessante objecção ao valor demonstrativo destas analyses de numeros (E. Schneider — A investigação freudista das occorrencias de numeros. — Internat. Zeitschr. f. Psychoanalyse. — 1920-I). Escolhendo um numero dado, por exemplo, a primeira data que se lhe deparava ao abrir um livro de historia, ou communicando a outra pessoa um numero por elle escolhido, Schneider fez a experiencia de ver se ante esse numero tambem se apresentavam associações apparentemente determinantes. Na pratica, apresentaram-se effectivamente taes associações. Num exemplo, producto de uma auto-analyse, que Schneider nos communica, o resultado das associações emergentes foi uma determinação tão rica e significativa como a que resulta de nossas analyses de numeros expontaneamente surgidos. Ora, na experiencia de Schneider o numero não precisava de determinação alguma, por ter sido dado exteriormente. Noutro caso, Schneider facilitou demasiado a tarefa, pois o algarismo que deu foi o 2, cuja determinação é necessariamente alcançada por qualquer material e em qualquer pessoa.

Destas investigações, Schneider deduz duas coisas: Primeiro, que "o psychico possue a mesma possibilidade de associação tanto no que concerne aos numeros, como no que se refere aos conceitos", e, segundo, que a emergencia de associações determinantes, ante numeros expontaneamente enunciados, não demonstra que estes numeros sejam originados pelos pensamentos que se revelam na analyse. A primeira consequencia é de uma certeza indubitavel. A um numero dado podemos associar algo pertinente com a mesma facilidade que a uma palavra dada, e talvez ainda mais facilmente, pois a faculdde de associação dos poucos algarismos é especialmente grande. Achamo-nos então simplesmente na situação da chamada experiencia de associação, que foi estudada em todos os sentidos pela escola de Bleuler-Jung. Nessa situação, a correspondencia (reacção) é determinada

Não nos surprehenderá verificar que não só as occorrencias expontaneas de numeros, mas tambem as de palavras de outra ordem, se mostrem, quando submettidas á analyse, perfeitamente determinadas.

Jung nos apresenta um precioso exemplo de derivação de uma palavra obsedante (Diagnost. Assoziationsstudien, IV, pag. 215): "Uma senhora me contou que, ha alguns dias, lhe vinha constantemente á boca a palavra *Taganrock*, sem que tivesse a menor idéa de qual poderia ser a causa dessa obsessão. A' minha pergunta sobre que factos importantes lhe haviam acontecido e que desejos reprimidos tivera nos dias anteriores, respondeu, depois de hesitar um pouco, que teria muito gosto em comprar um vestido matinal (*Morgenrock*), mas seu marido não parecia disposto a satisfaze-la. "Morgenrock" e "Tagan-rock" têm, não só uma semelhança de som, mas tambem, em parte, de sentido (Morgen — manhã. Tag — dia. Rock — vestido). A determinação da fórma russa "Taganrog" provinha do facto de a senhora ter sido apresentada, naquelles dias, a uma pessoa residente nessa cidade eslava".

Ao dr. E. Hitschmann, devo a solução de outro caso, em que um verso se apresentava expontaneamente á memoria

---

pela palavra dada (palavra-estimulo). Todavia, esta reacção póde ser de natureza bem diversa, e as investigações de Jung demonstraram que a differenciação não está entregue ao "acaso", e que, ao contrario, na determinação tomam parte "complexos" inconscientes, quando feridos pela palavra estimulo.

A segunda conclusão de Schneider vae demasiado longe. Do facto de que ante numeros (ou palavras) dados surjam occorrencias correlatas, não se póde deduzir, sobre a derivação dos numeros (ou palavras) expontaneamente emergentes, nada que não devesse ser levado em conta antes do conhecimento deste facto. Taes occorrencias (palavras ou numeros) podiam ser indeterminadas, determinadas pelos pensamentos que surgem na analyse, ou, emfim, determinadas por outros pensamentos que nella se não tenham revelado, em cujo caso ella nos teria enganado. Devemos libertar-nos da tendencia a crêr que o problema para os numeros se dispõe de modo diverso daquelle em que se trata de palavras. Não está na intenção deste livro realizar uma investigação critica do problema e, com ella, uma justificação da technica psychanalytica, nesta questão das idéas expontaneas. Na pratica analytica, partimos da hypothese de que a segunda das referidas possibilidades é a certa e utilizavel na maioria dos casos. As investigações de um psychologo experimental (Poppelreuter) demonstraram que é a mais provavel — (Vejam-se, além disto, sobre esta questão, as importantes considerações de Bleuler, em seu livro "Das autistisch-undisziplinierte Denken", 1919, capitulo IX, Von der Wahrscheinlichkeiten der psychologischen Erkenntnis).

de um individuo, sempre que passava por um determinado logar geographico, sem que se pudesse perceber sua origem ou relação.

"Observação feita pelo sr. E., doutor em Direito: Ha seis annos, viajava eu de Biarritz a San Sebastián. A estrada de ferro corta o Bidasoa, que, naquelle sitio, constitue a fronteira entre a França e a Espanha. Da ponte que atravessa o rio, a vista é linda. De um lado, um amplo valle que termina nos Pyrineus, e do outro, o mar. Era um formoso e claro dia estival, todo cheio de luz e de sol; eu estava em viagem de férias, muito contente de visitar a Espanha. Nesse logar e nessa situação, occorreram-me de repente os seguintes versos: "Mas a alma já está livre, — fluctuando num mar de luz".

"Recordo que então pensei de onde poderiam proceder taes versos, sem que me fosse possivel averiguar. Dado seu rythmo, aquellas phrases deviam formar parte de uma poesia; mas o resto desta, assim como seu titulo e autor, tinham desapparecido completamente de minha memoria. Tambem creio que depois, tendo-os recordado repetidas vezes, perguntei por elles a diversas pessoas, sem que ninguem me solucionasse a duvida.

"No anno passado, tornei a percorrer o mesmo caminho, ao regressar de outra viagem á Espanha. Era noite fechada e escura: chovia torrencialmente. Olhei pela janellinha, para ver se já estavamos perto da fronteira. Vi então que atravessavamos a ponte sobre o Bidasoa. Immediatamente tornaram a emergir em minha memoria os mencionados versos, sem que pudesse ainda lembrar-me de sua origem.

"Varios meses após, apanhei em casa um volume de poesias de Uhland, e, ao abri-lo, depararam-se-me os versos: "Mas a alma já está livre — fluctuando num mar de luz", que constituem o fecho de uma poesia intitulada: "O peregrino". Reli-a e recordei muito confusamente te-la conhecido ha uma porção de annos atraz. O logar da acção é a Espanha, e esta me pareceu ser a unica relação que o verso recordado tinha com o logar em que me viera á mente. Não

fiquei muito satisfeito com a descoberta, e continuei folheando o livro. Os versos: "Mas a alma já está livre, etc." eram os ultimos de uma pagina, e ao dar volta á folha, constatei que a poesia que começava na pagina seguinte se chamava: "A ponte do Bidasoa".

"Ainda quero observar que o conteúdo desta poesia me pareceu mais desconhecido que o da primeira, e que as palavras com que começa são as seguintes: "Na ponte do Bidasoa, ergue-se um velho Santo, abençoando á direita as montanhas espanholas e á esquerda os valles francos".

2. Esta comprehensão da determinação de nomes e numeros apparentemente escolhidos de modo arbitrario póde, talvez, contribuir para o esclarecimento de outro problema. E' sabido que um grande numero de pessoas allega, contra a affirmação de um absoluto determinismo psychico, sua intensa convicção da existencia de uma vontade livre. Essa convicção sentimental não é incompativel com a crença no determinismo. Como todos os sentimentos normaes, deve ter alguma justificação. Mas, pelo que pude observar, não se manifesta nas decisões grandes e importantes, em que antes temos a sensação de uma coacção psychica, com a qual nos desculpamos. ("E'-me impossivel fazer outra coisa"). Em compensação, nas resoluções triviaes e indifferentes, sentimo-nos seguros de ter podido agir de um modo ou de outro, isto é, de ter agido com a vontade livre, não motivada. Depois de nossas analyses, não se faz mistér discutir o direito ao sentimento de convicção quanto á existencia do livre arbitrio. Se distinguimos a motivação consciente, da motivação inconsciente, esse sentimento de convicção nos indicará que a motivação consciente não se estende a todas as nossas decisões motoras. *Minima non curat praetor.* Mas o que por este lado fica livre, recebe sua motivação pelo outro, pelo inconsciente, e deste modo se consegue, sem solução de continuidade, a determinação no reino psychico (67).

---

(67) Essa doutrina da rigorosa determinação de actos apparentemente arbitrarios deu ricos frutos á Psychologia e talvez tambem á Justiça. Bleuler e Jung tornaram deste modo intelligiveis as reacções na chamada "experiencia de associação", em que o individuo estudado deve res-

3. Se bem que o conhecimento da motivação dos actos falhados anteriormente descriptos deva escapar completamente ao pensamento consciente, seria, comtudo, de desejar que se descobrisse uma prova psychica da existencia da mesma, e, na realidade, por motivos que se nos revelam, á medida que vamos penetrando no conhecimento do inconsciente, parece provavel que taes provas possam ser encontradas nalgum logar. Com effeito, em dois pontos se pódem assignalar determinados phenomenos, que parecem corresponder a um conhecimento inconsciente e, portanto, deslocado, dessa motivação.

a) Um traço singular e geralmente observado da conducta dos paranoicos é o facto de interpretarem e utilizarem como base de subsequentes deducções, dando-lhes exagerada importancia, as minucias pequenas e triviaes que observam na conducta dos demais, pormenores a que os individuos normaes nem sequer prestam attenção. O ultimo paranoico de quem tratei, deduziu que existia uma certa confabulação entre os que o rodeavam, por ter visto, ao partir em viagem, que toda a gente que ficava na estação após o trem sahir, fazia o mesmo gesto com a mão. Outro observou a maneira que as pessoas têm de andar na rua, ou levar a bengala, etc. (68).

A categoria dos factos accidentaes, que não necessitam de motivação, na qual o individuo normal inclue uma parte de suas proprias actividades psychicas e de seus actos falhados, é repellida pelo paranoico, quando se trata das manifestações psychicas dos demais. Tudo o que observa nos outros é significativo e passivel de interpretação. Mas, como

---

ponder a uma palavra que lhe dirigem (palavra-estimulo) com outra que lhe occorra ao ouvi-la (reacção), medindo-se o tempo que decorre entre uma e outra (tempo de reacção). Jung demonstrou, em seus "Diagnostische assoziationsstudien", 1906, que excellente reactivo para os estados psychicos possuimos nesta experiencia de associação. Dois discipulos do professor de Direito Penal, H. Gross, de Praga, os srs. Wertheimer e Klein organizaram, baseados nessas experiencias, uma technica para o diagnostico de factos (**Tatbestands-Diagnostik**), em casos de crime, technica cujo exame e verificação occupa actualmente psychologos e juristas.

(68) Partindo de outros pontos de vista, esta interpretação das exteriorizações nimias ou casuaes foi attribuida ás "neuroses de referencia" (**Beziehungswahn**).

chega a considera-lo assim? Provavelmente aqui, como em muitos outros casos analogos, projecta na vida psychica dos outros homens o que na sua existe de inconsciente. Na paranoia, tornam-se conscientes muitas coisas que nos individuos normaes ou nos neuroticos permanecem no inconsciente, e cuja existencia neste systema só se revela por meio da psychanalyse (69). Assim, pois, neste ponto, o paranoico tem razão em certo sentido. Percebe algo que escapa ao individuo hygido, vê mais claramente que um homem de capacidade intellectual normal, mas o deslocamento do que assim percebe nos outros annulla o valor do conhecimento adquirido. Confio em que não esperarão de mim a justificação neste livro de todas as interpretações paranoicas. Entretanto, farei observar que este principio de justificação que concedemos ás paranoias, em nossa concepção dos actos accidentaes, nos facilitará a comprehensão psychologica da convicção que no paranoico está ligada a estas duas interpretações. *Nellas existe realmente alguma coisa verdadeira;* e é do mesmo modo que os nossos erros de julgamento, que não se classificam como pathologicos, adquirem seu sentimento de convicção. Este sentimento parece justificado no que se refere a uma determinada parte do raciocinio errado ou á fonte de que deriva, e em seguida o estendemos ao contexto restante.

b) Os phenomenos da superstição nos dão outras indicações sobre o conhecimento deslocado e inconsciente da motivação dos actos accidentaes e falhados. Tratarei de expôr claramente minha opinião sobre estas questões, relatando um caso simples, que constituiu para mim o ponto de partida destas reflexões.

Ao voltar das férias, meus pensamentos logo se dirigiram para os clientes que deviam occupar minha actividade,

---

(69) As fantasias dos hystericos, concernentes a sevicias e abusos sexuaes, que a analyse trata de tornar conscientes, coincidem occasionalmente, até os mais infimos pormenores, com as lamentações dos paranoicos perseguidos. E' singular, mas não incomprehensivel, o facto de tambem encontrarmos o mesmo conteúdo, como uma realidade, nos actos executados pelos perversos, para a consecução de seus desejos.

no anno de trabalho que se iniciava. Minha primeira visita foi para uma senhora edosa, a quem, já durante alguns annos, vinha visitando duas vezes ao dia, para lhe prestar, em cada uma dellas, os mesmos cuidados profissionaes (veja-se o capitulo VIII). A monotonia de meu trabalho fôra muitas vezes aproveitada por meus pensamentos inconscientes, para encontrarem um meio de exteriorizar-se, tanto no caminho para a casa da velha cliente, como na occasião em que della cuidava. Como a referida senhora já era nonagenaria, eu podia perguntar a mim mesmo, no inicio de cada temporada, se estaria viva no fim della. No dia em que me succedeu o que aqui pretendo narrar, estava com o tempo muito escasso e tomei um carro para dirigir-me á casa de minha cliente. Todos os cocheiros que estacionam em frente á minha casa já conhecem o endereço da anciã, por me terem conduzido a seu domicilio repetidas vezes; mas naquelle dia, succedeu que o que me levava se enganasse, indo deter o carro numa casa do mesmo numero, mas situada numa rua proxima, parallela á verdadeira. Adverti o erro e censurei o cocheiro, que se desculpou um tanto confuso. Teria alguma significação o facto de o carro me conduzir a uma casa em que não morava a velha cliente? Para mim, nenhuma. Mas se eu fosse *supersticioso,* teria neste facto um aviso do destino de que aquelle anno seria o ultimo da vida da senhora. Grande numero de presagios conservados na Historia não se baseiam em melhor symbolismo. Entretanto, considero este incidente como um simples acaso, sem maior significação.

A coisa seria bem diversa, se houvesse feito a pé o caminho e "immerso em meus pensamentos", ou "distrahido", tivesse ido parar a uma outra rua, que não a verdadeira. A isto já não chamaria absolutamente "casualidade", considerando-o antes como um acto executado com intenção inconsciente, carecendo de interpretação. A explicação que daria a este erro seria esta: dentro em breve, já não esperava encontrar a anciã em casa.

Assim, pois, differencio-me de um supersticioso no seguinte:

Não creio que um facto, em que não tome parte minha

vida psychica, me possa revelar o futuro aspecto da realidade, e sim que uma manifestação não intencionada de minha propria actividade psychica me revela algo occulto que, por sua vez, tambem pertence exclusivamente a ella. Creio em accidentes casuaes exteriores (reaes), mas não numa casualidade interior (psychica). Ao contrario, o supersticioso ignora absolutamente a motivação de seus actos casuaes e actos falhados, e crê na existencia de casualidades psychicas, estando, por conseguinte, propenso a attribuir ao accidente exterior uma significação, que mais tarde se manifestará numa realidade, e a ver no que é casual um meio de exteriorização de alguma coisa que não está dentro delle, permanecendo todavia occulta a seus olhos. A differença entre eu e o supersticioso manifesta-se em duas coisas. Primeiramente, o supersticioso projecta para o exterior uma determinação que eu busco no interior, e, em segundo logar, interpreta o accidente por um successo real, que eu reduzo a um pensamento. Mas, no supersticioso, o elemento occulto corresponde ao que em mim é o inconsciente, sendo-nos commum o impulso a não deixar passar o casual como tal, e sim a interpretalo (70).

Admitto, pois, que este desconhecimento consciente e conhecimento inconsciente da motivação das casualidades seja uma das raizes psychicas da superstição. E' por igno-

(70) Num trabalho intitulado "Psychanalyse e superstição" (Int. Zeitschrift f. Psychoan., VIII, 1922), N. Ossipow refere o seguinte exemplo, destinado a precisar as differenças entre as interpretações supersticiosa, psychanalytica e mystica, de um mesmo facto. No mesmo dia de seu casamento, celebrado numa pequena cidade provincial, Ossipow partiu em viagem de nupcias, rumo a Moscou. Já perto do termo da viagem, numa estação situada a cerca de duas horas de Moscou, occorreu-lhe descer do trem, para dar uma espiada á povoação. Suppondo que a parada duraria o bastante para lhe permittir stisfazer seu desejo, atravessou a estação e andou alguns momentos na direcção da cidade. Mas, ao regressar, constatou que o trem já partira, levando a sua esposa. Sua velha ama, ao ter noticia deste facto, exclamou com um ar preoccupado: "Este casamento acabará mal!" Ossipow acolheu com grandes gargalhadas a prophecia. Mas quando, cinco meses após, se viu divorciado, teve de interpretar o que lhe succedera na viagem de nupcias, como um "protesto inconsciente" contra seu matrimonio. A cidade em que lhe occorreu o acto falhado adquiriu, para elle, annos mais tarde, uma importante significação, pelo facto de nella residir uma pessoa, a quem o destino em seguida o uniu intimamente. Por occasião de seu matrimonio, ainda não conhecia a tal pessoa, nem sequer suspeitava de sua existencia. Mas a interpretação mystica do facto seria a de que o ter abandonado naquella cidade o trem de Moscou e a esposa que nelle viajava, constituia um signal do futuro.

rar a motivação dos proprios actos accidentaes e porque essa motivação luta por ser reconhecida, que o supersticioso se vê obrigado a transporta-la, graças a um deslocamento, para o mundo exterior. Esta relação, se existe, decerto não se limitará a este caso isolado. Creio, effectivamente, que uma grande parte da concepção mythologica do mundo, que ainda perdura no seio das mais modernas religiões, *não passa de psychologia projectada no mundo exterior.* A obscura percepção (poderiamos dizer: percepção endopsychica) dos factores psychicos e relações (71) do inconsciente reflecte-se — é difficil exprimi-lo de outro modo e, para faze-lo, temos de apoiar-nos nas analogias que este problema tem com a paranoia — reflecte-se, diziamos, na construcção de uma *realidade suprasensivel,* transcendental, que a sciencia deve tornar a transformar em *psychologia do inconsciente.* Deste modo, ou seja, transformando a *metaphysica* em *metapsychologia,* poderiamos, pois, atrever-nos a solucionar os mythos do Paraiso, do Peccado original, de Deus, do Bem e do Mal, da immortalidade, etc. A differença existente entre o deslocamento operado pelo supersticioso e o do paranoico é menor do que parece á primeira vista. Os homens, quando começaram a pensar, viram-se indubitavelmente compellidos a interpretar anthropomorphicamente o mundo exterior, como uma pluralidade de pessoas feitas á sua imagem. Eis por que as casualidades, a que davam uma interpretação supersticiosa, eram, para elles, actos e manifestaçeõs de pessoas. Dahi, portarem-se como os paranoicos, que tiram deducções e conclusões dos signaes insignificantes que observam em todo o mundo, e como os individuos sãos, que utilizam, mui justificadamente, como base para a avaliação do caracter de seus semelhantes, os actos accidentaes e não intencionados que nelles observam. Nossa moderna concepção do mundo, scientifica, mas que anda longe de estar definitivamente fixada, é o que nos faz considerar a superstição deslocada nos

(71) Que não devemos confundir com o verdadeiro conhecimento, cujas caracteristicas lhe faltam.

tempos que correm. Na concepção do mundo em tempos e povos pre-scientificos, a superstição era justificada e logica.

O romano, que, ao observar em seu caminho um vôo de passaros que constituia um máo presagio, abandonava importante emprehendimento, tinha certa razão ao agir assim, pois agia de acordo com seus principios. Mas quando renunciava á empresa por ter tropeçado no umbral da casa (um romano voltaria atraz) mostrava-se muito superior a nós outros os descrentes e muito melhor psychologo do que nos esforçamos por chegar a ser, pois esse tropeção devia revelar-lhe a existencia de uma duvida, de uma contra-corrente interior, cuja força era sufficiente para burlar o poder de seu proposito consciente, no momento de iniciar a execução. Só se póde ter certeza do exito integral quando todas as forças da alma se orientam em unisono para o fim proposto. Qual é a resposta do Guilherme Tell, de Schiller, que por tanto tempo hesitou antes de alvejar a maçã collocada na cabeça de seu filho, quando Gessler lhe pergunta por que preparara outra flecha?

"Esta era para vós, se com a outra ferisse meu filho. E podeis crer que na segunda vez não erraria".

4. Quem já teve occasião de investigar, por meio da psychanalyse, as tendencias psychicas occultas dos homens, está em condições de expôr muitas coisas novas sobre a natureza dos motivos inconscientes, que se manifestam na superstição. E' nos individuos nervosos, dominados por idéas e estados obsessionaes, individuos em geral possuidores de claro entendimento, que se vê melhor que a superstição é originada de reprimidos impulsos crueis e hostis. A superstição é, em grande parte, um temor de desgraças futuras. As pessoas que frequentemente desejam mal a outras, mas que, em consequencia de uma educação orientada no sentido da bondade, reprimiram taes desejos, recalcando-os para o inconsciente, estão particularmente sujeitas ao receio de que, como castigo dessa maldade inconsciente, lhes succeda alguma desgraça, oriunda da realidade exterior.

Reconhecemos que com estas considerações estamos muito longe de esgotar a psychologia da superstição. Mas,

por outro lado, não queremos deixar de examinar a questão de se sempre devemos negar que a superstição tenha raizes reaes e que existam presentimentos, sonhos propheticos, experiencias telepathicas, manifestações de forças sobrenaturaes, etc. Longe de mim repellir ex-abrupto estes phenomenos, sobre os quaes existem tantas e tão penetrantes observações de homens de elevada mentalidade, devendo por conseguinte continuar a ser objecto de estudos. E' de esperar que algumas destas observações cheguem a ser totalmente esclarecidas, graças ao nosso incipiente conhecimento dos processos psychicos inconscientes, e sem nos obrigar a uma transformação fundamental de nossas concepções actuaes. Se se chegassem a demonstrar outros phenomenos, por exemplo, os affirmados pelos espiritistas, fariamos as modificações de nossas "leis" exigidas pelas novas experiencias, sem que isto acarretasse, para nós, uma confusão na ordem das coisas.

Dentro dos limites destas considerações, não posso responder a todas as perguntas que sobre esta materia se accumulam, a não ser subjectivamente, isto é, de acordo com a minha experiencia pessoal. Devo confessar que, desgraçadamente, pertenço á classe dos individuos indignos dos quaes o sobrenatural se afasta e a cujos olhos os espiritos occultam sua actividade, de sorte que jamais me succedeu coisa alguma que fizesse surgir em mim a fé nos milagres. Como todos os homens, tenho tido presentimentos e me aconteceram desgraças, mas estas jamais corresponderam áquelles. Meus presentimentos não se realizaram e as desgraças chegaram até mim sem se annunciarem. Na época em que, sendo muito joven, residia numa cidade estrangeira, succedeu-me ouvir varias vezes meu nome, pronunciado por uma querida voz inconfundivel, e sempre annotei o instante em que soffria a allucinação, para depois perguntar ás pessoas de minha familia ausentes o que no referido momento lhes occorrera. Minha allucinação jamais coincidiu com algum facto notavel. Em compensação, transcorridos muitos annos, estive em certa occasião attendendo a meus clientes com a maxima tranquillidade e sem a menor suspeita, emquanto meu

filho estava em risco de morte, por causa de uma hemorrhagia. Do mesmo geito, nunca nenhum dos presentimentos que me têm sido narrados por clientes poude obter de mim as honras de um phenomeno real.

A crença nos sonhos propheticos conta com um grande numero de adeptos, por ter um fundamento no facto de determinadas coisas succederem na realidade futura tal e qual o desejo as architectou no sonho. Mas isto nada tem de maravilhoso, e sempre, entre o sonho e sua realização, surgem grandes differenças, que a credulidade do individuo costuma não tomar em consideração. Uma cliente minha, pessoa muito intelligente e sincera, proporcionou-me certa vez a opportunidade de analysar com toda precisão um sonho seu, que bem poderiamos classificar de prophetico. Sonhara ter encontrado, em determinada rua e em frente a determinada loja, seu medico e antigo amigo da casa. Na manhã seguinte, passando no centro da cidade, encontrou-o realmente no sitio indicado pelo sonho. Devo fazer notar que este maravilhoso encontro não assumiu depois nenhuma significação importante, pois delle não resultaram consequencias apreciaveis. Por conseguinte, não se caracteriza como signal de acontecimentos futuros.

Um exame cuidadoso demonstrou que não existia prova alguma de que a senhora houvesse recordado esse sonho, na manhã seguinte á noite em que o teria sonhado, isto é, antes de sahir á rua e de se dar o encontro real. Do mesmo modo, nada poude allegar contra a minha concepção do facto, que lhe tirava todo aspecto sobrenatural, reduzindo-o ás proporções de um interessantissimo problema psychologico. Para mim, o caso era este: sahindo a senhora de manhã, ao encontrar na rua, deante de uma loja, seu velho medico e amigo, adquirira, no momento de ve-lo, a convicção de ter tido, na noite anterior, um sonho em que se encontrava a mesma pessoa, no mesmo sitio. Mais tarde, a analyse poude indicar, com grande verosimilhança, como a senhora chegara a adquirir tal convicção. Um encontro em logar determinado e após uma espera mais ou menos longa, constitue uma entrevista. O velho medico da casa fez surgir no

espirito da senhora a recordação de tempos passados, em que seus encontros com *uma terceira pessoa,* tambem amiga do medico, eram muito importantes para ella. Suas relações com essa pessoa ainda não se haviam interrompido; no dia anterior ao sonho a estivera esperando, sem ter o prazer de ve-la chegar. Se me fosse dado communicar aqui com mais pormenores tudo o que concerne a este caso, facil me seria demonstrar que a illusão do sonho prophetico surgida na senhora, ao ver o medico e amigo de tempos passados, equivalia á seguinte exclamação: "Ah, doutor! Faz-me lembrar a época em que nunca esperava debalde a chegada de N. á entrevista marcada".

Observei, em mim mesmo, um exemplo simples e de facil interpretação, dos "singulares encontros" em que de repente nos vemos precisamente ante a pessoa que nos occupava o pensamento, exemplo que constitue um bom modelo mesmo para os casos analogos. Poucos dias depois de me concederem o titulo de professor, que, nos paises de regime monarchico, ainda confere uma grande autoridade, meus pensamentos se entregaram, durante um passeio que fiz pelas ruas da cidade, a uma pueril fantasia vingativa, dirigida contra um casal que meses antes me chamara a cuidar de uma filha, assoberbada por uma curiosa obsessão após um sonho que tivera. Tomei um grande interesse pelo caso. Julgava-me capaz de obter a cura, mas os paes repelliram o tratamento proposto, dando-me a entender seu proposito de dirigir-se a uma autoridade medica estrangeira, que applicava um tratamento baseado no hypnotismo. Minha fantasia suppunha que os paes, depois do completo fracasso deste methodo, me rogavam tornasse a tratar de sua filha, manifestando-me que tinham absoluta confiança em mim, etc. Eu lhes respondia: "Sim, agora que obtive a cathedra de professor, têm confiança em mim. Mas o titulo não pode ter alterado minhas qualidades; se antes não lhes servia, tambem podem passar sem mim agora". Ao chegar a este ponto, minha fantasia foi interrompida pelo cumprimento: "Boa-tarde, sr. professor", que me dirigiram em voz alta. Erguendo a vista, vi cruzar-se commigo o casal de quem

tomara a fantastica vingança, recusando seu pedido de tornar a encarregar-me do tratamento da filha. O aspecto sobrenatural deste encontro dissipou-se quando comecei a raciocinar sobre elle. Eu ia por uma rua muito larga, recta e quasi deserta; assim avistara, de relance, o referido casal, quando ainda me achava a uns vinte passos de distancia. Mas, pelos motivos affectivos que em seguida desenvolveram sua influencia em minha fantasia vingativa, apparentemente expontanea, eu repellira, — conforme succede nas allucinações negativas, — essa percepção.

Otto Rank publicou, no Zentralblatt f. Psychoanalyse, II, 5, a seguinte "Solução de um supposto presentimento":

"Ha algum tempo, vivi uma estranha variante daquellas "singulares coincidencias" em que nos encontramos com a pessoa que precisamente nos occupava o pensamento nesse instante. Alguns dias antes do Natal, dirigia-me ao Banco Austro-Hungaro, para nelle obter dez moedas de prata de cunhagem nova, destinadas a uns presentes que pensava fazer por occasião das proximas festas. Mergulhado em ambiciosas fantasias, em que comparava meus escassos haveres com as enormes quantias accumuladas no Banco, entrei na estreita rua em que elle estava situado. Deante da porta do edificio bancario, por onde entrava e sahia muita gente, parara um automovel. Eu pensei: "O que aqui venho fazer não dará muito trabalho aos empregados. Bastar-me-á tirar minha nota e dizer: "Façam-me o favor de me dar *ouro*". Logo percebi meu engano — o que queria dizer era *prata* — e despertei de minha fantasia. Achava-me a poucos passos da entrada, e de repente vi encaminhar-se para mim um joven, que pensei reconhecer, mas cuja personalidade não pude fixar immediatamente, por causa de minha myopia. Quando chegou a meu lado, vi que era um condiscipulo de meu irmão, chamado *Gold* (ouro), que, por sua vez, tambem era irmão de um conhecido escriptor, com cujo auxilio eu contara no inicio de minha carreira literaria. Estas esperanças não se realizaram, e com ellas tambem desapparecera o exito economico que me occupava a fantasia durante o trajecto para o Banco. Absorto, pois, em minhas

fantasias, devia ter percebido a proximidade do sr. Gold (ouro), percepção que em minha consciencia, occupada numa scisma concernente ao exito economico, se transformou em minha resolução de pedir ao empregado *ouro* em vez de *prata,* metal menos valioso. Por outro lado, o facto paradoxal de meu inconsciente poder perceber um objecto antes deste ser reconhecido por meus olhos, fica em parte explicado pela "disposição ao complexo" (Komplexbereitschaft), de que Bleuler fala, a qual se achava orientada para a questão economica e guiou, desde o inicio, meus passos, apesar de eu não ignora-lo, áquelle edificio, onde só se troca ouro e papel-moeda".

A' categoria do miraculoso e estranho tambem pertence a sensação peculiar que, em certos momentos e situações, experimentamos de já ter vivido aquillo uma vez, de termos estado antes em contingencia identica, sem que todavia consigamos, por maior que seja o nosso esforço, recordar claramente taes experiencias e situações anteriores. Sei que, ao chamar de "sensação" aquillo que nos domina em taes momentos, não faço mais que empregar a imprecisa linguagem vulgar, pois do que se trata é de julgamento, e, com mais exactidão, de um juizo de reconhecimento. Não obstante, estes casos têm um caracter peculiarissimo, e não devemos esquecer que nelles jamais conseguimos recordar o que queremos. Não sei se este phenomeno de "já visto" tem sido seriamente considerado como prova de uma anterior existencia psychica do individuo; o que é certo é que os psychologos lhe têm dedicado seu interesse e têm tentado chegar á solução do problema, pelos mais diversos caminhos especulativos. Nenhuma das hypotheses explicativas até hoje apresentadas me parece acertada, pois em nenhuma dellas se toma em consideração qualquer coisa além das manifestações que acompanham o phenomeno e as condições que o favorecem. Aquelles processos psychicos que, de acordo com as minhas observações, devem ser considerados como os unicos responsaveis para a explicação do "já visto", isto é, as fantasias inconscientes, têm sido e ainda hoje são descuidados pelos psychologos.

Na minha opinião, é um erro classificar de illusão a sensação de "já ter vivido uma coisa". Ao contrario, em taes momentos nos achamos ante alguma coisa que na realidade já vivemos, mas que não póde ser recordada conscientemente, porque jámais foi consciente. Em summa: a sensação do "já visto" corresponde á recordação de uma fantasia inconsciente. Existem fantasias inconscientes (ou sonhos diurnos) do mesmo geito que existem creações conscientes analogas, que todos conhecemos, por experiencia propria.

Reconheço que esta questão seria digna de um estudo acuradissimo, mas aqui só quero expôr a analyse de um caso de "já visto", em que a sensação correspondente se notabilizou por uma especial intensidade e duração. Uma senhora de 37 annos affirmava recordar com a maxima clareza que, na edade de 12 annos, fizera uma primeira visita a umas condiscipulas suas que moravam no campo, e, ao entrar no jardim da casa em que estas residiam, experimentara immediatamente a sensação de ali já ter estado uma vez. Repetiu-se esta sensação ao entrar na casa, e de tal modo, que lhe parecia saber de antemão que o quarto era contiguo áquelle em que se encontrava, que panorama se divisava de suas janellas, etc. Sem embargo, podia-se repellir com absoluta segurança, e assim lho confirmaram os paes quando os interrogou a respeito, a suspeita de que esta sensação de reconhecimento fosse justificada por outra visita que tivesse feito á casa na primeira infancia. A senhora que me communicava este caso não lhe procurara uma explicação psychologica, limitando-se a vêr nessa sensação um signal prophetico da importancia que aquellas amigas suas deviam adquirir, de futuro, em sua vida sentimental. A apreciação das circumstancias em que lhe surgiu na mente o referido phenomeno, indica-nos o caminho para uma outra concepção do mesmo. Ao decidir visitar suas condiscipulas, a moça já sabia que o unico irmão destas estava gravemente enfermo. Durante a visita, teve occasião de ve-lo, e ao comprovar seu máo aspecto, pensou que não tardaria muito a morrer. Isto coincidia com o facto de, meses antes, seu

proprio irmão ter soffrido uma grave infecção diphterica, durante a qual fôra afastada de casa dos paes, para evitar o contagio, indo para a de um parente proximo. Julgava recordar que seu irmão, já curado, a acompanhara na visita ás condiscipulas e até que aquella fôra a primeira sahida mais longa, feita pelo convalescente, depois da enfermidade. Mas esta recordação se lhe deparava singularmente imprecisa, de passo que os demais pormenores do facto, e especialmente o vestido que trazia naquelle dia, lhe surgiam com a maior clareza ante os olhos. Para o perito nestas questões, não é nada difficil deduzir, destes signaes, que nessa época desempenhava no espirito da moça um papel importantissimo a esperança de que seu irmão morresse, sentimento que, ou não chegou a tornar-se consciente, ou foi energicamente reprimido após a cura delle. Se o irmão não se tivesse curado, a moça teria de usar outro vestido, ou seja um vestido de luto. Em casa das amigas, encontrou-se em situação analoga, isto é, o unico irmão estava em risco de morrer brevemente, coisa que de facto succedeu. A moça deve ter recordado conscientemente que ha poucos meses se vira em situação semelhante. Mas em vez de recordar este facto, que se achava inhibido pela repressão exercida, transferiu a sensação de recordar para o logar, o jardim e a casa, cahindo no "falso reconhecimento", com a idéa de já ter visto tudo aquillo alguma vez. Do facto da repressão, podemos deduzir que a esperança da morte do irmão não estava muito longe de possuir o caracter de uma fantasia-desejo. Morto o irmão, ficaria sendo filha unica. Na neurose que soffreu mais tarde, torturou-a intensamente o medo de perder os paes, detraz do qual, a analyse poude descobrir, como de costume, o desejo inconsciente de egual conteúdo. Sempre me foi possivel derivar, do mesmo modo, minhas passageiras experiencias pessoaes do "já visto" da constellação emocional do momento. Estes casos de "já visto" poderiam ser definidos como "uma reviviscencia de fantasias inconscientes, que o individuo architectou em épocas passadas e que correspondiam ao desejo de ver melhorada a sua situação".

Esta explicação do phenomeno de "já visto" até agora

só foi apreciada por um unico observador, o dr. Ferenczi, a quem tantas e tão valiosas contribuições deve a terceira edição deste livro, e que me escreve o seguinte: "As observações que, tanto em mim mesmo, como noutras pessoas, tenho feito, levaram-me á convicção de que o inexplicavel sentimento de "já ter visto ou vivido uma coisa" póde-se referir a fantasias inconscientes, que nos são recordadas inconscientemente numa situação actual. Numa de minhas clientes, parecia, á primeira vista, que este phenomeno seguia um processo differente, mas na realidade era o mesmo. Dominava-a essa sensação com grande frequencia, mas sempre demonstrando proceder de *um trecho esquecido* (*reprimido*) *de um sonho* da noite anterior. Parece, por conseguinte, que o phenomeno do "já visto" póde proceder não só de sonhos diurnos, mas tambem de sonhos nocturnos". — (Vim a saber depois que Grasset deu, em 1904, uma explicação deste phenomeno muito proxima da minha).

Num breve ensaio publicado em 1913, descrevi outro phenomeno muito semelhante ao "já visto". E' o do "já contado", a illusão de já ter narrado uma coisa, illusão particularmente interessante quando intercorre no tratamento psychanalytico. Nessas occasiões, o paciente affirma, demonstrando a maior segurança subjectiva, já ter referido determinada reminiscencia. Mas o medico está certo do contrario, e, geralmente, consegue convencer o paciente de seu erro. A explicação deste interessante lapso funccional é provavelmente a de que o sujeito tivera intenção de communicar a recordação em apreço, mas não a realizara, substituindo em seguida a lembrança da intenção pela de sua realização.

Analoga forma e provavelmente egual mecanismo denotam os "actos falhados suppostos", de que nos fala Ferenczi. O individuo suppõe ter esquecido, extraviado ou perdido alguma coisa — um objecto —, mas logo verifica que não lhe succedeu nada disso. Por exemplo: Uma cliente, que acaba de sahir do consultorio, torna a entrar, allegando que esqueceu a sombrinha... quando, na realidade, a tem na mão. Existia, pois, na paciente, o impulso a commetter tal acto falhado, e este impulso bastou para substituir a rea-

lização do mesmo, sendo este ultimo pormenor a unica differença que existe entre os "actos falhados suppostos" e os verdadeiros.

5. Um de meus collegas, pessoa de ampla cultura philosophica, a quem recentemente tive occasião de expôr alguns exemplos de esquecimento de nomes, com as respectivas analyses, apressou-se a responder-me: "Sim, tudo isto é muito bonito, mas em mim o esquecimento de nomes se manifesta de outro modo". Essas questões nunca podem ser julgadas com tal ligeireza. Não creio que meu collega jamais tivesse pensado em submetter á analyse qualquer esquecimento de nomes, e, por conseguinte, não podia dizer em que nelle differia o processo de taes esquecimentos do que mostravam os exemplos por mim expostos. Sua observação toca, todavia, um problema, que muitos estarão propensos a collocar em primeiro plano. A solução dos actos falhados e actos accidentaes, que aqui damos, póde ser applicada em geral ou só em casos particulares? E se é a segunda eventualidade a que succede, quaes são as condições em que a podemos applicar á explicação dos outros phenomenos? Não tenho sufficiente experiencia para responder a esta pergunta. Mas o que posso fazer é advertir que não devemos considerar como sendo raras as occasiões em que surgem, nos referidos phenomenos, as connexões por nós assignaladas, pois sempre que fiz a prova em mim mesmo ou em meus clientes, ellas se manifestaram com toda evidencia, como se póde ver nos exemplos expostos, ou, ao menos, surgiram fortes razões para suspeitar sua existencia.

Não é de admirar que nem todas as vezes consigamos encontrar o sentido occulto dos actos symptomaticos, pois devemos levar em conta que a magnitude das resistencias interiores, que se oppõem á solução, deve ser considerada como um factor decisivo. Do mesmo geito, nem sempre é possivel interpretar todos os sonhos, nossos ou dos clientes; mas, para confirmar a validez geral da theoria, é sufficiente que nos permitta penetrar um pouco nas associações occultas. O sonho que se mostra refractario á tentativa de solução realizada no dia seguinte á sua intercorrencia, deixa fre-

quentemente transparecer seu segredo uma semana ou um mês mais tarde, quando uma transformação real, surgida no intervallo, debilitou os factores psychicos em luta. O mesmo se deve levar em conta na solução dos actos falhados e symptomaticos. O exemplo de engano na leitura "Em tonel pela Europa", exposto no capitulo VI, permittiu-me demonstrar como um symptoma, a principio não interpretavel, chega a tornar-se accessivel á analyse, quando nosso *interesse real* no que concerne aos pensamentos reprimidos se tornou mais fraco (72). Emquanto existiu a possibilidade de meu irmão alcançar, antes de mim, o almejado titulo, o referido engano na leitura resistiu a todos os esforços analyticos; mas, logo que se mostrou improvavel a temida preferencia, abriu-se claramente a meus olhos o caminho que me devia conduzir á solução do erro. Seria, portanto, desacertado affirmar que todos os casos que resistem á analyse são producto de mecanismos differentes do mecanismo psychico aqui demonstrado. Para admittir tal affirmativa, far-se-iam mister outras provas, e não apenas as meramente negativas. A tendencia geral que os individuos sãos têm a crer numa explicação diversa dos actos falhados e symptomaticos, tambem carece de qualquer força probante, não passando, naturalmente, de uma manifestação das mesmas forças psychicas que estabeleceram o mysterio e cuidam, deste modo, de mante-lo, resistindo á sua revelação.

Por outro lado, não devemos deixar de tomar em consideração que os pensamentos e sentimentos reprimidos não criam por si mesmos sua exteriorização em forma de actos symptomaticos e falhados. A possibilidade tecnica de tal desvio da innervação tem de se processar independentemen-

---

(72) Aqui se entrelaçam interessantes problemas de natureza economica, que surgem ao considerarmos o facto de que os processos psychicos tendem á consecução de prazer e á supressão de desprazer. Já constitue um problema economico a possibilidade de recuperar, por meio de associações substitutivas, um nome esquecido por um motivo de desprazer. Um bello trabalho de Tausk ("Entwertung des Verdraengungsmotiv durch Rekompense". Int. Zeitschrift fuer Psychoan. I, 1913) demonstra, com excellentes exemplos, como o nome esquecido se torna novamente accessivel, quando conseguimos inclui-lo numa associação prazenteira, capaz de compensar a provavel emergencia de um sentimento de desgosto na sua reproducção.

te delles, sendo então aproveitada pela intenção que o reprimido tem de se exteriorizar conscientemente. No caso dos actos falhados linguisticos, tentou-se, em penetrantes investigações realizadas por philosophos e philologos, fixar as relações estructuraes e funccionaes que se põem a serviço da referida intenção. Se, nas condições determinantes dos actos falhados e symptomaticos, considerarmos separadamente o motivo inconsciente e as relações physiologicas e psycho-physicas que acodem em seu auxilio, ficará de pé a questão de saber se, dentro dos limites da saude normal, pódem ou não existir outros factores que, á maneira e em substituição do motivo inconsciente, sejam susceptiveis de originar, valendo-se destas relações, actos symptomaticos e falhados. Mas não é a mim que compete resolver este problema.

Tambem não pretendo exagerar as differenças, já por si bastante grandes, entre a concepção vulgar dos actos falhados e sua concepção psychanalytica. Ao contrario, quizera assignalar alguns casos, em que essas differenças parecem muito reduzidas. A interpretação dos exemplos mais simples e menos singulares de equivocos oraes, ou graphicos, que não passam de uma fusão de duas palavras numa, ou de uma omissão de letras ou palavras, carece de qualquer complicação. Do ponto de vista psychanalytico, é preciso affirmar que nestes casos se annunciou uma perturbação da intenção, mas não se póde assignalar de onde procede essa perturbação nem qual foi o fim por ella visado. A unica coisa que conseguiu foi dar um ar de sua existencia. Nestes mesmos casos, tambem vemos actuar, coisa que jámais discutimos, o auxilio prestado ao acto falhado pelas relações de valores phoneticos e as associações psychologicas correlatas. Mas, seja como fôr, é uma natural attitude scientifica julgar esses casos rudimentares de equivocos oraes ou graphicos, de acordo com outros mais importantes e significativos, cuja investigação nos deu tão convincentes conclusões sobre a causa dos actos falhados.

6. Desde nossas considerações sobre os lapsos oraes, temo-nos contentado com demonstrar que os actos falhados

possuem uma determinação occulta, e com abrir caminho, mercê da psychanalyse, para o conhecimento dessa determinação. A natureza geral e as peculiaridades dos factores psychicos, que se externam nos actos falhados, não foram, até aqui, objecto de nossa discussão, ou, ao menos, não tratámos de defini-los nem de investigar suas leis. Tambem aqui não procuraremos fazer uma elucidação total da questão, pois os primeiros passos que dessemos neste caminho nos demonstrariam que, atacando o assumpto por outro lado, mais facil nos será penetrar neste campo. A este respeito, podemos formular varias questões, que pretendo citar aqui na ordem em que se apresentam: 1.ª Qual o conteúdo e origem dos pensamentos e sentimentos que se revelam por meio dos actos falhados ou accidentaes? — 2.ª Quaes as condições que forçam um pensamento ou sentimento a servir-se de taes occorrencias como meio de expressão, habilitando-os a portar-se assim? — 3.ª Pode-se demonstrar a existencia de associações constantes e definidas entre o caracter dos actos falhados e as qualidades do que por meio delles se exterioriza?

Começarei por citar algum material susceptivel de fornecer elementos para uma resposta á terceira das interrogações anteriores. Na discussão dos exemplos de equivoco oral, verificámos que era necessario ir além do conteúdo do discurso que se pretendia exprimir, e tivemos de procurar a causa da perturbação do discurso fóra da intenção. Essa causa surgia claramente numa série de casos, sendo conhecida pela consciencia do orador. Nos exemplos apparentemente mais simples e transparentes, era uma segunda concepção do pensamento que se tinha intenção de exprimir, o que perturbava a expressão deste, sem que fosse possivel dizer por que uma succumbira e a outra emergira victoriosamente (contaminação, segundo Meringer e Mayer). No segundo grupo de casos, uma das concepções succumbia a um motivo que, não obstante, não tinha força sufficiente para faze-lo desapparecer de todo (exemplo "Vorschwein"). Tambem neste caso, era claramente consciente a concepção retida. Unicamente no terceiro grupo, é que se póde affir-

mar, sem a menor reserva, que nelle o pensamento perturbador era differente do que se pretendia exprimir, e, naturalmente, póde ser estabelecida uma distincção essencial. O pensamento perturbador, ou está ligado ao perturbado por associações de idéas (perturbação por contradição interior) ou lhe é substancialmente estranho, achando-se ligada a palavra perturbada ao pensamento perturbador, muitas vezes inconsciente, por uma surprehendente e singular associação *externa*. Nos exemplos expostos de psychanalyse por mim verificados, todo discurso se acha influenciado por pensamentos que entram simultaneamente em actividade, mas totalmente inconscientes, que ora se revelam pela mesma perturbação (exemplo: cascavel-Cleopatra), ora exteriorizam uma influencia indirecta, dando aso a que os trechos isolados do discurso que tencionamos exprimir se perturbem uns aos outros como succede no exemplo *aspirar pelo nariz,* em que se occultava, detraz do equivoco, o nome da rua de Hasenauer e reminiscencias referentes a uma franceza. Os pensamentos retidos ou inconscientes, dos quaes deriva a perturbação do discurso, são de origem muito diversa. Assim, pois, por este lado não ha possibilidade de generalização.

O exame comparativo dos equivocos na leitura e na escripta conduz-nos aos mesmos resultados. Casos isolados parecem, como nos equivocos oraes, dever sua origem apenas a um processo de condensação, sem mais amplos motivos (exemplo: Der *Affe... Apfel* frisst). Mas seria muito interessante saber se não é indispensavel a realização de condições especiaes, para que tenha logar uma tal condensação. que é um phenomeno regular no processo do sonho, e um acto falhado no pensamento desperto. Todavia, dos exemplos não se póde deduzir nada disto. Não obstante, tãopouco deduziria a não existencia de condições distinctas do relaxamento da attenção consciente, pois sei, por outras questões, que os actos automaticos se distinguem precisamente pela correcção e segurança. Prefiro fazer resaltar o facto de aqui, como frequentemente succede na biologia, as relações normaes ou quasi normaes serem um objecto menos favoravel á investigação do que as pathologicas. Espero que

aquillo que ainda permanece obscuro na explicação destas perturbações simples, fique esclarecido pela analyse de perturbações mais graves.

Mesmo nos enganos de leitura e escripta, não faltam exemplos que deixam observar uma determinação remota e complicada. "Em tonel pela Europa" é uma perturbação da leitura que se explica pela influencia de um pensamento remoto, nada tendo de commum com a leitura em si, originado por um sentimento reprimido de inveja e ambição, sentimento que utiliza o duplo sentido da palavra "transporte" (Befoerderung) para sua associação com o thema indifferente e innocente que devia ser lido. No caso *Burckhardt*, é o proprio nome que gosa de reversibilidade.

E' indubitavel que as perturbações das funcções oraes se produzem com a maior facilidade e requerem um menor esforço das causas perturbadoras, que as das demais funcções psychicas.

A um terreno differente nos leva o exame do esquecimento propriamente dito, isto é, do esquecimento de factos passados, que devemos distinguir do esquecimento temporario de nomes proprios, palavras estrangeiras, séries de palavras e projectos, estudado nos primeiros capitulos deste livro. As condições fundamentaes do processo normal do esquecimento são-nos desconhecidas (73). Nelle notamos

(73) Posso dar as seguintes indicações sobre o mecanismo do esquecimento propriamente dito: O material da memoria succumbe, via de regra, a duas influencias — condensação e deformação. A deformação é obra das tendencias dominantes da vida psychica dirigindo-se, sobretudo, contra os vestigios do passado que se conservaram affectivos e deparam uma resistencia maior á condensação. Os vestigios que se tornaram indifferentes succumbem ao processo de condensação, sem resistencia alguma, mas tambem póde acontecer que, além disso, tambem intervenham neste material indifferente certas tendencias de deformação, que não foram satisfeitas no sitio em que pretendiam manifestar-se. Dado que estes processos de condensação e deformação se desenvolvem durante um longo periodo de tempo, durante o qual todos os factos novos actuam na transformação do conteúdo da memoria, opinamos que é o tempo o que torna as recordações inseguras e imprecisas. E' bem provavel que no esquecimento não exista absolutamente uma funcção directa do tempo. Nos fragmentos de reminiscencias reprimidas, póde-se comprovar que não soffreram alteração alguma nos mais longos periodos de tempo. O inconsciente está, geralmente, fóra do tempo. O caracter mais importante e singular da fixação psychica é que todas as impressões são conservadas, por um lado, na mesma forma em que se receberam, e, além disto, tambem em todas as formas que adoptaram em ulteriores desenvolvimentos, caracter que não se póde esclarecer por nenhu-

que não esquecemos tudo o que suppunhamos. Nossa explicação refere-se unicamente aos casos em que o esquecimento nos produz assombro, por infringir a regra de que o que esquecemos é o indifferente, sendo conservado pela memoria o que é importante. A analyse dos esquecimentos que nos parecem exigir uma explicação especial dá sempre, como motivo do olvido, uma repugnancia de recordar o que nos póde despertar sensações penosas. Chegamos á suspeita de que este motivo luta universalmente por exteriorizar-se na vida psychica, encontrando, todavia, um impecilho á sua manifestação regular, constituido por outras forças que actuam em sentido contrario. A amplitude e a significação desta repugnancia de recordar parecem dignas do mais cuidadoso exame psychologico. O problema de saber quaes são as condições especiaes, que tornam possivel o esquecimento em cada caso, tambem não encontra solução numa associação mais ampla.

No esquecimento de projectos, apparece em primeiro plano outro factor. O conflicto que, na repressão do que é penoso de recordar, apenas suspeitamos, torna-se aqui tangivel, e, nas analyses, descobrimos normalmente uma repugnancia que se oppõe á intenção sem faze-la cessar. Como nos actos falhados anteriormente discutidos, aqui se observam dois typos do processo psychico: num, a repugnancia dirige-se directamente contra o projecto (em intenções de certa consequencia), e no outro, essa repugnancia é substancialmente estranha ao projecto, entrando em connexão com elle por meio de uma associação *externa* (em projectos quasi indifferentes).

O mesmo conflicto rege os phenomenos dos actos de termo erroneo ou actos desastrados. O impulso que se manifesta na perturbação do acto é, muitas vezes, um impulso contrario a este, mas, ainda com maior frequencia, póde ser

---

ma comparação com outros campos. Em virtude dessa theoria, poder-se-ia reconstituir para a recordação todo estado anterior de conteúdo da memoria, ainda quando seus elementos tenham mudado totalmente suas relações originaes por outras novas.

um impulso totalmente estranho, que só faz aproveitar a occasião de se manifestar na execução do acto, por uma perturbação do mesmo. Os casos em que a perturbação resulta de uma contradição interior são os mais significativos, referindo-se ás mais importantes actividades.

Nos actos symptomaticos ou accidentaes, o conflicto interno passa a um segundo plano. Estas manifestações motoras, pouco apreciadas ou totalmente despresadas pela consciencia, servem de expressão a numerosos e variados sentimentos inconscientes ou retidos. Em sua maior parte, representam, symbolicamente, fantasias ou desejos.

Em resposta á primeira pergunta, concernente á origem das idéas e tendencias que se exteriorizam nos actos falhados, podemos dizer que em certos casos é claramente visivel a origem dos pensamentos perturbadores em sentimentos reprimidos. Impulsos egoistas, invejosos e hostis, sobre os quaes se exerce o peso da educação moral, utilizam nos individuos sãos a via dos actos falhados, para manifestar de qualquer modo seu poder innegavel, mas não reconhecido pelas instancias psychicas superiores. Deixar occorrer esses actos falhados e casuaes corresponde, em grande parte, a uma commoda tolerancia do immoral. Entre estes sentimentos reprimidos, desempenham importante papel as diversas correntes sexuaes.

E' verdade que essas correntes sexuaes apparecem raras vezes entre os pensamentos revelados pela analyse nos exemplos expostos neste livro. Isto é facil de explicar. Como os exemplos que aqui submetti á analyse eram, em sua maioria, procedentes de minha propria vida psychica, a selecção effectuada tinha de ser parcial desde o inicio, dado que em mim devia existir uma tendencia a excluir todo material sexual.

Outras vezes parecem ser innocentes objecções e considerações anodynas o que constitue a origem dos pensamentos perturbadores.

Chegamos agora á resposta á segunda pergunta: Quaes as condições psychologicas responsaveis pelo facto de um pensamento não se poder manifestar francamente, vendo-se

forçado a procurar externar-se de um modo parasitario, como alteração e perturbação de outro? Dos casos mais singulares de actos falhados, podemos deduzir facilmente que taes condições devem ser procuradas em relação com o gráo de capacidade que o material "reprimido" tem de se tornar consciente. Mas o exame da série de exemplos expostos só nos dá indicações muito imprecisas para a fixação deste caracter. A tendencia a desembaraçar-nos do que nos rouba tempo e a crença de que o referido pensamento não pertence propriamente á materia de que tencionamos tratar, parecem desempenhar, como motivos para a repressão de um pensamento destinado a manifestar-se mais tarde por meio da perturbação de outro, o mesmo papel que a condemnação moral de um rebelde sentimento emotivo, ou que a origem de cadeias de pensamentos totalmente inconscientes. Por este caminho, podemos chegar a uma visão da natureza geral do determinismo dos actos falhados e accidentaes. Só um facto importante deriva desta investigação: quanto mais innocente é a motivação do acto falhado, e quanto menos desagradavel, e, portanto, menos incapaz de se tornar consciente, é o pensamento que nelle consegue exteriorizar-se, tanto mais facil se apresenta a solução do phenomeno, quando para elle dirigimos nossa attenção. Os casos mais simples de esquecimento logo se notam e immediatamente se corrigem. Nos casos em que se trata de uma determinação por sentimentos realmente reprimidos, a solução requer uma analyse cuidadosa, que ás vezes tambem póde tropeçar com difficuldades e mesmo fracassar.

Justifica-se, pois, o facto de tomarmos o resultado desta ultima investigação, como um signal de que a explicação satisfatoria das determinantes psychologicas dos actos falhados e casuaes deve ser procurada por outros caminhos e noutra parte. Por conseguinte, o leitor indulgente não deverá ver nesta discussão mais que o exame das superficies de fractura de um fragmento da questão, extrahido, um tanto artificialmente, de uma totalidade mais ampla.

7. Algumas palavras ainda, para ao menos indicar a direcção em que devemos procurar essa totalidade mais am-

pla. O mecanismo dos actos falhados e casuaes, tal e qual nos é revelado pela applicação da analyse, mostra, nos pontos mais essenciaes, uma coincidencia com o mecanismo da formação dos sonhos, por mim discutido no capitulo intitulado "A elaboração do sonho", de meu livro sobre a interpretaçã dos phenomenos oniricos. Num e noutro, podemos encontrar as condensações e as formações transaccionaes (contaminações), sendo, além disto, a situação identica: pensamentos inconscientes, que, por insolitos caminhos e associações externas, chegam a manifestar-se como alterações de outros pensamentos. As incongruencias, absurdos e erros do conteúdo do sonho, em consequencia dos quaes mal se póde reconhecer o phenomeno onirico como producto de uma funcção psychica, originam-se do mesmo modo — se bem que com uma utilização mais livre dos meios existentes — que os erros communs de nossa vida quotidiana. *Aqui, como ali, explica-se a apparencia de funcção incorrecta pela peculiar interferencia de dois ou mais actos correctos.* Desta analogia, podemos deduzir uma importante conclusão: O modo particular de elaboração, cuja manifestação mais caracteristica é encontrada no conteúdo do sonho, não se explica unicamente pelo facto da vida psychica estar adormecida, posto que possuimos nos actos falhados outras tantas provas de sua actividade durante o estado de vigilia. A mesma connexão tambem nos impede de considerar como determinantes destes processos psychicos que nos parecem anormaes e estranhos, quer um profundo relaxamento da actividade psychica, quer estados pathologicos da funcção (Vide *Traumdeutung*, pg. 362, 449 da 5.ª edição).

Podemos formular um juizo acertado sobre o estranho labor psychico que permitte originar-se, tanto o acto falhado como as imagens oniricas, quando observamos que os symptomas neuroticos, especialmente as formações psychicas da hysteria e da neurose obsessional, repetem, em seu mecanismo, todos os aspectos essenciaes deste genero de trabalho. Neste ponto, por conseguinte, deverá começar a continuação de nossas investigações. Para nós, todavia, tem especial interesse considerar os actos falhados, casuaes e

symptomaticos á luz desta ultima analogia. Se os compararmos com as manifestações dos psycho-neuroticos e com os symptomas neuroticos, augmentarão os fundamentos de duas affirmativas que repetidas vezes temos feito, isto é, que o limite entre a normalidade e a anormalidade nervosas é indistincto, e que todos somos um pouco nervosos. Fóra de qualquer experiencia medica, podemos assignalar diversos typos de tal nervosismo simplesmente esboçado — fórmas frustas das neuroses —, casos em que só apparecem bem poucos symptomas, ou raras vezes apparecem e sem violencia alguma. Assim, póde succeder que precisamente o typo que constitue a mais frequente transição entre saúde e doença seja o que jamais se descobre. O typo que temos examinado, e cujas manifestações pathologicas são os actos falhados e symptomaticos, caracteriza-se pelo facto de os symptomas se transferirem a funcções psychicas de menor importancia, emquanto o que póde pretender um valor psychico mais elevado prosegue sua marcha regular, sem soffrer a menor perturbação. A disposição inversa dos symptomas, isto é, sua emergencia nas funcções ou actos individuaes e sociaes de importancia, perturbando a alimentação, as relações sexuaes, o trabalho profissional e a vida publica, corresponde aos casos graves de neurose, sendo-lhes melhor caracteristica que a variedade ou violencia das manifestações morbidas.

O caracter commum aos casos benignos e aos graves, caracter de que tambem participam os actos falhados e casuaes, está na *possibilidade de referir os phenomenos a um material psychico incompletamente reprimido, que é rejeitado pela consciencia, sem que comtudo o tenhamos despojado totalmente da capacidade de exteriorizar-se.*

F I M